

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

EDSON VIEIRA DA ROCHA FILHO

**UMA LEITURA DE PRODUÇÕES DE SIGNIFICADOS DE FAMILIARES E
ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA E A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA DURANTE
O ENSINO REMOTO E PRESENCIAL EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO
LOURENÇO (MG)**

Alfenas/MG

2023

EDSON VIEIRA DA ROCHA FILHO

UMA LEITURA DE PRODUÇÕES DE SIGNIFICADOS DE FAMILIARES E
ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA E A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA DURANTE
O ENSINO REMOTO E PRESENCIAL EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO
LOURENÇO (MG)

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação pela
Universidade Federal de Alfenas. Área de
concentração: Ensino de Ciências, Matemática e
Tecnologias.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Siqueira Julio

Alfenas/MG

2023

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Rocha Filho, Edson Vieira da.

Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de matemática durante o ensino remoto e presencial em duas escolas públicas de São Lourenço (MG) / Edson Vieira da Rocha Filho. - Alfenas, MG, 2023.

326 f. -

Orientador(a): Rejane Siqueira Julio.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2023.

Bibliografia.

1. Educação Matemática. 2. Família. 3. Escola. 4. Disciplina de Matemática. 5. Modelo dos Campos Semânticos. I. Julio, Rejane Siqueira, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

Edson Vieira da Rocha Filho

UMA LEITURA DE PRODUÇÕES DE SIGNIFICADOS DE FAMILIARES E ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA E A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA DURANTE O ENSINO REMOTO E PRESENCIAL EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO LOURENÇO (MG).

A Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Fundamentos da Educação e Práticas Educacionais.

Aprovada em 18 de agosto de 2023.

Profa. Dra.Rejane Siqueira Julio
Presidente da Banca Examinadora
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Luis Antonio Groppo
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Guilherme Francisco Ferreira
Instituição: Universidade Estadual de São Paulo



Documento assinado eletronicamente por **Rejane Siqueira Júlio, Professor do Magistério Superior**, em 18/08/2023, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1044681** e o código CRC **C9487910**.

Para minha avó, que nunca me deixou só e que sempre, em sua singularidade, demonstrou amor a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me amparou nos momentos mais difíceis, atendendo minhas súplicas nas situações que mais precisava.

Minha enorme gratidão à minha avó, Rita Gonçalves da Rocha, que sempre me apoiou nos meus estudos e reacendeu minhas esperanças em momentos em que não conseguia enxergar mais luz. Agradeço os chás, feitos para me acalmar, aos cafés da manhã em oração e muitas, muitas e muitas atitudes de amor ao seu neto adotado como filho. Não consigo mensurar todo sentimento de gratidão por ser a base em minha vida. Eu a amo.

Agradeço também aos amigos e familiares que estiveram próximos a mim durante minhas etapas de escolarização e da pesquisa. Cada um foi de suma importância no processo de construção da minha personalidade e visão de mundo.

Agradeço à minha orientadora Rejane Siqueira Julio que se dispôs a me ajudar em minha formação docente, e que ofereceu diversas ferramentas para meu desenvolvimento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. A ela, minha gratidão.

Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.

(ROWLING, J.K , 2007, p. xx)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma leitura das produções de significados de familiares e alunos/as sobre suas relações com a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial. Foi realizado, em um primeiro momento, uma análise da produção bibliográfica sobre a temática escola, família e disciplina de Matemática no Banco de Periódicos da CAPES e em periódicos listados pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM). No processo de análise foram constituídas seis categorias de pesquisas que contribuíram para a construção de dois roteiros de entrevistas, um para estudantes, contendo informações pessoais e as relações com a escola, a disciplina de Matemática e a família em assuntos escolares, e outro para um familiar, contendo informações pessoais e a relação com a escola e a participação nas atividades escolares de seu/sua filho/a, incluindo a disciplina de Matemática. Foram realizadas entrevistas com 5 pares de sujeitos (estudante-familiar). No processo de análise, foram constituídos tópicos de discussões: Família e (auto)responsabilização; A pandemia: escola, nós não abrimos mão!; Matemáticas: a escolar e a da rua. O referencial teórico-metodológico da pesquisa foi o Modelo dos Campos Semânticos (MCS), em particular as noções de produção de significado e leituras positiva e plausível. Como resultados, apontamos que os auxílios familiares se deram através da contratação de professores particulares e de cursos para vestibulares e de línguas, de incentivo e de verificações de tarefas escolares para casa. Sobre a pandemia, familiares e alunos/as consideram que ela impactou na aprendizagem por causa do distanciamento com o/a professor/a, nas dificuldades no acesso à internet, na comunicação com a escola e para realizar o ENEM e/ou vestibulares. Alunos/as e familiares caracterizaram matemática de diversos modos. Um espaço comunicativo compartilhado pela maioria de nossos sujeitos foi que a Matemática é útil na vida e está associada a ser usada nas profissões, para as provas de vestibulares e concursos. Consideramos também que a maioria desses sujeitos não gostariam de uma vida sem escola e uma escola sem a Matemática.

Palavras-chave: Educação Matemática; Família; Escola; disciplina de Matemática; Modelo dos Campos Semânticos.

ABSTRACT

The present work aims to carry out a reading of the productions of meanings of family members and students about their relationships with the school and the subject of Mathematics during remote and face-to-face teaching. Initially, an analysis of the bibliographical production on the theme of school, family and Mathematics was carried out in CAPES' Bank of Periodicals and in periodicals listed by the Brazilian Society of Mathematics Education (SBEM). In the analysis process, six categories of research were constituted that contributed to the construction of two interview scripts, one for students, containing personal information and relationships with the school, the subject of Mathematics and the family in school matters, and another for a family, containing personal information and the relationship with the school and participation in your child's school activities, including Mathematics. Interviews were conducted with 5 pairs of subjects (student-family member). In the analysis process, discussion topics were constituted: Family and (self)responsibility; The pandemic: school, we don't give up!; Mathematics: school and street. The theoretical-methodological framework of the research was the Semantic Fields Model (SCM), in particular the notions of production of meaning and positive and plausible readings. As a result, we point out that family support was given through the hiring of private teachers and courses for entrance exams and languages, incentives and verification of homework. Regarding the pandemic, family members and students consider that it had an impact on learning due to the distance with the teacher, difficulties in accessing the internet, communicating with the school and taking the ENEM and/or entrance exams. Students and family members characterized mathematics in different ways. A communicative space shared by the majority of our subjects was that Mathematics is useful in life and is associated with being used in professions, for entrance exams and competitions. We also consider that most of these subjects would not like a life without school and a school without Mathematics.

Keywords: Mathematics Education; Family; School; subject of Mathematics;
Model of Semantic Fields.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise.....	18
Tabela 2 - Artigos do Google Acadêmico	23
Tabela 3 - Informações básicas de nossos sujeitos	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
UNIFAL-MG	Universidade Federal de Alfenas
SBEM	Sociedade Brasileira de Educação Matemática
MEC	Ministério da Educação
MCS	Modelo dos Campos Semânticos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PET	Plano de Estudo Tutorado

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO - PARTE 1: REVISÃO DE LITERATURA.....	17
3	REVISÃO DE LITERATURA	26
3.1	PESQUISAS ENVOLVENDO ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE MATEMÁTICA OU EDUCADORES MATEMÁTICOS LIGADAS AS SUAS HISTÓRIAS DE VIDA.....	27
3.2	PESQUISAS SOBRE FAMÍLIA E EDUCAÇÃO, MAS QUE NÃO TRATAM DE MATEMÁTICA OU DISCIPLINA DE MATEMÁTICA.....	29
3.3	PESQUISAS QUE UTILIZARAM QUESTIONÁRIOS/FOMULÁRIOS PARA ABORDAR A TEMÁTICA FAMÍLIA, MATEMÁTICA E ESTUDANTE.....	35
3.3.1	Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram questionários/formulários para abordar a temática família, matemática e estudante.....	46
3.4	PESQUISAS QUE UTILIZARAM ENTREVISTAS PARA ABORDAR A TEMÁTICA FAMÍLIA, MATEMÁTICA E ESTUDANTE.....	49
3.4.1	Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram entrevistas para abordar a temática família, matemática e estudante.....	62
3.5	PESQUISAS QUE UTILIZAM FALAS DE ESTUDANTES E FAMILIARES, MAS QUE NÃO ESPECIFICAM SE APLICARAM ENTREVISTAS OU QUESTIONÁRIOS.....	65
3.5.1	Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram falas de estudantes para abordar a temática família, matemática e estudante.....	70
3.6	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA ENVOLVENDO A TEMÁTICA FAMÍLIA, ESCOLA, MATEMÁTICA.....	72
4	PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO - PARTE 2: ELABORAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E LEITURAS DAS ENTREVISTAS.....	75
4.1	PROCESSO DE ELABORAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS....	75
4.2	PROCESSO DE LEITURA DAS ENTREVISTAS.....	76

5	PRODUZINDO LEITURAS.....	79
5.1	FAMÍLIA E (AUTO)RESPONSABILIZAÇÃO.....	79
5.1.1	Sofia e Lindomar.....	80
5.1.2	Nahommy e André.....	81
5.1.3	Victória e Amada do Senhor.....	83
5.1.4	Jonathan e Lilian.....	84
5.1.5	Lara e Monique.....	85
5.1.6	Algumas considerações sobre família e (auto)responsabilização.....	86
5.2	A PANDEMIA: ESCOLA, NÓS NÃO ABRIMOS MÃO!	88
5.2.1	Sofia e Lindomar.....	89
5.2.2	Nahommy e André.....	92
5.2.3	Victória e Amada do Senhor.....	94
5.2.4	Jonathan e Lilian.....	97
5.2.5	Lara e Monique.....	99
5.2.6	Algumas considerações sobre a pandemia e a escola.....	102
5.3.	MATEMÁTICAS: A ESCOLAR E A DA RUA.....	105
5.3.1	Sofia e Lindomar.....	108
5.3.2	Nahommy e André.....	110
5.3.3	Victória e Amada do Senhor.....	112
5.3.4	Jonathan e Lilian.....	114
5.3.5	Lara e Monique.....	116
5.3.6	Algumas considerações sobre as Matemáticas: acadêmica e a da rua.....	117
6	RESULTADOS DAS LEITURAS.....	123
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
	REFERÊNCIAS.....	130
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	137
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	141
	ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO ESCLARECIDO - TAE.....	144
	ANEXO D – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL.....	147
	ANEXO E – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM ESTUDANTE.....	148
	ANEXO F – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM UM MEMBRO DA FAMÍLIA DO/A ESTUDANTE.....	151

ANEXO G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FAMILIARES E ESTUDANTES: SOFIA E LINDOMAR.....	152
ANEXO H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FAMILIARES E ESTUDANTES: NAHOMMY E ANDRÉ.....	186
ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FAMILIARES E ESTUDANTES: JONATHAN E LILIAN.....	221
ANEXO J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FAMILIARES E ESTUDANTES: ISABELA E VICTÓRIA.....	255
ANEXO K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM FAMILIARES E ESTUDANTES: LARA E MONIQUE.....	291

1 INTRODUÇÃO

A minha família sempre enfatizou a matemática como a base de tudo e a importância da área de exatas como uma via para conseguir melhor condição de vida, diferente de outras áreas, parecendo um único caminho. Além disso, sempre me interessei em entender o que as outras famílias diziam aos meus amigos e amigas para tentar entender se esse caminho era único mesmo, ou seja, a participação da família na vida escolar dos/as alunos/as da Educação Básica sempre fez parte de minha curiosidade, como, por exemplo, entender como sua influência afeta a vida dos/as alunos/as.

Iniciei o curso de engenharia, mas desisti. Dentre os motivos, estava a vontade de entender com mais profundidade o que era ensinado como, por exemplo, nas disciplinas de Cálculo Diferencial e Integral e Álgebra Linear. Optei, em 2016, por ingressar no curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e, a partir de conversas em grupos de estudos, discussões sobre observações de práticas profissionais de professores/as de Matemática e de experiências de apoio em sala de aula e regências realizadas em momentos de estágios e no desenvolvimento de projetos de ensino, como PIBID (Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e Residência Pedagógica, o interesse por pesquisar sobre a relação família, aluno/a e escola se intensificou, mas querendo saber sobre essa relação com foco na disciplina de Matemática.

Deste modo, realizei, em 2019, uma pesquisa bibliográfica no Trabalho de Conclusão de curso de Matemática-Licenciatura, no qual foram apresentadas quatro pesquisas – Junges (2013, 2017), Junges e Knijnik (2014) e Tuchapesk (2004) – que relacionavam a família, a escola, o/a aluno/a e a matemática. Nelas, foram apontadas a escassez de pesquisas nessa direção e a necessidade de mais pesquisas na área de Educação Matemática que trouxessem a perspectiva de alunos/as e familiares, se tornando uma possibilidade de pesquisa de mestrado.

A pandemia causada pela Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2) causou mudanças no ensino das escolas em todos os países a partir de 2020. O ensino presencial foi alterado para o ensino emergencial remoto¹, sendo necessários

¹ Uma notícia sobre a autorização do MEC para o ensino remoto pode ser vista em: <<https://abmes.org.br/noticias/detalhe/4139/mec-autoriza-ensino-remoto-enquanto-durar-pandemia>>. Acesso em 03 ago. 2022. Além disso, todas as medidas do MEC relacionadas à pandemia de Covid-19 podem ser acessadas em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/33371-cne-conselho-nacional-de->

a implementação de tecnologias digitais e um maior envolvimento familiar nas práticas escolares dos/as alunos/as. No Brasil, o ensino remoto apresentou diversos problemas estruturais e sociais envolvendo escolas, famílias e alunos/as. Exemplos disso foram: a falta de internet e de equipamentos eletrônicos, e a necessidade de os/as alunos/as trabalharem para ajudar com a renda familiar².

Neste contexto de pandemia, iniciei a docência em Matemática em cidades do estado mineiro Maria da Fé e Entre Rios de Minas. Nessas escolas, algumas situações se mostravam semelhantes às reportagens sobre o ensino remoto e me chamavam a atenção, eram dificuldades de estabelecer relação com os alunos nos ambientes virtuais de aprendizagem, aplicativos de troca de mensagens e em redes sociais, dificuldades de comunicação entre família e escola, baixa participação de alunos nas entregas de atividades, a falta de acesso no momento da aula por falta de recursos tecnológicos, atividades entregues com resoluções iguais. Se antes da pandemia já havia a necessidade de pesquisas voltadas para as perspectivas de alunos/as e familiares relacionadas às disciplinas de Matemática, com ela, e o cenário educacional inédito vivenciado, essa necessidade se tornou ainda maior em termos de entender as relações família, aluno/a, escola e a disciplina de matemática.

Assim, me direcionei a desenvolver esta pesquisa, de caráter qualitativo, cujo objetivo foi realizar uma leitura sobre como os/as alunos/as e seus familiares estabelecem relações com as práticas escolares e a disciplina de Matemática em tempo de ensino presencial e remoto em duas escolas estaduais da cidade de São Lourenço, localizada no Estado de Minas Gerais (MG).

Este trabalho está dividido em seções. Na seção 2, abordamos³ o percurso metodológico adotado na pesquisa, a realização de uma revisão de literatura e os processos envolvidos para o desenvolvimento de entrevistas semiestruturadas com os/as alunos/as e seus familiares. O Modelo dos Campos Semânticos (MCS) foi utilizado como embasamento teórico, e, nesta seção, trouxemos as noções de produção de significados, de direções de interlocução e das leituras plausível e positiva.

educacao/90771-covid-19>. Acesso em 03 ago. 2022.

² Exemplos de notícias são: “Auditoria aponta mais de 2 milhões de crianças fora das salas de aula”. (Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/auditoria-aponta-mais-de-2-milhoes-de-criancas-fora-das-salas-de-aula.ghtml>. Acesso em: 08 jan 2021) e, “Desafios e problemas no ensino remoto merecem atenção”. (Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/desafios-e-problemas-no-ensino-remoto-merecem-atencao/>>. Acesso em 03 ago. 2022).

³ A partir de agora, vou escrever em primeira pessoa do plural por ter a influência das orientações.

Na seção 3, realizamos leituras dos trabalhos encontrados na revisão de literatura, na qual foram constituídas as seguintes categorias: a) pesquisas envolvendo entrevistas com professores de matemática ou educadores matemáticos ligadas às suas histórias de vida; b) pesquisas sobre família e educação, mas que não tratam de Matemática ou disciplina de Matemática; c) pesquisas que utilizaram questionários/formulários para abordar a temática família, Matemática e estudante; d) pesquisas que utilizaram entrevistas para abordar a temática família, Matemática e estudante; e) pesquisas que utilizam falas de estudantes e familiares, mas que não especificam se foram realizados entrevistas ou questionários; f) pesquisa bibliográfica envolvendo a temática família, escola, Matemática. A revisão de literatura foi importante tanto para a elaboração das entrevistas semiestruturadas quanto para as leituras delas.

Na seção 5, fizemos uma descrição das pessoas entrevistadas e, a partir dos seguintes temas: relação entre alunos/as e família nas atividades escolares durante a pandemia e com a volta presencial; e a relação do/a aluno/a e familiar com a matemática. Em seguida, fizemos uma leitura par a par, ou seja, família-aluno/a, e depois, alguns apontamentos dos distanciamentos e direções de falas semelhantes, que nos permitiram entender como os/as alunas/os consideram que a família é quem cuida e que se sentem motivados quando os familiares auxiliam nas atividades escolares. As configurações familiares se distinguiram entre tia e sobrinha, filhas e mães solteiras, filha e filho de pais biológicos. Os auxílios/envolvimento no desenvolvimento dos/as alunos/as se deram através de contratação de professores particulares, cursos pré-vestibulares, cursos de línguas, incentivo moral e verificações se há trabalhos por fazer e dever de casa. Sobre a pandemia, a modalidade do ensino remoto foi realizada por plataformas digitais e apostilas impressas do Plano de Estudos Tutorado (PET), proposto pelo governo durante o ano de 2021. Alunos/as relataram que ele/as e os colegas copiavam as resoluções do PET da internet. Outros familiares e alunos/as consideram que a pandemia impactou na aprendizagem por causa do distanciamento com o/a professor/a, dificuldades no acesso a internet e comunicação com a escola, e problemas quando forem realizar o ENEM e/ou vestibulares. Consideramos que sobre a Matemática, alunos/as e familiares a caracterizaram de diversos modos, alguns numa espécie de matemática escolar e outros numa matemática da rua, dados já discutidos por nosso referencial de Lins (2004a). Um espaço comunicativo compartilhado pela maioria de nossos sujeitos foi que a Matemática está associada a ser usada nas profissões, para as provas de

vestibulares e concursos. Consideramos também que a maioria desses sujeitos não gostariam de uma escola sem a Matemática ou também como lemos, uma vida sem escola.

2 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO - PARTE 1: REVISÃO DE LITERATURA

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos⁴, em um primeiro momento, uma revisão de literatura para o mapeamento de produção existente, tentando ampliar nosso horizonte sobre o que existia de produção envolvendo a temática desta pesquisa. A revisão de literatura auxiliou, ainda, no segundo momento da pesquisa, na elaboração de roteiros de entrevistas para familiares e alunos/as e, depois, a realização delas.

Para a revisão de literatura, os bancos de dados utilizados foram: a lista de periódicos disponibilizada no site da SBEM⁵ (Sociedade Brasileira de Educação Matemática) e o Portal de Periódicos da CAPES⁶. Em ambos os bancos de dados, buscamos por trabalhos que possuíssem as palavras-chaves família e educação matemática, para tentar abranger o máximo possível de produções. No Portal de Periódico da CAPES, foram encontrados 974 trabalhos. A partir da lista de periódicos listada pela SBEM, acessamos cada periódico, nacional e internacional, e realizamos uma busca adicionando ainda, a palavra chave “entrevista”, duas a duas, sendo encontrados 483 trabalhos.

Cabe ressaltar que praticamente não encontramos pesquisas que tratassem do ensino emergencial remoto e que não foi delimitado um recorte temporal de publicação dos trabalhos, sendo que o período de buscas foi de maio de 2021 a maio de 2022.

Como critério de escolha das produções, foram lidos, primeiramente, os resumos e, em alguns casos, as introduções dos 1.457 trabalhos encontrados, excluindo os que não tratassem da família nas práticas escolares de alunos/as, resenhas de livros e os que não tinha livre acesso, totalizando 39 produções para análise, ou, nos termos do MCS, conforme abordaremos adiante, uma leitura.

Como tínhamos conhecimentos de outras produções envolvendo nossa temática, mas que não eram artigos, realizamos uma busca no Google Acadêmico, combinando as palavras “entrevista”, “família” e “educação matemática”.

⁴ A partir daqui usarei a primeira pessoa do plural para escrita, dado o processo de interação com a professora orientadora.

⁵ Disponível em: <http://www.sbembrasil.org.br/sbembrasil/index.php/95-periodicos/117-periodicos>. Acesso em: 30 setembro 2021.

⁶ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em 10 nov. 2021.

Encontramos mais 5 (cinco) trabalhos, sendo alguns já conhecidos por nós, através da pesquisa de Rocha Filho (2019). A busca no Google Acadêmico ocorreu em 30 de maio de 2022. Nas tabelas abaixo (Tabela 1 e 2), apresentamos as produções selecionadas para leitura completa.

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise.

(Continua)

Revista	Título	Autores	Ano	Link
Revista do centro de Educação (UFSM)	Escolarização de estudantes em escolas privadas: um estudo da perspectiva materna	Vanessa Caroline Ferreira Galvão; Marli Zibetti.	2020	https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/35352
Tabularasa: Jurnal Ilmiah Magister Psikolog	Hubungan Self Efficacy dan Dukungan Keluarga dengan Kecemasan Siswa pada Pelajaran Matematika Sekolah Menengah Atas Negeri Sinabang	Mariatun Mariatun; Abdul Munir; Cut Metia.	2020	https://www.researchgate.net/publication/344710992_Hubungan_Self_Efficacy_dan_Dukungan_Keluarga_dengan_Kecemasan_Siswa_pada_Pelajaran_Matematika_Sekolah_Menegah_Atas_Negeri_2_Sinabang
REMAT - Revista Eletrônica da Matemática	Dificuldades de ensino e de aprendizagem em Matemática no oitavo ano do Ensino Fundamental	Kaliandra Pacheco de Lima; Kelly Gabriela Poersch; Rúbia Emmel.	2020	https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/REMAT/article/view/3420
Revista de Ciências Sociais – Política Trabalho	RELAÇÃO FAMÍLIA–ESCOLA: experiência de uma extensão universitária com famílias de baixa renda em escolas da rede pública do município de Mamanguape/PB	Oscileide Lima Bezerra; Ana Paula Taigy Amaral.	2020	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/48295
Educação Matemática Pesquisa	Sobre afeto e meta-afeto na educação matemática: uma entrevista com Gerald A. Goldin	Felipe Augusto de Mesquita Comelli; Ana Lúcia Manrique.	2019	https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/44640
Educação e Pesquisa	Influencia de las expectativas de familias y profesorado en el logro educativo y social de los estudiantes	Carmen Gil-del-Pino; Sonia García-Segura.	2019	https://www.scielo.br/j/ep/a/VqKfFrPdTWT73QmQBjny3Pd/abstract/?lang=es
Érudit	Online Teacher and On-Site Facilitator Perceptions of Parental Engagement at a Supplemental Virtual High School	Jered Borup; Chawanna B. Chambers; Rebecca Srimson.	2019	https://www.erudit.org/fr/revues/irrod/2019-v20-n2-irrod104703/1061332ar/

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise.

(Continuação)

Érudit	Kindergarten teachers' notions of parent involvement and perceived challenges	Jane P. Preston; Marry M. McPhee; Alaina Roach O'Keefe.	2019	https://www.erudit.org/fr/revues/mje/2018-v53-n3-mje04479/1058416ar/
Journal of Child and Family Studies	Family Functioning and Not Family Structure Predicts Adolescents' Reasoning and Math Skills	Lin Yi-Ching.	2019	https://www.researchgate.net/publication/333319196_Family_Functioning_and_Not_Family_Structure_Predicts_Adolescents%27_Reasoning_and_Math_Skills
Educação Matemática Pesquisa	Percepções de alunos da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) sobre o querer ser professor de Matemática	Liliane Silva de Antiqueira; Elaine Corrêa Pereira; Celiane Costa Machado.	2018	https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/34924
ACTIO: Docência em Ciências	Tecendo a constituição identitária do professor de matemática narrado nos memoriais	Vanessa Suligo Araujo Lima; Maria Elizabete Rambo Kochhann.	2018	https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/7310
REMAT: Revista Eletrônica da Matemática	A relação da família no acompanhamento do dever de casa de Matemática	Débora de Lima Velho Junges.	2017	https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=1PulmWIAAAAJ&citation_for_view=1PulmWIAAAAJ:eQOLeE2rZwMC
RECIT: Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia	Afetividade e envolvimento familiar no combate à indisciplina	Romilda Ribeiro Meschial; Kátia Cardoso Campos Simonetto.	2017	https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4819
Education Policy Analysis Archives	Friends and family: A literature review on how high school social groups influence advanced math and science coursetaking	Michael Gottfried; Ann Owens; Darryl Williams; Hui Yon Kim; Michela Musto.	2017	https://www.sciencegate.app/document/10.14507/epaa.25.2857
Pro-Posições	Impactos das práticas familiares sobre a proficiência em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental	Daniel Abud Seabra Matos; Maria Alice Nogueira; Tânia de Freitas Resende; Claudio Marques Martins Nogueira; Maria Teresa Gonzaga Alves.	2017	https://www.scielo.br/j/pp/a/DP4FLCqqxBq7tj9JFNGfw5y/?lang=pt

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise.

(Continuação)

RECIT - Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia	Indisciplina escolar na educação infantil	Maria Aparecida de Souza Luckmann; Joice Maria Maltauro Juliano.	2017	https://periodicos.utfrpr.edu.br/recit/article/view/e-4832
Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia	Escola e família: uma aproximação necessária à formação do estudante	Aline Alves dos Santos; Neron Alípio C. Berghauser.	2017	https://periodicos.utfrpr.edu.br/recit/article/view/e-5183
Educação Matemática Pesquisa	Percepções de jovens estudantes sobre a educação financeira: um estudo em Barra do Garças-MT	Felipe Deodato da Silva e Silva; Natália Valadão Escorisa.	2017	https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/31177
Paidéia	Sociodemographic Characteristics, Behavioral Problems, Parental Concerns and Children's Strengths Reported by Parents	Deisy Ribas Emerich; Luiz Renato Rodrigues Carreiro; Ana Maria Justo; Paula Guedes; Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira.	2017	https://www.scielo.br/j/paideia/a/rJknkFhDzX8LqYj6nT9Rk3J/?lang=en
Revista educación y desarrollo social	Actitudes recíprocas entre padres de familia e hijos en el proceso de formación matemática	Jonathan Alberto Cervantes Barraza; Jhonatan Andrés Arenas Peñaloza; Armando Aroca Araújo.	2016	https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5386131
Bordón	A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade	Maria José Barreto; Aline Andrade Rabelo.	2015	http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004
Érudit	Escola Família: A proposal	George Carani; José Carani; Teresa Strong-Wilson.	2015	https://www.erudit.org/fr/revues/mje/2014-v49-n2-mje01793/1029430ar/
Learning and Teaching Mathematics	Families enjoying Maths together-organising a family Maths event	Mellony Graven; Debbie Stott.	2015	https://www.researchgate.net/publication/289532354_Families_enjoying_Maths_together-organising_a_family_Maths_event

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise.

(Continuação)

Bolema	A formação do educador matemático Ubiratan D'Ambrosio: trajetória e memória	Rosimeire Aparecida Soares Borges; Aparecida Rodrigues Silva Duarte; Tânia Maria Mendonça Campos.	2014	https://www.scielo.br/j/bolema/a/a/WP3rng8bfh77HXVMTXfb7hJ/?lang=pt
Estudios Pedagógicos	Familia y logro escolar en matemáticas del primer ciclo escolar de educación primaria en Sonora, México	José Á. Vera N.; Carmen González J.; Susana Hernández G.	2014	https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052014000100017
Bolema	A Relação Família-Escola e a Prática do "Dever de Casa" de Matemática: um estudo sobre seus tensionamentos	Gelsa Knijnik; Débora de Lima Velho Junges.	2014	https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/9102
Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática	Relação família-escola e educação matemática: um estudo etnomatemático em uma classe multisseriada do RS	Débora de Lima Velho Junges.	2013	https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=1PulmWIAAAAJ&citation_for_view=1PulmWIAAAAJ:d1gkVwhDpl0C
Revista do centro de Educação UFSM	Expectativas da família, crianças e professores a respeito do primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos	Valéria Silva Ferreira.	2013	https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/5862
Economia Aplicada	Produtividade relativa dos setores público e privado em educação: impactos sobre a escolha da escola pela família	Rafael Terra; Ana Carolina Zoghbi; Fabiana de Felício.	2012	https://www.scielo.br/j/ecoa/a/7pYm8VwMyX7jSsnCBQ5R5ss/?lang=pt
Revista Metáfora Educacional	Análise de discursos sobre a família brasileira: uma perspectiva historiográfica	Kamila Amorim; Laerthe de Moraes Abreu Junior.	2012	http://www.valdeci.bio.br/pdf/n13_2012/amorim_abreujunior_analise_de_n13_dez12.pdf

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise.

(Continuação)

Relime	Learning mathematics with adult learners: drawing from parents' perspective	Javier Díez–Palomar; José María Menéndez; Marta Civil.	2011	http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&id=S1665-24362011000100004
Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto	Os TEIP pela perspectiva de pais e alunos	Luísa Quaresma; João Teixeira Lopes.	2011	https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2232
Boletim GEPEM	La formación de familiares en el ámbito de la educación matemática	Javier Díez Palomar; Silvia Molina Roldán.	2010	http://costalima.ufrj.br/index.php/gepem/article/view/78/233
Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto	Percursos singulares: sucesso escolar no ensino superior e grupos sociais desfavorecidos	Elsa Teixeira.	2010	https://ojs.letras.up.pt/index.php/sociologia/article/view/2295
Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud	La calidad del Jardín maternal y su influencia en el desarrollo cognitivo de los niños y niñas	Mariela Caputo; Gabriela Gamallo.	2010	https://www.redalyc.org/pdf/773/77315155006.pdf
Bordón	Profesores, alumnos y familias. Cómo unificar esfuerzos. La experiencia del ies mariano José de Larra de Madrid	M ^a del Pilar de la Encina Buenache; José Carlos Martínez de la Fuente; Pilar González Conde; Jesús Calero Fernández; Julio Belinchón Belinchón.	2008	https://recyt.fecyt.es/index.php/BORDON/article/view/28872
Érudit	The Effects of School Quality and Family Functioning on Youth Math Scores: a Canadian Longitudinal Analysis	Lefebvre Pierre; Merrigan Philip; Verstraete Matthieu.	2008	https://depot.erudit.org/id/002775dd

Tabela 1 - Artigos selecionados para análise.

(Conclusão)

Educação e Pesquisa	Família, escola e mídia: um campo com novas configurações	Maria da Graça Jacintho Setton.	2002	https://www.scielo.br/j/ep/a/SRCvv4JKqZHgjNLVNYrFwYF/?lang=pt&format=pdf
Quadrante	Novos Professores: Primeiros anos de profissão	Lurdes Serrazina; Isolina Oliveira.	2002	https://quadrante.apm.pt/article/view/22752

Fonte: autores.

Os artigos de Ciríaco (2021), Tamayo e Silva (2020) e Ruiz (2020), a dissertação de Tuchapesk (2004) e a tese de Ângelo (2012) foram acrescentados na listagem, descobertos pelo Google Acadêmico.

Tabela 2 - Artigos do Google Acadêmico

Revista	Título	Autores	Ano	Link
Publicatio UEPG	“A gente vai mais com a cabeça mesmo”: estratégias de ensino adotadas por mulheres-mães em tarefas numéricas durante o isolamento social	Klinger Teodoro Ciríaco.	2021	https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/download/revistas2.uepg.br/209209216359/
Revista Latino-americana de Etnomatemática	Desafios e possibilidades para a Educação (Matemática) em tempos de “Covid-19” numa escola em crise	Carolina Tamayo; Michela Tuchapesk da Silva.	2020	https://www.researchgate.net/publication/348636210_Desafios_e_possibilidades_para_a_Educacao_Matematica_em_tempos_de_Covid-19_numa_escola_em_crise
Cuadernos de Investigación y Formación en Educación Matemática.	Matemática en tiempos de Pandemia: rol de la familia en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la matemática	Regina Carvajal Ruiz	2020	https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/cifem/article/view/45229
Repositório Institucional UNESP	Uma leitura das falas de alunos do ensino fundamental sobre a aula de matemática	Claúdia Laus Angelo; Romulo Campos Lins.	2012	https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102112
Repositório Institucional UNESP	O movimento das tendências na relação escola-família-matemática	Michela Tuchapesk da Silva.	2004	https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91068

Fonte: autores.

Para a realização das análises dessas produções, nos baseamos nos pressupostos do MCS, criado pelo educador matemático Romulo Campos Lins (1955-2017). O MCS é um modelo epistemológico que possibilita a realização de leituras de produções de significados, sendo produção de significado entendido como tudo o que uma pessoa pode e efetivamente diz sobre algo (LINS, 2012), um objeto – que “é algo a respeito de que se pode dizer algo” (LINS, 2004a, p. 111). Assim, é o sujeito quem produz significado, e ao produzir significado, está produzindo para algo ou a

partir de algo, um objeto é constituído pelas falas de quem o produz.

Cada artigo ou tese ou dissertação são resíduos de enunciação: “Algo com que me deparo e que acredito ter sido dito por alguém” (LINS, 2012, p. 27), e a partir do qual produzimos significados, tentando realizar uma leitura plausível. Lins (2012, p. 23), enuncia que a leitura plausível “se aplica de modo geral aos processos de produção de conhecimento e significado; ela indica um processo no qual o todo do que eu acredito que foi dito faz sentido. Outra maneira de dizer que faz sentido em seu todo, é dizer que o todo é coerente”. Isto não quer dizer que “toda fala é coerente”.

Neste processo de leitura plausível, constituímos direções de interlocução. De acordo com Paulo (2020 p. 18)

Ao instituir uma direção de interlocução a partir dos resíduos de enunciação, estamos, também, instituindo um horizonte do possível, do que pode ser dito. Nesse sentido é que os significados produzidos a partir de um resíduo não são um feixe de possibilidades divergentes. Nem tampouco um processo de leitura plausível é relativista. Na medida em que somos internalizados por legitimidades que constituem uma cultura, ao instituímos uma direção de interlocução estamos operando dentro do possível em determinada cultura.

No processo de leitura dos artigos, a leitura plausível foi mobilizada tentando ser coerente com o que Lins (1999, p. 93) propõe “Toda tentativa de se entender um autor deve passar pelo esforço de olhar o mundo com os olhos do autor, de usar os termos que ele usa de uma forma que torne o todo de seu texto plausível, e é aqui que devemos prestar atenção às definições que um autor propõe”. Neste processo de leitura, não falamos do outro, do que o outro disse, se trata de nossas produções de significados.

Paulo (2020, p.10) descreve que ao leitor não familiarizado com o MCS, é suficiente dizer que uma leitura plausível estabelece a coerência na fala de uma pessoa, em um livro, ou em qualquer outra enunciação:

De modo menos formal, podemos dizer que o exercício de estabelecer uma plausibilidade, nos termos dessa teoria, é buscar compreender o que está sendo dito sem fazer comparações, sem dizer que falta alguma coisa no texto que lemos para que ele tenha sentido, ou que quem o escreveu não havia compreendido bem a ideia sobre a qual escrevia.

Paulo (2020), relata que produzir uma leitura plausível é fazer uma enunciação, escrever um texto, explicitando que, aquilo em que acredito me autoriza a escrever o que estou escrevendo. Na tentativa de ir formalizando os termos, Paulo (2020) considera que realizar uma leitura plausível é estabelecer um espaço comunicativo com o um autor daquele resíduo a partir do qual se produz significado, lembrando que esse estabelecimento de espaço comunicativo se dá quando interlocutores são compartilhados, onde um enuncia coisas que outro enunciaria, com

as justificações que o outro adotaria.

Essa direção de interlocução pode, ou não, coincidir, plausivelmente, com um autor que constituímos para aquele resíduo de enunciação; deste modo antecipamos a legitimidade de nossa fala – nossas enunciações são feitas considerando-se, também, o que é legítimo ser dito na atividade em que nos inserimos. Paulo (2020) apresenta uma sugestão de procedimento para a realização de leitura plausível, na qual nos inspiramos, em particular, na constituição de direção de interlocução. Assim, ao realizar uma pesquisa bibliográfica, estamos nos deparando com resíduos de enunciação a partir do qual produzimos significados tentando constituir direções de interlocução. Não realizamos leituras a partir de categorias criadas *a priori*; constituímos categorias ao realizar as leituras das produções encontradas, caracterizando-as em termos de modo de coleta de dados (entrevistas), temáticas abordadas, dentre outras, como explicitamos na próxima seção.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Após a busca de trabalhos/pesquisas a partir dos periódicos listados no *site* da SBEM, no Portal de Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico e os critérios de seleção dessas pesquisas, 44 (quarenta e quatro) produções, presentes nas tabelas 1 e 2, foram lidas por nós. A partir dessa leitura, notamos que apesar de elas terem sido encontradas por meio das mesmas palavras-chave, nem todas abordavam as produções de significados de estudantes e seus familiares sobre as práticas escolares e a Matemática, em especial, as disciplinas de matemática. Com isso, criamos seis categorias a partir do que identificamos nas pesquisas:

- a) pesquisas envolvendo entrevistas com professores de matemática ou educadores matemáticos ligadas as suas histórias de vida;
- b) pesquisas sobre família e educação, mas que não tratam de matemática ou disciplina de matemática;
- c) pesquisas que utilizaram questionários/formulários para abordar a temática família, matemática e estudante;
- d) pesquisas que utilizaram entrevistas para abordar a temática família, Matemática e estudante;
- e) pesquisas que utilizam falas de estudantes e familiares mas que não especificam se foram realizados, entrevistas ou questionários;
- f) pesquisa bibliográfica envolvendo a temática família, escola, matemática.

Nessas categorias, diferentes trabalhos se relacionam em seus objetivos, métodos, análises, resultados e considerações enquanto outros não. Como as categorias a e b não estão diretamente relacionadas com a nossa temática, vamos somente exemplificar os trabalhos encontrados, enquanto nas outras vamos abordar cada produção. É importante considerar que novas categorias podem ser criadas a partir da produção de significados de outros sujeitos, mediante a novos objetivos de trabalhos relacionados com essa temática ou interesses.

As 44 (quarenta e quatro) produções ficaram distribuídas do seguinte modo nas seis categorias, em termos de quantidade:

- a) 4 (quatro) produções para a categoria a);
- b) 17 (dezesete) produções para a categoria b);
- c) 10 (nove) produções para a categoria c);
- d) 8 (nove) produções para a categoria d);
- e) 4 (seis) produções para a categoria e);

f) 1 (uma) produção para a categoria f).

Dessa forma, passamos para nossas leituras a partir das categorias criadas.

3.1 PESQUISAS ENVOLVENDO ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE MATEMÁTICA OU EDUCADORES MATEMÁTICOS LIGADAS ÀS SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Os artigos que categorizamos como os que trazem entrevistas com educadores matemáticos e outros profissionais da educação que atuam nas escolas foram produzidos pelos seguintes autores: Comelli e Menrique (2019); Lima e Kochhann (2018); Borges Duarte e Campos (2014); Serrazina e Oliveira (2002).

Adotamos dois trabalhos para exemplificar esta categoria, na tentativa de mostrar que mesmo após concluídas as etapas de escolarização, os profissionais em educação também possuem seus modos de influências familiares. Não adotamos todos os trabalhos para a seção por não se relacionarem diretamente com a pesquisa, mas dentre os escolhidos dentro da categorização estão os que apresentaram a influência da família para profissionais em educação do Ensino Superior. Nas demais categorias, é possível realizar leituras de profissionais do Ensino Básico que se misturaram com outros sujeitos, sejam a família e/ou alunos/as juntos.

Comelli e Manrique (2019) entrevistaram um educador e pesquisador na área de Educação Matemática, Gerald A. Goldin, por considerarem que ele é influente no campo da Educação Matemática. Assim, puderam registrar suas considerações sobre sua linha de pesquisa que é “O afeto na Educação Matemática”, com ênfase no meta-afeto, uma variável ainda pouco estudada, bem como coletar suas opiniões sobre o atual e futuro caminhos para as pesquisas na área.

O afeto e o meta-afeto estão relacionados, por exemplo, às emoções que alunos/as possuem durante a aprendizagem, e se essas emoções são tratadas positivamente ou negativamente. Ou seja, como usar um sentimento de frustração durante a resolução de problemas de matemática e se motivar a tentar resolvê-lo novamente de forma positiva. Para ele, a relevância deste tipo de pesquisa se dá por facilitar a compreensão das dificuldades de aprendizagem e, assim, melhorar o modo de articulação com os/as alunos/as quando se conhece os sentimentos despertados neles/as durante as atividades. Goldin também deixa claro que trabalhar com Matemática é como trabalhar com outras áreas, e que é normal sentir raiva e frustração, implicando, às vezes, em erros desnecessários.

Ao abordar a família, Comelli e Manrique (2019), relatam que Gerald A. Goldin cresceu em uma “família da educação”, possuindo influências familiares em suas tomadas de decisões, mas que parte delas vem de suas próprias experiências no seu interesse por Matemática, que o permitiu desenvolver o que entendia de Ciências e que havia coisas que ele gostaria de entender em psicologia cognitiva. Em particular, seu pai, que também foi professor de Matemática, o auxiliou durante duas etapas de estudos.

Já Borges, Duarte e Campos (2014), pesquisaram sobre a formação e atuação profissional do educador matemático Ubiratan D’Ambrósio, apresentando sua história de vida, por meio de uma entrevista. A família é considerada importante para Ubiratan D’Ambrósio, que gostaria que seus filhos se desenvolvessem próximo aos familiares, fator que influenciou seu retorno ao Brasil. Foi convidado a trabalhar na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desenvolvendo programas de pós-graduação e sendo responsável por diversos projetos de pesquisa, palestras e ganhou premiações ao redor do mundo pelo seu trabalho. Para D’Ambrósio,

[...] os projetos de pesquisa têm que estar ligados às coisas que motivam o aluno, para que o aluno se envolva. Isso é importante. Por isso que no curso da OEA (Organização dos Estados Americanos), no mestrado, os alunos passavam mais ou menos dois meses cursando disciplinas sensibilizadoras, onde discutiam, liam jornais, pensavam sobre o país de origem, sobre a família (depoimento oral) (BORGES; DUARTE; CAMPOS, 2014, p.1073).

A pesquisa é concluída ressaltando a importância de historiadores relatarem a história de vida de educadores matemáticos para se buscar compreender os processos pelos quais passam durante a vida e de tomadas de decisões pessoais e profissionais. Os termos “família” e “educação matemática” foram utilizados para mostrar sua importância nas ações de grupos de pesquisas em Educação Matemática em suas perspectivas sobre a Etnomatemática.

Os artigos trazidos para essa seção mostraram produções de significados para o termo “família” e “matemática” por meio de educadores influentes no campo da Educação Matemática como Ubiratan D’Ambrosio e Gerald A. Goldin. Enquanto Ubiratan considerava que é impossível dissociar a família nas suas tomadas de decisões, Gerald relatou que mesmo a família sendo importante, as suas tomadas de decisões também aconteceram de forma independente da família. Ambos os educadores tiveram pais professores de Matemática e contribuíram em suas formações.

O movimento dessa categoria mostrou que independentemente da idade, a família exerce algum tipo de influência nas decisões pessoais e profissionais da

Educação. Apesar das pesquisas mencionadas nesta categoria não se relacionarem diretamente com a nossa pesquisa, elas foram importantes para compreender as perspectivas de profissionais da Educação durante o processo de formação docente e no desenvolvimento do roteiro de entrevistas em questões sobre a importância das influências familiares durante a formação pessoal e profissional. Assim, as pesquisas inseridas nesta categoria nos oportunizou ter maior sensibilidade para as direções de falas de familiares ao realizar as entrevistas, tentando olhar mais para as influências familiares no desenvolvimento dos/as alunos/as.

3.2 PESQUISAS SOBRE FAMÍLIA E EDUCAÇÃO, MAS QUE NÃO TRATAM DE MATEMÁTICA OU DISCIPLINA DE MATEMÁTICA

As 17 (dezesete) produções inseridas nesta categoria, foram: Bezerra e Amaral (2020), Gil-del-Pino e García-Segura (2019), Borup, Chambers e Stimson (2019), Preston, McPhee e O'Keefe (2019), Meschial e Simonetto (2017), Luckmann e Juliano (2017), Santos e Berghauser (2017), Emerich et al. (2017), Barreto e Rabelo (2015), Carani e Strong-Wilson (2015), Ferreira (2013), Amorim e Abreu Junior (2012), Quaresma e Lopes (2011), Teixeira (2010), Caputo e Gamallo (2010), Buenache *et al.* (2008) e Setton (2002).

A partir da leitura delas, vimos que Barreto e Rabelo (2015), Amorim e Abreu Junior (2012) e Setton (2002), pesquisaram sobre configurações familiares e suas influências no processo de construção de identidade de um/a aluno/a; as pesquisas de Amorim e Abreu Junior (2012) e Barreto e Rabelo (2015), mesmo não tendo relação direta com nossa pesquisa, nos oportunizaram ampliar o conhecimento acerca do termo “família”, os tipos de configurações existentes e seus modos de funcionamento.

Barreto e Rabelo (2015) introduzem o artigo relatando as configurações familiares desde o período político do governo romano e suas práticas culturais, nas quais, os membros da família eram submissos ao homem, pai da família, chefe da casa. Para os autores, com a ascensão cultural do Cristianismo, uma nova concepção de moral foi se estabelecendo, tornando a figura do pai mais humana em relação à que atua como base as concepções de pai na atualidade, de caráter machista, herança cultural dessas épocas. O objetivo de Barreto e Rabelo é fomentar reflexões acerca da família contemporânea e dos desafios de serem pais de adolescentes, diante dos quais, entendem que alguns dos problemas na relação família X estudante

surgem porque:

Para não serem vistos, então, como autoritários, há pais que se abstêm de dirigir a educação dos filhos por acreditar que dessa forma não atrapalham o desenvolvimento deles. Porém, desde cedo, é função da família, comunicar os valores morais (Bedene, 2010), com os quais se identificam, considerando, porém, que há valores universais e que são indispensáveis na vida em sociedade: o respeito pelo direito do outro em quaisquer circunstâncias se confirma como um importante e necessário valor moral para efetivas relações sociais (BARRETO; RABELO, 2015, p.38).

Assim, o termo família, para Barreto e Rabelo (2015), é definido como um pequeno grupo que através do apoio econômico, físico, social e afetivo oferecido aos seus membros, busca promover uma estabilidade social como um núcleo que se propaga continuamente.

Barreto e Rabelo (2015) proporcionou uma leitura de que, quando familiares aprisionam seus filhos na criação, como base em seus comportamentos, podem ocasionar fobias de percepções nos filhos e implicar, por exemplo, em problemas de socialização na escola, trabalho e sociedade. As considerações seguem na linha de pensamento de que as mudanças e reestruturações das configurações familiares se tornam relevantes em decorrência do seu poder de influência no desenvolvimento humano.

No artigo “Análise de discursos sobre a família brasileira: uma perspectiva historiográfica”, Amorim e Abreu Junior (2012), apresentaram um estudo historiográfico sobre as formas que são constituídos os grupos familiares no Brasil. O trabalho buscou fundamentações teóricas sobre discursos a respeito da família brasileira na perspectiva da História da Educação, “um campo de relações estreitas com a sociologia, a antropologia, a economia, estatísticas, entre outras” (AMORIM; ABREU JUNIOR, 2012, p.111). Assim, justifica a perspectiva historiográfica como uma “multiplicidade de fazer história” (AMORIM; ABREU JUNIOR, 2012, p.111), ressaltando que, para se fazer pesquisas nessa linha são necessários conhecimentos socioeconômicos, políticos e culturais que são regidos pelas comunidades locais e pelo Estado.

Amorim e Abreu Junior (2012) relatam que os modos de vida brasileira são frutos de heranças culturais europeias em diversos aspectos. No aspecto de composição familiar o modelo hierárquico dentro da família era o homem, detentor da razão e do poder mantido desde o período colonial. Além disso, a submissão da mulher e a discriminação racial eram tratadas como normal na sociedade, de forma mais enfática, até os anos de 1920. Entretanto, alguns dogmas religiosos e interesses do Estado tiveram conflitos em regiões do Brasil, como o de Minas Gerais, cujas

relações conjugais eram tratadas informalmente, e casais eram formados entre as mesmas famílias.

De forma contextual, os autores relatam os padrões sociais estabelecidos ao longo do tempo ressaltando que “tanto a virilidade do homem quanto a virgindade da mulher eram tabus mantidos pela moral patriarcal” (AMORIM; ABREU JUNIOR, 2012, p.113) e que, por interesse do Estado e por confluência da Igreja Católica, apenas um modelo de família era considerado por interesses próprios e por questões ideológicas.

Diante da problemática das configurações familiares, os autores citam um dicionário da década de 20, do século passado, que define a família como sendo o pai, mãe e filhos. Tal modelo de família, adotada como única e universal, é vista ainda hoje dessa maneira deixando de fora configurações familiares como “mães ou pais solteiros, separados, uniões não legalizadas, filhos adotivos, entre muitas outras formas possíveis de formação de família presentes a muitos séculos na sociedade” (AMORIM; ABREU JUNIOR, 2012, p.121).

Para Amorim e Abreu Junior (2012), o distanciamento entre a escola e família só aumenta, na medida em que as instituições não aceitam nem mesmo como é composta a família do aluno. Diante disso, concluiu-se que o conceito de família precisa ser adequado a todo tipo de configuração familiar para maior inclusão do Estado com essas famílias. Os autores entendem que compreender a família como configuração apenas biológica empobrece a investigação sobre essa temática e exclui uma parcela enorme de famílias que compõem uma sociedade brasileira mais realista.

Em comentário a essa pesquisa, pudemos compreender que uma pesquisa que exclui diferentes configurações familiares, deixam de retratar realidades sociais que não podem ser produzidas de forma legítima por famílias tradicionais, o que implica em pesquisas “errôneas” e mal retratadas sobre a sociedade local de pesquisa que podem se configurar de diversas formas. Esta pesquisa não mencionou as disciplinas de Matemática, mas foi importante no sentido de problematizar o conceito de família e a compreensão de representar a sociedade local de pesquisa com públicos de diversas formas de vida.

Já Setton (2002), que teve como objetivo refletir sobre a particularidade dos processos de socialização e de construção das identidades dos sujeitos no mundo contemporâneo, baseou-se na ideia que a família e escola são as instâncias que influenciam nesses processos. Além disso, relata que a família e a escola dividem

essas influências nos processos com os recursos midiáticos que os alunos/as possuem. Partiu-se do conceito de configuração de Norbert Elias, que tomou como hipótese que “a cultura da modernidade imprime uma nova prática socializadora distinta das demais verificadas historicamente” (SETTON, p. 107, 2002).

Sua revisão de literatura a fez considerar que o processo de socialização das formações atuais é um espaço plural de múltiplas referências identitárias. Ou seja, a modernidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências que mescla as influências familiar, escolar e midiática (entre outras); um sistema de esquemas, que apesar de coerente, é híbrido e fragmentado. Nesse sentido, a particularidade dessa socialização deriva não só da relação de interdependência entre as duas instâncias tradicionais da educação, mas da relação de interdependência entre elas e a mídia.

As pesquisas de Bezerra e Amaral (2020), Borup, Chambers e Stimson (2019), Preston, McPhee e O’Keefe (2019), Gil-del-Pino e García-Segura (2019), Santos e Berghauser (2017), Carani, Carani e Strong-Wilson (2015), Ferreira (2013), Quaresma e Lopes (2011) e Buenache et al. (2008), abordam reflexões de literaturas e/ou de falas, através de entrevistas e questionários, com professores/as, familiares e alunos/as sobre a escola e a família, e seu papel no desenvolvimento do/a aluno. Essas pesquisas utilizaram métodos quantitativos, qualitativos ou pesquisas bibliográficas de outros autores buscando responder sobre o papel familiar no sucesso acadêmico de alunos/as, em questões de indisciplinas e evasão escolar, relações de classes sociais com a escolha da futura profissão, entre outros objetivos que envolvem a participação da família na educação. Exemplificamos nossos achados com a pesquisa de Quaresma e Lopes (2011), o único que entrevistou família e alunos do Ensino Básico juntos. Os demais trabalhos abordam o envolvimento familiar na escola dos/as alunos/as, mas os sujeitos são ou professores, ou familiares, ou alunos, separadamente.

Quaresma e Lopes (2011), realizaram uma pesquisa nas cidades de Lisboa e Porto, em Portugal, com o objetivo de analisar as produções de significados das famílias quanto às instituições de ensino que existem naquela região. Para isso, foram realizadas entrevistas com alunos/as e familiares sobre as práticas escolares.

As falas das mães entrevistadas se direcionaram para questões xenofóbicas, quando associaram a baixa qualidade e nível de desempenho geral da escola com a existência de imigrantes brasileiros e de outras nacionalidades. Mesmo que Portugal seja considerado um dos países menos xenofóbicos da Europa, a sutileza nas falas

das depoentes foi notada pelos autores. Além disso, as mães culpam a escola por não fazer nada por julgarem saber sobre informações pessoais de famílias de outras nacionalidades.

“A antiga presidente do conselho executivo, deu uma entrevista num jornal em que diz que estes alunos são filhos de toxicodependentes, mães solteiras e pais incógnitos, e ninguém fez nada! isto sim, causa estigma.” Talvez numa tentativa de defesa institucional de críticas pelos maus resultados que poderiam ser remetidas à sua acção e à da sua equipa docente directora imputa o insucesso do seu estabelecimento de ensino a causas de natureza social, negando, numa lógica algo determinista, qualquer “margem de acção” da escola (Dubet et al., 1989: 236) na produção de mudança e contribuindo, desse modo, para a difusão e reforço do preconceito sobre os públicos escolares das escolas (QUARESMA; LOPES, 2011, p. 148-149).

Quaresma e Lopes (2011) constataram que a família e os/as alunos/as identificaram condutas de má disciplina, baixa estrutura e mal desempenho nas disciplinas escolares, além de relatarem que a ‘imagem’ dessas escolas para a sociedade não transparece boa reputação. Quaresma e Lopes (2011) trazem ainda que, com relação à pontuação das disciplinas escolares, segundo os professores, 70% era comportamental e somente 30% era cognitivo, e que isso se estende ao longo dos anos letivos. Não se discutiu a relação da família e alunos/as com a disciplina de Matemática, apenas as produções de significados quanto a instituição em sua estrutura e sua reputação, atribuindo a culpa dessas más qualidades aos gestores, professores da escola e parcelas de alunos/as.

Quanto aos estudos que focaram na relação familiar nos processos cognitivos de alunos/as, temos Emerich et al. (2017), Luckmann e Juliano (2017), Meschial e Simonetto (2017) e Caputo e Gamallo (2010). Não houve critério de escolha para a leitura dessa delimitação de tema sobre os processos cognitivos na aprendizagem de Matemática, pois todos são do mesmo ano de pesquisa, exceto uma, que consideramos importante sintetizar também seus resultados neste resíduo.

Desses autores, Emerich *et al.* (2017), tiveram como objetivo identificar as preocupações dos familiares e as qualidades dos filhos relatadas pelos pais, bem como a associação dessas variáveis com fatores sociodemográficos e problemas de comportamento infantil. Abordam a necessidade de compreender os familiares sobre as dificuldades dos/as filhos/as em se adaptar à escola. Participaram da pesquisa 353 familiares de alunos/as do primeiro ao quinto ano de escolas públicas e privadas de Barueri, São Paulo. Os resultados relativos ao que chamam de “pontos fortes” foram relacionados à interação afetiva e social, enquanto as “preocupações” foram relacionadas ao desempenho acadêmico e à prevenção de problemas de comportamento. Os autores consideram que as preocupações dos pais são alvos de

intervenções preventivas na infância, enquanto os pontos fortes da criança relatados pelos pais são habilidades que precisam ser desenvolvidas, pois ajudam no funcionamento adaptativo.

Meschial e Simonetto (2017), que realizaram um estudo bibliográfico sobre o envolvimento familiar nos modos de comportamentos dos alunos visando encontrar uma possível solução para o ato da indisciplina. O resultado foi que o envolvimento familiar e a afetividade do professor em relação aos alunos minimizam atos indisciplinados, propiciando um ambiente harmonioso que favorece a aprendizagem e desenvolvimento, e que é de suma importância a escola motivar, sensibilizar e estimular a participação dos pais no acompanhamento da vida escolar de seus filhos.

Luckmann e Juliano (2017), também realizaram uma pesquisa bibliográfica para discutir questões de indisciplinas de alunos/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental. No trabalho, retrataram algumas políticas públicas brasileiras que apresentam o dever do Estado em alfabetizar e oferecer base complementar na educação para a vida social dos/as alunos/as, mas o que se vê, no entanto, é a total responsabilidade das escolas em educação, pois, consideram, que a família não está cumprindo com esse dever. O trabalho considera ainda que alguns casos de indisciplina estão associados a questões de hiperatividade de alunos/as e déficit de atenção, diagnosticados na escola antes mesmo da família se atentar para essas questões, seja por negar a situação do/a aluno/a ou não ter conhecimento do assunto.

Já Caputo e Gamallo (2010), objetivaram demonstrar que a qualidade da atenção recebida pela criança determinará o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos futuros alunos/as, as quais terão um efeito positivo ou negativo no seu futuro desempenho escolar. Sua pesquisa bibliográfica mostrou que meninos e meninas que receberam estimulação em suas habilidades cognitivas de leitura quando crianças, antes de entrarem nos anos iniciais do ensino, possuem melhores habilidades cognitivas. Caputo e Gamallo (2010), consideram que este fato aumenta a responsabilidade de desenvolvermos as nossas atividades com a responsabilidade de que o futuro acadêmico depende da relação entre escola, professor e família.

As pesquisas inseridas nesta categoria estão voltadas para a família, os/as alunos/as e a educação, sendo que algumas, como Amorim e Abreu Junior (2012), abordam a importância de estar atento a todos os tipos de configurações familiares. Ainda que isso tenha acontecido, nas pesquisas de entrevistas, os depoentes foram, em sua maioria, família composta por pai, mãe e filho/a ou mãe e pai solteiros. Não foram encontradas pesquisas com configurações familiares como avôs/as, tios/as,

madrinhas, padrinhos ou casais homoafetivos. As pesquisas nos foram importantes para estarmos atentos às diferentes configurações familiares, às visões que familiares e estudantes possuem da escola e à compreensão dos comportamentos físicos e mentais dos/as alunos/as durante as práticas escolares, nos quais, problemas de indisciplina e mau comportamento podem estar associados à questões de hiperatividade de alunos/as.

3.3 PESQUISAS QUE UTILIZARAM QUESTIONÁRIOS/FORMULÁRIOS PARA ABORDAR A TEMÁTICA FAMÍLIA, MATEMÁTICA E ESTUDANTE

As pesquisas inseridas nesta categoria foram: Mariatun, Munir e Metia (2020), Lima, Poersch e Emmel (2020), Yi-Ching Lin (2019), Antiqueira, Pereira e Machado (2018), Matos *et al.* (2017), Silva e Escorisa (2017), Barraza, Penáloza e Araújo (2016), Vera, González e Hernández (2014), Terra, Zoghbi e Felício (2012) e Pierre, Philip e Matthieu (2008).

Mariatun, Munir e Metia (2020) realizaram uma pesquisa buscando determinar: a relação entre a autoeficácia e o apoio familiar com a ansiedade de alunos/as em relação à Matemática; e se a autoeficácia está associada à sensação de capacidade que os/as alunos/as têm ao resolverem atividades, no caso, de Matemática. A pesquisa foi realizada com 120 alunos do Ensino Fundamental de uma escola da Indonésia, em 2017. Foram elaborados questionários de modelo Likert dando atenção nas formas como os/as alunos/as relatam seus graus de concordância sobre as preocupações, tensões e confusão nas questões psicológicas que apresentavam, e nos aspectos fisiológicos (suor, frio, tremor e palpitação), em relação ao auxílio familiar nas atividades realizadas na escola.

Com base nos resultados obtidos neste estudo, concluíram que existe uma relação entre autoeficácia e apoio familiar com a ansiedade dos alunos em Matemática, afirmando que “Isso significa que a autoeficácia e o apoio familiar, juntos, podem ser usados como preditores para prever a ansiedade do aluno em matemática” (MARIATUN, MUNIR, METIA, 2020, p.5, tradução nossa). Já Lima, Poersch e Emmel (2020), tiveram como objetivo compreender as possíveis dificuldades que alunos/as do Ensino Fundamental possuem quanto à aprendizagem em Matemática e os motivos que os levam ao desinteresse e à dificuldade neste componente curricular. Para isso, aplicaram questionários a 3 professores e 83 alunos/as que frequentavam o oitavo ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma pesquisa de caráter

explicativo, com procedimentos de pesquisa de campo quantitativos.

Dos questionários aplicados para os alunos, foi constatado que eles possuem entre 12 e 17 anos, percebendo-se uma distorção na idade com a série de ensino que estavam, uma vez que 22,9% já reprovaram em Matemática por diversos motivos, sendo os principais, o fato de não gostarem da disciplina e não conseguirem aprender o que os professores explicam. Quanto aos conteúdos de Matemática que preferem, 32 alunos escolheram “Expressões Básicas”, que inclui as operações de soma, subtração, divisão e multiplicação, e 13 alunos responderam não gostar de nenhum conteúdo. Quanto aos conteúdos de Matemática que consideram mais difíceis, 18 alunos/as escolheram ângulos e 13 marcaram a opção de que todos eram difíceis.

Na questão sobre a Matemática que eles estudam na escola, 52% dos alunos/as marcaram que ela se relaciona com suas práticas diárias, 19% marcaram que não, 22 % marcaram que ela é muito difícil e 7% marcaram que não tem dificuldades. Quanto a relação da família com as práticas escolares, os alunos responderam que os pais incentivam e acompanham a vida escolar deles:

Muitos descreveram que são incentivados quando os pais olham as provas e trabalhos, cobram o capricho e organização do caderno, dialogam com os professores, frequentam as reuniões de pais, incentivam no tema de casa e até mesmo retiram o celular temporariamente de seus filhos para que se dediquem ao máximo aos estudos. (LIMA; POERSCH; EMMEL, 2020, p. 12-13).

Na pesquisa não foram entrevistados os familiares dos alunos, mas foi perguntado aos professores sobre a participação deles:

Os professores questionados responderam que existe a participação da maioria dos pais e é visível aqueles alunos que não recebem esse acompanhamento em casa. Os professores afirmam que os alunos que apresentam pais interessados na vida escolar de seus filhos tornam-se mais comprometidos e responsáveis pelos estudos, além de realizarem os temas, são mais motivados e apresentam maiores facilidades em sala de aula. (LIMA; POERSCH; EMMEL, 2020, p. 13).

As conclusões das autoras são que os/as alunos/as participantes da pesquisa associam a dificuldade em Matemática aos meios que os professores atuam em sala de aula. Além disso, os/as alunos/as enxergam a matemática como difícil e maçante, e acreditam que estudar a disciplina em ambientes fora da sala de aula ou com materiais que a deixassem menos abstrata, é um dos caminhos para aprenderem os conteúdos da disciplina. Eles falam, ainda, que percebem pouco acompanhamento de pais e responsáveis na vida escolar dos filhos, mas as falas de alunos e professores, trazidas por eles, parecem indicar o contrário.

O trabalho de Yi-Ching Lin (2019), aborda que há uma extensa lista de pesquisas que busca compreender a influência da família no processo de escolarização da criança e do adolescente. Todavia, pesquisas voltadas nessas questões, com famílias compostas por outras configurações familiares que não sejam apenas pai, mãe e filhos, são escassas e ressalta a importância de dar voz a esses públicos. Deste modo, o trabalho de Lin (2019), teve o objetivo de avaliar as associações entre a estrutura familiar (dois pais biológicos, monoparental, biparental), o seu funcionamento familiar (comunicação, coesão e flexibilidade), as habilidades de raciocínio lógico, o desempenho em matemática do aluno/a e o apoio parental no processo de aprendizagem matemática.

Esta pesquisa, de caráter quantitativo, contou com uma amostra de 269 adolescentes afro-americanos participantes de um programa estudantil de verão em uma universidade dos EUA. A amostra foi majoritariamente do sexo feminino (63%), com cerca de 16 anos como média de idade. Os dados foram coletados durante a participação desses alunos/as na Escala de Avaliação de Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV), por meio de um teste de habilidades cognitivas administrado por computador e um teste de desempenho matemático em papel. Os dados foram inseridos em um *software* para a análise de significâncias.

As análises descritivas indicaram que 49,4% da amostra relataram viver com dois pais biológicos, 38,7% viviam em famílias monoparentais e 11,9% viviam em famílias biparentais em que um dos pais era padrasto (LIN, 2019, p. 2704, tradução nossa).

As análises apontaram que a flexibilidade que os familiares dão aos alunos/as de perguntar sobre a escola e os problemas de raciocínio lógico resultam em bons desempenhos em questões que envolvem Matemática. O fator comunicação e apoio psicopedagógico na adolescência teve grande significância para o desenvolvimento cognitivo em pesquisas da revisão de literatura, porém, o artigo apresenta, que na pesquisa atual não foi significativo, mas justifica que a comunicação excessiva entre familiar e aluno/a pode se tornar ruim para o desenvolvimento do/a adolescente.

Os resultados de Lin (2019, p.2705), indicam que o funcionamento familiar dentro de famílias com pais adotivos/famílias mistas, que podem apresentar um número de desafios únicos para os adolescentes, não é melhor do que aquele observado em famílias monoparentais. Além disso, o estudo sugeriu que estudantes de familiares que não são compostos por dois pais biológicos possuem menor desempenho em Matemática em relação aqueles que possuem e moram com os pais biológicos, justificando que “Isso pode ser devido a níveis mais altos de estabilidade,

menos conflitos ou interrupções, razões econômicas ou uma série de outras razões” (LIN, 2019, p.2705, tradução nossa).

Lin (2019, p.2705), relata ainda que estudos sobre monitoramento dos pais podem ser bons para a aprendizagem, mas o monitoramento excessivo deles pode resultar em piores resultados infantis e aumento da incidência de comportamentos negativos. Foi concluído que as diferentes estruturas familiares diferem em seu funcionamento, inclusive em seus níveis de coesão nos processos de comunicação e flexibilidade no monitoramento. Para Lin (2019), o funcionamento familiar é mais importante do que a estrutura familiar para prever habilidades de raciocínio e desempenho matemático dos adolescentes. Esse funcionamento se dá pela forma que são empregados no monitoramento dos filhos nas atividades escolares.

Os adolescentes demonstram melhor funcionamento cognitivo em ambientes com altos níveis de organização, estabelecimento de limites e apoio dos pais. Por fim, Lin (2019), traz a limitação da amostra de sua pesquisa, que foi de estudantes afro-americanos de classe social alta, uma parcela que não representa a maioria da população negra nos EUA, sugerindo que é preciso pesquisas com novos sujeitos para verificar as percepções de novos públicos com essa temática.

Antiqueira, Pereira e Machado (2018), buscaram analisar as percepções sobre o querer ser professor de Matemática de estudantes de um curso de graduação de uma universidade de Moçambique. A discussão sobre a escolha profissional na área e o desejo dos alunos em querer ser professor de Matemática são fatores

que exercem influência na decisão da profissão, como a família, os amigos, o *status* que uma determinada área pode proporcionar, a facilidade ou a dificuldade de ingressar no curso desejado e diversos outros motivos que intervêm na escolha. No caso da docência, trata-se de uma das profissões mais antigas, a qual durante muito tempo, a maioria das pessoas se referiam como uma vocação, um sacerdócio, com base nas qualidades morais que o profissional deveria possuir (ANTIQUEIRA; PEREIRA; MACHADO, 2018, p.250).

Os sujeitos colaboradores foram 12 alunos, com idades entre 22 e 38 anos, do curso Licenciatura em Matemática da Universidade. Foi feita a observação de quatro aulas dessa disciplina, visando vivenciar o cotidiano dos alunos. A partir das observações, houve a elaboração de um questionário, composto de questões dissertativas, sobre a identificação dos sujeitos, os aspectos relacionados ao querer ser professor e a opção pelo curso Licenciatura em Matemática. A pesquisa gerou duas categorias de resultados, sendo elas: “afinidade com a Matemática do ensino secundário como fator que impulsionou o gosto pela disciplina” e, “desejo em aprender e em ensinar como forma de compartilhar conhecimento e contribuir com o

ensino da Matemática”.

Das considerações da primeira categoria sobre o gostar da disciplina, seguiu-se direções de falas que estão relacionadas com o gostar do professor, se entende as explicações, pelos amigos e familiares, ou se pelo próprio interesse pela disciplina, por ter facilidade. Da segunda categoria, as direções de falas seguiram que o desejo em aprender e ensinar Matemática está relacionado com gostar de transmitir conhecimentos, exercer papel social e mostrar que a disciplina pode ser fácil e bonita.

Já Matos *et al.* (2017), introduzem o trabalho abordando que comunidades da Sociologia da Educação de 1950 a 1980, tinham como foco investigar a família na educação escolar de seus/as filhos/as pela renda, ocupação, nível de instrução dos pais e raça, para justificar o desempenho escolar dos estudantes. Só a partir da década de 80 do século passado, que “começaram a proliferar estudos que se interessam não somente pelo que a família ‘é’, mas também pelo que ela ‘faz’, isto é, pelos efeitos de suas dinâmicas internas e de suas práticas educativas sobre a vida escolar dos filhos”. (MATOS *et al.*, 2017, p.1).

Deste modo, desenvolveram um estudo com o objetivo de investigar o impacto das práticas e recursos familiares no desempenho escolar de alunos/as, que são os modos como as famílias auxiliam nas atividades. A pesquisa foi realizada com familiares de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que participaram do Projeto Geres em 2005, em Belo Horizonte, MG. Foi realizada a Modelagem de Equações Estruturais, sendo uma técnica de modelagem estatística multivariada de caráter geral, que é amplamente usada nas Ciências Humanas e Sociais, que permitiu pesquisar “de modo articulado o impacto, sobre o desempenho escolar, das práticas familiares (o que as famílias “fazem”) mediadas pelo nível socioeconômico (NSE) das famílias (o que elas “são”)”. (MATOS *et al.*, 2017, p.1).

Foram selecionados 299 familiares de estudantes de escolas das redes privada, federal, estadual e municipal, que estavam participando do Projeto Geres, para aplicação de questionário. Concentraram, nesta pesquisa, oito tipos de recursos ou práticas familiares denominados como: capital cultural objetivado; capital informacional; práticas de escrita; práticas de leitura; ordem racional doméstica; modos de exercício da autoridade pelos pais; interação pais e filhos e dever de casa. Essas variáveis foram relacionadas para ver os impactos das práticas familiares sobre a proficiência em Língua Portuguesa e Matemática.

Das análises, a proficiência em Matemática foi estatisticamente significativa por quatro fatores: capital cultural objetivado, sendo a classe e região que vive; capital

informacional, sendo a renda familiar; práticas de escrita; e práticas de leitura. Desses quatro, capital informacional foi o fator de maior impacto, enquanto as práticas de leitura foram as de menor impacto. Para Matos *et al.* (2017), como tem sido apontado pela literatura deles, a aprendizagem em Matemática é mais diretamente dependente da intervenção escolar que a aprendizagem em Português, e apontam a Matemática como mais abstrata e distante do cotidiano do que o Português.

O capital informacional da família teria maior influência sobre a Matemática, por possibilitar aos pais realizarem escolhas mais rentáveis na condução da escolaridade dos filhos – especialmente a escolha da escola, que seria decisiva, nessa linha de raciocínio, para a aprendizagem de Matemática. Todas as variáveis “tipo de escola” foram significativas, inclusive escolas estadual/municipal, com menor desempenho, *versus* particulares, com alto desempenho, no qual, os familiares predominantemente optaram por associar melhores desempenhos com as escolas particulares. Matos *et al.* (2017), reforça que o achado na literatura aponta que o aprendizado em Matemática está relacionado com a capacidade que a família tem para investir em professores particulares e escolas da rede privada de ensino.

Silva e Escorisa (2017), tiveram o objetivo de realizar o registro das percepções dos estudantes alguns meses após a realização de um minicurso sobre educação financeira, que tratava de conteúdos introdutórios sobre gestão de finanças pessoais, realizado em 2015 e com a participação de 204 alunos, do oitavo e do nono ano do Ensino Fundamental, para poder identificar se o que foi desenvolvido ainda estava presente no cotidiano dos alunos. As sessões do minicurso buscaram trabalhar meios para o desenvolvimento de habilidades matemáticas e a capacidade de organização financeira de forma pessoal e em casa, com os familiares.

Silva e Escorisa (2017) perguntaram aos alunos se já haviam tido contato com a educação financeira, se aplicaram o conhecimento aprendido em casa, se eles conversaram com os seus respectivos familiares sobre o tema e se gostariam que a educação financeira fosse mais recorrente na escola.

A família é tratada na pesquisa como pilar fundamental no processo de educação financeira, pois é ela que provê recursos para o/a filho/a. Silva e Escorisa (2017), relatam que os resultados pessoais e profissionais na vida adulta, dos estudantes, são melhores quando, além da escola, os familiares exercem a função de apoio na organização financeira, estimulam e investem no aprofundamento em estudos de gestões pessoais. Todavia, os autores ainda relatam que temos uma sociedade endividada e sem conhecimento sobre gestão pessoal, se tornando presas

fáceis para o mercado financeiro e sistema bancário.

Das questões que os estudantes responderam, foi levantado que 68% deles não possuíam conhecimentos básicos de conteúdos sobre educação financeira e que nunca haviam visto na escola.

Aproximadamente 57% (49 estudantes) dos alunos conversaram com os familiares sobre o que aprenderam no minicurso e, do total de alunos, cerca de 34% (30 estudantes) afirmaram que a família decidiu mudar, de alguma forma, a maneira como gerencia as finanças (SILVA; ESCORISA, 2017, p. 189).

Silva e Escorisa (2017) afirmam que o ato de trabalhar conteúdo deste tipo com estudantes através do minicurso não garante que eles construirão conhecimentos em Matemática e que os conteúdos tendem a ser esquecidos ao longo do tempo. Relatam que “o contato com o dinheiro ocorre desde a infância, mas muitas vezes o processo de alfabetização financeira tem sido realizado tardiamente, geralmente, quando o indivíduo se encontra endividado” (SILVA; ESCORISA, p. 194, 2017). Nas considerações finais, ressaltam a necessidade de se trabalhar constantemente educação financeira com os estudantes através de planilhas e materiais manipuláveis, com uso de simuladores do mercado financeiro e cálculos envolvendo dados da vida real, por meio de uma modelagem matemática, para que a escola contribua no papel de fazer chegar o conhecimento sobre gestão financeira até a família através dos alunos.

Barraza, Peñaloza e Araújo (2016), introduzem a pesquisa discutindo que a ideia da disciplina de Matemática ser difícil de aprender para estudantes, está relacionada ao fato de que eles a consideram abstrata e sem aplicabilidade, levando-os a necessitarem de maiores auxílios para desenvolverem habilidades de Matemática, como a necessidade de aulas particulares; além disso, abordam que a família possui fator influente nesses processos de aprendizagens de alunos/as e também na forma como eles/as se relacionam com a escola e com a disciplina.

Os autores tiveram o objetivo de identificar as atitudes entre os familiares e alunos/as na formação matemática no ciclo do Ensino Básico. De abordagem qualitativa, foi utilizado um estudo de caso. Foi elaborado um instrumento contendo perguntas, para serem respondidas através da escala Likert, para estudantes e familiares inseridas em quatro categorias: apoio dos pais; atitude dos pais; formação matemática; e, concepções sobre a matemática. Por exemplo, sobre a Matemática, nas concepções dos familiares havia as seguintes perguntas:

Item 1. A matemática é fácil?; Item 2. Matemática não é para todos?; Item 3. A matemática é para loucos?; Item 4. A matemática é uma ferramenta que

facilita a compreensão da física e da química?; Item 5. A matemática é a linguagem fundamental que rege a ciência?; Item 6. Os conceitos matemáticos são aplicáveis na vida cotidiana?; Item 7. Você acha que a matemática é a disciplina principal da sua formação como pessoa?; Item 8. Você acha que o eixo fundamental das disciplinas é a matemática?; Item 9. A memória é o único método para estudar matemática?; Item 10. Você acha que a matemática vai te ajudar no seu dia a dia? (BARRAZA; PEÑALOZA; ARAÚJO, 2016, p. 104, tradução nossa).

A amostra foi composta por 24 alunos/as e seus familiares na cidade de Barranquilla, Colômbia. Como resultados gerais, Barraza, Peñaloza e Araújo (2016), relatam que obtiveram das produções dos familiares e alunos/as que a Matemática não é fácil; que é para poucas pessoas; que é coisa de loucos; que auxilia pouco em outros conteúdos como física e química, mas que é fundamental para as ciências; que tem poucas aplicabilidades para a sociedade; que não é fundamental para a formação como pessoa; que parcialmente só serve para decorar e que não tem serventia para as práticas diárias, com exceção das operações básicas.

Das análises sobre a parte de “formação matemática” os/as alunos/as consideravam que aprendiam Matemática por meios de resolução e repetição de exercícios. Foi perguntado se a aprendizagem depende do ensino do professor e se não se consideravam capazes de investigar algum problema sozinho, resultando que o desenvolvimento das habilidades de matemática depende da influência familiar, na forma financeira para contratar aulas particulares e do professor da escola.

Barraza, Peñaloza e Araújo (2016, p.110), concluem que a família é fator chave para o processo de formação matemática de seus filhos, no qual foi possível verificar como os alunos mudam sua forma de agir quando são motivados diante de seu processo de formação, obtendo boas notas. Relataram ainda, que alunos que possuem mal desempenho na disciplina de Matemática tem relação sobre como os familiares os incentivam, sabem as matérias ou como podem ajudar financeiramente. Barraza, Peñaloza e Araújo (2016, p.109), discutem que os resultados apresentados e das correlações obtidas, o desempenho da criança parece ter algo a ver com as atitudes dos pais em relação à matemática.

Já Vera, González e Hernández (2014), realizaram uma pesquisa com o objetivo de medir a relação entre variáveis socioeconômicas (por exemplo, as condições financeiras) e psicossociais (por exemplo, o suporte e as relações familiares) no desempenho acadêmico de crianças de escolas públicas rurais e urbanas em três regiões do noroeste do México, e verificar se essas condições se relacionam com o desempenho em Matemática:

Atualmente, a integração família e escola é uma questão importante e tem

sido reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura ([UNESCO], 2004), como estratégia para elevar a qualidade da educação por três motivos: Motivos: a) A relação encontrado nas avaliações realizadas na educação básica entre a articulação família-escola melhora a aprendizagem das crianças; b) A importância de uma educação precoce de qualidade por parte dos pais melhora o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças; c) A família aparece como espaço privilegiado para alcançar uma ampliação da cobertura da educação infantil (VERA; GONZÁLEZ; HERNÁNDEZ, 2014, p. 282, tradução nossa).

A pesquisa foi realizada com 534 crianças em uma cidade do México, sendo 263 matriculadas em escolas rurais e 271 matriculadas na área urbana de classe média. Foi aplicado um instrumento avaliando habilidades matemáticas básicas como: a) reconhecimento de algarismos (identificação do antecessor, sucessor de um número, quadrados, triângulos, círculos em vários objetos); b) adição-subtração (resolução de problemas que envolvem somar, subtrair, juntar e combinar); c) sistema métrico (conhecimento sobre a série numérica oral e simbólica); e, d) contagem. Utilizaram parâmetros *t-student* e anova com os registros gerados ao aplicar os questionários para esses estudantes.

Quanto aos resultados, a família e a disciplina de Matemática foram relacionadas quando tratam das variáveis de condições socioeconômicas com o desempenho e pontuação de Matemática dos estudantes. Dessa forma, a relação entre a quantidade de estudantes com baixo desempenho em Matemática e a quantidade de estudantes em vulnerabilidade socioeconômica foram semelhantes. Vera, González e Hernández (2014, p.290), afirmam ainda que o auxílio familiar e o contato da escola com os familiares é frequente nos primeiros anos iniciais, e a partir dos próximos ciclos o auxílio e o contato são reduzidos.

Nas discussões de indicadores psicossociais e desempenho escolar em Matemática, Vera, González e Hernández (2014), associaram que escolas matutinas possuem maiores desempenhos em Matemática do que crianças que estudam à tarde ou à noite. Todavia, a pesquisa de Vera, González e Hernández (2014) discute que assim como outras regiões do mundo, a variável de condições financeiras está relacionada ao desempenho que estudantes possuem na disciplina.

Já Terra, Zoghbi e Felício (2012, p. 581) possuem como foco da pesquisa a qualidade da educação visando responder duas questões: se há diferença de qualidade (ou produtividade ou desempenho esperado) entre escolas de rede pública e privada, e em seguida, “se as famílias levam em consideração esses diferenciais de produtividade para decidir onde matricular seus filhos”.

Uma das hipóteses tratadas na pesquisa é a de que o setor privado é mais

eficiente (mais produtivo). A outra é a de que as famílias têm expectativas racionais e, portanto, são capazes de identificar os diferenciais de desempenho esperado para os seus filhos em cada setor, e incorporam essa informação em seus processos de escolha da escola. Terra, Zoghbi e Felício (2012, p. 584) “estima as funções de produção para os dois setores pelo modelo de Heckman (1979) para amostras de Matemática e leitura do SAEB 2003”, realizando como método de análise uma série de regressões.

As principais variáveis construídas para este estudo se baseiam nos bancos de dados de alunos sobre o desempenho em matemática e leitura portuguesa, professores das classes e escolas do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2003. São utilizados também os Censos da Educação Básica (Censo Escolar) de 2003 e de 2005 e o Censo dos Profissionais do Magistério (Censo Magistério), só disponível em 2003. São utilizadas bases de dados diferentes: a renda *per capita*, a mensalidade e a razão entre o número de escolas privadas e o total de alunos com idade adequada (de 11 a 15 anos) para cursar de 5^a a 8^a séries.

Os resultados mostram que o setor privado é significativamente mais produtivo, sustentando uma das hipóteses do trabalho. Adicionalmente, no modelo de escolha do setor (Probit Estrutural), verifica-se que quanto maior o diferencial de produtividade intersetorial em favor do setor privado, maior é a probabilidade de as famílias escolherem uma escola privada para seus filhos, o que sustenta a hipótese segundo a qual, os pais são capazes de identificar tal diferencial e usarem essa informação para tomarem suas decisões. Além disso, usando dados do Censo do Magistério de 2003, do Censo da Educação Básica 2003 e do SAEB 2003, foi possível construir uma variável referente ao diferencial de cor e outra referente à diferença de nível socioeconômico entre as escolas dos setores privado e público que são escolhidas ou factíveis de serem escolhidas pela família.

Analisando as diferentes classes sociais, o resultado evidencia a desigualdade no Brasil. Somente os alunos mais ricos apresentam uma probabilidade maior do que 50% de frequentar o setor privado. As classes sociais de menores condições têm menos de 15% de probabilidade de frequentar escolas privadas (tanto na amostra de matemática quanto na de leitura).

Terra, Zoghbi e Felício (2012, p. 599) consideram que “Vouchers, créditos tributários, isenções fiscais às empresas, constituição de fundos formados com recursos públicos ou doações [...] e desenvolvimento do mercado de crédito” são alguns exemplos que possa aumentar os níveis das escolas nos setores

educacionais, considerando ainda que pode ajudar na economia do país. Além disso, não há evidências empíricas conclusivas a respeito da capacidade destes tipos de apoio financeiro em aumentar a eficiência produtiva das escolas. A discussão sobre a efetividade dessas políticas para aumentar o desempenho dos alunos não são o foco desse estudo, mas constituem um tema desafiador para a agenda de pesquisas da área de economia da educação.

Pierre, Philip e Matthieu (2008) abordam que pesquisas voltadas para a relação da família, escola, estudantes e Matemática ainda não possuem variáveis que possam determinar o desempenho dos/as alunos. O objetivo deste artigo foi tentar desvendar a importância relativa do funcionamento familiar e contribuições da escola sobre o desempenho cognitivo de uma criança, medido por sua pontuação em uma prova de Matemática.

Portanto, realizamos dois conjuntos de regressões: um com uma variável dummy na especificação quando falta informação sobre uma característica escolar usada para construir o índice escolar, e outro com valores imputados construídos seguindo um método de imputação múltipla. Uma das principais conclusões de Todd e Wolpin (2007) é a importância de incluir valores passados e atuais de insumos escolares e familiares em uma regressão das pontuações de desempenho em insumos (PIERRE; PHILIP; MATTHIEU, 2008, p. 3, tradução nossa).

A pesquisa utilizou indicadores estaduais de qualidade de escolas nos EUA, estimaram a qualidade das escolas através do modelo da Pesquisa Longitudinal Nacional do Estatísticas Canada de Crianças e Jovens (NLSCY), que fornece informações de nível micro sobre a escola, família e história escolar da criança. Essas informações continham o perfil socioeconômico da família e escolaridade dos estudantes e familiares. Estudantes do ensino infantil e fundamental, equivalentes ao Brasil, foram submetidos a dois testes consecutivos de Matemática. Os dados foram analisados por métodos estatísticos do modelo da NLSCY. Deste modo, conseguiram traçar o público que estavam interessados em pesquisar.

Quanto às variáveis do funcionamento familiar e insumos escolares Pierre, *et al.*, (2008, p. 11, tradução nossa) dizem que o:

Funcionamento familiar e insumos escolares, ao longo da análise, as características da família e da escola são incorporadas como regressores. Os conjuntos de dados do NLSCY não possuem itens que permitam a construção de “escalas domésticas” nem da “habilidade” da mãe como no NLCY79-CS nos Estados Unidos. A variável de entrada da família utilizada nas análises é a escala de funcionamento familiar fornecida pelo Statistics Canada. Essa escala é derivada da soma das respostas a perguntas como: “Na nossa família, nos sentimos aceitos como somos” ou “Nossa família tem algumas dificuldades em tomar decisões”.

A pesquisa abrange uma ampla variedade de tópicos, incluindo cuidados

infantis, informações sobre o desenvolvimento físico e intelectual de crianças, seu comportamento, bem como dados sobre seu ambiente social (família, amigos, escolas e comunidades, renda familiar). As crianças que responderam (22.831, no total), compuseram a primeira amostra longitudinal. Depois, em 1996-1997, para reduzir a carga de resposta sobre as famílias com vários filhos elegíveis, o número de filhos selecionados foi limitado a dois por família. Portanto, algumas crianças foram retiradas da amostra (16.903 crianças permaneceram na amostra longitudinal no 2º ciclo do inquérito). Pierre, Philip e Matthieu (2008, p. 17, tradução nossa) relatam que o ambiente da escola na pontuação em matemática do/a aluno/a:

[...] faz diferença para o desenvolvimento de uma criança. O mesmo é verdade para o funcionamento familiar, mas isso é menos surpreendente, pois as contribuições da família foram mostradas em vários artigos como de extrema importância.

Pierre, Philip e Matthieu (2008) concluem que há maiores necessidades de pesquisar sobre políticas educacionais locais que são trabalhadas nas escolas que aprimorem os testes da relação família e escola. A disponibilidade de dados é crucial para uma compreensão abrangente do papel que as escolas e as famílias podem desempenhar para o sucesso em Matemática dos alunos, um poderoso preditor de sucesso futuro na vida.

3.3.1 Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram questionários/formulários para abordar a temática família, matemática e estudante.

Pelas pesquisas apresentadas na subseção 3.3, de Antiqueira, Pereira e Machado (2018), feitas com graduandos em matemática, nas quais investigou-se sobre o desejo de ser professor de Matemática. Além deste desejo, a participação da família foi fator influente nas tomadas de decisões em escolhas profissionais e pessoais desses graduandos. Esta pesquisa se difere das demais porque foi voltada para o ensino superior, mas conclui algo importante que segue a mesma direção de Comelli e Menrique (2019) sobre as produções de significados de Ubiratan D'Ambrósio para a família: de que ela exerce influências nas tomadas de decisão independentemente da idade.

Dentre as pesquisas que tiveram como foco a Educação Básica, diferentes temáticas foram estudadas como: a autoeficácia, ansiedade matemática e o apoio familiar (MARIATUN; MUNIR; METIA, 2020); dificuldades na disciplina de Matemática

e o desinteresse por ela (LIMA; POERSCH; EMMEL, 2020); configurações familiares, seu funcionamento e as habilidades de raciocínio de Matemática no apoio familiar (LIN, 2019); o impacto das práticas e recursos familiares no desempenho escolar de estudantes (MATOS, et al., 2017); percepções dos/as alunos/as quanto a educação financeira de um minicurso (SILVA; ESCORISA, 2017); perspectivas das famílias sobre a formação matemática dos/as alunos/as (BARRAZA; PEÑALOZA; ARAÚJO, 2016); variáveis de condições financeiras, suporte familiar e relações familiares no sucesso em matemática das atividades escolares (VERA; GONZÁLEZ; HERNÁNDEZ, 2014); diferencial de produtividade entre os setores privado e público levado em conta pelas famílias dos alunos para escolher a escola dos filhos (TERRA, ZOGHBI; FELÍCIO, 2012); a importância relativa do funcionamento familiar e contribuições da escola sobre o desempenho cognitivo de uma criança, medido por sua pontuação percentual em uma prova de Matemática (PIERRE; PHILIP; MATTHIEU, 2008). Nessas pesquisas, alunos, familiares e professores se tornaram os sujeitos que responderam os questionários sobre diferentes temáticas, de modo mais específico sobre a relação família, alunos e a matemática.

Barraza, Peñaloza e Araújo (2016) destacam que o incentivo familiar, no qual os resultados na vida adulta, do/as alunos/as, são melhores quando, além da escola, os familiares exercem a função de apoio na organização financeira e estimulam e investem no aprofundamento em estudos de gestões pessoais. O que segue a mesma direção das considerações de Lin (2019), destacando que o funcionamento familiar se relaciona às questões de organização e controle moderado das atividades escolares, desenvolvimento de habilidades e interesse pelos/as alunos. Lin (2019) ainda vai além, ressaltando que a forma como a família funciona em seus níveis de organização e controle das atividades escolares de seus/as filhos/as determina o nível de habilidade em Matemática dos/as alunos, e que esses aprendem melhor em ambientes com altos níveis de estabelecimento de limites de comportamentos na escola, e incentivo dos familiares para estudar, mas que é prejudicial quando se torna excessivo. Essas considerações de Lin (2019) podem ser relacionadas também às de Barraza, Peñaloza e Araújo (2016), pois, relatam que o fato de que os/as alunos/as possuem mal comportamento em sala de aula está relacionado com o baixo incentivo dos familiares nas práticas escolares.

Já Pierre, Philip e Matthieu (2008) apresentam uma direção de resultados diferentes sobre o desempenho escolar dos/as alunos/as em Matemática quando analisados seus sujeitos da pesquisa. Eles consideram que esse desempenho não

está diretamente ligado com a qualidade do funcionamento familiar, como tratado em Lin (2019) e Barraza, Peñaloza e Araújo (2016), mas que existe outros fatores como a vontade de aprender do aluno/a, a escola e o/a professor/a que podem também estar diretamente ligado com os desempenhos acadêmicos desses/as alunos/as. Todavia, os autores ressaltam que este resultado é menos surpreendente, pois as contribuições da família foram mostradas em vários artigos como sendo de extrema importância, assim como em nossa revisão que já vem mostrando suas importâncias no desenvolvimento do/a aluno/a.

Matos *et al.* (2017) segue uma direção de interlocução que se destacou das demais ao nosso ver, eles consideram que o nível socioeconômico dos familiares se relaciona com a aprendizagem dos/as alunos, e que familiares com melhores condições optam por aulas de reforços com professores particulares e as matriculem na rede de ensino privado. Estes autores nos oportunizaram a olhar para os sujeitos no sentido de compreender também qual o nível social dos familiares e buscar em suas falas como se relacionam com a aprendizagem dos/as alunos/as.

A pesquisa de Matos *et al.* (2017) segue mesma direção que a de Terra, Zoghbi e Felício (2012), ao concluírem que os níveis socioeconômicos e sociais dos familiares é um resultado crítico para relação da aprendizagem dos/as alunos/as, pois os setores privados de educação para os sujeitos são mais eficientes que os setores públicos. Terra, Zoghbi e Felício (2012) ainda vão além, destacando que essa capacidade de escolher o setor privado de ensino está relacionada com a cor e o nível social dos sujeitos.

Ainda na direção das relações entre os níveis socioeconômicos e a aprendizagem em Matemática dos/as alunos/as, Vera, González e Hernández (2014) consideram que as quantidades de alunos/as com baixo desempenho em Matemática e daqueles/as em vulnerabilidade socioeconômica foram semelhantes. Contudo indicam que outras variáveis relacionadas ao desempenho acadêmico, como os castigos físicos e psicológicos que alunos/as recebem durante a tentativa do auxílio nas atividades escolares, e que o apoio familiar frequente apenas nos primeiros anos de escolarização. Mariatun, Munir e Metia (2020) seguem na mesma direção de interlocução de Vera, González e Hernández (2014), pois concluem que a autoeficácia, as sensações que alunos/as possuem ao resolver as atividades de matemática, tem relação com as maneiras como os familiares ajudam seus filhos/as a aprenderem matemática. Já Lima, Poersch e Emmel (2020) relacionam que o desinteresse na disciplina de Matemática pelos/as alunos/as se relaciona com o

gostar do professor da disciplina, o interesse pela família em auxiliar nas atividades e o próprio gosto pela disciplina por parte dos/as alunos/as.

Os artigos inseridos nesta categoria foram importantes na aprendizagem da diferenciação entre estrutura familiar (ou como a família é ou como a família é composta) e o funcionamento familiar (ou o que a família faz), e na postura de se levar em consideração ao convidar os alunos para participar das entrevistas, a possibilidade deles escolherem um membro de sua estrutura familiar para serem entrevistados, tendo em vista o que considera importante em sua trajetória escolar. Além disso, ao perguntar o que os alunos consideram como família, procuramos sair de uma tipografia e tentar olhar de forma local, buscando perguntar suas configurações familiares, como foram suas aprendizagens na infância e as formas que produzem sobre o incentivo familiar na aprendizagem.

3.4 PESQUISAS QUE UTILIZARAM ENTREVISTAS PARA ABORDAR A TEMÁTICA FAMÍLIA, MATEMÁTICA E ESTUDANTE

Nesta categoria, inserimos os seguintes trabalhos: Ciríaco (2021), Galvão e Zibetti (2020), Junges (2013; 2017), Junges e Knijnik (2014), Angelo (2012), Palomar, Menéndez, Civil (2011) e Tuchapesk (2004). Elas se relacionaram diretamente com o interesse de realizar leituras de falas, através de entrevistas, com familiares e alunos/as, sobre a relação das práticas escolares e com a disciplina de Matemática.

A pesquisa de Ciríaco (2021) foi construída com base em entrevistas virtuais realizadas por pesquisadoras de iniciação científica e de mestrado com mães de alunos/as, sob sua orientação. Ciríaco (2021) visou compreender as estratégias mobilizadas pelas famílias do município de São Carlos (SP) para o auxílio em atividades matemáticas durante o isolamento social, decorrente da pandemia. Ciríaco (2021, p.4) relata que:

a “Matemática” das famílias pode e exerce, acertadamente, algum tipo de influência no sentido de número de seus filhos e precisa ser desvelada na tentativa de superação do estigma do “fracasso escolar”, que insiste em dissociar “Matemática cotidiana” da “Matemática escolar” e, portanto, explicita uma relação de poder da dita “Matemática acadêmica” (a escolar).

Foram entrevistadas três mulheres, entre 30 e 37 anos, que possuem o 2º Grau do Ensino Médio completo. As mães foram identificadas como M1 e M2, com dois filhos, e M3, com um. Elas possuem renda de até três salários e se consideram como as principais responsáveis pelo auxílio nas práticas escolares de seus/as filhos/as.

Com o auxílio das professoras da escola, especificamente das que lecionam no 2º ano do Ensino Fundamental (foco da investigação), ocorreu o contato inicial com as famílias, por meio de convites realizados nos grupos de *WhatsApp* que a escola utilizou durante a pandemia para resolver dúvidas dos pais, mães e responsáveis pelas crianças.

As produções de significados sobre o acompanhamento *online* das aulas e a compreensão das atividades de Matemática encaminhadas para casa foram lidas por Ciríaco do seguinte modo: que as atividades escolares se transformaram em livros para os/as alunos/as resolverem em casa, mas que os familiares não conseguiam ajudar por não compreender os conteúdos dos livros; que havia um grupo *online* onde a escola compartilhava links dos vídeos com os conteúdos para assistir no Youtube, mas que tinha familiares que não conseguiam deixar o celular com o/a filho/a por ter só aquele, e estarem em horário de trabalho.

Quanto às estratégias de ensino adotadas pelas mães, Ciríaco (2021) relata que elas apresentam jogos nos celulares que estimulam o desenvolvimento na disciplina, ajudam a contar com os dedos e “pauzinhos” nas operações de matemática, além de tentarem passar como fazem as contas de cabeça.

Ciríaco (2021) relata que no caso específico da Educação Matemática, no contexto do trabalho com as famílias, compreender como mulheres-mães ensinam seus filhos em casa e os recursos utilizados para isso, significa levantar indicadores das possibilidades de se partir da realidade das crianças, mesmo que à distância, para fazer uso das informações compartilhadas, respeitosamente, na perspectiva de caracterizar o contexto cultural em que a Matemática se faz presente, o que pode ser um caminho para articulação entre a “Matemática do cotidiano” e a “Matemática escolar”, como saberes complementares.

A partir dos dados, Ciríaco (2021) apresenta categorias que chamaram de latentes nas entrevistas com as mulheres-mães e que podem constituírem-se temas de investigações futuras como: Conhecimento dos contextos culturais da aprendizagem das crianças; do fazer Matemática neste ambiente, o que implica reconhecer a existência de outras formas de representação do saber; e Valorização do trabalho da escola, conseqüentemente, da figura do professor pelas famílias e sociedade. As dificuldades que puderam ser associadas das falas das mães sobre o ensino de Matemática para os/as alunos/as são as limitações ao usar tecnologias digitais para as aulas e o uso do livro didático para acompanhar as atividades.

Para Galvão e Zibetti (2020), a família e a escola se relacionam ao preparar

um aluno para as suas práticas sociais e profissionais na vida adulta e que, na atualidade, as configurações familiares vão além de pai, mãe e filhos, se constituindo por membros que participam no processo de criação da criança. Elas desenvolveram uma investigação voltada a compreender como as famílias lidam com a escolarização dos filhos e filhas, que frequentavam os sexto e sétimo anos do ensino fundamental em cinco diferentes escolas privadas em Porto Velho – RO, em contextos de poder aquisitivo médio e alto.

As autoras apresentam o Censo Escolar da Educação Básica (BRASIL, 2017), mostrando que o nível de matrícula na rede privada aumentou em todos os níveis de ensino, justificando que as famílias consideram que o ensino particular é melhor que o público e que as famílias de baixa renda, no início do século XXI, passaram a compreender a educação escolar como fundamental no sucesso pessoal de seus/as filhos/as.

A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, com o interesse de ouvir os familiares envolvidos no acompanhamento dos/as jovens estudantes. Entretanto, ao contatar as famílias, foram as mães que se dispuseram a falar acerca do assunto, identificando-se como únicas responsáveis por essa tarefa, ao todo, foram entrevistadas dez mães. Na apresentação dos dados, focaram nas ações das mães e as apresentaram em três categorias sobre a relação família e escola, sendo elas: ações em casa (ações com o auxílio dos pais e ações nas semanas de provas); ações junto à escola e, por fim, as ações de terceirização. Dentre as falas sobre as ações em casa, Galvão e Zibetti (2020, p. 11) trouxeram direções de falas como: cobrança se tem atividades; e a tentativa de ajudar nas atividades quando os/as alunos/as pedem.

Quanto às ações junto à escola, as mães relataram trazer os resultados da pesquisa das mães sendo: ligações para a escola, ida em reuniões e acompanhamento das notas. Quanto às ações de terceirização, as entrevistadas falam sobre a necessidade de se contratar aulas de reforço para seus/as filhos/as, por não conseguirem acompanhar a rigidez das escolas, e que as escolas não oferecem esse tipo de serviço. Para Galvão e Zibetti (2020), as famílias estabelecem uma relação de cobrança com a escola, pois pagam por um serviço e esperam ter retorno satisfatório, são famílias que investem alto na escolarização dos/as filhos/as e esperam que com isso, a escola proporcione ensino de qualidade, e que vá suprir as demandas impostas pela sociedade.

As autoras consideram ser necessário superar a relação comercial entre

famílias e instituições escolares, podendo ser um caminho para que os projetos pedagógicos sejam discutidos democraticamente, construindo-se processos educativos que considerem, tanto as condições dos/as aprendizes, quanto de suas famílias. O estudo se limitou a escutar apenas as mães, mas as autoras compreendem a necessidade de dar voz aos estudantes.

Três artigos apresentaram a mesma autoria, que foi o caso de Junges (2017, 2013) e Junges e Kinijinik (2014). Em Junges (2013; 2017) são apresentados os resultados de uma investigação sobre a relação família e escola no âmbito da Educação Matemática. A escola em investigação é de Morro dos Bois, e possuía, na ocasião, uma singularidade se comparada às outras escolas da rede municipal de Novo Hamburgo, estado do Rio Grande do Sul: era a única em que todos os treze alunos, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, estudavam na mesma classe multisseriada. Foram realizadas entrevistas, em duas etapas, com as famílias. Na primeira, foram entrevistadas sete, das doze famílias vinculadas à classe multisseriada para compreender como elas descreviam as suas relações com a escola. Na segunda, foram selecionadas duas delas para aprofundamento das questões relacionadas aos deveres de casa de Matemática, tendo em vista que o dever de casa “foi se configurando como elemento fundamental para o estudo da relação família-escola” (JUNGES, 2017, p. 61). Além disso, foi entrevistada a professora da classe.

Em Junges (2013), há a descrição da prática da professora relacionada ao dever de casa. Para os estudantes mais velhos, a professora dava continhas de matemática ou três histórias de matemática; e para os menores, uma folhinha com atividades sobre os números e contagem.

Quanto a participação da família, que também foram apenas mães entrevistadas, Junges (2013) trouxe as seguintes direções de falas sendo: as mães procuravam reproduzir os mesmos jogos de linguagens que a escola passava; as mães conseguiam ajudar em conteúdos de operações básicas de cabeça, mas que alguns conteúdos não lembram por não ter estudado na escola ou ter esquecido, o que buscam a reproduzir apenas o que está no livro.

Uma das mães entrevistadas, apresenta que sua maneira de colaborar para o desenvolvimento da filha é deixá-la como ajudante na feira em que ela trabalha. Lá, realiza “contas de cabeça” ao receber pagamentos dos produtos vendidos, ajudando no troco em suas vendas. O modo como esta mãe produz significados para a Matemática em suas práticas diárias é ensinado para a filha, que realiza operações

de soma, subtração, multiplicação e divisão, a partir dos modos que a mãe opera, e a forma como a estudante construiu o próprio conhecimento matemático. Além disso, Junges (2013, p.459) aponta que:

As falas de Ana e de Maria reforçam a análise realizada a partir das entrevistas com as outras mães, ou seja, a ideia de que as mães participantes da pesquisa percebiam os jogos de linguagem matemáticos praticados na forma de vida escolar (marcados pela escrita e pelo formalismo do uso de algoritmos) como os corretos e, que, por assim serem compreendidos, elas procuravam reproduzir em casa os mesmos jogos de linguagem praticados pela professora ao ajudarem seus filhos com os deveres de casa de matemática.

Junges (2013) tensionou as falas dos depoentes, e apontou que o auxílio ao dever de casa era considerado pelas famílias, assim como para a professora, como uma das principais vias para sua participação em questões educacionais. No entanto, há diferenças entre os modos de proceder na escola e nas atividades dos familiares: quando as filhas as ajudavam no ambiente de trabalho, era aceito pelas mães que as filhas utilizassem estratégias matemáticas que se diferenciavam das daquela matemática praticada na forma de vida escolar. Junges (2013) considera que o objetivo de aprender como as mães se relacionam na vida escolar de seus filhos, mostrou uma direção de refletir sobre o papel e as opções curriculares da escola enquanto formadora de sujeitos que irão viver em sociedade e fazer o uso de cálculos de cabeça em situação do cotidiano, “talvez as políticas públicas que estimulam a participação da família nas questões escolares sejam um meio de fomento de possíveis discussões de uma matemática escolar que se vincule com aquela praticada na forma de vida não escolar” (JUNGES, 2013, p.459).

Em Junges (2017), seu objetivo foi analisar como são descritas pelas famílias suas relações com a escola e com as aprendizagens de seus filhos no contexto da Educação Matemática. Junges (2017, p.57) menciona que:

Estudos brasileiros realizados com foco na temática relação família-escola têm apontado certas direções na discussão dessa relação. Uma delas é a de que os alunos cujos familiares mais próximos demonstram interesse pelas atividades educativas desenvolvidas nas escolas, seja auxiliando na organização dos materiais escolares, seja apoiando na realização de deveres de casa, tendem a obter melhores resultados em suas aprendizagens.

Junges (2017, p. 56) relata que as variações das relações entre escola e família se alteraram de acordo com as transições do governo brasileiro. Contudo,

nenhuma dessas discussões faz sentido sem que se percebam as mudanças na passagem da chamada aliança família-escola para a parceria família-escola. No contexto da racionalidade moderna, houve algumas condições que possibilitaram o surgimento ou a fabricação de uma aliança entre família e escola, tal como defendido por Comenius (KLAUS, 2004). Em seus

ensinamentos pedagógicos, Comenius propôs uma articulação entre família e escola, sob forma de uma aliança, para que se atingisse o objetivo de universalização do acesso à educação formal para todas as camadas da sociedade. A aliança entre diferentes instituições, neste caso família e escola, dá a “ideia de pacto, união, acordo, relação entre indivíduos sociais” (KLAUS, 2004, p. 100), envolvendo a educação familiar e a educação escolar de forma articulada. Ou seja, a aliança sugere uma comunhão de esforços entre família e escola a fim de se atingir um interesse comum, em que ambas as partes conhecem e aceitam tal objetivo, criando nos participantes uma relação de compromisso. Dois são os efeitos produzidos pela parceria entre escola e família. O primeiro é um borramento de fronteiras pelo qual a família é convidada pela escola a frequentar seu espaço, a participar de atividades e a tomar decisões. Outro fator observado é o alargamento de funções. “Se, por um lado, ensinar parece ser cada vez mais uma atribuição da família e cada vez menos uma responsabilidade da escola, por outro, educar parece ser cada vez mais uma atribuição da escola e cada vez menos uma responsabilidade da família” (DAL’IGNA, 2011, p. 116).

A problematização da relação família-escola e Educação Matemática se deu no contexto específico da prática do dever de casa. A realização do dever de casa, além de mobilizar o aluno, também usualmente movimenta os integrantes das famílias, que se sentem impelidos a ajudar as crianças e os jovens. O dever de casa pode ser compreendido como uma das formas de relação da família com a escola e com as aprendizagens de Matemática. Junges (2017, p. 62) relata que os familiares “procuravam ajudar seus filhos nos deveres de casa de Matemática assim como a professora havia ensinado na escola, ou seja, as mães procuravam reproduzir, em casa, os mesmos jogos de linguagem”. Quanto aos ensinamentos de Matemática das famílias, estão o auxílio no dever de casa, uso de raciocínio para fazer contas de cabeça e colaboração nas atividades de trabalhos das mães mexendo com troco de dinheiro. No entanto, havia dificuldades das mães em ensinar Matemática aos filhos a medida em que iam avançando na etapa de escolaridade. Assim como em Junges (2013, 2017), em Junges e Knijnik (2014) a prática do dever de casa foi problematizada e elas tiveram como objetivo problematizar os tensionamentos produzidos na relação família-escola mediante a prática do “dever de casa” de Matemática, aprofundando as análises realizadas por Junges (2013).

Junges e Knijnik (2014, p. 663), que tiveram como objetivo problematizar os tensionamentos realizados por Junges (2013), apresentam políticas públicas educacionais (LDBEN, ECA, PNE⁷), dizendo que elas “evidenciam o propósito do

⁷ LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 11 jan. 2022.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 11 jan. 2022.

PNE – Plano Nacional de Educação. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/>. Acesso em 11 jan. 2022.

Estado de que a educação seja assumida como responsabilidade de todos, estimulando a participação das famílias nos processos de aprendizagem escolar”. A revisão de literatura indicou que, apesar de o dever de casa ter sido referenciado como estratégia de participação das famílias na escola, e estudos sobre o tema terem sido desenvolvidos em anos recentes, as publicações brasileiras (como as acima mencionadas), não tratam especificamente dos deveres de casa na área da Matemática. É somente em âmbito internacional que se encontram pesquisas que examinam essa especificidade, tendo como principal referência os estudos de Guida de Abreu e de seu Grupo de Pesquisa da Universidade de Oxford Brookes (tais como as de Abreu e Cline (2005) e por McMullen e Abreu (2009).

O referencial teórico utilizado pelas autoras é denominado Perspectiva Etnomatemática, baseada nos escritos de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein (a partir de sua obra *Investigações Filosóficas*). Esta perspectiva é concebida

[...] como uma caixa de ferramentas que “permite analisar os jogos de linguagem matemáticos de diferentes formas de vida e suas semelhanças de família, bem como os discursos eurocêntricos da matemática acadêmica e escolar e seus efeitos de verdade” (KNIJNIK, 2012, p. 90). (KNIJNIK; JUNGES, 2014, p. 666).

Orientadas por esses referenciais teóricos, suas análises das entrevistas não abrem espaço para supor e buscar significados ocultos, se tratou de uma análise de superfície do que é dito e não do que poderia complementar ou dizer de outra forma.

Retomando as análises de Junges (2013), Junges e Knijnik (2014), os autores apontaram que a professora entrevistada considerava o dever de casa como uma estratégia pedagógica para a aprendizagem de Matemática e como uma forma dos alunos estudarem em casa. As mães e a professora consideravam o dever de casa como uma forma de vigilância, ou seja, dos pais saberem o que os filhos estão estudando na escola e, também, como uma forma de compartilhar a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos. Quanto às estratégias de ensinar matemática em salas multisseriadas, elas apontaram: atividades sobre o número de contagem para uns, e umas “continhas” para outros, e que através dessas atividades os/as alunos/as poderiam estudar em casa.

Os tensionamentos do dever de casa pela escola mostraram que a professora foi bastante contundente quanto ao papel que deveriam ocupar, como a identificação de que familiares resolvem os exercícios no caderno para os/as filhos/as,

prejudicando-os, uma vez que impede que eles/as façam as questões com suas maneiras de montar as operações para compreender o passo a passo. No entanto, as famílias relatam dificuldade em ajudar, justificado pelo tempo de escolaridade e pelo medo de ensinar errado, tendo em vista a diferença entre a matemática escolar e a matemática (não-escolar), praticada pelos familiares no dia a dia. Como desfecho do trabalho, as autoras não buscam por generalizações em relação ao objeto de estudo, mas explicitam a relevância de pesquisar aspectos micro que compõem uma determinada forma de vida escolar. Junges e Knijnik (2014) apresentam os resultados e considerações do estudo, mostrando que o “dever de casa” (de Matemática): a) mobiliza os alunos e suas mães que, assujeitadas pelos discursos que circulam na sociedade, sentem-se impelidas a prestar-lhes ajuda; essa ajuda, opera de modo estratégico no controle, por parte da família, daquilo que é realizado na escola; e b) a prática do “dever de casa” de Matemática está marcada por tensionamentos produzidos pelo uso (da escola e dos familiares), de jogos de linguagem diferentes (apesar de suas semelhanças de família).

Os trabalhos de Junges (2013, 2017) e Junges e Knijnik (2014), já apresentaram a necessidade de entrevistas locais sobre as práticas escolares e a disciplina de Matemática focando no dever de casa, uma vez que sua revisão de literatura apontou que a participação da família na prática do dever de casa é um fator influente no sucesso escolar dos estudantes, e que pesquisas nacionais sobre o dever de casa não acontecem. Além disso, mostraram que existem poucas investigações sobre o currículo escolar que atentem para as dimensões culturais, sociais e políticas a ele pertinentes e que dão um olhar voltado às atividades de Matemática.

A tese de doutorado de Angelo (2012) traz o interesse do grupo de pesquisa que participa, Sigma-t, que é o de desenvolver estudos relacionados com a formação inicial e continuada de professores de Matemática. Ela traz trechos de trabalhos em que apresentam a crescente indisciplina de alunos/as nas aulas, e o desgaste de professores em tentar manter os/as alunos/as prestando atenção na disciplina de Matemática. Angelo aponta uma fala do educador matemático Baldino, em 2008, no contexto das discussões do evento, de que existe a necessidade de negociar a convivência com alunos/as que ficam realizando outras atividades em sala, tais como jogar baralho, e organizar algum tipo de atividade conjunta com os demais alunos, seja em vídeo game, dança ou outros tipos dessas atividades conjuntas, para que aí sim, seja possível propor alguma coisa de Matemática.

A pesquisa teve como objetivo fazer uma leitura das falas de alunos do Ensino Fundamental II de duas escolas mantidas pelo município de Bagé-RS sobre a escola, a Matemática e a aula de matemática. Ela foi fundamentada em algumas noções do Modelo dos Campos Semânticos (MCS). Em seguida, é realizado um ensaio da história de *Peter Pan*, utilizando o MCS, para mostrar o modo do processo de produção de significados e de constituição de objetos e, principalmente, enfatizar dois mundos regidos por lógicas diferentes: o Mundo dos Adultos e a Terra do Nunca.

O estudo partiu das considerações da pesquisa feita por Francisco (2009), que analisou as falas de uma professora de Matemática, às quais se direcionavam para a evasão dos estudantes, indisciplina, falta de interesse e baixo rendimento na disciplina. Para atender seus objetivos de pesquisa, Angelo (2012) realizou entrevistas semiestruturadas com 33 alunos. Inicialmente, foi aplicado um questionário identificador para obter dados pessoais e de familiares como escolaridade, profissão e composição familiar. Posteriormente, a entrevista inicial se deu, perguntando aos alunos/as sobre como enxergam a escola e as aulas de Matemática e, como produzem significados para ela, supondo que a pesquisadora fosse uma pessoa que não possuísse nenhum conhecimento sobre a escola ou da disciplina de Matemática e que, para poderem responder às questões, os/as alunos/as considerassem que quem os ouviria, seria um extraterrestre.

Os/as alunos/as foram instigados a falar como se fosse um filme para mostrar o que consideram por Matemática escolar. As perguntas sobre a disciplina buscaram fazer com que os/as alunos/as falassem sobre a escola, o que é Matemática, seus temperamentos em relação à disciplina, como representaria a disciplina, qual cor daria para ela, se possuem boas lembranças de alguma aula e suas relações com a escola e os docentes.

Foi realizado um ensaio sobre *Peter Pan*, relacionado à matemática que alunos/as utilizam na escola e a matemática que o adulto usa na rua. Esse ensaio retrata a visão de dois mundos diferentes: Acadêmica e a da Rua. A Acadêmica, por associarem a disciplina e a escola em situações exclusivas da escola, e a da Rua, por associarem à situações que acontecem na vida, que vão além da escola. Das falas dos/as alunos/as sobre a escola, para Angelo (2012, p.145), os significados que eles produziram para a escola e para a aula de Matemática foram na direção daqueles que circulam nas famílias, nas escolas, na sociedade e que já estão constituídos culturalmente, tais como: um lugar onde se aprende coisas novas; onde se recebe educação, além de casa; lugar para ter aulas; e, lugar para se desenvolver mais.

Angelo (2012, p.56) relata que as falas parecem estar na direção de ver a escola como um “lugar onde a gente aprende coisas que vamos precisar no futuro, para conseguirmos um emprego bom, termos uma vida melhor, sermos alguém na vida”. Ao perguntar para os/as alunos/as como seria a vida se não existisse escola, os/as alunos/as associaram a escola a um lugar que oportuniza ter um emprego fixo. Angelo (2012) afirma que quando eles foram solicitados a produzir significados para escola, inicialmente, eles falaram na direção do Mundo dos Adultos, de acordo com a lógica do Mundo dos Adultos, constituindo a escola como um local onde eles recebem educação, têm acesso a diversos conhecimentos, convivem com pessoas diferentes e que possibilita que no futuro eles tenham uma vida melhor. Portanto, quando tentaram explicar o que é escola para alguém que não sabe nada sobre a escola, eles a constituíram de outro modo. Mas, quando eles se colocaram dentro da escola, falando do que eles mais gostavam, de como era um dia na escola, o convívio com os amigos, as brincadeiras e a diversão parecem ocupar um lugar muito mais relevante, para a maioria dos alunos, do que a aprendizagem dos conteúdos escolares.

Em seguida, a entrevistadora solicitou aos alunos/as para relatarem sobre como eram suas aulas de Matemática, do começo ao fim, ou uma aula específica da qual se lembrassem e quisessem relatar. As direções de falas dos/as alunos/as, foram de que a professora passa a matéria, explica, dá exercícios, os alunos tiram dúvidas e, ela os corrige; que muitos alunos/as desviam a atenção; que a Matemática é difícil, e que, em alguns, despertam outros sentimentos negativos.

Sobre as cores escolhidas para associarem à matéria de Matemática, o autor solicitou aos alunos/as que a pensassem como um sentimento. O resultado foi diversificado: o vermelho foi associado a intenso e, em particular, o laranja, como estranho. Sobre a aula de Matemática desejada pelos/as alunos/as, Angelo (2012) relata que muitos gostariam que as aulas de Matemática fossem mais divertidas, que houvesse mais interação entre o professor e os alunos, e que o professor propusesse atividades diferentes, como jogos e brincadeiras,

No entanto, os alunos parecem não ter clareza de quais conteúdos, nem por que eles são importantes. As falas da maioria ficaram mais em torno de problemas simples de contagem e de consumo, que podem ser resolvidos com os conteúdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental (ANGELO, 2012, p. 147).

Para Angelo (2012, p.149), no “nosso entendimento, não existe possibilidade de interação, de se compartilhar um espaço comunicativo na sala de aula, se o

professor não souber onde o aluno está”. O Mundo dos Adultos interage com a Terra do Nunca na medida em que os professores conhecem os estudantes, sabem sobre a vida, seus medos, projetos e habilidades, então,

Na nossa leitura isso acontece porque enquanto o professor está no mundo dele, tentando passar aos alunos aquele conjunto de conhecimentos historicamente construído, os alunos estão em outro lugar. Eles podem até ficar em silêncio, fazer os exercícios, participar das atividades propostas em aula, mas o mundo deles é outro. E por ser outro, muito pouco daquela Matemática cabe no mundo dos alunos. E a sala de aula de Matemática acaba se parecendo com aquele episódio do chá de faz de conta conduzido por Wendy. (ANGELO, 2012, p.145).

Suas considerações reforçam a importância de dar voz aos estudantes, e mostram a necessidade dos cursos de licenciatura em mostrar como são os ambientes escolares nas diversas modalidades de ensino, para se ter noção de qual mundo os estudantes estão inseridos. Apresentar para os estudantes como é o retrato das escolas da região e do país, como funcionam os regimentos da escola e os grupos sociais que a elas pertencem. A família não foi entrevistada na pesquisa sobre a relação do auxílio nas atividades escolares, mas a tese se relacionou em seu referencial teórico e por buscar falas de alunos/as sobre a escola, aluno e matemática.

Palomar, Menéndez, Civil (2011), tiveram como objetivo o que chamaram de elucidar as maneiras pelas quais os alunos adultos trazem suas próprias experiências para a escola, no processo de aprender matemática. Seus estudos teóricos já mostraram que adultos precisam de mais contextualização com as práticas diárias para aprender matemática do que jovens e crianças. A revisão mostrou que a aprendizagem de conteúdos de Matemática são mais abstratas e mais difíceis para adultos que para crianças.

O estudo foi realizado nos EUA de 2005 a 2007, e ouviu pais de alunos adultos para analisar as diferentes maneiras de ensinar e aprender matemática. Os pais escolhidos para as entrevistas foram de origem mexicana, com escolaridade equivalente ao nível regular de 11 e 12 anos nos EUA.

Organizamos nossa discussão em três tópicos que emergiram de nossa análise de dados: contextualização, transferência do conhecimento matemático e construção de sentido. Por meio desses tópicos, exploramos como os alunos adultos usam a matemática em diferentes situações (problemas, atividades, investigações) e como elas se tornam dimensões-chave para entender o processo de aprendizagem de adultos. Cada tópico é ilustrado com uma vinheta (PALOMAR; MENÉNDEZ; CIVIL, 2011, p. 78, tradução nossa).

Quando discutem sobre adultos aprendendo e ensinando matemática para os pais, concluem que existem vários itens que têm influência nesse processo. Utilizam

o que chamam de afirmações para diferenciar as direções de falas. A primeira, é que adultos não veem relevância na matemática abstrata, e só conseguem produzir significado para os conteúdos de matemáticas que são contextualizados com suas práticas diárias. Os familiares sugerem que cursos de Matemática devem ser voltados para as situações cotidianas daquela região em que a matemática está inserida .

A segunda, é de que a aprendizagem é produtiva quando há interações entre os/as alunos/as, sejam de qualquer tipo de idade. (PALOMAR, MENÉNDEZ, CIVIL, 2011, p. 87). Os autores complementam que alunos/as aprendem melhor quando um explica ao outro, pois possuem as mesmas maneiras de falar e por conhecer situações do dia a dia de colegas, podendo aumentar a capacidade de produzir significados para a Matemática da escola.

A terceira, é que a aprendizagem não é unilateral do professor para o aluno, mas um conjunto de práticas sociais que faz com que o estudante se desenvolva , tanto para as habilidades matemáticas, quanto para as demais, e esses alunos, devem aprender a reagir ao meio, e não por uma relação de poderes, diante da qual ele é o submisso. Em contrapartida, os autores discutem que muitas famílias não se baseiam nas ideias de Paulo Freire sobre a forma de desenvolver o ser humano da escola para a sociedade, mas que

É essa noção de poder que diferencia essa abordagem de outras abordagens na educação de adultos que, embora possam promover a discussão e o diálogo em matemática, não são necessariamente fundamentadas na de Freire (PALOMAR; MENÉNDEZ; CIVIL, 2011, p. 89, tradução nossa).

Em suas conclusões, Palomar, Menéndez, Civil (2011), afirmam que o contexto em que os alunos estão inseridos, as interações existentes na família e na sociedade com questões de Matemática, o diálogo igualitário, os espaços de conversas e compartilhamento de experiências, são tópicos cruciais no processo de aprendizagem Matemática.

Em Tuchapesk (2004), a autora realizou, o que chamou de “tecer”, considerações sobre a relação entre escola, família e a matemática utilizando a metodologia da História Oral, que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que possam testemunhar sobre acontecimentos, conjecturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Por isso, entrevistou professores, estudantes e seus familiares numa escola pública da cidade de Rio Claro, SP.

No aspecto metodológico, primeiramente, a autora realizou uma Autobiografia

Temática, no qual os alunos dissertaram sobre o tema: a minha relação com a Matemática e da minha família com a escola, que continha um texto para auxiliá-los na escrita. A autobiografia temática se constituiu como critério para a seleção de alunos a serem entrevistados, tendo em vista que, segundo a autora, a dissertação proposta ofereceu aos alunos uma oportunidade maior para expressar suas opiniões e vivências. O critério para a seleção levou em consideração aqueles que apresentaram

aspectos interessantes da vida cotidiana, familiar e escolar; que relataram opiniões relevantes sobre a relação da família com a escola; que relataram as razões do fracasso ou sucesso na aprendizagem de Matemática e, principalmente, aqueles que se mostraram interessados em dissertar e conversar sobre o tema sugerido (TUCHAPESK, 2004, p.20).

Assim, foram entrevistados seis alunos, que escreveram a autobiografia temática sobre a relação da família com a escola e a Matemática, a partir de um roteiro individualizado para cada estudante. Os familiares de cada um deles foram entrevistados mediante um roteiro individualizado elaborado, assim como três professores e dois coordenadores. As entrevistas receberam um tratamento característico da História Oral, que consiste em transcrição, textualização, e conferência para legitimação. Somente após este processo, a autora propôs o que ela chamou de “tirar ‘flechas’ da história do cotidiano” dos entrevistados, para analisar, com base em outros trabalhos historiográficos, para onde caminham determinados costumes, chamados de tendências.

Essas tendências foram definidas por convergências e divergências de falas, dando foco maior nas divergências para ressaltar as mudanças e diferenças que permanecem (ou não) ao longo do tempo. As tendências foram classificadas por Tuchapesk (2004) como: *tendência de conservação*, denotadas pelas práticas e pelos discursos que se conservam ao longo dos anos; *tendência de mudança*, indicada pelos depoimentos de problemas que se modificaram de causas ao longo dos anos; e *tendência em movimento*, “a que ainda pode regredir, tornando-se uma tendência de conservação, como pode avançar, manifestando-se como uma tendência de mudança” (TUCHAPESK, 2004, p. 13).

A valorização escolar, a interação escola-família e as práticas de sala de aula de matemática, apontadas pelos entrevistados, foram consideradas como uma tendência de conservação, por se manterem ao longo do tempo. A tendência de mudança foi tecida na relação entre professor e estudante, que sofreram alterações no decorrer do tempo pois, os professores eram os detentores do conhecimento e

não havia espaço para questionamentos dos(as) estudantes, o que, nos dias atuais, o espaço da troca de ideias entre professores e estudantes é mais aberto.

Tuchapesk (2004) tece a tendência de movimento pelos anos de escolarização brasileira, na qual, da década de 70 para 80, do século passado, o fracasso do ensino atribuía-se aos métodos sistemáticos e sem aplicabilidade de conteúdos e, posteriormente, ao mau ensino, e esteve associado à incapacidade dos(as) estudantes a se adequarem com as atividades propostas pela escola. Na década de 90, do século passado, o fracasso na educação foi atribuído às estruturas escolares e, para o ano de pesquisa da autora, foram apresentados os métodos facilitados de aprovação como razão para o fracasso do ensino.

3.4.1 Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram entrevistas para abordar a temática família, matemática e estudante.

Um aspecto que nos chamou a atenção nas pesquisas, exceto a de Angelo (2012), é que a matemática sempre esteve atrelada a nota, desempenho escolar, sucesso escolar e falas sobre o ensino e aprendizagem de Matemática, mas abordaram, também, outras possibilidades, ou outras matemáticas, como a matemática da rua tematizada por Lins (1999, 1997b, 1997c, 2004a, 2008) ou então, matemáticas abordadas por Ciríaco (2021), Junges (2013, 2017) e Junges e Knijnik (2014), ou seja, de que a matemática praticada pelos familiares diferem da matemática escolar e da matemática praticada na rua, e que era ensinado através de cálculos mentais e se restringe às operações básicas. Vemos um cenário diferente nas pesquisas abordadas nas subseções acima, mais voltadas para a matemática escolar.

O trabalho de Ciríaco (2021) foi o único, sendo um artigo derivado de um pré-projeto de dissertação, que tratou da relação família, escola e matemática durante a pandemia nesta seção. As mães tentavam ensinar os conteúdos escolares a partir da matemática do cotidiano, por serem os saberes culturais que possuíam para auxiliar os/as aluno/as nas atividades, como contar nos dedos e/ou utilizando palitos e o cálculo mental. As aulas de matemática durante a pandemia, segundo relatado pelas mães, seguiram algumas direções de falas como: as atividades das disciplinas em geral continuaram através dos livros que utilizavam na escola e deveriam ser realizadas pelos/as alunos/as em casa, mas as mães não conseguiam ajudá-los por não compreenderem os conteúdos dos livros e; as aulas eram feitas *online*, e as mães

não conseguiam deixar o celular com os/as filhos/as durante as aulas por coincidirem com seus horários de trabalho. O auxílio dos familiares nas atividades escolares, de acordo com a pesquisa de Ciríaco (2021), se deu, também, pela contratação de professores particulares, por não conseguirem acompanhar a rigidez das escolas e por se tratar de um serviço que elas não oferecem. Isso se difere da pesquisa de Galvão e Zibetti (2020), porque as famílias entrevistadas estabelecem uma relação de cobrança com a escola, pois elas pagam por um serviço, e esperam ter um retorno satisfatório, ou seja, o alto investimento na escolarização dos/as filhos/as, faz com que elas esperem que a escola proporcione um ensino de qualidade, que vá suprir o que consideram como as demandas impostas pela sociedade.

Com apenas mães entrevistadas, os resultados da pesquisa de Junges (2013) se aproximam da de Ciríaco (2021), quando conseguiam ajudar em conteúdos de operações básicas, utilizando cálculo mental e colaboração nas atividades de trabalho das mães, mexendo com troco de dinheiro, de forma diferente da matemática escolar; e se distanciam, no aspecto da tentativa de reproduzir os mesmos jogos de linguagens que da matemática escolar. Mas essa autora ainda vai além, tensionando o auxílio ao dever de casa, considerado pelas famílias, assim como para a professora, uma das principais vias para participação em questões educacionais e na relação família e escola, sendo essas vias, de acordo com Junges e Knijnik (2014), a vigilância, ou seja, os familiares saberem o que os filhos estão estudando na escola e, também, como uma forma de compartilhar a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos. Palomar, Menéndez e Civil (2011) seguem uma direção parecida com a de Junges, quando afirmam que o contexto em que os alunos estão inseridos, as interações existentes da família e da sociedade com questões de Matemática, o diálogo igualitário, os espaços de conversas e compartilhamento de experiências, são tópicos cruciais no processo de aprendizagem Matemática.

Já Angelo (2012), afirma que quando os/as alunos/as foram solicitados a produzir significados para escola, inicialmente eles falaram na direção do Mundo dos Adultos, de acordo com a lógica do Mundo dos Adultos, constituindo a escola como um local onde eles recebem educação, tem acesso a diversos conhecimentos, convivem com pessoas diferentes e que possibilita que no futuro eles tenham uma vida melhor. Portanto, quando tentaram explicar o que é escola para alguém que não sabe nada sobre a escola, eles a constituíram de outro modo, se colocaram dentro da escola sobre o que eles mais gostavam, o convívio com os amigos, as brincadeiras e a diversão parecem ocupar um lugar muito mais relevante para a maioria dos

alunos, do que a aprendizagem dos conteúdos escolares e se preparar para ter um emprego, e como constituído por Angelo (2012), parecem relacionar a ideia de *Peter Pan* na Terra do Nunca com as diversões do dia a dia da escola. De modo geral, a pesquisa da Laus, não deixa de abordar a valorização da escola pelos alunos, mas traz um diferencial, que é a direção de interlocução, ou seja, quando solicitados a falar sobre a escola, os alunos dizem valorizá-la por ela ser um lugar que pode lhes possibilitar um futuro melhor. No entanto, quando solicitados a falar sobre a escola para quem nunca a frequentou, eles abordam outros aspectos, como o que gosta na escola, como é o dia a dia nela, falam sobre o convívio com os colegas, as brincadeiras, diversões.

Já a direção que Tuchapesk (2004) gerou, foi sobre o fracasso escolar, que para os próximos anos de escolaridade poderia estar atrelado ao fim da reprovação. Os sujeitos de Tuchapesk (2004, p. 246) relacionam o desinteresse do aluno, ou outro problema escolar, a problemas familiares: “Entretanto um dos pais, uma das mães e dois professores entrevistados apontaram, também, a aprovação automática como um dos principais motivos do fracasso escolar, hoje, nas escolas públicas”. Tuchapesk (2004, p. 246), traz que o problema não está na aprovação automática, mas na forma “como foi instalada no país e imposta às escolas e aos professores, que, sem nenhuma discussão a respeito, foram obrigados a aceitá-la e a incorporá-la em sua prática de trabalho”. Lins (1997b) já trazia a questão sobre o fim da reprovação, pois considerava o sistema de reprovação como um meio de impelir medo nos/as alunos/as e como forma de controlá-los em sala de aula.

Lins (1997b), pelo resíduo, parecia pensar que havia uma necessidade de oferecer o que chama de tempo para que novas possibilidades de desenvolvimento com os alunos/as em que não fosse por imposição de disciplina, imposição comportamental, ou por medo, mas pensar que esse tempo pudesse oferecer novas possibilidades de pensar a disciplina, desvinculando de um modo conservador para uma mudança. Essas críticas por Tuchapesk (2004) seguem uma direção semelhante à de Lins (1997b) neste aspecto, ou seja, discorrem sobre o desinteresse pelos alunos quando descobriram que não precisavam estudar para serem aprovados, mas que para Lins (1997b), talvez fosse necessário esse movimento, e para Tuchapesk (2004), é o tempo de refletir e discutir sobre o papel do professor em sua autonomia para buscar outros modos que não o medo de reprovar para se aprender.

Esta seção se relacionou diretamente com a nossa pesquisa, porque os

trabalhos apresentados auxiliaram majoritariamente na composição do nosso instrumento de entrevista e nas formas de se comportar e questionar o depoente no processo de realização dela. Por exemplo, em nossos roteiros, tematizamos o dever de casa, por inspiração em Junges (2013, 2017), solicitamos que os/as entrevistados falassem sobre a escola e a disciplina de matemática; assim como uma possível inexistências delas, com base no trabalho de Angelo (2012), para criarem possíveis mundos de como seria se a escola não existisse e o que seria uma escola sem matemática; sobre o fim da reprovação de Tuchapesk (2004); e as produções sobre uma educação matemática que relacionem seus cotidianos com a matemática acadêmica.

3.5 PESQUISAS QUE UTILIZAM FALAS DE ESTUDANTES E FAMILIARES, MAS QUE NÃO ESPECIFICAM SE APLICARAM ENTREVISTAS OU QUESTIONÁRIOS

Aqui trazemos leituras de trabalhos que se relacionam diretamente com nosso objetivo de pesquisa, mas que não apresentaram se aplicaram entrevistas ou questionários com os/as alunos/as e/ou os familiares, entretanto apresentaram produções de significados desses familiares e alunos/as através de seus objetivos. Palomar e Roldàn (2021), por exemplo, relatam que a formação familiar foi, de certa forma, esquecida em todas as reformas educacionais realizadas na maioria dos países europeus nas últimas décadas. Em Barcelona, onde realizaram a pesquisa, discutem que suas vivências profissionais na cidade levou a pensarem que o envolvimento familiar nas atividades escolares de seus filhos se restringia apenas na decisão de colocar o/a filho/a na aula de inglês depois da aula, ou em um time de futebol, e em viagens de fim de ano que a escola oferece como atividade complementar.

Esses autores tiveram como objetivo realizar oficinas de matemática buscando o envolvimento familiar nas práticas das atividades de seus filhos durante as oficinas. Vinte e cinco famílias participaram das oficinas de matemática que elaboraram em conjunto com os familiares em duas escolas públicas da cidade. Os familiares eram de vários contextos e países de origem (famílias catalãs, famílias da República Tcheca, Romênia, Equador, Colômbia, Armênia, Marrocos). As famílias foram escolhidas de diversas nacionalidades pois,

a aplicação desta abordagem ao ensino da matemática (Díez-Palomar,

Giménez, Garcia, 2005) implica a abertura de espaços onde todas as pessoas tenham a mesma oportunidade de trocar as suas respostas às questões matemáticas que são levantadas (se são problemas, situações, projetos, etc.).

Foram fornecidos recursos tecnológicos, materiais impressos e manipuláveis às famílias a fim de ajudar seus filhos e filhas com a matemática em casa, tentando contribuir para seu melhor aprendizado e superando as distâncias, barreiras e falta de comunicação que ocorrem frequentemente entre escolas e famílias. As oficinas voltaram-se ao ensino sobre frações. As direções de falas dos familiares, durante as oficinas, sobre as atividades de Matemática desenvolvidas foram de que as operações matemáticas na forma escrita eram difíceis; e as noções de divisões eram ensinadas através do cálculo mental quando pensaram em dividir ao meio sucessivamente, como pegar um número inteiro e dividir ao meio repetidas vezes.

Palomar e Roldàn (2021) concluíram que as oficinas de Matemática para famílias são uma iniciativa que responde a uma necessidade de melhorar a aprendizagem identificada nas escolas, institutos e também em pesquisas em relação à aprendizagem da matemática. Esses autores trouxeram as produções de significados de familiares sobre o ensino de matemática com os seus/as filhos/as e as formas que pensam para resolver problemas de frações gerando uma direção de interlocução de que o auxílio familiar através de atividades em casa é uma forma de melhorar a aprendizagem em matemática dos/as alunos/as.

Já a pesquisa de Tamayo e Tuchapesk (2020) que também pesquisaram sobre família, matemática, escola e pandemia, introduzem o artigo relatando a crise sanitária que o mundo começou a passar em 2020, com o aumento de pessoas contagiadas pelo Covid-19, que culminou no fechamento das escolas⁸ para cerca de 39 milhões de estudantes da Educação Básica, aguardando novas medidas governamentais para as atividades escolares. Em abril de 2020, publicou-se as “Diretrizes para escolas durante a pandemia”⁹, pelo Conselho Nacional de Educação, em colaboração com o Ministério da Educação. Essas diretrizes permitiram às escolas utilizarem Tecnologias de Informação e Comunicação para dar continuidade às atividades escolares. Nas redes municipais de ensino, sete capitais

⁸ Covid-19. <http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/90771-covid-19>

⁹ Diretrizes para escolas durante a pandemia. <https://sae.digital/diretrizes-para-escolas/#:~:text=As%20pautas%20relevantes%20para%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20durante%20a%20quarentena&text=Dentre%20elas%20est%C3%A3o%3A,o%20retorno%20das%20aulas%20presenciais>.

não adotaram nenhuma atividade remota em 2020 (ou até a data da publicação do artigo).

Sobre a escola, Tamayo e Tuchapesk (2020, p.31) trazem que:

antes da pandemia [ela] enfrentava diversas problemáticas considerando a desigualdade social, os fatores históricos, políticos e econômicos do Brasil, que tornaram-se ainda mais graves com a chegada do “Covid-19”; além do mais, os sujeitos participantes da escola viram-se obrigados a enfrentar a “crise da educação escolar” [...] estudiosos associam esta crise da educação escolar ao esgotamento do chamado projeto da Modernidade/Colonialidade e a sua impossibilidade de cumprir as promessas de “escolarizar o mundo”, de uma “educação para todos(as)”.

O foco do artigo são as discussões sobre Modernidade/Colonialidade, como uma forma de enxergar o mundo. Sobre a Colonialidade, criticam a continuação do colonialismo por outros meios como a predominância de brancos para o acesso à educação, e trabalhos de maiores prestígios em relação aos da raça negra. Tudo isso fez as autoras pensarem na importância de outras práticas educacionais e de pesquisa na Educação Matemática. Tamayo e Tuchapesk (2020) tiveram o objetivo, no artigo, de apresentar falas de crianças, jovens e famílias, assim como imagens relacionadas aos problemas e dilemas da educação na pandemia, colocadas em circulação pelas mídias e redes sociais eletrônicas, após o início do isolamento social e do fechamento das escolas públicas da Educação Básica, procurando tensionar e pensar os desafios e possibilidades da Educação (Matemática) em tempos de uma vida outra, provocada pelos efeitos do Covid-19.

A seguir, estão todos os trechos que se relacionaram com o envolvimento familiar nas práticas escolares e na disciplina de Matemática dos/as alunos/as durante a pandemia, que estavam contidos no resíduo de textos transcritos através de áudios, imagens e charges:

“Oi professora, tudo bem? [...] Sem você professora, eu não consigo aprender bem. A mãe não é igual você. Você tem as manias de “pro”. A minha mãe não tem. Ela trabalha num restaurante, ela só tem mania de fazer comida. Desculpe incomodar agora, mas eu queria falar para senhora isso”. [Áudio de aluno enviado para professora].

“A escola está de PARABÉNS!!! Acho que vai dar muito certo. As mães do grupo da classe do Alê compartilharam do mesmo sentimento! O Alê acordou cedo, não tão cedo, rsss, mas às 8h30 estava lá... ouvindo as aulas, falando com os professores... Fez todos os exercícios. Revisei e estava praticamente tudo certo. Ele enviou as tarefas e disse: ‘Mãe assim vai ser muito legal estudar’. Muito obrigada por vocês terem sido tão ágeis diante desse caos que se instaurou sobre todos nós. Vai dar certo... já deu certo!”. Veridiana Machado De Sá e Ferreira.

“Sinceramente, eu estou achando bem ruim, pois a comunicação e a interação com os professores são bem difíceis, e é difícil acompanhar o que eles passam pela TV ou pelo computador. Esse método de ensino parece mais complicado de entender, e é ruim porque não temos como tirar dúvidas

no momento em que elas surgem. Caso você não entenda algo, não é como no colégio, onde os professores retêm até você entender”. Pedro Daniel.

“O meu sinal não é wi-fi, então não consigo baixar os arquivos. Quase sempre os materiais chegam atrasados. Além disso, deixamos de ter aulas, ao vivo ou gravadas, em pleno ano de vestibular. A escola nos fornece uma série de PDFs e vídeos que não são dos nossos professores [...] É como se tivéssemos perdido o vínculo com a nossa formação, com os estudos”. Pablo Henrique Saldanha, morador de Caxias, favela da Vila São Luiz (Rio de Janeiro). “Às vezes, a internet da associação de moradores falha e perco a continuidade das leituras. Às vezes, a velocidade não é suficiente para assistir a uma videoaula. Sigo estudando por materiais aleatórios, mas com dificuldades. Tenho tentado não parar, mas às vezes bate a desmotivação. Não ter internet nesse momento em que não podemos sair de casa é um obstáculo enorme”. Luiz Menezes, vestibulando morador da Maré (Rio de Janeiro).

“O processo de início das aulas online “foi péssimo”. “Deixei acumular 45 atividades de diversas disciplinas, em duas semanas. Não consigo, não tenho esse tempo livre, estou no meu ritmo de trabalho normal desde que tudo começou”. Sara Salenave, mãe de duas crianças, uma de 6 anos e outra de 4 anos (TAMAYO; TUCHAPESK, 2020, p. 40).

Tamayo e Tuchapesk (2020) relacionam os trechos das falas de estudantes, familiares e da escola com a crise das instituições escolares que são efeitos da “Modernidade/Colonialidade”, como a falta de condições, que está atrelada à situações em que não há acesso “à internet ou computador em casa e, ainda, que nem todos os professores e alunos sabem usar plataformas de ensino virtuais” (TAMAYO e TUCHAPESK, 2020, p. 31). Além disso, está nas formas de colonialismo que se perpetuam ainda na sociedade, desrespeitando outros modos de vida e composições familiares, em que Tamayo e Tuchapesk (2020, p.46) consideram sobre a Modernidade que

aqui, a resistência é contra um modo de vida disseminado como efeito da Modernidade/Colonialidade, um modo de vida que aniquila a diferença, um modo de vida que não faz circular práticas educacionais que potencializam a vida. Isto demarca um desafio: a construção de uma Educação (Matemática) que esteja ao serviço da vida e não a vida ao serviço da Educação (Matemática).

Desde modo, Tamayo e Tuchapesk (2020) consideram que o ensino de Matemática deve ser voltado para as realidades de alunos/as que compõem as redes públicas de ensino, como públicos de baixa renda, periféricos e de baixa escolarização familiar, para desvincular do modelo abstrato de ensino destinado para a elite branca, que possuem maior acesso ao Ensino Superior.

Em “Matemática en tiempos de Pandemia: rol de la familia en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la matemática”, Ruiz (2020) estudou a participação da família no ensino e aprendizagem de matemática numa escola pública de San José Central, Costa Rica. Quanto ao objetivo principal da pesquisa, foi o de (2020, p.1,

tradução nossa) compartilhar como as habilidades matemáticas foram fornecidas, quebrando as barreiras do ensino presencial e capacitando a família para desempenhar um papel de liderança nos processos de ensino e aprendizagem da matemática online.

A pesquisa foi desenvolvida com 19 estudantes entre sete a dez anos de uma escola pública em Josecito de Alajuelita, província de São José, Costa Rica. Foram elaborados quatro cenários para investigar como se deu o processo de aprendizagem em matemática com o auxílio dos familiares, sendo: aqueles que possuíam acesso à tecnologia e possuíam aparelhos eletrônicos; aqueles que tinha o aparelho, mas limitações para acesso a internet; aqueles que utilizaram recursos impressos e digitais variados; e aqueles que receberam apenas o material impresso. Quinze estudantes estão no segundo cenário, um, no terceiro cenário; e, três, no quarto cenário.

Algumas das atividades trabalhadas foram o Sistema de Numeração até milhares, e Medidas e Números. As atividades em casa foram realizadas com o suporte da família a pedido da escola. Nelas, os/as alunos/as, juntamente com seus familiares, realizaram recortes, pinturas e colagem para produzir materiais de aprendizagem como uma roleta com três números de 0 a 9 que permutavam entre si ao rodá-la, e também o uso de fita métrica para medir as partes dos corpos e comparar com os dos familiares.

Ruiz (2020) consideram que as relações com as famílias durante as práticas dessas atividades proporcionam ao estudante maior estímulo e comprometimento com as disciplinas para os que participaram das atividades síncronas. Ruiz (2020) relata que foi possível fomentar atitudes positivas em relação à matemática, não só nos alunos, mas também nos familiares. Isso possibilitou o que consideram como romper com o medo e a concepção social de que a Matemática é a disciplina mais difícil e que a distância os alunos podem não aprender ou aprender menos. Essas atividades trabalharam com o raciocínio prático visando estimular as habilidades matemáticas. Os alunos que trabalharam no cenário quatro, apenas com material impresso, tiveram a oportunidade de se encontrar com o professor uma vez por mês no Centro Educacional, com os aplicação dos protocolos oficiais, mas a reação às atividades não foi positiva como com os alunos que trabalharam de forma síncrona, pois a família não conseguia auxiliá-los em algumas aulas propostas na apostila impressa, e os estudantes se desinteressavam pelo material, por causa do tempo e das limitações de encontros com os professores.

Graven e Stott (2015) introduzem o trabalho com estudos realizados pelas autoras sobre o envolvimento familiar no desenvolvimento infantil, sendo considerada por sua revisão, esse envolvimento, o período mais eficaz para promover o desenvolvimento do/a aluno/a. Relatam que o projeto que realizaram na África do Sul, sede de suas pesquisas, como propostas de intervenções que criaram a partir das interações com familiares e estudantes, através dos programas educacionais do estado, vem sendo positivo.

O artigo teve como objetivo partilhar as experiências de organização de tais programas, buscando encorajar outros a organizar eventos semelhantes em suas próprias comunidades. As experiências que tiveram das intervenções sobre o envolvimento familiar nas práticas escolares de estudantes, e as interações geradas em suas experiências com este público, fizeram Graven e Stott (2015, p. 4, tradução nossa) sugerir que:

Se você for aproveitar a oportunidade para conversar com os pais após as atividades, como sugerimos, talvez seja necessário reorganizar as mesas e as cadeiras. Normalmente, enviamos os alunos para refrescos e discutimos com os pais e cuidadores maneiras de apoiar o aprendizado matemático de seus filhos por meio do apoio aos deveres de casa e da inclusão de dados e jogos de cartas como atividades familiares regulares.

As conclusões de Graven e Stott (2015, p. 6, tradução nossa), que sugerem para o envolvimento familiar nas atividades de Matemática dos/as alunos/as foram: a necessidade de conversar com os familiares sobre o dever de casa que as escolas devem oferecer e os familiares desenvolverem sobre o tema com seus filhos. Graven e Stott (2015) consideram que na maior parte das vezes é importante realizar uma sessão prévia sobre como os familiares podem auxiliar nas práticas de atividades Matemáticas das crianças, através do dever de casa e a sugestão de jogos de cartas, dados e jogos matemáticos que podem ser utilizados como recursos.

3.5.1 Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram falas de estudantes para abordar a temática família, matemática e estudante.

Aqui, trazemos uma extensão das discussões da seção 3.4.1 por também estar relacionado diretamente com a nossa pesquisa, todavia os trechos de falas, produções de significados de alunos/as e familiares não são relatados se foram por entrevistas ou questionários. As falas de familiares e alunos/as sobre a relação com a escola e a disciplina de Matemática seguiram três direções de interlocuções nesta extensão de discussão: o dever de casa; oficinas de matemática com a família; e uma

crise institucional.

Graven e Stott (2015), cujas experiências mostraram o dever de casa como um forte meio para o incentivo ao estudo, relataram que esse trabalho deve ser realizado em conjunto entre professores e familiares. Essa relação do dever de casa já está evidente a este ponto, como discutido em Junges e Knijnik (2014) em 3.4.1 sobre sua importância. Já Palomar e Roldàn (2021) consideram que a aprendizagem através de oficinas de ensino de matemática com os familiares, como meio de trabalhar com a família o desenvolvimento dos/as filhos/as, são eficazes na medida em que familiares trazem suas necessidades para o projeto, adotando suas práticas culturais e necessidades de se resolver problemas matemáticos, que fazem parte de suas vidas. Aqui, estamos vendo que há uma grande importância, segundo que Lins (2004a), de relacionar a Matemática da rua com a Matemática do Matemático, familiares com seus saberes culturais, assim como tratado em Ciríaco (2021), que trazem a matemática do cotidiano para se desenvolver dentro da escola.

Sobre uma crise institucional na educação, Palomar e Roldàn (2021) questionam o fato de que a família foi esquecida em todas as reformas educacionais que foram realizadas na maioria dos países europeus. Cenário semelhante com a de Junges (2013), que tensiona sobre as políticas educacionais brasileiras não estarem chegando às escolas e, também, tecida como uma tendência conservadora por Tuchapesk (2004) em que desde o período inicial da escolarização brasileira, os meios de ensino são os mesmos, nos quais, esse modelo de ensino trazido para o Brasil é uma réplica dos padrões europeus.

Tamayo e Tuchapesk (2020) discutem que as escolas públicas estão enraizadas em métodos de ensino de Matemática eurocêntrica, para brancos, com privilégios que a maioria da população da América Latina não possui. Essa falta de condições está atrelada à falta de acesso “à internet ou computador em casa e, ainda, que nem todos os professores e alunos sabem usar plataformas de ensino virtuais.” (TAMAYO; TUCHAPESK, 2020, p. 31). A pandemia, para as autoras, evidenciou ainda mais a crise em que a instituição pública brasileira se encontra no que tange ao acesso à informação e à educação de qualidade. Tamayo e Tuchapesk (2020), desta seção, entram nessa discussão, pois defendem uma educação (matemática) que prepare os/as alunos/as para suas práticas do cotidiano, uma matemática que seja necessária para resolver situações que eles necessitem. Para elas, há uma crise institucional na educação, já que o Estado, nem ao menos, consegue oferecer acesso à informação para os/as alunos/as.

Já as famílias do último cenário de Ruiz (2020), por exemplo, que não possuíam recursos tecnológicos, receberam as atividades em formato impresso, e relataram maiores dificuldades com o acesso à escola na pandemia, o distanciamento entre professores e alunos e a necessidade de deixarem os/as filhos sozinhos para terem que trabalhar, não sendo possível o auxílio familiar naquelas atividades de Matemática.

A crise institucional foi algo marcante nas discussões desta seção, e o que nos fez querer buscar nas falas dos familiares e alunos/as, quais suas produções de significados sobre a pandemia e a relação com a escola. Nesta seção, vimos que o ensino emergencial remoto não proporcionou acesso igualitário à informação. Além disso, percebemos em trabalhos como de Ruiz (2020) que quanto menor o nível social da família, maior a dificuldade em se relacionar com a escola. Deste modo, buscamos em nosso roteiro de entrevista, elaborar perguntas sobre o que mudaria na escola, ampliando o interesse para tentar compreender onde o/a aluno/a e familiar estavam antes da pandemia, durante o período de atividades remotas e no retorno presencial, para auxiliar em nossa constituição dos sujeitos.

3.6 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA ENVOLVENDO A TEMÁTICA FAMÍLIA, ESCOLA, MATEMÁTICA

Gottfried *et al.* (2017), foi o único trabalho encontrado na busca dos bancos de dados que apresentam dados sobre trabalhos relacionados à temática família, escola e matemática, todavia apresentam apenas trabalhos quantitativos. Os autores introduzem seu trabalho relatando sobre a falta de habilidades de graduandos em cursos de exatas, e a falta de preparo que possuem para atender as necessidades do mercado de trabalho dos EUA. O objetivo da pesquisa consistiu em sintetizar a literatura sobre a influência de grupos sociais nos alunos de matemática avançada.

Focamos nesses grupos porque são dois dos contextos mais influentes na vida dos adolescentes, contextos nos quais os alunos buscam apoio, orientação e exemplos (Crosnoe, 2011; Lareau, 2003; Milner, 2006). Consideramos os amigos, além da família, para reconhecer a importância particular dos pares durante a adolescência (GOTTFRIED *et al.*, 2017, p. 4, tradução nossa).

As buscas realizadas para compor a revisão de literatura de Gottfried *et al.* (2017, p.5) utilizou os termos de pesquisas: “pares”, “amigos”, “influência”, “influência positiva”, “influência negativa”, “pais”, “apoio”, “incentivo”, “fatores”, “preditores”, “ambiente”, “masculino”, “meninos”, “feminino”, “meninas” e “gênero”. Esses termos

de pesquisa surgiram de forma iterativa, à medida em que as pesquisas eram realizadas e usadas isoladamente e em várias combinações entre si. A pesquisa em bancos de dados eletrônicos, e o uso de referências para localizar estudos adicionais resultou em um conjunto inicial de mais de 200 artigos para consideração. Foram adotados apenas pesquisas quantitativas para a revisão, limitando ainda o estudo para pesquisas realizadas nos últimos 10 anos.

A revisão de literatura sobre os contextos sociais como amigos e familiares, formam a probabilidade dos alunos do ensino médio de prosseguir cursos avançados de Matemática e Ciências. Gottfried *et al.* (2017) relatam que estenderam os entendimentos acadêmicos da educação “STEM”, e que recorreram ao corpo da literatura com três perguntas orientadoras: (1) Que influência os amigos têm em cursos avançados de matemática e ciências? (2) Qual influência a família, particularmente os pais, têm em cursos avançados de matemática e ciências? (3) Os efeitos variam de acordo com o gênero entre cada grupo social?

Sintetizamos as evidências para tirar novas conclusões sobre a importância dos contextos sociais da juventude nos resultados STEM que ajudarão os formuladores de políticas e educadores na avaliação de ambientes educacionais produtivos (GOTTFRIED *et al.*, 2017, p. 5, tradução nossa).

Gottfried *et al.* (2017) relatam ainda que os autores da revisão de literatura conceituaram a influência dos amigos na realização de cursos avançados de STEM de várias maneiras diferentes, incluindo: atitudes acadêmicas, aspirações e capacidade acadêmica, desafios e desejos semelhantes. Sua revisão de literatura apontam que os amigos não possuem influência na escola de ingressantes em STEM para grupos masculinos, e que no geral, embora os autores determinem que os itens acima são todos de pequenos tamanhos de efeito, eles concluem que as expectativas de relacionamentos de amigos são uma fonte primária de influência social, quando se trata de cursos avançados de Matemática para o gênero feminino. Pode-se perceber que outros trabalhos que relacionam gênero com o interesse em Matemática, estiveram relacionados para grupos masculinos e femininos, o que gerou resultados semelhantes de que ambos os sexos seguem influências de amigos nas tomadas de decisões de ingressar em cursos da área de matemática avançada.

A pesquisa de Gottfried *et al.* (2017), ao direcionar as influências dos familiares, identificou predominantemente relações significativas entre aspectos dos contextos dos pais e da família nos cursos avançados de matemática e ciências de estudantes, com 10 estudos encontrando efeitos positivos e apenas um encontrando efeitos negativos. Nos quais, o único que com efeitos negativos é sobre o excesso de

controle nas práticas escolares e na vida social dos estudantes, que ocasiona maior atraso na independência.

Gottfried *et al.* (2017) discutem que a melhoria da área STEM vai além dos fatores sociais e familiares, mas que as atitudes, aspirações e habilidades acadêmicas em STEM de amigos e familiares estão associadas a optarem pela área. Gottfried *et al.* (2017, p. 13, tradução nossa) abordam sobre as políticas educacionais que

escolas e distritos podem considerar a melhor forma de alocar recursos para melhorar essa ligação quando se trata de melhorar os resultados STEM. Programas que envolvem os pais em atividades STEM, como robótica e feiras de ciências ou aumento do envolvimento dos pais nas aulas de ciências, podem aumentar a participação STEM. Isso pode ser especialmente pungente, quando se considera o gênero dos pais e do aluno em termos dessas atividades de participação.

Os autores relataram que só adotaram pesquisas quantitativas para a revisão devida a baixa quantidade para fornecer uma boa síntese qualitativa. Ressaltam a necessidade de buscar percepções de familiares e estudantes quanto às práticas escolares e à Matemática e Ciências, adotando critérios socioeconômicos e etnias.

4 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO - PARTE 2: ELABORAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E LEITURAS DAS ENTREVISTAS

4.1 PROCESSO DE ELABORAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Conforme mencionamos, a revisão de literatura foi importante para a elaboração e a realização de nossas entrevistas, como caracterizam a disciplina de Matemática, suas relações com professores/as, com o que é ensinado e como utilizam a Matemática nos seus cotidianos.

A partir dessa revisão de literatura, de nossas leituras relacionadas ao MCS e de nossas experiências profissionais, elaboramos dois roteiros de entrevista. O primeiro, foi para a entrevista com o/a aluno/a (ANEXO E). Ele foi dividido em 4 (quatro partes): identificação¹⁰ relação do/a aluno/a com a escola; relação do/a aluno/a com a disciplina de Matemática; e sobre a participação da família na vida escolar do/a aluno/a. O segundo roteiro, (ANEXO F), foi para a entrevista com um familiar do/a aluno/a e continha duas partes, uma para identificação do familiar¹¹, e outra sobre a escola e a disciplina de Matemática, em que era pedido ao familiar para contar sobre sua época de escolarização e como participa da vida escolar do/a aluno/a sob sua responsabilidade.

Tal roteiro foi elaborado em conformidade com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIFAL-MG, que o aprovou, conforme processo nº 20390819.3.0000.5142, juntamente com o Termo de Assentimento Esclarecido (TAE) (Apêndice C), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e o Termo de Anuência Institucional (Apêndice D).

Para a realização das entrevistas, foi feito, inicialmente, o contato com os/as diretores/as de duas escolas estaduais da cidade de São Lourenço (MG), para apresentar o projeto de pesquisa. Esse contato ocorreu na sala da direção das respectivas escolas, uma em que o pesquisador responsável estudou durante o Ensino Fundamental, de 2007 a 2009, e outra, na qual o mesmo lecionou a disciplina de Matemática em turmas do primeiro ano do Ensino Médio, no segundo semestre de 2021. A direção de ambas as escolas aceitou participar como parceiras do projeto, autorizando as realizações das entrevistas. Mesmo com a aceitação das escolas, fez-

¹⁰ Cabe ressaltar que os/as entrevistados poderiam optar pela utilização do próprio nome ou pela criação de pseudônimo para citação na dissertação.

¹¹ Ver comentário da nota anterior.

se necessária a autorização da Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais para a realização dos convites e entrevistas com os/as alunos/as e familiares. A partir dessas aprovações, foram feitos os convites para os/as alunos em todas as turmas do Ensino Médio das duas escolas, totalizando 15 turmas convidadas.

Foi realizado, primeiramente, o convite em todas as turmas do terceiro ano, por estarem no último ano de escola, ou seja, por terem vivenciado, teoricamente, maior tempo na escola. Notamos que houve resistência de membros das famílias para serem entrevistados em casa e, também, que eles não poderiam comparecer nas escolas no período que elas ficavam abertas, por estarem trabalhando. Deste modo, muitos/as alunos/as que levaram os termos de compromisso para casa, os devolveram, dada a resistência e não disponibilidade de familiares para comparecerem à escola. Por isso, foi feito convite aos/às estudantes dos demais anos do Ensino Médio. Mesmo com essa ampliação de anos de escolaridade, ainda notamos resistência dos membros das famílias quanto a realização das entrevistas acontecer em suas residências ou na escola, sendo solicitado que elas fossem realizadas de forma *online*, o que foi acatado por nós. Deste modo, foram realizadas 3 entrevistas em casa, 4 nas escolas e 3 por chamada de voz.

Para a realização das entrevistas foi adotada a condição de um familiar e o/a aluno/a possuir interesse em ser entrevistado/a. Quando ocorreu de apenas familiares ou apenas alunos/as manifestassem interesse individualmente, estes/as não foram selecionados para a entrevista. Então, foram realizados 5 pares de entrevistas. Todas elas foram gravadas com aplicativo de áudio de um *Smartphone*. Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e se encontram nos Anexos G, H, I, J e K¹².

4.2 PROCESSO DE LEITURA DAS ENTREVISTAS

As transcrições das entrevistas, assim como as produções da revisão de literatura, são consideradas resíduos de enunciação, para os quais produzimos significados, tentando realizar a leitura plausível, como discutimos anteriormente, ou seja, “eu’ falo na direção de um *interlocutor* que é uma direção na qual, acredito, o

¹² As entrevistas foram transcritas desde que o gravador foi ligado. Na versão final do trabalho, retiramos as partes que possibilitam identificar os/as entrevistados que optaram por usar pseudônimos bem como os nomes de professores/as, diretores/as, dentre outros sujeitos mencionados.

que estou dizendo poderia ser dito com a mesma justificção que tenho para dizer” (LINS, 2012, p. 16).

Durante a realização das entrevistas, tentamos realizar o que Lins (2012) chamou de leitura positiva, por ser útil em processos de interação. Neste tipo de leitura, há o objetivo de mapear o ambiente, e ao mesmo tempo saber onde o outro está, para assim poder dizer o que acreditamos que o entrevistado está dizendo. Para Paulo (2020, p. 134), a noção de leitura positiva habilita o sujeito do conhecimento a mover-se cognitivamente no sentido de buscar estabelecer outro lugar (cognitivo) de fala para, a partir de lá, constituir outras justificções que o tornem próximo, cognitivamente, de seus interlocutores. O interesse é entender essas falas durante as perguntas do roteiro de entrevista, e a forma como legitimidades são constituídas. No processo de entrevistas, o entrevistador, ou pesquisador responsável, tentava, em alguns momentos, repetir o que foi enunciado pelo/a entrevistado/a para ver se estava na mesma direção dele/a, ou seja, tentando mapeá-lo.

Se ler positivamente está relacionado com a manutenção de uma interação, ler plausivelmente relaciona-se, com constituir justificções e direções de interlocução a uma interação que poderá não chegar a ocorrer, como foi o caso das transcrições das entrevistas. A leitura plausível envolve ler positivamente o autor. No entanto, lê-lo plausivelmente, vai além de localizá-lo, na medida em que quem lê se desloca cognitivamente para aquele lugar mapeado e faz, a partir de lá, enunciações que ele acredita que aquele autor faria.

Apresentamos, abaixo, uma tabela com nomes ou pseudônimos, idades, formação acadêmica e profissão de nossos sujeitos entrevistados, e em qual anexo se encontra a transcrição da entrevista.

Tabela 3 - Informações básicas de nossos sujeitos

(Continua)

Aluno(a) / Familiar	Idades	Formação Acadêmica	Profissão	Anexo
Sofia / Lindomar (tia)	16 / 48	1° EM / Pedagogia	Estudante / Cuidadora de Idosos e doméstica.	G
Nahommy / André (pai)	17 / 41	2° EM / Educação Física	Estudante/ Professor e Árbitro	H
Jonathan / Lilian (mãe)	17 / 47	3° EM / 1° EM	Estudante/ Cuidadora de Idosos	I
Victória / Amada de Deus (mãe)	16 / 32	2° EM / Ensino Fundamental Incompleto	Estudante/ Confeiteira	J

Tabela 3 - Informações básicas de nossos sujeitos

(Conclusão)

Lara / Monique (mãe)	17 / 43	3° EM / Pedagogia	Auxiliar Administrativo e estudante / Recepcionista, manicure e depiladora.	K
-------------------------	------------	----------------------	--	---

Fonte: autores.

5 PRODUZINDO LEITURAS

Nesta seção, trazemos nosso movimento de leitura das falas de familiares e alunos/as com base nas partes B, C e D (relação do/a aluno/a com a escola; relação do/a aluno/a com a disciplina de Matemática; e sobre a participação da família na vida escolar do/a aluno/a), do roteiro de entrevista dos/as alunos/as; e, da parte B do roteiro (sobre a escola e a disciplina de Matemática) de entrevista com o familiar e com base em nossas leituras da revisão de literatura e de teorizações do MCS.

No processo de leitura das transcrições, notamos que as perguntas de cada parte do roteiro poderiam ser divididas em subseções que denominamos como: *Família e (auto)responsabilização; Pandemia, Escola: nós não abrimos mão!; Matemáticas: acadêmica e a da rua.*

5.1 FAMÍLIA E (AUTO)RESPONSABILIZAÇÃO

Aqui, trazemos nossas leituras das produções de significado de cada aluna/o e familiar sobre sua configuração familiar.

De acordo com nossa revisão de literatura, são diversas as possibilidades de configuração familiar. Em Galvão e Zibetti (2020), é afirmado que a família na atualidade vai além de pai, mãe e filhos, se constituindo por membros diversos que são considerados aqueles que participam no processo de criação da criança e também como “mães ou pais solteiros, separados, uniões não legalizadas, filhos adotivos, entre muitas outras formas possíveis de formação de família presentes a muitos séculos na sociedade” (AMORIM; ABREU JUNIOR, 2012, p.121). Em Barreto e Rabelo (2015), é considerado: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana.

Trazemos também nossas leituras das falas de nossos sujeitos sobre o funcionamento familiar lidos em Pierre, Philip e Matthieu (2008), que se dá nas maneiras que a família participa no auxílio das atividades escolares e como eles se responsabilizam pela a aprendizagem e tomadas de decisões de seus/as filhos/as; e lidas também em Lin (2019), no que se refere à comunicação, à coesão e à

flexibilidade uma vez que o funcionamento familiar está relacionado às questões de organizações, controle das atividades escolares e, também, nos modos como os familiares desenvolvem habilidades para fazer os/as alunos/as se interessarem no aprender.

5.1.1 Sofia e Lindomar

A configuração familiar de Sofia, era ela, sua mãe e seu irmão antes da pandemia. De acordo com Sofia, ela ficou 2 anos sem ter acesso ao ensino remoto da escola devido a problemas familiares com sua mãe, e à falta de acesso à informação das atividades escolares que deveriam ser realizadas. Ela relata que seu irmão a ajudou uma vez apenas nas práticas escolares durante a pandemia e que sua mãe não a ajudava.

A relação com a mãe de Sofia não era sadia e, por sentença judicial, ela foi morar com sua tia, dois meses antes da entrevista. Assim, a aluna associa que agora tem apenas sua tia e seu irmão, em sua configuração familiar, sendo que a tia começou a ajudá-la em questões relacionadas à escola.

Quanto à sua tia Lindomar, quando perguntado se sabia como eram as atividades escolares de Sofia antes da pandemia, ela disse que não sabia anteriormente por meio da sobrinha, mas que tinha acesso às informações através do irmão dela sobre seus estudos, e que sabia que a menina tinha aulas de reforço quando morava com sua mãe, mas que nem sempre ia. Agora, estando com ela, suas falas foram:

[...] tenho falado várias vezes para ela se tem conteúdo amanhã. “Senta! Vai estudar! Já tomou café, acordou? Senta e vai estudar”. Mas ela fica no celular.... Ela fala que não tem trabalho e eu peço para ler livros. Mas ela fica mesmo no celular com os amigos. Que amizade é essa que fica tanto tempo do telefone? Aí, na hora de fazer a prova vai ficar com vergonha porque vai ficar reprovada. Eu preciso que ela estude [ênfase na fala]. Eu preciso que ela sente para estudar. Eu preciso que ela seja alguém [ênfase na fala]. A gente com educação já não tem nada, imagina sem educação meu filho (Trecho de entrevista com Lindomar).

Quando perguntado para a tia de que forma auxilia a menina nas atividades escolares, ela mencionou: ida à escola para pedir ajuda, mas sem sucesso; contratação de professores particulares; e, conversas e pedidos para que sua sobrinha estude todos os dias.

No aspecto do funcionamento familiar, vemos Sofia na mesma direção de interlocução de sua tia. Sofia relata que sua tia sempre pergunta se tem algum

trabalho para fazer. “Quando tem que ir na escola procurar saber alguma coisa ela vai... Ela fala que eu tenho que estudar para eu ser o que eu quero ser... Ela fala que com estudo a gente pode chegar longe... Ela fala que eu tenho que meter a cara nos estudos...” (Trecho de fala de Sofia). Sofia considera que sua família a ajuda, também, pagando “explicadora” para ajudar na aprendizagem, mas que a escola não a ajuda a aprender pois não entende o que os professores explicam e não se sente confortável com os colegas da escola por sofrer bullying.

Sofia acha importante as maneiras como sua tia utiliza para auxiliá-la com seus estudos, e que há uma grande vigilância nas suas notas, falando que ela sempre tem que “estudar bastante Matemática porque minhas notas tá péssima. E quando ela soube que eu tirei 3, ela quase teve um treco” (trecho de fala de Sofia).

Legal... eu acho legal... porque... é bom ter algum incentivo. Ter alguém ali te incentivando. Minha tia sempre... Agora me incentivou bastante e meu irmão sempre me incentivou. Falava que era bom estudar... Se eu quisesse sair... de casa... que o estudo leva a gente a qualquer lugar (Trecho de fala de Sofia).

Sobre como foi a educação na infância do familiar entrevistado, as falas de Lindomar foi de que seu pai não queria que ela estudasse:

Meu pai dizia que, até um termo meio chulo, coitado, ele não falava por maldade, falava isso porque não tinha educação, conhecimento. Era uma pessoa educada de respeitar você, mas o conhecimento era zero. Ele dizia que... é... era... como ele falava... ele dizia que educação na cabeça da mulher era igual serventia de cifre na cabeça de cavalo, entendeu?! Que mulher tinha lavar, passar, cozinhar, casar, ter filhos. Dizia para eu fazer isso, que não precisava de estudar. Mas meu pai é semianalfabeto, né... Deu educação a nós todos, tentou ajudar, criou a gente como pode. Não posso culpar ele, porque não teve isso dos pais, né... Eu sou diferente, meus filhos hoje teriam que ter compromisso com a educação, a 40 anos atrás era diferente (trecho de fala de Lindomar).

Vemos no trecho acima o quanto Lindomar se vê, também, como responsável no processo de educação de seus filhos, em particular, de Sofia, pelo modo como acompanha as atividades escolares dela. Mas, Sofia considera que a escola não está preparando-a para a vida e não se sente responsável pelos estudos, mesmo relatando que a escola é importante para “as coisas do futuro”.

5.1.2 Nahommy e André

Nahommy considera que sua família é configurada por diversos integrantes como avós, tios/as, e os pais biológicos (que moram separados). A aluna relatou que

a cada dois anos ela mora com seu pai em São Lourenço, MG, e a cada dois, com sua mãe no Rio de Janeiro, RJ, alternando a convivência familiar. Nahommy também ficou cerca de 2 anos sem acesso presencial à escola devido à pandemia e à mudança de cidade.

Nahommy relata que quando morava com a mãe, durante a pandemia, sua relação era, em seus termos “meio bostinha”, que sua mãe não falava sobre a escola e que ela mesmo se responsabilizava pelos estudos e buscava saber o que estava acontecendo. Sobre o pai André, com quem já mora há 1 ano e meio antes da entrevista, apesar da aluna falar que ele não a ajudava nas atividades escolares, relata também que seu pai pede para estudar e tirar boas notas, mas que não pega as atividades para fazer com ela, pois não tem dever de casa. Sobre o funcionamento familiar a aluna considera que apenas suas avós a auxiliam nas práticas escolares, quando perguntado o porquê, relatou:

Ah, porque minha avó quer eu tenha um bom futuro e minha outra avó também. Elas sempre se esforçaram o máximo para que eu tivesse um bom futuro. Ela pagava explicadora pra mim... para que eu entendesse a matéria. Ela pagou inglês (trecho de fala de Nahommy).

Ambos têm falas parecidas quando relatam considerar a escola importante e possibilitar oportunidades para um bom futuro. Mas, em nossa leitura, possuem visões diferentes de apoio/funcionamento familiar. Quando perguntado para seu pai como funciona o auxílio das atividades escolares e como ele se considerava responsável pelos estudos de Nahommy, foi respondido que ele a ajuda, “Sempre que posso, sempre que ela precisa de alguma coisa, na verdade eu só mostro o caminho, que a criançada hoje é tudo folgada, quer tudo na mão. Só mostro o caminho”, e que a incentiva a estudar “toda hora, inclusive semana passada teve reunião da escola, fiz questão de ir lá, sempre presente” (Trechos de fala de André).

O funcionamento familiar relatado por Nahommy foi diversificado, na medida em que as perguntas do roteiro sobre os modos que os familiares auxiliam nas práticas escolares da aluna foram sendo feitas, a aluna relata que seu pai não a ajuda nas práticas escolares porque não tem dever de casa e, quando respondido sobre quem comparece às reuniões escolares, foi relatado que era sua tia que comparecia, confrontando sua fala anterior, de que era seu pai. Todavia, André seguiu uma direção diferente quando relatou que ele mesmo comparece às reuniões ou à escola quando acontece alguma coisa. Além disso, a aluna considera que apenas suas avós e sua tia a auxiliam na aprendizagem, citando como exemplo, que elas pagam curso particular de Inglês.

5.1.3 Victória e Amada do Senhor

Para Victória, sua família é configurada apenas por sua mãe, que a criou sozinha desde bebê. Ela menciona avô e avó maternos, mas que não os consideram próximos. Já sobre o funcionamento familiar, quando perguntando para Victória sobre a escola e seus estudos, diz que sua mãe fala:

“Vitória, não siga o mesmo exemplo que eu segui de largar os estudos” porque na época dela era difícil e ela parou de estudar porque ela engravidou de mim. Aí ela falou: “Vitória, não siga o mesmo caminho que eu segui de parar de estudar. Você tem que estudar. Ser alguém na vida para ter um trabalho bom” (trecho de entrevista com Victória).

Quando perguntado sobre como foi a educação da Amada do Senhor na escola o familiar produziu o seguinte trecho:

Na verdade, eu tinha muita dificuldade com o aprendizado. A gente dormia muito tarde e ia trabalhar cedo. Porque a mãe nossa botava a gente para trabalhar. Aí chegava tarde, que tinha que trabalhar no outro dia, tinha que ir para escola. Então a gente tinha muita dificuldade em aprendizado (trecho de fala de Amada do Senhor).

Para a Amada do Senhor “se pudesse voltar lá trás e continuar os meus estudos eu voltava. Só que eu não tinha muita opção, ou trabalhava ou minha filha passava fome. Então, não tinha como estudar” (trecho de fala de Amada do Senhor). Quando perguntado para a mãe de que forma auxilia a filha nas atividades escolares, Amada do Senhor, relata que:

Antes tinha, a gente pega o chinelo e dá uma chinelada, desce o chicote e pronto. Comigo é assim, eu falo com a Victória: primeiro lugar você respeita as pessoas para ser respeitada e se não funcionar na conversa eu boto o chinelo. Eu acho que falta isso. Só que tem a lei né. Se a gente bater no filho da gente, a gente é denunciada para o conselho tutelar. Mas eles podem agredir o professor, podem agredir os outros alunos? É uma falta de respeito muito grande que os adolescentes hoje tem (trecho de fala de Amada do Senhor).

Tem muitas crianças que não respeitam os professores de mais idade e ela me conta tudo, não esconde nada” (trecho de entrevista com Amada do Senhor).

Incentivo bastante porque ela e as outras crianças são o presente e o futuro, né, do amanhã, para que eu possa ter uma coisa... eu já estou pensando lá na frente né. Eu falo que a aposentadoria minha vai vir dela, porque tudo que eu faço, o pouco que eu faço é pro melhor né e é pra somar na vida dela e aí entra a Matemática né, de somar, uma coisa a mais na vida (trecho de fala de Amada do Senhor).

Victória e Amada do Senhor consideram que a escola prepara as pessoas para

ter um bom futuro, e que através dos estudos pode se ter um bom emprego. A aluna se considera responsável pela sua aprendizagem, mas também diz atribuir parte à sua mãe, que está sempre querendo saber sobre o que acontece na escola e pagando professores particulares como modo de ajudar nos estudos. A aluna relata que quando sua mãe tenta ajudar, ela a acha “muito brava, e quando era pequena ela não tinha muita paciência para me explicar. Aí acabava que eu não entendia muito, aí ela ligava para a professora de noite, aí o professor tentava me explicar.” (trecho de fala de Victória). Já sua mãe, segue uma mesma direção quando se considera responsável pela aprendizagem de sua filha, e diz que a auxilia nas práticas escolares através de aulas particulares, quando ela consegue pagar, na tentativa de melhorar a aprendizagem, além de comparecer em reuniões e buscar saber o que está acontecendo na escola.

5.1.4 Jonathan e Lilian

Para Jonathan, sua família é configurada por avós, pais, tios(as) e primos(as), mas atribui sua guarda aos seus pais biológicos, os quais são ajudante de idosos e pedreiro, respectivamente. O aluno considera que sua família o incentiva a estudar, e vê a escola como um lugar que possibilita ter boas profissões.

Meu pai está sempre me motivando a estudar. Ele é pedreiro. Aí ele fala que eu tenho que estudar para ter uma profissão melhor. O pedreiro é uma profissão boa, mas trabalha no Sol, tem que carregar peso, essas coisas (trecho de fala de Jonathan).

Para o aluno, a escola o prepara para a vida, pois “ela ajuda assim em enturmar a entender sobre o mundo. “Ajuda você a aprender as coisas básicas, para as profissões. Elas têm um tanto de matérias que mais futuramente você vai utilizar aquilo na sua vida” (trecho de fala de Jonathan). Jonathan se considera responsável pelos seus estudos e que sua família o auxilia nas atividades da escola através de falas de motivação e matriculando-o em um curso de eletrônica após sua conclusão na Educação Básica.

Sobre o que foi relatado por Lilian quanto à sua escolaridade e como se sente responsável pelos estudos de seu filho, ela diz que estudou na mesma escola que seu filho no Ensino Fundamental, que gostava da escola, que seus familiares a incentivaram matriculando-a nos anos iniciais em uma escola particular:

Primeiro, a responsabilidade é da família. Nós temos eles, a gente é responsável pela aprendizagem dele. A gente tem que incentivar ele a estudar, procurar ter um crescimento, aprender mais, ser uma pessoa culta

né, para futuramente ter uma profissão (trecho de fala de Lilian).

Lilian diz estar “sempre participando de reunião da escola né, procuro saber o que está precisando, como que está o comportamento dele, como que ele tá nas disciplinas, nas matérias né.” (trecho de fala de Lilian). Já sua mãe relata que tenta ajudar seu filho a estudar mas que

Tem a Matemática que ele tem dificuldade. Ai no caso eu não consigo ajudar ele. Aí incentivo ele a procurar ajuda com os professores. E tem essa minha irmã. Minha irmã é nota dez em Matemática. Aí ela ajuda muito ele. Inclusive ela é tecnóloga de processamentos de dados. Então ela usa Matemática demais né (trecho de fala de Lilian).

Consideramos que Jonathan e Lilian compartilham direção de interlocução quanto ao funcionamento familiar, por Jonathan dizer que a mãe o auxilia e por ela também dizer que o auxilia, sendo o auxílio o incentivo verbal da mãe para estudar, pois, através do estudo “se consegue uma boa profissão”. Outra direção de falas entre a família entrevistada é que ambos consideram possuir dificuldades na disciplina de Matemática quando perguntado sobre a escola, e que a tia de Jonathan o ajuda nas atividades escolares porque a mãe possui também dificuldades em Matemática, no caso a acadêmica.

5.1.5 Lara e Monique

A configuração familiar de Lara é composta por ela e por sua mãe. A aluna, na época da entrevista, estava trabalhando como auxiliar administrativa e sua mãe como recepcionista, maquiadora e manicure. Para Lara, o esforço da mãe a motiva a realizar uma graduação com expectativa de que seja Direito, sendo a sua mãe, sua maior fonte de inspiração. A aluna relata que sua mãe está realizando um curso de graduação em Pedagogia.

Lara relata que sua mãe a ajuda nas atividades escolares e na disciplina de Matemática através do curso particular preparatório para vestibulares que estava participando desde o início do ano. Lara produz os seguintes significados quando perguntado sobre se sentir responsável pela sua aprendizagem:

De maneira geral, eu me acho uma pessoa esforçada porque eu tento acompanhar da minha maneira, e eu tenho a minha maneira de estudar. Mas em relação ao antes e depois da pandemia, eu era muito mais... Eu acho que eu era muito mais inteligente do que no atual momento por conta das circunstâncias, mas me considero uma pessoa esforçada, focada (trecho de fala de Lara).

Monique relata ter concluído sua Educação Básica na rede pública e que está

cursando Pedagogia para dar aula nos anos iniciais. Quando perguntado para a mãe de que forma auxilia a Lara nas atividades escolares, foi produzido o seguinte trecho:

Eu concordo que a família tem que participar, se não a família não sabe nem o que está acontecendo na escola. Mas assim, a gente vai participar, ir em reuniões e essas coisas; é complicado pra quem trabalha, é complicado pra mim. Porque eu trabalho em dois empregos. De manhã e à tarde eu saio do meu outro emprego às 22hrs da noite. Então não tem como eu ficar participando o tempo todo. Mas sempre que precisa, eu estou. Eu tiro minha folga na segunda feira para resolver as coisas da escola, reunião, pra saber o que está acontecendo. Agora, eventos que eles têm, festas que eles têm e essas coisas então para eu fazer é muito complicado. Mas eu acho que os pais tinham que ter mais empenho, é... falando assim do meu ponto de vista, até a criança, o adolescente vão se sentir importante naquilo que estava fazendo porque tem o apoio e geralmente os pais colocam as crianças na escola e acham que a escola é obrigado a tudo. E não é bem por aí né (trecho de fala de Monique).

Consideramos que Lara e Monique compartilham direção de interlocução quanto ao funcionamento familiar, por Lara dizer que a mãe a auxilia e por ela também dizer que a auxilia, sendo o curso preparatório para vestibulares que a mãe financia, o incentivo aos estudos e questionamentos sobre o que está acontecendo na escola. A família entrevistada seguiu uma mesma direção de interlocução ao relatarem gostar da escola e que ela a prepara para as profissões e a utilizam no cotidiano. Um cenário diferente do lido nas descrições da família de Jonathan e Nahommy. amos discutir a seguir algumas considerações sobre a seção.

5.1.6 Algumas considerações sobre família e (auto)responsabilização

Nesta subseção 5.1. trouxemos nossas leituras a partir das falas de nossos/as depoentes perante suas configurações familiares e seu funcionamento familiar.

Quanto à configuração familiar, vemos diferenças entre elas: tia e sobrinha; filha e pais separados trocando a guarda dela, assim como avós e tios/as; filha e mãe; e filho e pais biológicos. O que se mostra interessante a partir da entrevista com Sofia e Nahommy, é o caráter não estático da configuração familiar, ou seja, a configuração familiar pode modificar. Nas pesquisas de nossa revisão de literatura, essa modificação foi tomada como possível, mas nas que envolveram entrevistas, não foi perguntado para os sujeitos o que consideravam família e como ela se configurava na visão deles. E, foi unânime nos artigos que, independente da forma em que a família é configurada, todos consideraram a participação/engajamento/auxílio familiar, fundamental para melhorar desenvolvimento do/a aluno/a, ainda que o que seja considerado é que a participação/engajamento/auxílio seja multifacetado

(PRESTON; MACPHEE; O'KEEFE, 2018, p.548, tradução nossa). Essa literatura, considerou como vibração familiar, o fato de que os familiares “compareçam em reuniões de pais e professores, acompanhar seus filhos em eventos escolares, arrecadar fundos e garantir a conclusão do dever de casa”. Essa vibração familiar tratada por Preston, MacPhee e O'Keefe (2018) se definiu como a forma linguística, cultural, vocacional, artística, social, emocional, dimensões espirituais e étnicas - são recursos importantes e valiosos, que precisam ser incluídos no discurso de envolvimento dos pais, como podemos perceber nas falas de Lindomar, que demonstrou todas essas características, sendo a emocional predominante junto com sua sobrinha. Nahommy, André, Jonathan e Lilian seguiram uma direção mais vocacional, onde suas falas sobre a escola são voltadas para seguirem a profissionalização.

Preston, MacPhee e O'Keefe (2018) trazem uma perspectiva muito interessante quando relatam que a vibração familiar com seus sujeitos entrevistados se deu através da comunicação escrita, através de boletins escolares, bilhetes e anotações em cadernos; comunicação falada como ligações da escola para os familiares para comunicar sobre seus/as filhos/as; participação em sala de aula como frequências de familiares em aulas de projetos desenvolvidos e também em eventos extraclasse; Interações dos pais com a criança em casa na comunidade como auxílio no dever de casa e participação de projetos sociais na comunidade.

Quanto aos desafios considerados por Preston, MacPhee e O'Keefe (2018), estão: a falta de tempo dos familiares, assim como relatado em nossas análises das falas de Amada do Senhor, Lindomar, Lilian e Monique; e, Políticas e procedimentos escolares, como discutidas por Lindomar sobre a falta de projetos nas escolas para envolver os familiares nas atividades escolares. Assim como os autores, nosso sujeitos parecem seguir uma direção de conclusão sobre o funcionamento familiar que a melhoria da relação escola, família precisa ser realizado, e enfrentar os desafios para desenvolver a relação com a família se adaptando aos horários e formas de comunicação seja *online*, escrita, presencial com os familiares de forma frequente.

Neste aspecto sobre funcionamento familiar, para nós, foi evidente que a família atribui a si mesma a responsabilidade de educar os/as alunos/as o que parece todos compartilharem um mesmo espaço comunicativo de que: a família tem o dever de educar seus/as filhos/as. Além disso, todos os/as alunos/as, exceto Nahommy, compartilharam um mesmo espaço comunicativo: os familiares entrevistados são os

principais responsáveis por suas educações. Exceto Sofia, todos os/as alunos/as, alguns pouco e outros muito, se sentem responsáveis pela sua própria aprendizagem e gostam da escola, mas isso parece não ter relação com seus desempenhos, pois, tanto Sofia quanto Jonathan e Nahommy, relataram possuir dificuldades e baixa aprendizagem em Matemática e algumas outras disciplinas, ou entender a matéria durante as aulas e esquecer na avaliação.

Não foi possível encontrar semelhanças ou diferenças entre o grau de escolaridade dos familiares com os modos de auxiliar seus/as filhos/as nas práticas escolares. Notamos que Amada do Senhor, Monique e Lindomar, que são respectivamente de escolaridades Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Médio Completo e Ensino Superior Completo, compartilham uma mesmo modo de ajuda: a contratação de professor particular ou cursos preparatórios para vestibular na tentativa de melhorar a aprendizagem e aumentar as oportunidades de seus/as filhos/as. Um aspecto que todos os familiares e alunos/as compartilharam em comum foi considerar que estudar, apesar de gostarem ou não, é fundamental para as coisas do futuro e/ou ter uma boa profissão.

5.2 A PANDEMIA, ESCOLA: NÓS NÃO ABRIMOS MÃO!

Nesta subseção tentamos realizar leituras plausíveis das falas dos/as alunos/as e familiares sobre a escola, parte B de nosso roteiro de entrevista, trazendo em um primeiro momento os pares de entrevistas. Utilizaremos como base Lins (1997b, 1997c, 1999, 2004a) e os trabalhos de Ciríaco (2021), Tamayo e Tuchapesk (2020) e Ruiz (2020), Junges (2013, 2017) e Junges e Knijinik (2014), entre outras das sessões de revisão de literatura, para problematizar nossa leitura.

Buscamos aqui organizar nossa leitura das falas dos/as familiares e alunos/as sobre a escola durante a pandemia nas modalidades do ensino remoto e a volta do ensino presencial; sobre o que gostam, valorizam ou não na escola; sobre o que consideram sobre os métodos de aprovações facilitadas nas escolas; sobre os impactos que a pandemia pode ter causado na aprendizagem de seus/as filhos/as; sobre o que mudariam na escola; e o que significaria para eles/as caso ela não existisse.

5.2.1 Sofia e Lindomar

A escola antes da pandemia, para Sofia, “era muito boa [...] era bem mais a vontade que aqui... e acho que a gente pegava as coisas mais rápidas. A gente tinha mais... não sei explicar.” (trecho de fala de Sofia). A escola *em* que estudava na época da entrevista para Sofia na modalidade do ensino presencial, estava “[...] bem diferente... muito bastante também... a gente ficou 2 anos parados e quando a gente voltou... e pegou tudo isso a gente ficou assustado não sei...” (trecho de fala de Sofia). A aluna relata que estava na oitava série quando iniciou a pandemia em 2020, e que voltou a estudar presencialmente no final de 2021, já no Ensino Médio, com algumas dificuldades. Sobre as dificuldades, dizia que “[...] não tinha aula... Os professores não sabiam mexer... Muitos (alunos) não acessavam... Eu fiquei sem meu celular e aí não teve como também...” (trecho de fala de Sofia). A aluna relata que sua mãe, com quem morava durante a pandemia, tirou o celular dela por castigo, e ela ficou sem acesso às informações que a escola oferecia no ensino remoto.

Sofia considera que sua antiga escola era melhor e que aprendia mais nela, além disso considera que não valoriza e não gosta da escola, que possui outras perspectivas além do que sua tia Lindomar fala para ela, que é fundamental estudar para ter um bom futuro e que é só querer para conseguir.

Quando perguntado sobre quais perspectivas Sofia tinha, a aluna gesticulou com a cabeça negando responder. Quando perguntado se a escola a prepara para as coisas da vida ela diz: “Ah... sim e não... Porque eles estão me preparando para eu ter um futuro bom, mas não estou me preparando para lidar com as coisas ruins que vem pela frente...” (trecho de fala de Sofia). Quando questionada quais partes ruins vêm pela frente, ela diz não querer falar a respeito, encenando, também, com a cabeça de forma negativa.

Lindomar, que passou a buscar na justiça a guarda de sua sobrinha, relata que a aluna foi morar com ela apenas dois meses antes da entrevista, e que não sabia falar sobre como foi o ensino remoto de Sofia, mas quando perguntado sobre os estudos e a escola no formato presencial de Sofia, e se considerava que a escola a preparava para a vida, Lindomar responde:

[...] Tem que trabalhar e estudar... A minha vida inteira eu sempre pensei assim.. Eu cresci pobre a vida inteira e sempre pensei que se eu puder estudar eu vou e até um sobrinho mais velho perguntou assim: “Nossa tia, você estudou tanto pra limpar velho...” Ai eu falei: “Nunca mais repita isso.” “O dinheiro do idoso é igualzinho que o da de aula”. E hoje eu tenho umas colegas minhas que falam assim: “Nossa, tu estudaste tanto pra fazer faxina...” (trecho de fala de Lindomar).

[...] O real, é a mesma moeda. Eu envelheci, esses cabelos brancos aqui não foram de festa não meu filho. Foi de preocupação com os filhos dos outros... da educação aos filhos dos outros... Eu passei, viajei, quando tinha minhas férias eu viajava, aproveitei minha vida. Agora na hora do meu compromisso, é compromisso [batendo na mesa com a colher] se eu dizer que é 17hrs é 17hrs, entendeu. Te dizer que eu ainda vou... Se eu não tivesse esse problema no fígado que minha saúde é zero, posso ir a qualquer momento, se meu fígado parar, eu não posso fazer cirurgia pois eu tenho hipertensão, minhas artérias se alargaram e seu fizer morro. Mas se eu falar pra você que eu quero fazer vestibular pra medicina e juiz eu faria direito e é só o querer... é só eu querer... (trecho de fala de Lindomar).

Para Lindomar, sua educação na infância foi difícil pois sua família não a deixava estudar e tentava condicioná-la a padrões de funcionamento familiar que mantinha costumes arraigados desde os séculos anteriores em relação à posição da mulher na família e na sociedade, mas que foi se alfabetizando e buscando conhecimento por si própria. Lindomar faz uma comparação de que, se ela conseguiu estudar e fazer uma faculdade, sua sobrinha também consegue, justificando que Sofia tem tudo o que precisa, e só basta querer para conseguir.

Quando perguntado para Sofia se considera que a escola tem um sistema de aprovação facilitada ela fala que: “Ah... pra mim eu acho que não vale muito a pena porque... você só vai ter dado um trabalho, ter feito... e aí você vai pegar e simplesmente me passar porque eu fiz aquilo... acho que deveria ter feito isso antes...” (trecho de fala de Sofia). Para sua tia Lindomar, não foi perguntado sobre esta questão por não constar no roteiro de entrevista, mas quando perguntado para Lindomar sobre os impactos que a pandemia pode ter causado na aprendizagem de sua sobrinha, ela fala:

Olha, porque veja bem.. Eu vim assim.. fico irritada querendo quebrar a televisão. Falando: “Meu filho de 7 anos não sabe ler, essa pandemia atrapalhou... NÃO! Ela que atrapalhou!! Como que você diz que tem um filho na fase de alfabetização em uma pandemia, não ver as atividades do filho e dizer que é a pandemia que está atrapalhando uma educação. Se o pai e a mãe não ajudam um filho de 7 anos a ler, vai ajudar um filho desse tamanho Edson? Não vai! (dicionando o olhar para sua sobrinha). Não vai Edson... Ah porque está cansada... (trecho de fala de Lindomar).

[...] O que eu quero entender, o que a gente tem que entender, isso é que a família está deixando a desejar, e sabe quem está pagando o pato? A escola. Ah, porque depois da pandemia o menino tinha.... NÃO! Tinha que dar um jeito de correr atrás. A minha irmã errou e deixou ela (sobrinha) o tempo todo sem escola. Não podia fazer isso... Tinha que dar um jeito da escola cobrar, mas agora tenho que colocar no reforço e chamar a diretora e falar “olha ela precisa de ajuda”. Ela tem computador, tem celular pra que? Pra ficar jogando conversa fora com fulaninho e fulaninho? De jeito nenhum! Vai estudar, tem que estudar! (batendo com a colher na mesa) (trecho de fala de Lindomar).

Lindomar considera que a pandemia não causou impactos em sua sobrinha, mas ela mesma, junto com sua mãe, não deram um jeito de correr atrás de estudar, mesmo tendo recursos como computador e celular. Lindomar ainda relata que é a escola que fica como responsável pela falha na aprendizagem dos/as alunos/as, mas que esquecemos de inserir a família também como responsável.

Sobre o que mudariam na escola, Sofia relata não gostar dela, e houve um momento ao final das falas em que ela se emocionou, chorando, ao pensar numa escola que gostaria que mudasse como:

As atitudes das pessoas em... relação a sotaque... ao seu jeito de ser... seu jeito de falar... de onde você vem... de criticar o seu corpo... de criarem um padrão para você seguir... porque se você não seguir aquele padrão você não é perfeito... é deixado de lado... o bullying... é... as brincadeiras de mal gosto e as piadas que não são necessárias. (trecho de fala de Sofia)..

Sofia mudaria também “O jeito de ensinar... poderia ensinar com dinâmicas diferentes... usando coisas diferentes...” (trecho de fala de Sofia) nas escolas se fosse possível, já sua tia Lindomar relata que “ traria a família para a escola. A escola precisa criar um modo de trazer a família para a escola”. (trecho de fala de Lindomar). Lindomar conclui sobre o que mudaria na escola dizendo:

Olha, eu digo que professor é um sonhador. Eu não fui professora, eu sou. Porque não passou, ela é. A gente é o resto da vida. Mas eu, eu.... acho que assim.. é... precisaria muiiito de... a educação do Brasil precisa engajar a família com a escola. Porque a família não pode despejar na escola os seus filhos (trecho de fala de Lindomar).

Para o questionamento da não existência da escola, mesmo Sofia dizendo não gostar e não valorizar a escola por causa das atitudes dos colegas, não entender o que os professores/as explicam, principalmente em Matemática, e ter outras perspectivas” como objetivo de vida, ela considera importante ter a escola para ter um bom futuro e que seria chato não ter escola, porque passaria o tempo todo mexendo no celular. Já Lindomar relata que a escola é fundamental e que, mesmo estudando já está difícil conseguir emprego, sem a escola seria ainda pior , sem ela, a situação financeira é muito pior. As direções de falas sobre mudar a escola, Sofia e Lindomar, seguiram um aspecto social quando uma quer mudar as atitudes dos colegas, e a outra, inserir a família nas atividades escolares. Todavia, Sofia foi além do querer mudar a escola no aspecto pedagógico que seria ensinar conteúdos por novos métodos. Sofia e Lindomar consideram que a escola é importante, e que deve sempre existir independente dos problemas e mudanças que gostariam que a escola realizasse.

5.2.2 Nahommy e André

A escola, para Nahommy antes da pandemia, durante e com a volta do ensino presencial,

no Rio era bem comum assim... Eu só estudei... no médio eu só estudei o primeiro ano lá. Só estudei um mês no primeiro ano porque depois entrou a pandemia, mas o ensino lá é bem normal. É bem parecido com o daqui. Não tem muita diferença. É bom. (Trecho de fala de Nahommy).

Foi perguntado para a aluna se ela teve aula durante a pandemia e sua resposta foi que não teve, que só pegou uma primeira apostila de atividades, mas que não sabia que tinha que ficar “buscando as apostilas, aí só no final do ano, quando minha mãe foi na escola, que descobriu que tinha que pegar as apostilas; aí eu fiz tudo de uma vez” (Trecho de fala de Nahommy). Quando foi morar com seu pai, precisou repetir a série de estudo pois diz que não fez “o segundo ano, porque eu... eu passei lá no Rio. Aí eu fui pro segundo. Aí quando eu fui pro segundo, eu vim morar com meu pai. Aí quando eu cheguei aqui, faltou uns documentos e acabei que não fui matriculada” (Trecho de fala de Nahommy). Com a volta do ensino presencial, Nahommy relata que a escola que estuda é a única na modalidade de ensino integral da cidade, e que quando passou a estudar nessa modalidade, disse que: “É horrível. Você perde a vida social inteirinha. Até mesmo no sábado por exemplo tem que ficar aqui das 7:30 às 16:20. É horrível estar aqui! Ninguém quer estar aqui!” (trecho de fala de Nahommy). André argumenta que no primeiro ano da pandemia ela ficou sem celular e “como tudo era pelo WhatsApp, chegou no final do ano tinha trabalho pra passar de ano, então infelizmente a modo grosso foi levado às coxas” (trecho de fala de André). Nahommy considera que o ensino continuou o mesmo, mas relata que para os/as alunos/as não ficarem todo tempo dentro da sala de aula os/as professores/as levam as pessoas para a quadra, pátio e outros ambientes da escola para realizarem as atividades.

André disse achar que sua filha havia estudado 1 ou 2 meses na escola no Rio de Janeiro (RJ), e que a mãe dela havia trancado a escola por alguma ocorrência que ficou inaudível durante a gravação do áudio e que ela não tinha conseguido vaga na escola quando mudou, no final de 2021 para São Lourenço (MG): “Em 2021, ela não estudou, ela tá retornando esse ano, acho que foi até melhor, porque o ensino do Rio é muito atrasado, isso ia atrasar ela muito mais ainda” (trecho de fala de André).

Nahommy diz gostar da escola e que deveria valorizá-la, mas que tem preguiça e que a carga horária é extensa, “eu acho que a escola integral basicamente fez eu

perder toda vida social que eu tinha, mas eu gosto. Eu acho que as aulas são boas, não tenho o que reclamar” (trecho de fala de Nahommy). Já seu pai André, bacharel em Educação Física, ao falar sobre a escola, a considera importante e a valoriza, mas diz que “algumas matérias são muito complexas que realmente você não vai usar, tem que ser uma coisa mais básica pra pegar o interesse da turma, entendeu? e quem quisesse aprofundar ir além” (trecho de fala de André). Para ele, a escola não a prepara pra vida e que o que ela “devia fazer é, o, as coisas iguais nos Estados Unidos, lá se você é bom em Português trabalha mais o Português, se você é bom em Matemática trabalha mais Matemática, mais focado na aptidão do aluno acho que se pegar assim vai ter muito mais resultado” (trecho de fala de André).

Ao perguntar se a escola a prepara para a vida, Nahommy, antes de falar, deu uma pequena pausa e disse:

Cara, não! É porque, por exemplo, eu quero fazer Pedagogia. Então ao mesmo tempo que eu vou ser professora, que eu vou precisar de muita coisa. O ensino básico que eu preciso ter pra ser professora é... por exemplo as duas aulas que eu precisava assistir para ser professora no futuro é Português e Matemática, e um pouco de Biologia para aprender um pouco de Ciências. Mas tipo assim, não são todas matérias que eu, que ainda não sou professora, não sei como isso vai ser. Sempre vejo os professores na sala, mas não sei como vai ser. Não acho que eu vá usar sei lá uma prova de Física, a forma de Bhaskara eu acho que não vou ensinar para as crianças de ‘prezinho’ então (trecho de fala de Nahommy).

Sobre os métodos de aprovações facilitados, a aluna disse não concordar com eles, e que são realizados através de trabalhos avaliativos como reclassificação e aprovação para a próxima série de ensino, para ela as pessoas:

[...] vai empurrando com a barriga. Por exemplo, o pessoal da minha sala, metade deles matam aula, ficam no pátio matando aula. Aí tem professor que vê, chama mas não voltam pra sala. Só que aí eles só copiam tudo no caderno e sei lá... colam de alguém e tiram uma nota boa e passam. Não é a mesma coisa da gente que está na sala todos os dias (trecho de fala de Nahommy).

Não foi perguntado para o André sobre os métodos de aprovação, mas relata sobre os impactos que a pandemia pode ter causado na aprendizagem da aluna, dizendo que:

Realmente foi esse de ter ficado sem escola. Como ela tava estudando no Rio, é aula remota, então qualquer trabalhinho por mais que você fosse estudar se vai fazer um trabalho e tá aprovado, ou seja, não teve aquele conhecimento do professor e não tirou dúvida, qualquer dúvida você ia pro Google você pegava a resposta e tava pronto o trabalho. A convivência na sala de aula de você saber, de perguntar ao professor é totalmente diferente, faz muita diferença (trecho de entrevista com André).

Sobre as falas voltadas para o que mudaria na escola, Nahommy relata:

Ah, eu acho que... eu mudaria o fato de a sala ser muito cheia. Porque... eu gostei de ter juntado as turmas, porque eu falo mais com o pessoal do 2º1 do que 2º2, mas a sala é muito cheia agora e... é muita gente falando. Tem hora que o professor está falando, aí você está copiando. Só que aí a menina da frente está falando, a menina do canto está falando, o pessoal de trás está falando (trecho de fala de Nahommy).

Quando perguntado para André sobre o que mudaria na escola, ele relata:

Eu acho que agora a escola dela sendo em tempo integral eu imaginava que de manhã seria estudo normal e a tarde uma coisa mais profissionalizante, alguma coisa assim, mas eu vejo que não. Então eu acho que pelo menos umas duas vezes por semana tinha que ter uma coisa mais voltada pra profissão, uma coisa mais técnica entendeu? (trecho de fala de André).

Não foi perguntado para Nahommy e André sobre o que consideravam se a escola não existisse, mas quanto a algumas disciplinas como a Matemática, a aluna considera que seria estranho, e seu pai, André, que a direção da escola estaria “ficando loucos”, pois a Matemática é fundamental junto com Português. Nahommy e André compartilham uma mesma direção de interlocução quando consideram que a escola deve existir para aprender conteúdos que possam ajudar em suas profissões, mas que a escola na modalidade do ensino integral não prepara para a vida e que tinha que ser voltado à profissionalização, que é ruim e que a carga horária é extensa, mas sem novidades. Todavia, seguem direções diferentes em relação ao que consideram bom no ensino no Rio de Janeiro e ao que gostariam de mudar a escola, enquanto Nahommy gostaria de mudar num aspecto social, como a quantidade de alunos por turmas e a relação entre professor e aluno, seu pai gostaria de mudar no aspecto acadêmico, como os métodos de ensino e um modelo voltado para ensino profissionalizante.

5.2.3 Victória e Amada do Senhor

Victória, que estudou na mesma escola antes da pandemia, durante o ensino remoto, e com a volta do ensino presencial, no Ensino Fundamental e Médio, relata que o ensino continuou o mesmo nas duas modalidades, mas deixou de ter a mesma quantidade de alunos de antes.

Hoje não tem muito [aluno], mas eu acho que tinha mais alunos. As pessoas eram mais juntas.... o convívio das pessoas mudou muito. Mas o ensino continua normal [...] depois da pandemia, foi um pouco difícil de se acostumar de novo a conviver com todo mundo (trecho de fala de Victória).

Quando perguntado o porquê de considerar essa falta de interação dos colegas, ela fala que “eu acho que foi porque a gente ter ficado tanto tempo em casa,

tanta coisa acontecendo, eu acho que distanciou um pouco as pessoas” (trecho de fala de Victória). A aluna relata que o ensino emergencial remoto foi por Plano de Ensino Tutorado (PET), que teve que buscar sozinha a aprender os conteúdos da apostila que já se encontravam na internet, comentando que os colegas copiavam as resoluções, mas que ela estudava para resolvê-las. Já sua mãe, Amada do Senhor, quando perguntado sobre a escola antes da pandemia, durante o período remoto e com a volta do ensino presencial, a mãe fala:

Ah, mudou em tudo. A escola parou de dar aula né? Parou de ter aula presencial e foi pelo celular, né? [...] Ela me mostrava as coisas que ela fazia, sabe? Só não mostrava com detalhes. Na verdade, eu cobrava muito isso dela, né? Para ela estar me mostrando que ela estava fazendo as coisas direitinhas pra me entregar. Porque tinha data certinha para entregar, né? (trecho de fala de Amada do Senhor).

A aluna relata gostar da escola e que a valoriza, e quando perguntado sobre aquilo que gosta ou não na escola, ela diz: “Eu, o que eu mais gosto, eu acho que é de estudar mesmo, de o professor estar lá na frente e dele explicar a matéria. E o que eu menos gosto é, às vezes algum aluno, não deixe o professor explicar, ou desrespeitar o professor” (trecho de fala de Victória). Sobre se a escola a prepara para as coisas da vida, Victória diz que: “Então, eu acho que não, a escola não te ensina como que você deve viver na sociedade. A gente enfrenta desafios aqui na escola e com esses desafios a gente vai aprendendo” (trecho de fala de Victória). Aqui, parece haver uma contradição na justificativa da Victória ao considerar que a escola não a prepara para as coisas da vida, mas que nela encontra desafios e que com eles vão aprendendo, o que estaria preparando-a para os desafios que ela foi encontrando. Sobre o que esses desafios seriam, ela relata como o exemplo a convivência com os colegas.

Já sua mãe, Amada do Senhor, relata que estudou até a sétima série do Ensino Fundamental, e que parou os estudos pois reprovou duas vezes e engravidou aos 16 anos de Victória. Depois, relata que para ter dinheiro para criar Victória, precisava trabalhar mais tempo e deixou de frequentar a escola. A mãe de Victória considera a escola importante para sua filha, quando diz para sua filha estudar e “Para ela poder entrar numa faculdade, num banco, num trabalho, entendeu? É uma grande oportunidade quando a gente estuda. Se a gente não tem estudo, a gente não consegue nada” (trecho de fala de Amada do Senhor).

Amada do Senhor relata que a forma do ensino na época em que estudava, na mesma escola que sua filha, era melhor que a atual naquela escola pois,

Ah, a gente tinha respeito pelos professores, né? A educação que os pais da gente passavam pra gente, a gente mantinha na sala de aula. Diferente de alguns alunos hoje, né? Eu vejo minha filha reclamar todos os dias que tem alguns alunos que não respeita os professores (trecho de fala de Amada do Senhor).

Aqui, Victória e Amada do Senhor compartilham a mesma direção de interlocução quando relatam que a indisciplina dos/as alunos/as nas salas de aulas aumentou, deixando de haver respeito com o/a professor/a. Quando questionada sobre a sensação de que há uma aprovação facilitada na escola ela fala que: “Então, o que a gente vai levar da escola? Conhecimento, não é? Se a gente estudar, a gente vai levar aquilo para a nossa vida, mesmo se a gente for aprovado ou não. E se as pessoas não estudarem também não vai levar o conhecimento” (trecho de fala de Victória). Ainda sobre os métodos facilitados, ele se manteve na pandemia e que “pelo menos eu dava um duro para ali para entregar as coisas e tinha gente que nem fazia e passou de ano” (trecho de fala de Victória). Não foi perguntado sobre os métodos de aprovação facilitada para Amada do Senhor por não constar no roteiro, mas sobre o impacto da pandemia na aprendizagem de sua filha. Para a mãe de Victória: “Na verdade, eu acho que o impacto será na hora que for fazer o ENEM, prestar um vestibular, né? Que não está por dentro daquilo que precisava aprender no nono e primeiro ano” (trecho de fala de Amada do Senhor).

Se Victória pudesse mudar a escola, ela “faria mais coisas para os alunos poder se ajuntar com os professores para poder a gente se ajuntar com os professores, para poder a gente se ajudar” (trecho de fala de Victória). Já sua mãe, suas falas sobre a escola e o que mudaria nela foram:

Eu mudaria essas crianças rebeldes que não tem um pingão de respeito pelos professores. Eu não deixaria essas crianças estudar. Não que eu não deixaria estudarem, mas assim, desrespeito o professor, o professor não está ali pra educar. A educação ela vem dentro de casa. Quem tem que dar educação para os seus filhos tem que ser os pais. Se não tem pais pode ser os avós, se não pode ser os tios, a parentela. Mas a falta de respeito de hoje que os adolescentes tem com os professores, é muito ruim e muito desagradável. Porque não condiz com aquilo que era da nossa época. O senhor estudou lá também, não foi? (trecho de fala de Amada do Senhor).

Eu lutaria para continuar tendo escola sim. Na verdade, a escola, muitas crianças, elas vão para escola porque não tem o que comer dentro de casa. Tem muitos estudantes que vão a escola não só para estudar. Na minha época eu ia pra escola porque não tinha comida. Eu não gostava de faltar da escola. E muita das vezes as crianças hoje, a família com pouca renda, com dificuldade por causa do desemprego, vão pra escola para poder se alimentar. Não só pra estudar, mas pra ter um alimento também, entende? (trecho de fala de Amada do Senhor).

Podemos perceber que Victória compartilha uma mesma direção de interlocução que sua mãe quando pensaram em mudar a escola num âmbito mais social, que no caso seria os comportamentos dos alunos com os professores e entre eles mesmos. Ambas consideram a escola fundamental para um bom futuro.

5.2.4 Jonathan e Lilian

Para Jonathan, o lugar onde estudou desde os anos iniciais do Ensino Fundamental e o seu Ensino Médio “sempre foi uma escola boa, o ensino, mas é importante ser melhorado, né?” (trecho de fala de Jonathan). Para Jonathan, a escola antes pandemia era diferente, com a volta presencial mudou “[...] essa questão de distanciamento da cantina. Durante a sala de aula agora é as máscaras e essas coisas” (trecho de fala de Jonathan). Durante a pandemia, relata que no primeiro ano foi muito difícil de estudar, e com a volta do ensino presencial está sendo melhor o contato com os/as professores/as para fazer perguntas diretamente com eles/as, “porque no ensino remoto não tinha como tirar dúvida direito com o professor. A explicação ficava mais difícil” (trecho de fala de Jonathan). Jonathan fala que

durante a pandemia foi ruim porque a maioria das respostas eu acabava pegando na internet, né? E, aí minha mãe falava que não era para eu pegar na internet que era para mim me esforçar mais, mas eu acabei que a maioria das respostas eu peguei na internet (trecho de fala de Jonathan).

O aluno diz valorizar a escola e gostar dela porque tem espaço que “dá para enturmar, pra fazer amigos e conversar”. Ao perguntar se a escola o prepara para as coisas da vida, Jonathan diz: “É, ela ajuda assim em enturmar a entender sobre o mundo. Ajuda você a aprender as coisas básicas, para as profissões. Elas têm um tanto de matérias que mais futuramente você vai utilizar aquilo na sua vida” (trecho de fala de Jonathan). Para Lilian, que estudou na mesma escola que seu filho, o ensino era muito rígido, mas que foi boa, “Eu estudei meu tempo todo... Eu fiz o jardim da infância num colégio particular aqui em São Lourenço, né? mas eu lembro pouco disso. Eu só fiz meio ano né. Depois, no meu “prezinho”, já foi na escola Dr. Humberto Sanchez” (trecho de fala de Lilian). Sobre essa escola e o ensino para seu filho durante a pandemia, Lilian relata que seu filho participou dos estudos online pelo celular e que na escola:

[...] eu acho que o professor tinha que ir na sala de aula como se ele estivesse dando aula normalmente, ali no quadro e ele ali desenvolvendo o estudo: Ah, hoje a gente vai passar a matéria tal... O aluno sentasse na mesa naquele horário, né? Aí o professor de Matemática. Da sua aula de Matemática, quando vê, saía a Matemática e entrava o Professor de

Português. Eu achava que poderia ter sido assim, entendeu? Aí os alunos iriam aprender mais. Não, que o professor... O professor se esforçou para poder fazer suas aulas. Mas eu acho que teria mais aprendizado se fosse assim. Matéria e aula (trecho de falas de Lilian).

Sobre se o aluno considera que há métodos de aprovações facilitadas nas escolas, Jonathan relata que sim, e que: “em partes é ruim né. Pois você está facilitando para o aluno estar passando de ano em ano sem muito esforço né”. O aluno relata que já ficou de recuperação final em Matemática e que existe uma série de trabalhos como prova, recuperação, reclassificação e visto do caderno como forma de aprovação, após não conseguir média dos quatros bimestres regulares, na recuperação e reclassificação. Apesar de não constar no roteiro a pergunta para os familiares sobre métodos existentes nas escolas, foi questionado por sua mãe Lilian dizendo que não acha legal, pois “vão empurrando com a barriga, e eu ainda penso como vai ser o futuro com esse pessoal assim, porque muitos vão empurrando com a barriga, sai da escola sem saber nada, eu acho que é complicado” (trecho de fala de Lilian).

Sobre os impactos que considera que a pandemia causou na aprendizagem de seu filho, foi dito que “Ele não aprendeu, ele já vai e pergunta né. Apesar que hoje em dia já poder procurar uns vídeos no YouTube. Mas não é a mesma coisa que está fazendo uma, uma aprendizagem, ela é presencial, né?” (trecho de fala de Lilian). Podemos considerar que Lilian acredita que seu filho Jonathan precisa do/a professor/a para aprender, e a falta de contato com eles/as foi o impacto que a pandemia causou na aprendizagem de Jonathan.

O Jonathan, como ele não estava conseguindo acompanhar a turma do WhatsApp da sala dele, né? o professor entrava, via o WhatsApp, corrigia as vezes a matéria assim.. a turma conversava assim... Mas o Jonathan não estava conseguindo seguir, né? Aí a escola ofereceu o PET impresso. Aí a gente fazia o PET impresso e depois devolvia (trecho da entrevista com Lilian).

Sobre o que mudaria na escola, Jonathan gostaria de: “Colocar, vamos supor, tipo, se o aluno no Ensino Médio já sabe da sua profissão já definir a matéria que ele vai aprofundar mais, né? Se ele for dependendo da profissão dele, já aprofundar naquilo” (trecho de fala de Jonathan). Já sua mãe, gostaria de mudar a escola para:

Uma coisa mais rígida com os alunos. Não sei bem, da impressão que é... Não tá uma coisa mais segura... Deixa-me te falar... Se pudesse ter bomba... Se ele não sabe, ele vai repetir ou então vai fazer uma recuperação para ele aprender melhor. Agora essa questão de vai empurrando com a barriga né... Eu acho assim, se o aluno não sabe, não conseguiu obter as notas, precisaria repetir de ano. Seriam melhor para eles (trecho de falas de Lilian).

E isso incentivaria eles a estudar mais ainda: Ah, não, eu vou estudar. Se não, vou tomar bomba. Na minha época tinha negócio de boletim, nota

vermelha, a gente ficava morrendo de medo de chegar em casa e mostrar pro pai que tava com nota vermelha: Ah, pai! É, meu boletim veio com nota vermelha, você tem que assinar, para mostrar que mostrou o boletim, né? Então, a gente morria de medo. A gente ficava naquela expectativa para ver quem passou e quem não passou. E aí era uma alegria quando a gente passava. Saía correndo da sala de aula: tô de férias, passei, passei. Hoje em dia parece que não tem essa empolgação (trecho de falas de Lilian).

Aqui, vemos direções de interlocuções diferentes para mudar a escola, enquanto Lilian relata querer um ensino mais rígido, que pudessem reprovar os/as alunos/as para eles terem medo de notas abaixo da média, Jonathan relata que gostaria de uma escola voltada ao ensino profissionalizante, assim como André, pai de Nahommy. Sobre a pandemia, tanto Jonathan quanto sua mãe compartilham uma mesma direção de interlocução quando relatam que a pandemia impactou a aprendizagem do aluno, e que precisava de aulas presenciais com os/as professores/as para tirar dúvidas no mesmo momento em que elas surgiam.

5.2.5 Lara e Monique

Lara, que estudou seu Ensino Fundamental e Médio na mesma escola, relata que “a escola em si sempre foi muito acolhedora em relação a tudo. Em relação a estudo, à matéria, tanto como questão pessoal, também. Todos os professores e coordenadores aqui sempre foram muito amigos da gente” (trecho de fala de Lara). Sobre a escola e a pandemia, Lara fala que “a pandemia começou quando a gente estava entrando no primeiro ano, então acabou que a gente perdeu o ensino médio inteiro praticamente e “[...] em relação antes e depois da pandemia, eu acho que eu era muito mais inteligente do que no atual momento, por conta das circunstâncias, mas me considero uma pessoa esforçada, focada” (trecho de fala de Lara), e

[...] que com a pandemia não mudou tanto que o que atrapalhou bastante foi a questão do ensino à distância, que acabou prejudicando a gente durante esses 2 anos, são. Então, assim que a gente voltou meio assim, de uma mente perdida. Em relação à matéria, essas coisas assim. (trecho de entrevista com Lara).

[...] em relação a matéria que foi difícil para a gente poder se acostumar com o EaD e aprender durante a pandemia [...] porque agora eles estão tendo que meio que recapitular e dá tudo uma mastigado, entre aspas, para a gente, a gente poder ter pelo menos uma base ruim para poder passar no vestibular (trecho de fala de Lara).

Sobre se a escola a prepara para a vida, Lara relata que a escola ajuda, de certo modo, a disciplinar os/as alunos/as. Quando perguntado sobre esses modos de disciplinar ela relata:

A gente tem como exemplo, hierarquia entre diretor, supervisor, professor, aluno. A gente deve respeito a eles, assim como a gente vai ter que ter respeito com um trabalho que a gente for, vai ter hierarquia no trabalho, vai ter o seu patrão, vai ter o gerente e vai ter os funcionários. É, por mais que seja uma coisa besta, a fila na hora da cantina. A gente tem que esperar a nossa vez. Eu acho que tudo isso são coisas que a gente faz no nosso cotidiano e que mal ou não, se você não aprendeu. Antes você aprende na escola (trecho de fala de Lara).

Quando Lara produz significado para a serventia da escola na vida dela, ela já deixa de associar a escola como um lugar que se ensina apenas conteúdos como de Matemática, ela fala sobre uma Matemática acadêmica necessária para novos cursos e também sobre uma Matemática da rua, quando fala de usar proporções e regra de três, por exemplo, na contabilidade da empresa que trabalha. Além disso, a aluna relata que a escola a prepara num aspecto social com relação ao respeito com colegas de trabalho, e também sobre desenvolver disciplina para aguardar sua vez na cantina, relatando que isso pode ser útil em seu cotidiano.

Para a mãe de Lara, quando perguntado quais mudanças ela considera que teve na escola com a pandemia, ela relata que:

Tudo! Ela não aprendeu nada, é, os professores não deram nada, foram só empurrando matéria e eles procuravam no Google a resposta e respondiam. Não teve conhecimento. Só teve preenchimento de espaço, né? Que aprendizado não teve nenhum (trecho de fala de Monique).

[...] Enfim, não posso julgar a vida de cada um. Uma professora falou que não podia fazer vídeos porque ela tinha filho pequeno e ela não conseguiria gravar uma aula. Enfim, eu acho que quando a gente quer, a gente faz e não arruma desculpa. Teve umas aulas de escolas públicas que davam aulas online, ligava lá as câmeras. Está certo que tem lá aqueles mais pobres, que não tem condições de ter um computador, um celular. Essas crianças que não tem condições de assistir essas aulas online. Tinha que ter uma preparação, um trabalho mais focado para eles que não tem essas condições. Mas teve escolas municipais que deram aulas online. Eu achei maravilhoso. Porque uma colega minha que tem uma filha com a mesma idade que a minha que fala: a fulana está tendo aula todos os dias. Das 7:30 às 12:00, uma aula normal. A professora explica lá na aula *online* e ela fica lá tendo a aula dela (trecho de fala de Monique).

Quando perguntado para Lara sobre os métodos de aprovação facilitada nas escolas, Lara diz que “é muito difícil você ser reprovado em uma escola pública. Assim só reprova quem realmente quer e quem se esforça para reprovar, porque é muito difícil reprovar em escola pública, porque eles fazem de tudo para você não reprovar” (trecho de fala de Lara).

[...] a gente acha injusto, é porque tem, ao mesmo tempo que tem gente que se esforça muito. Durante o ano não fazem nada e aí chega no final do ano, faz alguns trabalhos e as provas e passa assim. [...] São conclusões que a gente tira longo do ano, porque nas outras séries passadas, a gente via

alguns alunos que faziam zona o ano inteiro. Ele chegava no final do ano. Nossa, precisa de tantos pontos, aí faziam trabalho e passava de ano ou carregava 1 ou 2 matérias e passava de ano. Sendo que a gente se esforçava o ano inteiro para poder tirar uma nota boa e a gente fica meio (trecho de fala de Lara).

Não foi perguntado para a mãe de Lara sobre os métodos de aprovações facilitadas, mas quando perguntado sobre os impactos que Monique considera que a pandemia teve na aprendizagem de sua filha Lara, a mãe produz os seguintes significados:

O impacto maior foi não ter a explicação da matéria, né? O desenvolvimento do conteúdo. Porque eles abriam no computador, na plataforma. Ninguém vai ler se não tiver um professor. Ninguém vai ler. Então abre, vê as perguntas, joga no Google e responde. Então acho que faltou... o pior foi a presença, né? a explicação que não teve. Então não julgo, né? como que vai saber. O pior de tudo foi isso. Não passar matéria, copiar. Não teve nenhum desenvolvimento porque não copiou nada, não escreveu nada. Simplesmente preencheu para dar uma satisfação do governo que passou de ano. (trecho da entrevista com Monique).

Sobre o que mudaria na escola, Lara relata que “mudaria o modo de como os professores ensinam e como os alunos se comportam. Porque não estou julgando só os professores. Estou falando que os alunos também hoje em dia não estão nem aí” (trecho de fala de Lara).

Já sua mãe Monique, relata que não mudaria nada na escola, mas que acrescentaria a disciplina de LIBRAS e Braille nas escolas:

Acho que colocaria o que está faltando na escola. Acho que colocaria educação especial, tem que aprender LIBRAS que eu acho importante. O braille eu acho muito importante. Mesmo as crianças que não têm essas dificuldades tinham que saber (trecho de fala de Monique).

Bom, o LIBRAS em si é uma disciplina. É uma necessidade de todos os seres humanos para a gente ter a comunicação um com o outro. Na LIBRAS você tem que ter uma comunicação. Se você não tiver uma comunicação você pega uma pessoa que é surda, você não vai saber comunicar. Igual uma língua estrangeira, que é necessária também. Você também tem que saber pelo menos uma língua estrangeira para você saber lidar com o estrangeira, com o que você for fazer uma viagem, fazer um curso fora para se especializar você tem que saber uma língua estrangeira. A LIBRAS também de encaixa nessa. O Braille, no caso, é necessário também, porque a gente não sabe o dia de amanhã. Você não sabe se vai ter um filho com necessidades especiais, não sabe se vai ter uma pessoa que vai precisar de você né nessas condições. Até para dar aula você precisa. Se colocar uma criança cega dentro da sala, como você vai ensinar para aquela criança se você não sabe o conteúdo da necessidade especial daquela criança. Então tudo é necessário. A gente tem que se encaixar nessa vida, a gente tem que encaixar que as pessoas nem todo mundo é igual. Assim como tem preto, tem branco, tem loiro, tem moreno, tem cedo, tem surdo. Então é necessário, é necessário a gente saber lidar com o todo (trecho de fala de Monique).

5.2.6 Algumas considerações sobre a pandemia e a escola

Devido a pandemia, as escolas públicas em Minas Gerais, onde a maioria das alunas e do aluno entrevistadas/o estavam estudando, passaram a adotar uma modalidade de ensino emergencial remoto emergencial proposto pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais através, do Regime Especial de Atividades não Presenciais (REANP) que foi composto, em 2020 e 2021, pelas seguintes ferramentas: hotsite “Estude em Casa”, Planos de Estudos Tutorados (PET), programa de TV “Se Liga na Educação” e aplicativo “Conexão Escola”, como discutido em Julio e Lima (2021). As principais são os PET e o programa “Se Liga na Educação”. Os PET consistem em apostilas contendo a exposição de conteúdos de cada componente curricular (ou disciplina) e atividades a serem realizadas pelos estudantes e entregue presencialmente na escola ou por e-mail e redes sociais. Em 2021, por exemplo, foram 4 apostilas com todas as disciplinas em cada uma, oferecidas uma a cada bimestre. O Programa de TV “Se Liga na Educação” era exibido no canal de televisão Rede Minas e podia ser acessado, também, pelo Youtube. As aulas de Matemática, por exemplo, aconteciam às quartas-feiras e cada ano de escolaridade tinha 20 minutos de aula, exceto o terceiro ano Ensino Médio que tinha 40 minutos.

Neste período de ensino remoto emergencial, Nahommy e Sofia não realizaram nenhuma atividade durante 2020, e não tiveram contato com seus professores e nem com a escola durante o ano. Essas alunas e Jonathan (que possuía acesso às informações da escola), copiaram as respostas das atividades da internet para serem aprovados para o próximo ano. Nossos dados corroboram com os resultados de Ruiz (2020), por exemplo, em que os familiares entrevistados possuíam dificuldades com o acesso à escola na pandemia, além do distanciamento entre professores/as e alunos/as. Lara e Victória tiveram atitude diferente, dizendo terem resolvido por si mesmas as atividades dos PET e que as enviaram para a escola regularmente. Aglutinando as falas desses alunos/as e de seus familiares, podemos ter como impactos da pandemia: a família como responsável por não cobrar dos/as filhos/as; a necessidade da escola de criar outras maneiras para se relacionar com a família; a falta de convivência na sala de aula para tirar dúvidas presencialmente com o professor; e a possível dificuldade na realização de provas como ENEM e vestibulares.

Nesta seção, vimos que o ensino emergencial remoto não proporcionou acesso igualitário à informação como nas falas de nossos familiares e alunos/as, como a de Nahommy e Sofia, e também nos artigos de Ciríaco (2020), Ruiz (2020) e Tamayo e Tuchapesk (2020). Todavia, Lindomar, tia de Sofia, foi a única entrevistada que destaca a família como responsável pelas falhas na aprendizagem dos/as alunos/as. Para ela, a escola possui suas responsabilidades, mas precisa trabalhar junto à família. Já André, Amada do Senhor, Lilian e Monique trazem a escola e o Estado como responsáveis pelos impactos da pandemia que vão em direção à crise institucional na educação, tratada por Tamayo e Tuchapesk (2020), segundo as quais, na pandemia, essa crise ficou ainda mais evidente quanto ao acesso à informação e à educação pública de qualidade. Essa falta de condições de familiares e alunos/as terem melhores oportunidades de aprendizagem nas escolas, está atrelada pelas autoras ao fato de que muitos alunos não têm acesso “à internet ou computador em casa e, ainda, que nem todos os professores e alunos sabem usar plataformas de ensino virtuais” (TAMAYO; TUCHAPESK, 2020, p. 31).

Os auxílios dos familiares nas atividades escolares com a volta do ensino presencial, durante ensino remoto e antes da pandemia foram: verificar se os/as alunos/as possuem dever de casa ou trabalhos, como as falas Lindomar e Amada do Senhor, sendo como uma espécie de vigilância, como tratou Junges e Knijnik (2014), ou seja, os familiares saberem o que os filhos estão estudando na escola e, também, como uma forma de compartilhar a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos; e, através da contratação de professores particulares e investimento em cursos preparatórios para o ENEM e vestibulares, tratados pelos familiares Monique, Lindomar e Amada do Senhor. Algumas mães entrevistadas em Ciríaco (2021), se relacionaram com nossos dados sobre o modo de auxílio nas atividades de Matemática dos/as filhos/as, que se deu pela contratação de professores particulares, porque relatam que as mães não conseguiam acompanhar a rigidez das escolas e por se tratar um serviço que elas não oferecem. Um dado interessante lido nas falas de Lindomar, foi que ela critica também a escola por não oferecer aulas de reforço e ela mesmo ter que procurar ajudar sua sobrinha.

Um dado marcante em nossa literatura, que se repetia em seus resultados, como a de Vera, González e Hernández (2014), Matos *et al.* (2017), Barraza, Peñaloza e Araújo (2016) e Ruiz (2020), foi que o nível socioeconômico dos familiares se relaciona com a aprendizagem dos/as alunos, e que familiares com melhores

condições financeiras optam por aulas de reforços com professores particulares e/ou matriculam seus filhos na rede de ensino privado. Todavia, nossos familiares entrevistados, que possuíam empregos na área de confeitaria, cuidador de idosos, aposentada e recepcionista, relataram investir em professores particulares e/ou cursos preparatórios para vestibulares. Não aplicamos um questionário sobre o nível socioeconômico, mas todos eles relataram possuir dificuldades financeiras, e disseram que tentam ajudar seus filhos/as como podem para melhorar suas aprendizagens, algo importante de ser reconhecido, como afirmam Preston, McPhee e O’Keefe (2019). Uma característica destacável nessas entrevistas foi que todos falam que a escola é importante, mesmo possuindo sugestões de mudanças como: turmas reduzidas; respeito com os professores; novas disciplinas como LIBRAS e Braille; dinâmicas e jogos para ensinar; ensinar conteúdos profissionalizantes; e, conteúdos que são voltados para o cotidiano.

Um dado interessante, lido ainda em nossas falas descritas, se repetiu também em Vera, González e Hernández (2014), em que a quantidade de alunos/as com baixo desempenho em disciplinas como a de Matemática pode ter relação como os tipos de castigos físicos e psicológicos que alunos/as recebem durante a tentativa do auxílio das atividades escolares e que o apoio familiar é frequente apenas nos primeiros anos de escolarização. Esse dado se destacou, em particular, com a família de Sofia e suas falas sobre a escola e o auxílio da família nas atividades escolares, em que o baixo desempenho na disciplina em Matemática pela aluna durante a fase do ensino remoto e presencial, transicionando do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, se deu pelos castigos e má relação com a mãe do período antes de morar com sua tia. Nahommy também morava com sua mãe no Rio de Janeiro e considerava suas relações “meio bostinha”. Os demais alunos/as relataram possuir boas relações com seus familiares durante o auxílio nas atividades escolares, mesmo a Amada do Senhor relatando que o mal comportamento de sua filha se corrigia com chicote; Victória não comentou sobre castigo, mas afirmou que sua mãe era muito brava e não sabia ensiná-la, e que foi somente após a contratação de professor particular que seu desempenho escolar melhorou e ela passou a gostar de Matemática.

Sobre os métodos de aprovações facilitadas perguntados para os/as alunos/as, eles falaram que há recuperação de nota em todo bimestre, e no final do ano, são utilizados provas, trabalhos, reclassificações e visto no caderno como meio

de aprovação. Para Sofia, não é interessante ter o método de aprovação facilitado, pois as pessoas só fazem um trabalho e passa. Para Nahommy, seus colegas sabem que podem ir empurrando com a barriga e que, no final do ano, é só o professor dar visto no caderno que é aprovado em algumas disciplinas. Victória relata que não é justo, pois têm pessoas que se esforçam para fazer as atividades e outros apenas copiam e também são aprovados, mas argumenta ainda que o que vai ganhar da escola é o conhecimento. Para Jonathan, em partes é ruim porque haverá aprovação do pessoal que ele considera que não fez muito esforço. Para Lara, a escola aplica trabalho, reclassificação e tem gente que não faz nada, mas mesmo assim é aprovado na disciplina, e alega que os colegas foram percebendo esses métodos ao longo dos anos até chegar no terceiro ano. Além disso, todos/as os/as alunos/as seguiram uma direção de interlocução que foi: não concordar com os meios de aprovações realizadas nas escolas públicas. Em nossa revisão de literatura, muitos artigos tocaram de certa forma no papel da família ou então da tríade aluno, família e escola (Buenache *et al.*, 2008) no desempenho escolar dos alunos, exceto Tuchapesk (2004), nenhuma delas fizeram críticas aos métodos de aprovação facilitados ou à aprovação automática que ocorre em escolas públicas, o que consideramos algo importante de ser problematizado em pesquisas futuras.

Tuchapesk (2004, p. 246) tece comentários sobre os fracassos escolares que existiram nas décadas de escolarização brasileira, e que uma das tendências de fracasso escolar, a partir do início dos anos 2000, não está diretamente relacionado à aprovação automática, mas na forma “como ela foi instalada no país e imposta às escolas e aos professores, que, sem nenhuma discussão a respeito, foram obrigados a aceitá-la e a incorporá-la em sua prática de trabalho”. Lins (1997b), já trazia a questão sobre o fim da reprovação, pois considerava o sistema de reprovação como um meio de impelir medo nos/as alunos/as e como forma de controlá-los em sala de aula. Lins (1997b) parecia pensar que havia uma necessidade de oferecer o que chama de tempo, para que novas possibilidades de desenvolvimento com os alunos/as em que não fosse por imposição de disciplina, comportamental, por medo, mas pensar que esse tempo pudesse oferecer novas possibilidades de pensar em disciplina, desvinculando de um modo conservador para uma mudança.

5.3 MATEMÁTICAS: A ESCOLAR E A DA RUA

Nesta seção, realizamos uma descrição das falas dos familiares e alunos/as

sobre a disciplina de Matemática ensinada na escola. Para os alunos, foi questionado sobre o que é a disciplina de Matemática; se gosta dela; se ela é utilizada nos cotidianos dos/as alunos/as; como é a aula e a relação professor e aluno; como gostaria que fossem as aulas de Matemática; e o que seria a escola sem a Matemática. Para os familiares, buscamos ler suas falas sobre o que consideram sobre a disciplina quando estudavam; suas relações entre professor e aluno; se utilizam conteúdos ensinados na disciplina estudada em suas práticas cotidianas; e o que seria a escola sem a disciplina de Matemática.

Os trabalhos de Lins (1997, 1999, 2004a, 2008) foram a base referencial para as leituras realizadas a partir das falas dos familiares e alunos/as sobre matemática e a disciplina de Matemática. Lins (2004a) não apresenta uma definição de matemática, mas ele faz caracterizações de matemática a partir de modos de produção de significado, como é o caso da matemática dos matemáticos, matemática do professor de matemática, matemática da escola e matemática da rua. Então, ler matemática, a partir das falas de nossos entrevistados/as, não tem o objetivo de enquadrar em uma definição para matemática, mas como eles/as as constituem. Para Lins (2004a), por exemplo, a Matemática do matemático pode ser caracterizada pelos modos internalista e simbólico de produção de significados. Ela é internalista porque

quando o matemático define um objeto, não cabe a discussão de se esta definição corresponde bem ou não a algo fora da própria Matemática. Se for para discutir se um objeto definido é ou não "bom", isto é feito apenas com relação a se ele ajuda a abrir áreas "interessantes" de estudo ou se ajuda a estabelecer novas relações que esclareçam ou resolvam problemas já postos (LINS, 2004a, 95).

Quanto à natureza simbólica:

quer dizer que os objetos são conhecidos não no que eles são, mas apenas em suas propriedades, no que deles se pode dizer. Para exemplificar: quando o matemático define o que seja a estrutura de grupo, não importa "quais" ou "quem" os elementos do conjunto de base são (por exemplo, números, polinômios, permutações ou conjuntos), nem qual seja especificamente a operação em questão (como, de modo particular, dois elementos são "multiplicados", qual o "resultado" de uma "conta" particular). O que importa são as propriedades desta operação: ela é associativa, há um elemento neutro, todo elemento tem um inverso. A partir daí estuda-se que outras propriedades e relações são implicadas por estas propriedades (daí a ideia de uma ciência das situações possíveis ou hipotéticas) (LINS, 2004a, p. 96).

Para Lins (2004a, p. 96),

Juntas, estas duas características - internalismo e objetos simbólicos - dão conta de muito do que se quer dizer quando se diz, ainda que informalmente, que a Matemática do matemático é "teórica" ou "abstrata" e de que, em sua des-familiaridade para o homem da rua, põe em movimento o processo de estranhamento.

Lins (1997, p. 20-21) enuncia que “A matemática da escola é consistente, precisa e geral, ao passo que a matemática da rua, não: lá podem ser considerados como legítimos métodos que são intrinsecamente imprecisos do ponto de vista da matemática escolar” . Decorre disso que a rua desautoriza a matemática acadêmica (escolar) por vê-la como inútil, pois na maioria das vezes, não são produzidos significados para ou a partir dela na rua, enquanto a matemática escolar desautoriza a matemática da rua, vendo-a como sua versão imperfeita. O discurso da utilidade ou do “para que serve?” a matemática escolar está posto em sala de aula, nas falas dos professores e fora dela, na fala de familiares. Lins (2004) acredita que querer convencer os/as alunos/as a gostarem de matemática pelo discurso da utilidade não nos leva muito adiante. Ele tenta,

[...] fazer [...] uma pequena contribuição para melhorarmos esta situação, a partir de uma questão diferente da “Para que serve?”: vou falar de “Que será que muda/acontece quando lançamos a Matemática sobre outras realidades?” Eu penso que este é um ponto extremamente importante para nós, professores, a partir do qual podemos conversar sobre o “para que serve” sem precisarmos nos remeter ao utilitarismo mais simples. Um mundo povoado pela Matemática é aquele em que vivemos, seja nos modelos matemáticos utilizados no gerenciamento de seus vários setores (a questão da governança), seja nas notas que são dadas a atletas da ginástica olímpica... (LINS, 2014, p. 14).

Lins (2004a) amplia essa discussão sobre o gostar ou não de matemática relacionado ao gostar ou não do professor, em que, de certo modo, a utilidade apareceu, dizendo que:

talvez a Matemática que tínhamos na escola só existisse dentro da escola e, como consequência, todo o contato que tínhamos com ela era através daquele professor ou professora, fazendo acentuar marcadamente o efeito de aceitação ou rejeição da matéria associada gostar ou não do professor. (LINS, 2004, p. 93).

Nesta seção, apresentamos as descrições de falas sobre a disciplina de Matemática, e uma seção em que discutimos essas falas com base nessas caracterizações lidas em Lins (1997, 1999, 2004a, 2008).

5.3.1 Sofia e Lindomar

A Matemática, para Sofia, foi definida como “uma coisa que não entra na minha cabeça! [olhando rindo] Matemática, nossa.. meu rival...” (trecho de fala de Sofia). Quando solicitado para a aluna pensar sobre o que mais a disciplina poderia ser para ela, é relatado que não sabia dizer sobre além de acenar com a cabeça. A aluna relata não gostar da Matemática “porque não entra na minha cabeça... já fiz explicador, já fiz professora e não entra na minha cabeça, não entra... eu já tentei de tudo” (trecho de fala de Sofia).

Sobre a Matemática ser útil, a aluna relata que serviria para “para tomar um remédio... pra... sei lá... fazer uma conta, pra pagar algo... e... na voltagem pra saber.... aaah, não sei explicar... não sei explicar...” (trecho de fala de Sofia). Quando solicitado sobre os conteúdos que ela usa no cotidiano, relata ser “Proporção, medida... é... [pausa longa] cálculos para resolver as coisas de cabeça... coisas do tipo” (trecho de fala de Sofia). As longas pausas nos dão a entender a dificuldade de Sofia para falar sobre a Matemática. Para Sofia a relação com o professor é ruim,

Porque ele é muito rígido. Ele é muito severo, então... acaba que... invés dele transmitir algo diferente faz que a sala dele tem medo de perguntar alguma coisa. E ele sempre dá um exemplo. Aí ele tá lá falando português e aí ele resolve brincar e fala em inglês, francês (trecho de fala de Sofia).

Sobre o que gostaria de mudar no ensino da disciplina, a aluna fala que faria mais dinâmicas e jogos para ajudar a aprender Matemática e diminuir o uso de quadro e giz. Já sobre o que acharia se não tivesse mais Matemática, é relatado que seria bom e ruim, “seria bom porque eu não ia precisar quebrar a cabeça em pedaços e eu não ia ver mais minha rival que é a Matemática... e ruim, porque a gente precisa aprender... é necessário... que nem falei, a matemática está em tudo” (trecho de fala de Sofia).

Lindomar, sua tia, quando perguntada sobre o que considera sobre a Matemática diz:

Matemática nunca gostei não! Muito complicado, Matemática... [pausa] porque eu não estudava, eu não fiz o ginásio, né? Então era complicado. Cada prova que eu tive que fazer eu tinha que chamar amigo meu para me dar aula porque... eu tinha que trabalhar. Eu passei a alfabetizar adultos, eu comecei a aprender a gostar da sala de aula, porque como eu aprendia rápido, eu comecei a ler com 5 anos de idade (trecho de fala de Lindomar).

Quando perguntado sobre a relação entre professor e Lindomar, quando era aluna, ela fala,

que a gente tinha um professor para todas as disciplinas, não é como hoje que tem um para Português, Matemática, História. O professor do primeiro a quarta série é um só para dar para todo mundo. Era uma feijoada [...] não sei se ainda é assim. Porque quando eu comecei a trabalhar eu dava aula só para a educação infantil. Mas Matemática, a gente não tinha só a Matemática (trecho de fala de Lindomar).

Mesmo não gostando de Matemática, Lindomar relata que a “Matemática é fundamental na escola e na vida da gente. Pelo menos, eu acho. Nós que criamos uma coisa de que a Matemática é um bicho papão, que só serve para dar trabalho. Não é minha gente!” (trecho de fala de Lindomar). Sobre a utilidade dos conteúdos de Matemática no dia a dia, para Lindomar, as pessoas colocam limitações em seu uso, “que há pra que, não vou usar Matemática, eu não vou ser economista pra trabalhar... com cálculo... gente... o nosso dinheiro, a nossa moeda, é como a gente trabalhasse e jogasse as coisas fora”(trecho de fala de Lindomar). Para Lindomar, a disciplina é útil para cálculo com dinheiro.

Quando perguntado sobre a sua profissão e o curso de Pedagogia que se graduou, ela produziu os seguintes significados para as perguntas: “O que você acha que a matemática era para o curso? O que você aprendeu para ensinar?” (trecho de fala do Entrevistador).

Olha, eu gostaria muito de ter tido a Matemática que tem hoje. Eu tive que pedir para amigo ajudar a ensinar fração, cálculo, é tanta coisa que a gente aprende. Tive que aprender ali mesmo para fazer essas provas, entendeu? Porque eu não fazia ginásio todos os dias. Não tive esse direito porque era muito longe, e meu pai não me deixava ir sozinha porque eu morava na roça, no mato escondido lá... era muito longe do centro. Olha, antigamente tudo era muito difícil, olha não tinha carro. Quem tinha carro era rico, entendeu? Não tinha ônibus. Olha, hoje passa ônibus na porta da casa da minha mãe, sobrinhos e parentes, ônibus escolares, antes a gente não tinha. Eu aprendi a ler muito rápido, tinha uma fome de leitura! Eu folheava um livro em dois tempo. Eu lia muito. Eu pegava o primeiro jornal e lia até os anúncios. Pegava o jornal e lia muito. Lia muito, muito, muito!! Eu sempre fui muito sonhadora, assim, sabe?... tive muitos sonhos, achando que ia mudar o mundo com a educação, não mudei nem a mim mesmo! (trecho de fala de Lindomar).

Sobre mudar o ensino de Matemática, Lindomar relata que

poderia ser algo mais flexível, é que é muito exata, muito exata. Tem que ser daquele jeito, porque o cálculo é assim e acabou, não tem modernização nenhuma, né?! O professor de Matemática acha que tem que aprender do jeito que ele ensinou. Não, tem que ser mais prático. Tem que abrir mão de muita regra para ver se fica mais flexível. Se o aluno pegar, né? (trecho de fala de Lindomar).

A família possui falas diferentes sobre o que é a Matemática. Enquanto Sofia seguiu uma direção de estranheza, dizendo que é algo que não sabe explicar inicialmente, que não entra na cabeça dela, sendo sua maior rival, Lindomar fala que a Matemática é fundamental na escola e na vida dela, e que somos nós que criamos uma coisa de que a Matemática é um bicho papão, que só serve para dar trabalho. Sofia e Lindomar relatam não gostar de Matemática, mas consideram ela importante pois é utilizada em diversas situações do cotidiano. Enquanto a aluna diz que a matemática é utilizada em proporções, medidas, contas que têm valores e voltagem [unidades de medidas], Lindomar relata ser utilizada em gastos, ganhos (financeiros) e tempo. Sobre mudar a disciplina, enquanto Sofia gostaria que o ensino fosse através de dinâmicas e jogos, Lindomar relata que o ensino poderia ser mais flexível, prático e modernizado. Ambas seguiram uma mesma direção de interlocução de que seria ruim se a escola não tivesse a disciplina de Matemática.

5.3.2 Nahommy e André

A matemática, para Nahommy, quando solicitada para dizer o que achava que era, ela dizia não saber. Após ter solicitado para que ela pensasse o que poderia ser, ela disse: “para saber muita coisa no futuro, na vida e tals. Mas... não tenho o que dizer sobre a Matemática. Eu acho ‘insuportavelzinha’” (Trecho de fala de Nahommy).

Nahommy fala que gosta de “matemática básica, mas a matemática com letras é meio insuportável” (trecho de fala de Nahommy). Ao perguntar o que era a Matemática básica, ela diz que são “as continhas de mais e de menos” (trecho de fala de Nahommy). A aluna relata que a Matemática só é útil quando não se tem calculadora, nos parecendo dissociar a matemática daquilo que é feito na calculadora. Ao solicitar outro exemplo, ela disse “Ah, eu acho que se alguém, por exemplo, você vai pagar alguma coisa e alguém te dá um troco [...] você precisa da Matemática pra raciocinar o que ela fez para você achar que não foi roubado” (trecho de fala de Nahommy). O uso da Matemática parece se restringir apenas às operações de soma, subtração, multiplicação e divisão com dinheiro. Em outro momento, quando perguntado a ela se a matemática seria útil para construir a sala (biblioteca), local da entrevista, ela disse que seria útil para um pedreiro ou para quem fosse fazer Arquitetura, que não é o caso dela, pois ela pretende cursar Pedagogia. Quanto à relação entre professor e a aluna, é dito que é boa, e que ele é um “ótimo professor. Sempre está se esforçando ao máximo para que eu entenda a matéria dele” (trecho de fala de Nahommy),

tipo assim, quando a gente tá na aula e tals, ele fala comigo em voz alta pedindo as respostas, para eu dar as respostas para ele. É tipo assim, dá pra saber que eu sei a matéria. Só que chega na hora da prova dá um branco, eu esqueço tudo (trecho de fala de Nahommy).

Sobre que acharia se não tivesse mais Matemática na escola e o que gostaria de mudar no ensino, temos as seguintes falas:

É que assim, todas as matérias, não só a Matemática, eu acho que são explicadas de uma forma muito, tipo assim, muito formal. Eu estava, vou dar um exemplo de uma coisa que você não perguntou, mas vê se faz sentido. Teve uma vez que eu fui ajudar uma professora no sexto ano, que eu estava sem aula, e aí eu fui ajudar um menino que não estava entendendo o que estava escrito no livro. Eu acho que o livro ou os que os professores ensinam são muito... formal... vamos dizer assim... não sei uma palavra boa para explicar, mas tipo assim, devia ser de uma forma mais fácil, sabe? [...] É... Eu acho que se fosse usado de uma forma mais... informal... se fosse escrito de uma forma mais informal... eu acho que a gente entenderia mais do que o jeito que é explicado. Porque, por exemplo, tem vez que a gente não entende a matéria e alguém chega pra você e explica para você de um jeito que ela aprendeu, você entende a matéria, porque a pessoa disse do jeito que você entende, tipo palavras que você entende, que você está acostumado a ouvir. [...] É. Eu acho que o livro é muito padrão, tipo, o livro é muito de uma forma... específica sabe. Eu acho que... por exemplo, tem pergunta no livro que só se você estudar muito você entende, eu sei lá, só se você for professor que você entende. Teve uma vez que tinha uma questão do livro que o Zé pediu para fazer e eu não entendi, só que quando ele chegou e falou: gente vocês vão fazer isso daqui, isso daqui, isso daqui... era a coisa mais fácil do mundo. Só que no livro está escrito de uma forma muito difícil, sabe? (trecho de fala de Nahommy).

Já seu pai, André, considera que ama Matemática e que, na Educação Básica, seu ensino era normal e sua relação com a professora era boa. Quando perguntado o que é Matemática, ele relata que são cálculos, “tudo que vamos fazer na vida serve de cálculo, até quando vamos fazer um orçamento você precisa fazer seus cálculos. Tipo assim, eu recebo mil, se eu gastar mais eu vou ficar devendo, então tudo que você vai fazer é Matemática, e cálculo é pra vida” (trecho de fala de André).

O pai de Nahommy relata que a Matemática é útil em sua vida, pois a usa na sua profissão: “Ah, Educação Física é cálculo toda hora, né? Montar uma série, na parte de natação; então, toda hora a Matemática está sendo avaliada, para marcar o tempo de um aluno. Então toda hora a Matemática está sendo usada” (trecho de fala de André). Sobre o que aconteceria se o diretor falasse que a escola não ensinaria mais Matemática, André diz que

Ah, vocês tão ficando loucos! Tudo o que você vai fazer na vida, Matemática é necessária. Até pra você marcar um encontro, você precisa saber o tempo que você vai ter pra você se preparar pra você chegar naquele encontro,

então não adianta... se você não tiver esse conhecimento você não vai fazer.
(trecho de fala de André).

André relata que mudaria a disciplina para algo que fosse mais voltado ao ensino profissionalizante, e que deixasse os mesmos conteúdos de Matemática e Português como obrigatórios no curso profissionalizante do/a aluno/a.

Nahommy, de primeiro momento, quando perguntada o que é a Matemática, ela diz não saber, mas depois relata ser algo voltado para se usar no futuro e em profissões, já seu pai André, relata que a Matemática é algo que usa em tudo que for fazer. Aqui, temos um aspecto interessante, pois a aluna diz não saber o que seria a princípio, a Matemática, e restringe seu uso somente às operações de soma e subtração, já André, relata que a Matemática toda hora é usada e está em tudo. Sobre gostar da disciplina, enquanto o pai diz amar, sua filha diz não gostar, e que a considera insuportável. Nahommy e André seguem uma mesma direção de interlocução ao falar que a Matemática serve para se usar em contas de dinheiro/orçamento. Tanto Nahommy quanto André consideram que a Matemática não pode ficar fora da escola, mesmo sugerindo mudanças na disciplina como um ensino mais informal e aplicável para profissões.

5.3.3 Victória e Amada do Senhor

A Matemática, para Victória, “é uma matéria onde a gente tem que pensar, o momento de pensar” (trecho de fala de Victória). Victória gosta de Matemática: “Aí eu gosto de fazer as contas, de resolver. De pensar e o que eu tenho que fazer ali” (trecho de fala de Victória). A aluna relata que passou a gostar da disciplina depois que começou a fazer aulas particulares para melhorar sua aprendizagem. Para ela, a disciplina é útil

pra tudo que a gente for fazer. Não sei usar o exemplo, mas a gente precisa de matemática para fazer as contas, para poder, por exemplo, fazer uma receita. A gente precisa de matemática [...] Porque pra eu poder saber quanto que são $\frac{3}{4}$ de farinha, eu tenho que saber matemática (trecho de fala de Victória).

Victória considera que a relação entre professor e aluna é boa, e não tem o que reclamar “mas aos alunos, sim. Acho que os alunos deveriam ter um pouco mais de educação com o professor, não só nas aulas de matemática, mas em todas as aulas, para poder deixar o professor explicar” (Trecho de fala de Victória). Victória relata não precisar mudar a forma que ensina Matemática na sala de aula, mas sim algum meio dos/as alunos/as respeitarem o professor enquanto explica a matéria.

Sobre mudar algo na disciplina, ela considera “que o que poderia mudar, eu acho que ele poderia perguntar mais para a gente, por exemplo, ele tá lá e faz, tá resolvendo? Ele poderia perguntar pra gente o que que a gente fez, pra ele colocar lá no quadro, pra ver se estaria certo” (trecho de fala de Victória). Sobre o que acharia se não tivesse mais Matemática, ela diz: “Então, eu acho que no começo seria até que ‘nossa que legal não ter mais matemática’, mas depois eu ia sentir uma falta, porque a gente precisa de matemática” (trecho de fala de Victória).

Já sua mãe, Amada do Senhor, considera que a Matemática é “um dos pontos bem diferenciados para as crianças aprenderem as coisas na escola. Entrar numa faculdade. Acho que a Matemática é importante né, o aprendizado de somar” (trecho de fala de Amada do Senhor). Ainda sobre o que é a Matemática, para a mãe de Victória, podemos encontrar as seguintes falas:

Matemática pra mim é um pouco dificultoso, mas, porém, ajuda muito né, a criança se desenvolver. Desenvolvimento com as coisas. A minha filha quando ela era mais nova, ela tinha muita dificuldade com Matemática, aí Deus preparou de eu pagar uma professora particular para ela uma vez na semana e foi quando ela aprendeu a gostar de Matemática. Aquele bloqueio que ela tinha nas aulas de Matemática, hoje ela pode ajudar outras crianças através do aprendizado da Matemática” (trecho de fala de Amada do Senhor).

A relação de Amada do Senhor com seu professor, em sua época de estudante, era boa, e ela diz que a turma tinha respeito pelos professores. “A educação que os pais da gente passavam pra gente, a gente mantinha na sala de aula. Diferente de alguns alunos hoje, né? Eu vejo minha filha reclamar todos os dias que têm alguns alunos que não respeitam os professores” (trecho de fala de Amada do Senhor). Algo semelhante encontramos nas falas de Victória ao parecer não gostar dos comportamentos dos colegas na sala de aula. Amada do Senhor relata que a Matemática é útil em suas práticas cotidianas, pois ela a utiliza para pesar produtos que vende,

A gente usa peso, a gente usa... vamos supor que um cliente encomenda 50 docinhos, a gente faz, a gente tem uma bancada já com bolinhas marcadas. A gente coloca lá as bolinhas certinhas do brigadeiro e dos docinhos, então a gente usa bastante coisa. [...] Proporção, porcentagem, acho que é isso mesmo, é porcentagem que fala, né? (trecho de fala de Amada do Senhor).

Sobre o que aconteceria se o diretor falasse que a escola não ensinaria mais Matemática, Amada do Senhor relata que “Lutaria por ela, porque a Matemática faz parte, né? [...] É fundamental Matemática, se não tivesse Matemática, como que a gente ia entender as coisas, né?” (trecho de fala de Amada do Senhor).

Nesse movimento de leitura, notou-se que tanto a Amada do Senhor, quanto sua filha Victória possuíam dificuldades em Matemática, mas que, através de aulas particulares pagas por Amada do Senhor, essa dificuldade da Victória foi diminuindo e o interesse pela disciplina, aumentando. Todavia, sua mãe ainda tem muita dificuldade com a Matemática. Tanto Victória, quanto Amada do Senhor, relatam que a Matemática é importante para os/as alunos/as aprenderem receitas, proporções, pesos, medidas e as coisas da vida. A escola, de acordo com elas, não deveria deixar de ensinar Matemática, pois faria falta e não daria para entender as coisas.

5.3.4 Jonathan e Lilian

A Matemática, para Jonathan, é “uma coisa que vai usar mais futuramente”. Ele relata que só está usando ela na escola e caracteriza a disciplina de Matemática como uma matéria que vai ser usada futuramente em sua profissão. O aluno diz não gostar da disciplina, pois tem dificuldades “nas contas, nas fórmulas de... de contas mais grandes, essas coisas” (trecho de fala de Jonathan). O aluno relata possuir dificuldades nos conteúdos de Probabilidade e Estatística, que estava tentando aprender na época da entrevista, e que tem dificuldades de entender as fórmulas que são abordadas na disciplina. Além disso, relata ter ficado de recuperação no Ensino Fundamental, e que suas dificuldades já existiam desde os anos iniciais. Todavia, Jonathan considera a Matemática útil “porque tem um tanto de profissão que futuramente vai ser usada a Matemática, acho que praticamente tudo na vida, alguma hora, você vai acabar usando aquilo” (trecho de fala de Jonathan).

Sobre a relação entre a professora e o aluno, Jonathan fala que gosta de sua professora de Matemática, que ela o “ajudava a gostar mais [da disciplina], né?. Porque, eu me sentia mais motivado a aprender. Tirando dúvidas, perguntando pra ela” (trecho de fala de Jonathan). O aluno parece não associar o gostar do professor com o gostar da disciplina. Sobre o que gostaria de mudar na disciplina, é relatado que os professores poderiam ensinar conteúdos mais voltados para profissões, como informática e engenharia. E que se a disciplina não existisse “Seria bom porque eu não precisaria estudar Matemática né. Não curto muito. Mas seria complicado no futuro porque a grande maioria das profissões usa ela, né?” (trecho de fala de Jonathan).

Já sua mãe, Lilian, considera que a Matemática é “praticamente tudo no dia a dia, né?. Até música tem Matemática. Até inclusive eu tenho dificuldade no negócio

de tempo de música” (Trecho de fala de Lilian). Sobre sua época de estudante, Lilian relata que sempre teve dificuldade com Matemática

Por isso, para o Jonathan, eu consegui ensinar a ele algumas coisas que era da minha época, né. Então quando ele começou a aprender coisas novas, eu já não conseguia ajudar ele. Porque eu não aprendi isso, né. Na minha época era outro tipo, na oitava série era até equação de primeiro grau. Aí depois, como eu não fiz mais, não estudei mais, eu não aprendi essas outras coisas. Então, quando ele estava com dificuldade eu falava sempre: procura orientação com o professor, na sala de aula, né? Essas coisas assim. Hoje em dia, eles têm ainda facilidade de procurar coisas na internet. Na minha época a gente não tinha. Na minha época de pesquisas escolares a gente reunia em trabalhos de escola né. A gente tinha que reunir lá na prefeitura daqui da cidade. Lá tinha biblioteca, tinha que procurar aqueles livros. A gente fazia resumo. Então era mais difícil para a gente. Hoje em dia eles têm mais facilidade. Mas eu gosto sim de Português, de História, eu era nota dez (trecho de fala de Lilian).

A sua relação com a escola, com a Matemática e com o professor durante o Ensino Básico foi uma experiência ruim para Lilian.

Olha, às vezes eu tinha muitos problemas de saúde, né? Às vezes o professor, assim, a gente mulher com cólica, né? Tinha o professor de Matemática, que como eu não entendia muito de Matemática, às vezes, chegava em dia de prova, a gente tava com cólica e não dava pra fazer a prova. Às vezes o professor falava: Ah, isso daí é pra não fazer a prova, não vou aplicar a prova de novo. A gente tinha que ir na diretoria para fazer a prova. Isso daí é experiências, né? Livro de ocorrência, a gente assinava, não por indisciplina. Às vezes, acontecia, né? Que foi uma época difícil. Às vezes, a gente tinha uma blusa de uniforme. E aí, se você chegava uma vez na escola sem a blusa de uniforme, você já assinava o livro de ocorrência (trecho de fala de Lilian).

Lilian relata que a escola é útil em suas práticas cotidianas,

porque eu cantava no louvor na minha igreja, aí, às vezes, meu pastor, que é um professor de música, falava: Ah, espera o tempo. Olha o tempo. Ai eu não entendia muito bem, mas eu levava, né. Eu saí do ministério, não por causa disso, eu saí por causa da mudança no horário de ensino, né? Eu tinha um pouco de dificuldade em relação ao tempo de música [...] Que exemplo eu posso te dar... A moto você tem, o tempo certo para você passar a marcha, né? É embreagem, marcha, tudo assim... A Matemática sempre foi usada no mundo. A Matemática está em tudo, né? (trecho de fala de Lilian).

Sobre o que aconteceria se o diretor falasse que a escola não ensinaria mais Matemática, ela

Diria para ele que não pode fazer isso não. A Matemática não pode tirar, não pode, não pode. Agora se ele chegasse e falasse para mim que não haveria mais a disciplina de educação religiosa, eu falava “tudo bem, né?”, é uma opção sua, da escola. Isso eu acho bom, pra uma disciplina religiosa, bom, mas se a escola não... é... acho que é mais de casa, né... educação religiosa né, da disciplina [...]. Agora, a Matemática e essas matérias são essenciais. (trecho de fala de Lilian).

Tanto Jonathan e Lilian relataram possuir muita dificuldade em Matemática. Enquanto o aluno relata gostar da professora da disciplina, sua mãe relata que sua relação com o seu professor não era boa. Jonathan e Lilian seguiram uma mesma direção de interlocução ao relatar que a Matemática é útil para as práticas cotidianas, mas abordam essa utilidade de modo diferente, enquanto Jonathan relata ser útil em profissões e para as coisas do futuro, sua mãe relata que a Matemática é útil em diversas situações como tempo de música e troca de marchas de moto. A família seguiu direções de interlocuções diferentes sobre uma escola sem a disciplina de Matemática, enquanto o aluno diz que gostaria de não ter dificuldades, a mãe relata que falaria para não fazerem isso, pois a disciplina é essencial.

5.3.5 Lara e Monique

A matemática para Lara é “Números. Muito vaga a resposta? [...] Se fosse definir realmente, uma matéria. Nunca levei ela para a minha vida assim” (trecho de fala de Lara). A aluna relata que só passou a gostar de matemática quando começou a entender como ela é ensinada no curso preparatório para vestibulares que participava. Para Lara, os conteúdos que envolvem matemática ensinados na escola são “muito bestas... É, sei lá, eu me sinto uma aluna de sexto ano na aula dela [...] Aqui na escola, eu acho que a matemática é muito vaga para a gente que está no terceiro ano. Mas aprendi a gostar no cursinho” (trecho de fala de Lara).

Já as falas de Lara sobre a Matemática ser útil para ela, seguiu as seguintes direções:

Eu trabalho, em administrativo, então a gente mexe com muito, com contabilidade. Então a gente precisa saber, às vezes, regra de 3 para poder fazer uma conta. Divisão, divisão de grupos e essas coisas. Então, eu acho que o básico do básico, adição, subtração, divisão, multiplicação, regra de três são o que a gente realmente usa [...] Porcentagem. Não tem uma coisa específica, a gente é... mexe muito com uma planilha. Com o levantamento, com o lançamento de nota, o que a empresa gasta durante um mês é... quando a gente pode gastar durante um mês. O que a gente pode é... investir, o pagamento dos funcionários. Porcentagem de pessoas que utilizaram o clube country, pessoas que usam o clube (trecho de fala de Lara).

Lara considera que o gostar do professor, se relaciona com o gostar da disciplina, “Eu sempre aprendi a matéria em relação ao professor. E era que eu entendia, então a professora me ajudou muito. Ela é muito boa. Só que ela não dava para gente mais, mas eu comecei, o básico da matemática, eu aprendi com ela”

(trecho de fala de Lara). Esta relação sobre o gostar da Matemática com o gostar do/a professor/a já é algo tratado em Lins (2004a), porém em nossos dados, apenas Lara relata essa relação. Para a aluna alguns professores não se importam como ensinam as disciplinas e acabam influenciando o não gostar das disciplinas, mesmo não sendo de Matemática. Lara diz não concordar com uma escola sem Matemática, “porque por mais que a gente não goste, português e matemática são as matérias básicas que a gente têm para a sobrevivência (trecho de fala de Lara). Todavia, gostaria de mudar “o modo de como os professores ensinam e como os alunos se comportam. Porque não estou julgando só os professores. Estou falando que os alunos também, hoje em dia, não estão nem aí” (trecho de fala de Lara),

Não estou generalizando todos os professores, é que alguns simplesmente passam a questão e manda ler o texto para a gente poder responder e acaba que a gente: Tá, eu vou ler o texto e responder as perguntas, mas e a explicação? Eu acho que tinha que dar mais atenção a teoria e a resolução de exercícios (trecho de fala de Lara).

Sobre como Lara gostaria que a professora ensinasse Matemática, é relatado que ela “deveria estar aprendendo coisas mais complexas e que para desenvolver o nosso cérebro para poder resolver uma questão de vestibular” (Trecho de fala de Lara).

Para Monique, mãe de Lara, quando perguntado sobre o que é a Matemática, ela diz que a “Matemática é a vida da gente, né? A gente já nasce fazendo Matemática. Calculando, dividindo, multiplicando” (trecho de fala de Monique). Quando perguntado para Monique se tinha interesse e pra que servia a Matemática, ela diz que “adorava Matemática”, e que ela é importante pra tudo. Sobre as aulas que tinha e a relação com os/as professores/as Monique diz:

Eu lembro que nas aulas de Matemática na época tinha a professora Maura, que era uma excelente professora. Tinha o professor Carlinhos, que foi um excelente professor. Então eles interagiam com os alunos, eles faziam os alunos participarem da aula. Ia no quadro e dava dinâmica, dava jogos para interagir. Hoje o professor passa as coisas no quadro, explica e aí o aluno pergunta. A Lara já reclamou, disse várias vezes, até a Lia mais nova que está no sexto ano reclama disso várias vezes. Que perguntam para o professor e eles respondem com falta de educação: “Você não está entendendo? Não é possível que não esteja entendendo isso.” Ou seja, a paciência que tinha antes, hoje já não tem mais. Então esses pequenos pontos fazem toda diferença no ensino de uma matéria que é tão importante, que é a Matemática (trecho de fala de Monique).

Monique relata que a escola é útil em sua vida e de sua filha pois serve “ pra tudo, né? Pagar conta, tudo a gente usa Matemática, usa pra poder calcular o tempo, a paciência (risos), a gente usa Matemática em tudo na vida da gente” (trecho de

entrevista com Monique). A mãe de Lara relata que não mudaria como se ensina Matemática, mas “Acho que colocaria o que está faltando na escola. Acho que colocaria educação especial, tem que aprender LIBRAS, que eu acho importante. O braille, eu acho muito importante. Mesmo as crianças que não tem essas dificuldades tinham que saber (trecho de fala de Monique),

Eu não tiraria nem colocava. Porque depende de cada profissão que a pessoa vai escolher. Então tem cada fórmula, cada situação da Matemática de equações dependendo da profissão que você vai seguir você precisa dela equação, precisa daquela decisão. Então eu acho que eu não tiraria nem colocava nada não. Eu acho que a Matemática está crescendo, né? (trecho de fala de Monique).

Sobre o que aconteceria se o diretor falasse que a escola não ensinaria mais Matemática, Monique relata que

Fecha a escola! A escola precisa da Matemática, uai. Como que não vai ter uma... não tem como ter uma escola e não colocar Matemática. Matemática a gente usa pra tudo [...] Matemática é a base de tudo. Matemática é essencial. Você tirou a Matemática, você tirou a base da escola, ué. Você vai só estudar matéria de estudo? Acho que todo cálculo é necessário. Se for pra tirar alguma matéria que tire... Artes. Não que não seja tão importante quanto a Matemática né? Mas, a Matemática, no caso, é mais necessária que as próprias Artes, né? Eu estou falando do ponto de vista de cada um. No meu ponto de vista (trecho de fala de Monique).

Lara e Monique seguiram interlocuções diferentes quando falaram sobre o que é Matemática para elas. Enquanto a aluna diz que Matemática “é” números, a mãe relata que a Matemática é tudo na vida, e que já se nasce calculando. Sobre a utilidade da Matemática, a aluna diz usar em seu trabalho conteúdos de porcentagem, divisão, multiplicação e regra de três, sua mãe relata ser útil para contar, calcular o tempo e a paciência. Ambas relatam ter boas relações com seus professores e não concordarem com uma escola sem Matemática, que deveria se fechar pois a Matemática se usa em diversas situações no trabalho e no dia a dia. Enquanto Lara diz querer mudar a disciplina adicionando conteúdos mais complexos, sua mãe não mudaria nada na disciplina, mas relata que acrescentaria disciplina que poderia ter na escola como braille e libras.

5.3.6 Algumas considerações sobre as Matemáticas: acadêmica e a da rua

A matemática para nossos sujeitos foi caracterizada de diversas maneiras, as direções de interlocuções sobre o que é a matemática, através das falas de nossos familiares e alunos/as foram: de que a disciplina é a maior rival para Sofia; de não

saber o que é para Nahommy; que é uma disciplina para as coisas do futuro e para as profissões para Jonathan e Victória; que é números para Lara; que é tudo na vida para Monique e Lindomar; que é uma matéria para Lilian; e que é a base de tudo junto com Português para André. Na maioria dessas falas, consideramos que a matemática foi caracterizada, na maioria das vezes, como disciplina, ou seja, como a matemática escolar.

Quanto ao gostar da disciplina de Matemática, notamos que, em alguns casos, esse gostar foi relacionado com o/a professor/a de Matemática. Por exemplo, Sofia não gosta de matemática porque não gosta das brincadeiras e da forma de explicar do professor. Enquanto Victória gosta, pois aprendeu com as aulas particulares e com o professor da disciplina, e Lara que deixou explícito que sempre relacionou o gostar da disciplina com o gostar do professor. Em outros casos, notamos que o gostar de matemática não tem relação com o gostar do/a professor/a de matemática, como foi o caso de Jonathan que diz não gostar da disciplina por causa das fórmulas e gostar da professora por ela ser atenciosa com ele.

Nossos dados vão na direção do que Lins (2004a) discutiu sobre o interesse dos/as alunos/as pela disciplina de Matemática se relacionar com o gostar (ou não) do professor, com base nos estudos de Celia Hoyles (do Institute of Education, University of London). Lins (2004a) amplia essa relação dizendo que:

talvez a Matemática que tínhamos na escola só existisse dentro da escola e, como consequência, todo o contato que tínhamos com ela era através daquele professor ou professora, fazendo acentuar marcadamente o efeito de aceitação ou rejeição da matéria associado a gostar ou não do professor (LINS, 2004, p. 93).

Um espaço comunicativo compartilhado é que tanto Sofia, Nahommy e Jonathan quanto Victória, relataram que a matemática é uma matéria que vai ser usada no futuro. Quando perguntando sobre esse futuro, alguns associam a utilidade da matemática em suas profissões. Lara segue uma direção um pouco diferente, ao caracterizar a matemática como números, numa espécie de matemática escolar, mas que já a usa em sua profissão e no cotidiano, caracterizando a utilidade para ela no que nos parece ser uma matemática da rua que, de acordo com Lins (1997) se caracteriza pela aceitação de significados matemáticos e não-matemáticos. Lara tratou a matemática para sua vida através de uma coexistência da matemática escolar e uma matemática da rua ao utilizar em seu trabalho planilhas, porcentagem e regra de três. Por outro lado, ela traz uma matemática escolar ao se preparar para vestibulares, que é surreal e intrigante, que segundo ela, seriam “equação polinomial,

equação de segundo grau. Qual que é o nome é outro? Função pode nomeá-la. Equação biquadrada. O que são coisas que eu fico assim, meu Deus, que que é isso, física? Nossa Senhora Aparecida!” (trecho de entrevista com Lara).

Outras direções de interlocuções sobre a utilidade para os/as familiares e aluno/as foram: proporções, medidas, contas que têm valores e voltagem [unidades de medidas]; para música; ser utilizada em gastos, ganhos e tempo; ter utilizado para tudo; para ter paciência; para usar em profissões; porcentagem, regra de três, divisão e multiplicação; e, também usando a matemática para se preparar para vestibulares e ENEM.

Angelo (2012), em sua tese já nos mostra que alunos/as e professores/as habitam mundo distintos, e que entender como os alunos pensam sobre matemática e seus modos de operar na vida, pode contribuir para uma coexistência da matemática escolar e da matemática da rua. As falas de nossos/as entrevistados/as nos chamaram a atenção porque quando eles/as falam sobre matemática, se referem mais ao que fazem no dia a dia, no cotidiano, relacionando a matemática escolar a uma matemática básica, caracterizada por cálculos. Aqui, estamos vendo que há uma grande importância no que Lins (2004a) traz com relação ao relacionar a matemática da rua e a matemática do matemático, e o que Ciríaco (2021) fala sobre familiares com seus saberes culturais, trazendo a matemática do cotidiano para dentro da escola.

Nossos/as estudantes trouxeram diferentes falas sobre o que mudariam na disciplina de Matemática que é ensinada na escola: diminuir o uso de quadro e giz e adotar mais dinâmicas e jogos, para Sofia; que explicasse conteúdos contextualizados com o cotidiano, para Nahommy; que o ensino da disciplina fosse voltado para aplicações em profissões, para Jonathan; que não mudaria nada na disciplina, para Victória; e que aumentaria o nível de complexidade dos conteúdos para o ano de ensino, para Lara. Já as falas sobre o que seria uma escola sem a disciplina de Matemática foram: de que seria bom, pois não teria mais dificuldades; que seria bom por não lidar com sua rival; que seria bom no início, mas depois seria ruim pois seria preciso saber matemática; que lutaria para ter a disciplina; que poderia fechar a escola se não tivesse a disciplina; e que a disciplina deve existir, pois é fundamental na vida. É interessante notar que todos os familiares rejeitaram a ideia da não existência da disciplina de Matemática, e que até mesmo o/as estudantes que relataram não gostar de matemática e que, a princípio achariam bom se a disciplina

não existisse, apontaram que no futuro não seria bom, porque acreditam que precisariam da matemática na vida.

Nos parece um senso comum essa imagem ou a ideia de que a matemática é importante para a vida, sendo exemplar a fala de Monique “Ah, Matemática é a vida da gente né. A gente já nasce fazendo Matemática. Calculando, dividindo, multiplicando [...]. Matemática é a base de tudo. Matemática é essencial. Você tirou a Matemática, você tirou a base da escola, ué.” (trecho da entrevista com Monique). Falas nessa direção parecem exercitar, conforme Angelo

[...] um discurso que lhes permite ocupar certo lugar no mundo, como se o que falassem fosse alguma coisa que eles acreditassem que pudesse ser falada, que outras pessoas compartilhariam com eles aquelas justificativas para a Matemática estar na escola (ANGELO, 2012, p.120).

Não é nosso objetivo fazer uma discussão sobre a representação social da matemática, mas deixamos apontado a existência dela na Educação Matemática, como vemos na pesquisa de Gondim (2023), a matemática como uma racionalidade impregnada no currículo, na sociedade como um todo, “Isto porque, ela não é apenas uma ideologia ou um modo político de governo, mas uma maneira como vivemos, acordamos, pensamos, sentimos, habitamos o mundo” (GONDIM, 2023, p. 15).

A partir de tudo o que foi abordado nesta subseção, há diferentes modos de constituir matemática, sendo que algumas pessoas gostam e outras pessoas não gostam de matemática, no caso, da matemática ensinada na escola. Há sugestões para tornar a disciplina de Matemática mais interessante. Algo marcante nas entrevistas é que praticamente ninguém abriria mão da disciplina de Matemática, por acreditar que ela é útil na vida. Algumas falas de nossos entrevistados parecem caracterizar uma matemática da rua e outras, uma matemática acadêmica/escolar já tratada em Lins (2004a). Além disso, houve momentos em que alguns entrevistados parecem relacionar a matemática acadêmica e da rua, juntas, numa espécie de coexistência, como abordada em nosso referencial.

Aqui, familiares e alunos/as trouxeram suas produções sobre a matemática. Um aspecto que pode contribuir para a coexistência, é ouvir os/as alunos/as, algo central no MCS. Um aspecto que nos chamou a atenção na maioria das pesquisas envolvendo família, estudante e disciplina de Matemática, exceto a de Angelo (2012), é que a matemática sempre esteve atrelada à nota, ao desempenho escolar, ao sucesso escolar e às falas sobre o ensino e aprendizagem de matemática. Mas houve pesquisas que abordaram, também, outras possibilidades, ou outras matemáticas, como a matemática da rua, tematizada por Lins (1999, 1997b, 1997c, 2004a, 2008)

ou então, matemáticas abordadas por Ciríaco (2021), Junges (2013, 2017) e Junges e Knijinik (2014), ou seja, de que a matemática praticada pelos familiares diferem da matemática escolar.

6 RESULTADOS DAS LEITURAS

Após as transcrições de nossas entrevistas, realizamos uma descrição das falas, de forma pareada família-estudante, categorizando-as em três seções, sendo elas: 5.1. Família e (Auto)Responsabilização; 5.2. Pandemia, Escola: nós não abrimos mão; e 5.3. Matemáticas: acadêmica e a da rua. Em seguida, foram realizadas discussões com base em nossa revisão de literatura e os referenciais teóricos de Lins (1997, 2012, 2004a, 1999) e em aspectos das teorizações de Paulo (2020), com base no MCS, onde direções de interlocuções foram compartilhadas, em alguns momentos e em outros não, entre familiares e alunos/as e com os dados de nossa revisão de literatura. Adotamos ler e discutir as direções de falas nessas três seções (5.1, 5.2 e 5.3), a partir do modo como as falas foram acontecendo com base no próprio roteiro de entrevista, sendo organizadas como: sobre a família, suas configurações e funcionamentos; sobre a escola, durante a pandemia nas modalidades do ensino remoto e a volta do ensino presencial; o que gostam, valorizam ou não na escola; sobre o que considera em relação aos métodos de aprovações facilitadas nas escolas; sobre os impactos que a pandemia pode ter causado na aprendizagem de seus/as filhos/as; sobre o que mudariam na escola; e o que significaria para eles/as, caso ela não existisse.

Sobre a Matemática, em 5.3, foram organizadas as discussões sobre: como caracterizam a Matemática; se gosta dela; se ela é utilizada nos cotidianos dos/as alunos/as; como é a aula e a relação professor e aluno; como gostaria que fossem as aulas de matemática; e o que seria a escola sem a matemática. Para os familiares, buscamos ler suas falas sobre o que consideram sobre a matemática e a disciplina que tinham quando estudavam; suas relações entre professor e aluno; se utilizam conteúdos a matemática em suas práticas cotidianas; e o que seria a escola sem a disciplina de Matemática.

Das configurações familiares, tivemos em nossa pesquisa falas de famílias compostas por: tia e sobrinha, filha e pais alternando a guarda, filhas e mães solteiras, e filho com pais biológicos. Um aspecto do engajamento familiar é a noção de vibração familiar tratada por Preston, MacPhee e O'Keefe (2018), como a forma linguística, cultural, vocacional, artística, social, emocional, dimensões espirituais e étnicas, que são recursos importantes e valiosos, que precisam ser incluídos no discurso de envolvimento dos pais. Podemos perceber que Lindomar demonstrou todas essas características, sendo a emocional, - ou seja, comparecer em "reuniões

de pais e professores, acompanham em eventos escolares, arrecadar fundos e garantir a conclusão do dever de casa” (PRESTON; MACPHEE; O’KEEFE, 2018, p.548, tradução nossa),- a característica predominante junto com sua sobrinha. Nahommy, André, Jonathan e Lilian seguiram uma direção mais vocacional, onde suas falas sobre a escola são voltadas para se profissionalizar.

Sobre o funcionamento familiar, para nós, foi evidente um espaço comunicativo compartilhado: que a família atribui a responsabilidade de educar os/as alunos/as. E outra, que: a família tem o dever de educar seus/as filhos/as. Além disso, todos os/as alunos/as, exceto Nahommy, compartilharam um mesmo espaço comunicativo: os familiares entrevistados são os principais responsáveis por suas educações.

Das considerações sobre o ensino remoto e a volta ao ensino presencial nas escolas públicas em Minas Gerais, onde a maioria das alunas e do aluno entrevistadas/o estavam estudando, Nahommy e Sofia, não realizaram nenhuma atividade durante 2020, e não tiveram contato com seus professores e nem com a escola durante o ensino remoto. Essas alunas e Jonathan (que possuía acesso às informações da escola), copiaram as respostas das atividades da internet para serem aprovados para o próximo ano. Nossos dados corroboram com os resultados de Ruiz (2020), por exemplo, em que os familiares entrevistados possuíam dificuldades com o acesso à escola na pandemia, além do distanciamento entre professores/as e alunos/as. Lara e Victória tiveram atitude diferente, dizendo terem resolvido por si mesmas as atividades dos PET e as enviaram para a escola regularmente. Aglutinando as falas desses alunos/as e de seus familiares, podemos ter como impactos da pandemia: a família como responsável por não cobrar dos/as filhos/as; a necessidade da escola criar outras maneiras para se relacionar com a família; a falta de convivência na sala de aula para tirar dúvidas presencialmente com o professor; a cópia das resoluções dos exercícios das apostilas na internet; a possível dificuldade na realização de provas como ENEM e vestibulares.

Os auxílios dos familiares nas atividades escolares durante e antes da pandemia foram: verificar se os/as alunos/as possuem dever de casa ou trabalhos, como as falas Lindomar e Amada do Senhor, sendo como uma espécie de vigilância, como tratou Junges e Knijnik (2014), ou seja, os familiares saberem o que os filhos estão estudando na escola e, também, como uma forma de compartilhar a responsabilidade pela aprendizagem deles; e através da contratação de professores particulares e investimento em cursos preparatórios para o ENEM e vestibulares,

tratados pelos familiares Monique, Lindomar e Amada do Senhor.

A maioria dos alunos atribui a relação do/a professor de Matemática com gostar dela, algo já abordado em Lins (2004a), e que se assemelha com nossas falas, assim como quando Sofia diz não entender e não gostar por causa das brincadeiras e falas do professor, e que na sua antiga escola era melhor de aprender. E, Victória relata que o professor a ajuda a gostar da Matemática, e que passou a gostar e entender quando realizou aulas particulares que sua mãe, Amada do Senhor, investiu para sua aprendizagem. Já Lara, um outro exemplo, deixa claro que sempre associou o gostar de Matemática com a forma como o/a professora/a explica.

Sobre os métodos de aprovações facilitadas perguntados para os/as alunos/as, eles falaram que há recuperação de nota em todo bimestre, e no final do ano são utilizados provas, trabalhos, reclassificações e visto no caderno como meio de aprovação. Em nossa revisão de literatura, muitos artigos tocaram de certa forma no papel da família ou então na tríade aluno, família e da escola (Buenache et al., 2008), no desempenho escolar dos alunos, exceto Tuchapesk (2004), nenhum deles fez críticas aos métodos de aprovação facilitados ou a aprovação automática que ocorre em escolas públicas, o que consideramos algo importante de ser problematizado em pesquisas futuras. Tuchapesk (2004, p. 246) tece comentários sobre os fracassos escolares que existiram nas décadas anteriores da escolarização brasileira, e que uma das tendências de fracasso escolar a partir do início dos anos 2000 não está diretamente relacionado a aprovação automática, mas na forma “como ela foi instalada no país e imposta às escolas e aos professores, que, sem nenhuma discussão a respeito, foram obrigados a aceitá-la e a incorporá-la em sua prática de trabalho”. Lins (1997b), já trazia a questão sobre o fim da reprovação, pois considerava o sistema de reprovação como um meio de impelir medo nos/as alunos/as e como forma de controlá-los em sala de aula. Lins (1997b) parecia pensar que havia uma necessidade de oferecer o que chama de tempo para que novas possibilidades de desenvolvimento com os alunos/as em que não fosse por imposição de disciplina, comportamental, por medo, mas pensar que esse tempo pudesse oferecer novas possibilidades de pensar em disciplina, desvinculando de um modo conservador para uma mudança.

Quanto a matemática acadêmica/escolar, as enunciações foram de que ela serve quando se quer ingressar num Ensino Superior; de que poderiam ser voltada para a profissionalização da pessoa; que é fundamental juntamente com Português;

que poderia ser ensinada através de dinâmicas ou outras formas de contextualização dos conteúdos; que não entra na cabeça e que é a maior rival.. As direções de falas geradas pela pergunta “caso não existisse escola”, apontou uma interlocução evidente: a necessidade de ter uma escola.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo realizar leituras das falas de familiares e alunos/as sobre a escola e a disciplina de matemática durante o ensino remoto e presencial. Para isso, realizamos entrevistas com 5 familiares e 5 alunos/as de duas escolas estaduais da cidade de São Lourenço - MG. Como instrumento para nossa pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista para o/a aluno/a e um outro para o familiar, disponível no Anexo E e F. O roteiro do/a aluno/a foi dividido em partes, sendo elas: Identificação; sobre a relação com a escola; sobre a relação com a matemática e a disciplina ensinada na escola; e sobre como vê a participação da família na vida escolar. Já o roteiro para o familiar foi dividido em duas partes, sendo uma de identificação e outra sobre a escola e a matemática.

Antes da realização das entrevistas, foi realizada uma revisão de literatura em que as caracterizações sobre a família, os modos como elas são configuradas e como são os seus funcionamentos durante o auxílio nas atividades escolares. Estas foram algumas das direções semelhantes discutidas nas seções da revisão de literatura como, por exemplo, nas pesquisas de Amorim e Abreu (2012), Lin (2019), Barreto e Rabelo (2015) e Preston, McPhee e O'Keefe (2019). Seções essas, que foram importantes para analisar o cenário de pesquisas na temática Educação e família, mesmo que não abordando Educação Matemática. Constatamos que são poucas as pesquisas com entrevistas sobre a temática família, escola e matemática como apontado em Junges (2013), Ciríaco (2021) e na seção 3.6 (Pesquisa bibliográfica envolvendo a temática família, educação, matemática), e que são necessárias pesquisas qualitativas através de entrevistas com alunos/as de diversas configurações familiares e socioeconômicas. Enfatizamos a necessidade de pesquisas que entrevistem também os familiares e a comunidade ao redor da escola.

Os trabalhos discutidos nas seções 3.3.1.(Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram questionários/formulários para abordar a temática família, matemática e estudante), 3.4.1.(Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram entrevistas para abordar a temática família, matemática e estudante) e 3.5.1.(Apresentando uma discussão sobre as pesquisas que utilizaram falas de estudantes para abordar a temática família, matemática e estudante), nos apresentaram a necessidade de ler falas sobre como foi o ensino na modalidade remota, e com a volta presencial, os impactos da pandemia na educação (matemática) dos/as alunos/as, como caracterizam a Matemática, como ela é

utilizada na escola e na rua, e a importância do dever de casa e outros meios para o auxílio da família na aprendizagem do/a aluno/a. Sobre o ensino emergencial remoto e a volta do ensino presencial, foi encontrado os trabalhos de Tamayo e Tuchapesk (2020), Ruiz (2021) e Ciríaco (2021), esses trabalhos evidenciam alguns problemas que foram criticados por eles sobre as medidas tomadas pelo governo para a educação no período da pandemia, como o acesso às informações da escola, distanciamento da escola e do professor, apostilas impressas e virtuais, e a falta de acesso à internet, e nos pareceram importante buscar ler as falas de familiares da região de uma cidade mineira, visto que não houve, até a data de nossa pesquisa bibliográfica, pesquisas mineiras sobre essas questões. Algumas possibilidades de pesquisas na área apontadas na revisão de literatura foram: Conhecimento dos contextos culturais da aprendizagem das crianças; Do fazer Matemática neste ambiente, o que implica reconhecer a existência de outras formas de representação do saber; Valorização do trabalho da escola, conseqüentemente, da figura do professor pelas famílias e sociedade; e entrevistas na área de educação matemática com familiares e alunos/as.

Consideramos que a escola é responsável por estabelecer uma via de comunicação com a família, e desenvolver projetos locais que estimulem o envolvimento familiar nas práticas escolares através de oficinas, dever de casa e participações na elaboração das atividades escolares para o ano letivo. O Estado, responsável por financiar esse estímulo, parece não adotar essas questões, mas sem recorrer à literatura, parece ser tendencioso considerar o porquê de o Estado não promover a participação dos familiares nas atividades escolares dos/as alunos/as.

Um dado marcante em nossa literatura, que se repetia em seus resultados, como a de Vera, González e Hernández (2014), Matos *et al.* (2017), Barraza, Peñaloza e Araújo (2016) e Ruiz (2020) foi que o nível socioeconômico dos familiares se relaciona com a aprendizagem dos/as alunos e que familiares com melhores condições financeiras optam por aulas de reforços com professores particulares e/ou matriculam seus filhos na rede de ensino privado. Todavia, nossos familiares entrevistados, que possuíam empregos na área de confeitaria, cuidador de idosos, aposentada e recepcionista, relataram investir em professores particulares e/ou cursos preparatórios para vestibulares. Não aplicamos um questionário sobre o nível socioeconômico, mas todos eles relataram possuir dificuldades financeiras e disseram que tentam ajudar seus filhos/as como podem a melhorar suas aprendizagens, algo importante de ser reconhecido, como afirmam Preston, McPhee

e O’Keefe (2019). Uma característica destacável nessas entrevistas foi que todos falam que a escola é importante, mesmo possuindo sugestões de mudanças como: turmas reduzidas; respeito com os professores; novas disciplinas como LIBRAS e Braille; dinâmicas e jogos para ensinar; ensinar conteúdos profissionalizantes; e, conteúdos que são voltados para o cotidiano.

Uma responsabilização conjunta família-escola-estado-estudante é importante de ser abordada. A Matemática, mesmo caracterizada de diversas formas, é considerada por todos os nossos sujeitos, importante para a vida, mas muitos restringiram suas falas ao dizerem que ela seria útil em suas profissões e no futuro, mas sem dar detalhes da forma, e quais seriam os conteúdos. Algumas das pesquisas que poderiam ser aprofundadas são: uma relação entre a matemática acadêmica e a da rua, para o ensino nas escolas; projetos de ensino de Matemática com familiares e alunos/as; relações entre o Estado e os sistemas de aprovações existentes nas escolares estaduais de Minas Gerais; políticas que desenvolvam e incorporem na ementa de ensino, uma Matemática da rua, por meio das falas de familiares e alunos/as.

REFERÊNCIAS

ANTIQUERA, Liliâne Silva de; PEREIRA, Elaine Corrêa; MACHADO, Celiane Costa. Percepções de alunos da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) sobre o querer ser professor de Matemática. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 248-268, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/34924>

ANGELO, Cláudia Laus. **Uma leitura das falas de alunos do ensino fundamental sobre a aula de matemática**. 2012. 159 f. Tese - (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/102112>

AMORIM, Kamila; ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes. Análise de discursos sobre a família brasileira: uma perspectiva historiográfica. **Metáfora Educacional**, [s.l.], n. 13, p. 109-124, 2012. Disponível em: http://www.valdeci.bio.br/pdf/n13_2012/amorim_abreujunior_analise_de_n13_dez12.pdf

BARRAZA, Jonathan Alberto Cervantes; PEÑALOZA, Jhonatan Andrés Arenas; ARAUJO, Armando Aroca. Actitudes recíprocas entre padres de familia e hijos en el proceso de formación matemática. **Revista educación y desarrollo social**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 98-111, 2016. Disponível em| <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5386131>

BARRETO, Maria José; RABELO, Aline Andrade. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 34-42, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004&lng=pt&nrm=iso

BEZERRA, Osicleide Lima; AMARAL, Ana Paula Taigy. RELAÇÃO FAMÍLIA–ESCOLA: experiência de uma extensão universitária com famílias de baixa renda em escolas da rede pública do município de Mamanguape/PB. **Política & Trabalho**, Mamanguape, n. 51, p. 180-197, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/48295>

BORUP, Jered; CHAMBERS, Chawanna B.; STIMSON, Rebecca. Online teacher and on-site facilitator perceptions of parental engagement at a supplemental virtual high school. **International Review of Research in Open and Distributed Learning**, Canadá, v. 20, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/irrod/2019-v20-n2-irrod104703/1061332ar/>

BORGES, Rosimeire Aparecida Soares; DUARTE, Aparecida Rodrigues Silva; CAMPOS, Tânia Maria Mendonça. A Formação do Educador Matemático Ubiratan D'Ambrosio: trajetória e memória. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Florianópolis, v. 28, p. 1056-1076, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/WP3rng8bfh77HXVMTXfb7hJ/?lang=pt>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. **Brasília**, 2018.

BUENACHE, M^a del Pilar de la Encina. et al. PROFESORES, ALUMNOS Y FAMILIAS. CÓMO UNIFICAR ESFUERZOS. LA EXPERIENCIA DEL IES MARIANO JOSÉ DE LARRA DE MADRID. Bordón. **Revista de Pedagogía**, Espanha, v. 60, n. 4, p. 109–124, 1 out. 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2912298>

CAPUTO, Mariela; GAMALLO, Gabriela. La calidad del Jardín maternal y su influencia en el desarrollo cognitivo de los niños y niñas. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Colombia, v. 8, n. 2, p. 849-860, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/773/77315155006.pdf>

CARANI, George; CARANI, José; STRONG-WILSON, Teresa. Escola Família: A proposal.r **McGill Journal of Education**, Cambé, v. 49, n. 2, p. 479-490, 2015. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/mje/2014-v49-n2-mje01793/1029430ar/>

CIRÍACO, Klinger Teodoro. " A GENTE VAI MAIS COM A CABEÇA MESMO": ESTRATÉGIAS DE ENSINO ADOTADAS POR MULHERES-MÃES EM TAREFAS NUMÉRICAS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, [s.l.], v. 29, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/download/revistas2.uepg.br/209209216359/>

COMELLI, Felipe Augusto de Mesquita; MANRIQUE, Ana Lúcia. Sobre afeto e meta-afeto na educação matemática: uma entrevista com Gerald A. Goldin. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 579-592, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/44640>

DA SILVA, Michela Tuchapesk; TAMAYO, Carolina. Desafios e possibilidades para a Educação (Matemática) em tempos de “Covid-19” numa escola em crise. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, San Juan de Pasto, v. 13, n. 1, p. 29-48, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348636210_Desafios_e_possibilidades_para_a_Educacao_Matematica_em_tempos_de_Covid-19_numa_escola_em_crise

DE SOUZA LUCKMANN, Maria Aparecida; JULIANO, Joice Maria Maltauro. Indisciplina escolar na educação infantil. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, [s.l.], v. 8, n. 19, 2017. Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4832>

DÍEZ-PALOMAR, Javier; MENÉNDEZ, José María; CIVIL, Marta. Learning mathematics with adult learners: drawing from parents' perspective. **Revista latinoamericana de investigación en matemática educativa**, Ciudad de Mexico, v. 14, n. 1, p. 71-94, 2011. Disponível em https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-24362011000100004

DÍEZ-PALOMAR , Javier. .; MOLINA ROLDÁN , Silvia. . La formación de

familiares en el ámbito de la educación matemática. **Boletim GEPEM**, [s. l.], n. 56, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/gepem/article/view/308>. Acesso em: 13 jul. 2023.

DOS SANTOS, Aline Alves; C.BERGHAUSER, Neron Alipio . Escola e família: uma aproximação necessária à formação do estudante. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira, v. 8, n. 21, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-5183>

EMERICH, Deisy Ribas et al. Sociodemographic characteristics, behavioral problems, parental concerns and children's strengths reported by parents. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 27, p. 46-55, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/rJknkFhDzX8LqYj6nT9Rk3J/?lang=en>

FERREIRA, Valéria Silva. Expectativas da família, crianças e professores a respeito do primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos. **Educação UFSM**, Itajaí, v. 38, n. 01, p. 75-96, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/5862>

GALVÃO, Vanessa Caroline Ferreira; ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. Escolarização de estudantes em escolas privadas: um estudo da perspectiva materna. **Educação**, Porto Velho, v. 45, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/35352>

GIL-DEL-PINO, Carmen; GARCÍA-SEGURA, Sonia. Influencia de las expectativas de familias y profesorado en el logro educativo y social de los estudiantes. **Educação e Pesquisa**, Córdoba, v. 45, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/VqKfFrPdTWT73QmQBjny3Pd/abstract/?lang=es>

GONDIM, D. de M. “A Matemática está em tudo”? Problematizando uma razão-mundo e uma razão do mundo. **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, v. 20, p. e023076, 2023. DOI: 10.37001/remat25269062v20id791. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/20>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GOTTFRIED, Michael et al. Friends and family: A literature review on how high school social groups influence advanced math and science coursetaking. **Education Policy Analysis Archives**, Arizona, v. 25, p. 62-62, 2017. Disponível em: <https://www.sciencegate.app/document/10.14507/epaa.25.2857>

GRAVEN, Mellony; STOTT, Debbie. Families enjoying Maths together-organising a family Maths event. **Learning and Teaching Mathematics**, [s.l.], v. 2015, n. 19, p. 3-6, 2015. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/289532354_Families_enjoying_Maths_together-organising_a_family_Maths_event

JULIO, R. S.; DE LIMA, D. C. Produções de conhecimento a partir do estágio de forma remota no Ensino Médio em Minas Gerais . **Revista Baiana de Educação Matemática**, [s. l.], v. 2, n. 01, p. e202120, 2021. DOI: 10.47207/rbem.v2i01.11996. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/baeducmatematica/article/view/11996>
. Acesso em: 20 jun. 2023.

JUNGES, Débora de Lima Velho. A relação da família no acompanhamento do dever de casa de Matemática. **REMAT: Revista Eletrônica da Matemática**, Bento Gonçalves, v. 3, n. 1, p. 54-66, 2017. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=1PulmWIAAAAJ&citation_for_view=1PulmWIAAAAJ:eQOLeE2rZwMC

JUNGES, Débora de Lima Velho. Relação família-escola e educação matemática: um estudo etnomatemático em uma classe multisseriada do RS. Family-school relationship and mathematics education: a study ethnomathematical in a class multisseriate of RS. **Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/13709>

KNIJNIK, Gelsa; JUNGES, Débora de Lima Velho. A Relação Família-Escola e a Prática do “Dever de Casa” de Matemática: um estudo sobre seus tensionamentos. **Bolema - Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 662–681, 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/9102>

LEFEBVRE, Pierre; MERRIGAN, Phil; VERSTRAETE, Matthieu. **The effects of school quality and family functioning on youth math scores: A Canadian longitudinal analysis**, Montréal, v.1, p. 08-22, 2008. Disponível em: <https://depot.erudit.org/id/002775dd>

LIN, Yi-Ching et al. Family functioning and not family structure predicts adolescents’ reasoning and math skills. **Journal of Child and Family Studies**, [s.l.], v. 28, p. 2700-2707, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333319196_Family_Functioning_and_Not_Family_Structure_Predicts_Adolescents%27_Reasoning_and_Math_Skills

LIMA, Vanessa Suligo Araujo; KOCHHANN, Maria Elizabete Rambo. Tecendo a constituição identitária do professor de matemática narrado nos memoriais. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 184-204, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/7310>

LIMA, Kaliandra Pacheco. de; POERSCH, Kelly Gabriela.; EMMEL, Rúbia. Dificuldades de ensino e de aprendizagem em Matemática no oitavo ano do Ensino Fundamental. **REMAT: Revista Eletrônica da Matemática**, Bento Gonçalves, RS, v. 6, n. 1, p. 1–15, 2020. DOI: 10.35819/remat2020v6i1id3420. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/REMAT/article/view/3420>

LINS, Romulo Campos. Perspectivas em aritmética e álgebra para o século XXI | Romulo Campos Lins, Joaquim Gimenez. **Coleção Perspectivas em**

Educação Matemática. v. 4, n.1, p. 9-176. Campinas, SP : Papyrus, 1997a. Disponível em: <http://sigma-t.org/permanente/1997a.pdf>

LINS, Rômulo Campos. Luchar por la supervivencia: la producción de significado. **Revista de Didáctica de las Matemáticas**, [s.l.], v.1, n.14, p. 39-46, out, 1997c. Disponível em: <http://sigma-t.org/permanente/1997c.pdf>

LINS, Rômulo Campos. Você nunca esteve aqui. **Revista pedagógica**, [s.l.], v.1, n.1, p. 56-59, mai/jul, 1997b. Disponível em: <http://sigma-t.org/permanente/1997b.pdf>

LINS, Rômulo Campos. Matemática, Monstros, Significados e Educação Matemática. **Educação Matemática pesquisa em movimento**, [s.l.], v.1, n.1, p. 92-120, 2004a. Disponível em: <http://sigma-t.org/permanente/2004a.pdf>

LINS, Rômulo Campos. A diferença como oportunidade para aprender. In: XIV ENDIPE, 2008, Porto Alegre. **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas**, Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008. v. 3. p. 530-550. Disponível em: <http://sigma-t.org/permanente/2008e.pdf>

LINS, Rômulo Campos. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimento e notas de teorizações. In: ANGELO, C.L. et al (org.). Modelo dos Campos Semânticos e **Educação Matemática: 20 anos de história**. p.11-30. São Paulo: Midiograf, 2012. Disponível em: <http://sigma-t.org/permanente/2012.pdf>

LINS, Rômulo Campos. Por que discutir Teoria do Conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). Pesquisa em **Educação Matemática: Concepções e Perspectivas**. p. 75-94, Rio Claro: Editora Unesp, 1999. Disponível em: <http://sigma-t.org/permanente/1999.pdf>

LUCKMANN, Maria Aparecida de Souza; JULIANO, Joice Maria Maltauro. Indisciplina escolar na educação infantil. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira, v. 8, n. 19, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4832>

MATOS, Daniel Abud Seabra. et al. Impactos das práticas familiares sobre a proficiência em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental. **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, p. 33–54, 1 abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/DP4FLCqxxBq7tj9JFNGfw5y/?lang=pt>

MARIATUN, Mariatun; MUNIR, Abdul; METIA, Cut. Hubungan self efficacy dan dukungan keluarga dengan kecemasan siswa pada pelajaran matematika sekolah menengah atas negeri 2 Sinabang. **Tabularasa: Jurnal Ilmiah Magister Psikologi**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344710992_Hubungan_Self_Efficacy_dan_Dukungan_Keluarga_dengan_Kecemasan_Siswa_pada_Pelajaran_Matematika_Sekolah_Menegah_Atas_Negeri_2_Sinabang

MESCHIAL, Romilda Ribeiro; SIMONETTO, Kátia Cardoso Campos. Afetividade e envolvimento familiar no combate à indisciplina. **Revista**

Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia, Medianeira, v. 8, n. 22, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4819>

LEFEBVRE, Pierre.; MERRIGAN, Philip.; VERSTRAETE, Matthieu. The Effects of School Quality and Family Functioning on Youth Math Scores: a Canadian Longitudinal Analysis. **Érudit**, Montréal, v. 1, n.1, Set, 2008. Disponível em: <https://depot.erudit.org/id/002775dd>. Acesso em: 13 jul. 2023.

PRESTON, Jane P.; MACPHEE, Mary M.; ROACH O'KEEFE, Alaina. KINDERGARTEN TEACHERS' NOTIONS OF PARENT INVOLVEMENT AND PERCEIVED CHALLENGES. **McGill Journal of Education**, [s.l.], v. 53, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/mje/2018-v53-n3-mje04479/1058416ar/>

QUARESMA, Luísa; LOPES, João Teixeira. Os TEIP pela perspectiva de pais e alunos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, v. 21, p. 141-157, 2011. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2232>

VERA, José Á.; GONZÁLEZ, Carmen; HERNÁNDEZ, Susana. Familia y logro escolar en matemáticas del primer ciclo escolar de educación primaria en Sonora, México. **Estudios pedagógicos (Valdivia)**, México, v. 40, n. 1, p. 281-292, 2014. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052014000100017

RUIZ, Regina Carvajal. Matemática en tiempos de Pandemia: rol de la familia en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la matemática. **Cuadernos de Investigación y Formación en Educación Matemática**, Costa Rica, n. 19, p. 135-145, 2020. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/cifem/article/view/45229>

ROCHA FILHO, Edson Vieira da. **As relações entre a escola, família e a matemática em trabalhos de Educação Matemática**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Matemática Licenciatura. Universidade Federal de Alfenas.

SERRAZINA, Lurdes; OLIVEIRA, Isolina Oliveira. Novos Professores: Primeiros anos de profissão. **Quadrante**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 55-73, 30 dez. 2002. Disponível em: <https://quadrante.apm.pt/article/view/22752>

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/SRCvv4JKqZHgjNLVNYrFwYF/?lang=pt&format=pdf>

SILVA E SILVA, Felipe Deodato da; ESCORISA, Natália. Valadão. Percepções de jovens estudantes sobre a educação financeira: um estudo em Barra do Garças-MT Perceptions of young students on the financial education: a study in Barra do Garças-MT. **Educação Matemática Pesquisa : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em**

Educação Matemática, São Paulo, v. 19, n. 1, 26 abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/31177>

TAMAYO, Carolina; TUCHAPESK, da Silva, Michela. Desafios e possibilidades para a Educação (Matemática) em tempos de “Covid-19” numa escola em crise. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática Perspectivas Socioculturales de la Educación Matemática**, [s.l.], 13. 29-48. 10.22267/relatem.20131.39. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348636210_Desafios_e_possibilidades_para_a_Educacao_Matematica_em_tempos_de_Covid-19_numa_escola_em_crise

TEIXEIRA, Elsa. Percursos singulares : sucesso escolar no ensino superior e grupos sociais desfavorecidos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, v. 20, 2017. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/sociologia/article/view/2295>

TERRA, Rafael; ZOGHBI, Ana Carolina; FELÍCIO, Fabiana de. Produtividade relativa dos setores público e privado em educação: impactos sobre a escolha da escola pela família. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 16, p. 579–611, 1 dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eco/a/7pYm8VwMyX7jSsnCBQ5R5ss/?lang=pt>

TUCHAPESK, Michela. **O Movimento das tendências na relação escola-família-matemática**. 2004. 262 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/91068>

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

-Responsável legal-

Dados de Identificação

Título da pesquisa: “Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial em duas escolas públicas de São Lourenço (MG)”.

Pesquisador(a) responsável: Edson Vieira da Rocha Filho

Pesquisador(es) participante(s): Rejane Siqueira Julio

Patrocinador: CAPES

Nome do participante:

Data de nascimento:

CPF:

Você está sendo convidado (a) para participar, como responsável legal de _____, no projeto de pesquisa “Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial”, de responsabilidade do pesquisador *Edson Vieira da Rocha Filho*. Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, e no caso de aceitar que _____ faça parte do nosso estudo, para pesquisa presencial assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador(a) responsável. A participação do seu filho(a)/dependente não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição. Em caso de recusa nem você nem seu filho(a)/dependente sofrerão penalidade alguma.

Ao ler os itens abaixo, você deve declarar se foi suficientemente esclarecido(a) sobre as etapas da pesquisa ao final desse documento.

1. O trabalho tem por objetivo analisar como os(as) alunos(as) e seus familiares estabelecem relações entre a escola, a família e a disciplina de matemática.
2. A participação do(a) seu(sua) filho(a)/dependente nesta pesquisa consistirá em *falar sobre as práticas escolares, a disciplina de matemática e sua família na participação das atividades escolares. Para isso, um roteiro de entrevista é aplicado através de conversa, para que haja maior interação, no qual serão gravadas as falas de seu(sua) filho(a)/dependente para que possa ser utilizada para novas pesquisas. O tempo de*

duração da pesquisa depende de como a interação com os(as) estudantes serão estabelecidas. O dia e horário da entrevista dependerá da disponibilidade de seu(sua) filho(a) e será combinada com os pesquisadores participantes. Seu(sua) filho(a) terá a identidade preservada e as falas dele(dela) serão utilizadas somente para a escrita de trabalhos, participação em eventos científicos e/ou publicação em revistas científicas.

3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos de constrangimento ao responder perguntas pessoais. Caso seu(sua) filho(filha) se sinta desconfortável com isso e/ou fique cansado pelas perguntas, é possível interromper a entrevista a qualquer momento e remarcar com os pesquisadores para outra data em que ele(ela) esteja se sentindo melhor ou até mesmo cancelar a entrevista. Caso ocorra o cancelamento da entrevista, o áudio será apagado. Para a prevenção da proliferação do novo coronavírus, as entrevistas serão realizadas em ambiente arejado, podendo ser na escola ou outro ambiente proposto pelo familiar, respeitando o distanciamento de 1,5m com o uso de máscara apropriada. Além disso, o uso de álcool em gel será obrigatório durante as assinaturas de termos e etapas das entrevistas.

4. Ao participar desse trabalho o(a) seu(sua) filho(a)/dependente terá a oportunidade de conversar com os pesquisadores sobre como vê a relação escola, família e matemática. Os resultados da pesquisa poderão esclarecer como os(as) estudantes veem essas relações e contribuir para que as equipes escolares possam pensar em estratégias de fortalecer a participação da família na vida escolar de seus(suas) filhos(as). Os resultados da pesquisa poderão esclarecer como os(as) estudantes veem essas relações entre a escola, família, estudante e a disciplina de Matemática e contribuir para que as equipes escolares possam pensar em estratégias de fortalecer a participação da família na vida escolar de seus(suas) filhos(as).

5. A participação do(a) seu(sua) filho(a)/dependente neste projeto terá a duração de *1 a 2 horas por sessão de encontro com o(a) estudante, ou pelo tempo que a conversa que o roteiro proporcionará.*

6. Você nem seu(sua) filho(a)/dependente terão despesas por participar da pesquisa, sendo as entrevistas totalmente gratuitas e poderão deixar de participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá qualquer prejuízo.

7. Você foi informado e está ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação do(a) seu(sua) filho(a)/dependente, no entanto, caso você tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, terá direito à solicitar ressarcimento.

8. Caso ocorra algum dano, previsto ou não, decorrente da participação do(a) seu(sua) filho(a)/dependente no estudo, você terá direito a assistência integral e imediata, de forma gratuita (pelo patrocinador e/ou pesquisador responsável), pelo tempo que for necessário; e terá o direito a solicitar indenização.

9. Será assegurada a sua privacidade e do(a) seu(sua) filho(a)/dependente, ou seja, o nome do(a) seu(sua) filho(a)/dependente ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo(a), será mantido em sigilo. Caso você deseje, poderá ter livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação nesta pesquisa.

10. Você foi informado(a) que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados da pesquisa, poderão ser publicados/divulgados através de trabalhos acadêmicos ou artigos científicos por profissionais da área.

11. Conforme o item III.2, inciso (i) da Resolução CNS 466/2012 e o Artigo 3º, inciso IX, da Resolução CNS 510/2016, é compromisso de todas as pessoas envolvidas na pesquisa de não criar, manter ou ampliar as situações de risco ou vulnerabilidade para os indivíduos e coletividades, nem acentuar o estigma, o preconceito ou a discriminação.

Por esses motivos,

AUTORIZO () / NÃO AUTORIZO ()

a coleta e divulgação de transcrição do som de voz do(a) seu(sua) filho(a)/dependente para a presente pesquisa.

12. Você poderá consultar o(a) pesquisador(a) *Edson Vieira da Rocha Filho* e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (CEP/UNIFAL-MG), com endereço na Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Cep - 37130-000, Fone: (35) 3701 9153, no e-mail: sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e sua participação.

Eu, _____, CPF nº _____, declaro ter sido informado (a) e concordo em que meu (minha) filho(a)/dependente participe, como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.

São Lourenço, ____ de _____ de 2022.

.....
(Assinatura do Responsável Legal pelo participante da pesquisa)

Edson Vieira da Rocha Filho

Rejane Siqueira Julio

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo para a família entrevistada

Dados de Identificação

Título da pesquisa: “Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial em duas escolas públicas de São Lourenço (MG)”.

Pesquisador(a) responsável: Edson Vieira da Rocha Filho

Pesquisador(es) participante(s): Rejane Siqueira Julio

Patrocinador: CAPES

Nome do participante:

Data de nascimento:

CPF:

Olá, Tudo bem? Quero convidar você para participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa “Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial”, de responsabilidade do pesquisador *Edson Vieira da Rocha Filho*. Peço por favor que leia com cuidado o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Estou aqui para esclarecer suas dúvidas. Uma via deste documento pertence a você e outra ficará comigo. A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar. Você não sofrerá nenhuma penalidade por isso.

Ao ler os itens abaixo, você deve declarar se foi suficientemente esclarecido(a) sobre as etapas da pesquisa ao final desse documento.

1. O trabalho tem por objetivo analisar como os(as) alunos(as) e familiares estabelecem relações entre a escola, a família e a disciplina de matemática.
2. A sua participação neste trabalho consistirá em *falar sobre a escola do seu filho(a)/dependente, as práticas escolares deles e a disciplina de matemática. Para isso, um roteiro de entrevista é aplicado através de conversa, para que haja maior interação, no qual serão gravadas a nossa conversa para que possa ser utilizada em novas pesquisas*. O dia e horário da entrevista dependerá da sua disponibilidade. Você terá a identidade preservada e as falas serão utilizadas somente para a escrita de trabalhos, participação em eventos científicos e/ou publicação em revistas científicas.
3. Durante a execução deste trabalho poderão ocorrer riscos de constrangimento ao responder perguntas pessoais. Caso se sinta desconfortável com isso e/ou fique cansado pelas perguntas, é possível interromper a entrevista a qualquer momento e

remarcas com os pesquisadores para outra data ou até mesmo cancelar a entrevista. Caso ocorra o cancelamento da entrevista, o áudio será apagado. Para a prevenção da proliferação do novo coronavírus, as entrevistas serão realizadas em ambiente arejado, podendo ser a escola ou outro ambiente proposto pelo seu familiar, respeitando o distanciamento de 1,5m com o uso de máscara apropriada. Além disso, o uso de álcool em gel será obrigatório durante as assinaturas de termos e etapas das entrevistas.

4. Ao participar desse trabalho você terá a oportunidade de conversar com os pesquisadores sobre como vê a relação escola, família e matemática. Os resultados da pesquisa poderão esclarecer como os(as) estudantes e familiares veem essas relações e contribuir para que as equipes escolares possam pensar em estratégias de fortalecer a participação da família na vida escolar de seus(suas) filhos(as).

5. Sua participação nesta entrevista terá a duração de *uma a duas horas, ou o tempo que achar necessário para a nossa conversa.*

6. Você não terá nenhum gasto por sua participação neste trabalho, sendo as entrevistas totalmente gratuitas, e você poderá deixar de participar ou retirar este consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá qualquer dano por isso.

7. Você foi informado e está ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

8. Caso ocorra algum dano, previsto ou não, decorrente da sua participação no trabalho, você terá direito a assistência integral e imediata, de forma gratuita (pelo patrocinador e/ou pesquisador responsável), pelo tempo que for necessário; e terá o direito, junto ao seu responsável legal, a solicitar indenização.

9. Asseguraremos a sua privacidade, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo(a), será mantido em sigilo. Caso você deseje, poderá ter livre acesso a todas as informações adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

10. Você foi informado(a) que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados do trabalho, poderão ser publicados/divulgados através de trabalhos acadêmicos ou artigos científicos por profissionais da área.

11. Cabe a nossa equipe de profissionais evitar estigmas, preconceitos ou situações de discriminação que você possa sofrer durante a sua participação no presente trabalho. Considerando que o trabalho precisará do som de sua voz, resulta necessário que você

autorize o uso dele. Por isso você deve responder:

AUTORIZO () / NÃO AUTORIZO ()

a coleta e divulgação de transcrição de som de voz para a presente pesquisa.

12. Você poderá consultar o(a) pesquisador(a) *Edson Vieira da Rocha Filho* e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (CEP/UNIFAL-MG), com endereço na Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Cep - 37130-000, Fone: (35) 3701 9153, no e-mail: sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e sua participação.

Eu, _____, CPF nº _____, declaro ter sido informado (a) e concordo em participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.

São Lourenço, ____ de _____ de 2022.

.....
(Assinatura do participante da pesquisa)

Edson Vieira da Rocha Filho

Rejane Siqueira Julio

ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO ESCLARECIDO - TAE**Participante da Pesquisa (menores de idade alfabetizados)****Dados de Identificação**

Título da pesquisa: “Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial em duas escolas públicas de São Lourenço (MG)”.

Pesquisador(a) responsável: Edson Vieira da Rocha Filho

Pesquisador(es) participante(s): Rejane Siqueira Julio

Patrocinador: CAPES

Nome do participante:

Data de nascimento:

CPF:

Olá, Tudo bem? Quero convidar você para participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa “Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial”, de responsabilidade do pesquisador Edson Vieira da Rocha Filho. Peço por favor que leia com cuidado o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Estou aqui para esclarecer suas dúvidas. Uma via deste documento pertence a você e outra ficará comigo. A sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar, e você não sofrerá nenhuma penalidade por isso.

Ao ler os itens abaixo, você deve declarar se foi suficientemente esclarecido(a) sobre as etapas da pesquisa ao final desse documento.

1. O trabalho tem por objetivo analisar como os(as) estudantes e familiares estabelecem relações entre a escola, a família e a disciplina de matemática.
2. A sua participação neste trabalho consistirá em *falar sobre as práticas escolares, a disciplina de matemática e sua família na participação das atividades escolares. Para isso, um roteiro de entrevista é aplicado através de conversa, para que haja maior interação, no qual serão gravadas a nossa conversa para que possa ser utilizada para a pesquisa. O tempo de duração da pesquisa depende de como a interação vai ser feita, em torno de 1 a 2 horas. O dia e horário da entrevista dependerá da disponibilidade que seus familiares aceitar e será combinada com os pesquisadores participantes. Você terá a identidade preservada e as falas serão utilizadas somente para a escrita de trabalhos, participação em eventos científicos e/ou publicação em revistas científicas.*

3. Durante a execução deste trabalho poderão ocorrer riscos de constrangimento ao responder perguntas pessoais. Caso se sinta desconfortável com isso e/ou fique cansado pelas perguntas, é possível interromper a entrevista a qualquer momento e remarcar com os pesquisadores para outra data em que ele(ela) esteja se sentindo melhor ou até mesmo cancelar a entrevista. Caso ocorra o cancelamento da entrevista, o áudio será apagado. Para a prevenção da proliferação do novo coronavírus, as entrevistas serão realizadas em ambiente arejado, podendo ser a escola ou outro ambiente proposto pelo seu familiar, respeitando o distanciamento de 1,5m com o uso de máscara apropriada. Além disso, o uso de álcool em gel será obrigatório durante as assinaturas de termos e etapas das entrevistas.

4. Ao participar desse trabalho você terá a oportunidade de conversar com os pesquisadores sobre como vê a relação escola, família e matemática. Os resultados da pesquisa poderão esclarecer como os(as) estudantes veem essas relações e contribuir para que as equipes escolares possam pensar em estratégias de fortalecer a participação da família na vida escolar de seus(suas) filhos(as).

5. Sua participação neste projeto/pesquisa terá a duração de *uma a duas horas ou o tempo que achar necessário para a nossa conversa.*

6. Você não terá nenhum gasto por sua participação neste trabalho, sendo as entrevistas totalmente gratuitas, e você poderá deixar de participar ou retirar este consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá qualquer dano por isso.

7. Você foi informado e está ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

8. Caso ocorra algum dano, previsto ou não, decorrente da sua participação no trabalho, você terá direito a assistência integral e imediata, de forma gratuita (pelo patrocinador e/ou pesquisador responsável), pelo tempo que for necessário; e terá o direito, junto ao seu responsável legal, a buscar indenização.

9. Asseguraremos a sua privacidade, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo(a), será mantido em sigilo. Caso você deseje, poderá ter livre acesso a todas as informações adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

10. Você foi informado(a) que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados do trabalho/pesquisa, poderão ser publicados/divulgados através de trabalhos acadêmicos ou artigos

científicos por profissionais da área.

11. Cabe a nossa equipe de profissionais evitar estigmas, preconceitos ou situações de discriminação que você possa sofrer durante a sua participação no presente trabalho. Considerando que o trabalho precisará do som da sua voz, resulta necessário que você autorize o uso do mesmo. Por isso você deve responder:

AUTORIZO () / NÃO AUTORIZO ()

a coleta e divulgação de som de voz para a presente pesquisa.

12. Você poderá consultar o pesquisador *Edson Vieira da Rocha Filho* e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (CEP/UNIFAL-MG), com endereço na Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Cep - 37130-000, Fone: (35) 3701 9153, no e-mail: sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e sua participação;

Eu, _____, CPFnº _____, declaro ter sido informado (a) e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Lourenço, ____ de _____ de 2022.

.....
(Assinatura do participante da pesquisa)

Edson Vieira da Rocha Filho

Rejane Siqueira Julio

ANEXO D – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

22/02/2022 13:19

SEI/GOVMG - 42618295 - Termo



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Secretaria de Estado de Educação

Subsecretaria de Ensino Superior

Termo de autorização - SEE/SU

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2022.

INTERESSADO: Edson Vieira da Rocha Filho

A Subsecretaria de Ensino Superior, após análise do projeto proposto pelo supracitado, é de parecer favorável à realização da pesquisa: Uma leitura de produções de significados de familiares e estudantes sobre a escola e a disciplina de Matemática durante o ensino remoto e presencial.

Ressaltamos que os procedimentos de aplicação da atividade proposta (pesquisa estruturada, levantamento bibliográfico e a elaboração de kits e práticas de laboratório, entre outros), deverão obedecer, criteriosamente, às orientações da Resolução 466/2012 e Resolução 510/2016 do Conselho Nacional da Saúde que estabelece as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos e que, em nenhuma hipótese, poderão interferir no desenvolvimento das atividades pedagógicas das escolas e no cumprimento de seu Calendário Escolar.

Ressaltamos ainda que a identidade dos envolvidos deverá ser mantida em sigilo e que a Secretaria de Estado de Educação, a instituição de ensino e os participantes não terão ônus com a pesquisa.

Atenciosamente,

Augusta Isabel Junqueira Fagundes

Subsecretária de Ensino Superior



Documento assinado eletronicamente por **Augusta Isabel Junqueira Fagundes**, Subsecretária, em 22/02/2022, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.mg.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **42618295** e o código CRC **2EC3899E**.

ANEXO E – Roteiro da entrevista com estudante

Parte A - Identificação

Para esta entrevista, farei perguntas para você sobre o que pensa sobre a escola, a matemática e a participação de sua família em sua vida escolar. Mas antes disso, vou fazer umas perguntas sobre você:

Qual seu nome?

Qual sua idade?

Qual a profissão de seus pais ou responsáveis?

Você sabe até que ano seus pais ou responsáveis estudaram?

Sua identidade será mantida em segredo, pode, por gentileza, invente um nome/pseudônimo para conseguir se identificar nos resultados da pesquisa.

Parte B – Sobre a relação com a Escola

1. O que você acha da sua escola antes da pandemia? E agora, durante a pandemia?
2. Como você descreve a sua relação com a escola no formato presencial e no formato remoto?
3. Você gosta de estudar? Quais matérias/disciplinas gosta mais?
4. O que você pensa sobre você como aluno? Você se sente responsável pela sua educação/aprendizagem?
5. Hoje em dia parece que todo mundo é aprovado na escola, o que você acha disso?
6. Você acha que você valoriza a sua escola? Você acha que sua família valoriza?
7. O que você mais gosta na sua escola? E o que menos gosta?
8. Se o diretor da sua escola dissesse que não vão existir mais escolas, o que você acharia disso? Justifique, por favor.
9. Se você tivesse a oportunidade de mudar a sua escola, o que mudaria?
10. Você considera que a escola te prepara para lidar com as coisas de sua vida? Pode me dar um ou mais exemplos?

Parte C – Sobre a sua relação com a disciplina de matemática

1. Você gosta da disciplina de matemática? Por que?
2. Você acha que é importante estudar matemática? Por que?
3. O que é matemática para você?
4. Como você se considera como aluno nas aulas de matemática? (como se sente, como são suas notas)
5. Como é a sua relação com o(a) professor(a) de matemática? (ele te ajuda a gostar mais ou menos da disciplina)
6. Como são suas aulas de matemática? (Sua professora utiliza um modo diferente de dar aula ou usa somente usa o quadro, exercícios e provas?)
7. Como você acha que deveria ser suas aulas de matemática? Que sugestões daria para o diretor da escola ou seu professor de matemática sobre as aulas de matemática?
8. O que seria uma escola sem aulas de matemática para você?
9. A matemática que você aprende na escola é útil na sua vida? Se sim, pode me dar exemplo, por favor?
9. Se tem dúvidas ou problemas nas aulas de matemática, você acha que isso é problema seu, da sua escola, do seu professor de matemática ou da sua família? (você, ao seu professor ou a falta de apoio da família?)
10. Antes e agora, na pandemia, o que sua família fala sobre seus estudos? E os estudos de matemática?
11. Sua família te ajuda nos estudos antes da pandemia? E durante? Eles ajudaram nos estudos de Matemática também?
12. Da sua família, quem você acha que mais te incentiva a estudar? Por que? E o que você acha disso?

Parte D – Sobre como você vê a participação de sua família na sua vida escolar?

1. Quem mora com você em casa? Eles são sua família? O que você considera como família?
2. De que forma sua família participa de sua vida escolar? (Sua família participa das reuniões ou momentos festivos da escola? Elas vão à escola para falar sobre você e suas dúvidas?)
3. Te ajudam nas tarefas ou dever de casa? Se interessam (ou perguntam) pelas coisas que acontecem na sua escola?
4. Sua família manda você estudar? O que eles falam sobre estudar?
5. Você vê sua família lendo livros, comentando de estatísticas de jornais, estudando, especializando em algo?

6. Qual a reação de seus pais ou responsáveis diante de suas notas?
7. Seus pais ou responsáveis comentam coisas sobre matemática?
8. O que sua família fala sobre a escola? (Você acredita que seus pais valorizam a escola e a disciplina de matemática?)
9. Em quem da sua família você se inspira no aspecto educacional?
10. Quem você indicaria da sua família para que seja entrevistado/a por nós sobre a participação dele/a na sua vida escolar?

ANEXO F – Roteiro da entrevista com um membro da família do/a estudante

Parte A - Identificação

Para esta entrevista, farei perguntas para você sobre o que pensa sobre a escola, a matemática e a sua participação na vida escolar do/a estudante [nome do/a estudante]. Mas antes disso, vou fazer umas perguntas sobre você:

Qual seu nome?

Qual sua idade?

Qual sua profissão?

Você estudou até que ano? Qual sua escolaridade?

Sua identidade será mantida em segredo, pode, por gentileza, invente um nome/pseudônimo para conseguir se identificar nos resultados da pesquisa.

Parte B. Escola e disciplina de Matemática

1. Como foi a sua vida na escola? Como era a sua escola? E o ensino nela?
2. Você gosta de matemática?
3. Você lembra de como eram as suas aulas de matemática? Você gostava das aulas? E do seu professor?
4. O que você acha que seja matemática? Você usa Matemática em sua vida? Pode me dar um exemplo?
5. Você considera que a família deve participar do processo de desenvolvimento escolar dos estudantes?
6. Você incentiva seus filhos a estudar? Verifica ou faz perguntas sobre o que acontece na escola e nas aulas da escola?
7. Como foi a educação escolar de seu filho durante a pandemia?
8. Você ajuda seus filhos com as atividades da escola ou com o dever de casa? Inclusive as atividades das disciplinas de Matemática? Ajudou durante a pandemia?
9. Se você pudesse mudar a escola, o que mudaria? Se pudesse mudar as disciplinas de matemática, o que mudaria?
10. Se o diretor da escola te falasse “não terá mais disciplinas de matemática”, o que você diria a ele? Justifique, por favor.
11. Quais foram os maiores impactos da pandemia no aspecto da educação escolar de seu filho?

ANEXO G – Transcrição da entrevista com familiares e estudantes: Sofia e Lindomar.

ENTREVISTA COM A ESTUDANTE

Entrevistador:

Vamos começar então com a relação com sua escola primeiro.

Você falou que estudou na pandemia no Rio de Janeiro né? Como era a sua escola lá?

Sofia:

Ah... ela era muito boa... era de formação de professores... era bem mais a vontade que aqui... e acho que a gente pegava as coisas mais rápidas. A gente tinha mais... não sei explicar.

Entrevistador:

Você acha que aprendia mais lá do que com os professores daqui de São Lourenço?

Sofia:

É.

Entrevistador:

E durante a pandemia, você não teve aula que falou... você os 2 anos sem aula na...

Sofia:

Isso... 2 anos sem estudar sem ter aula.

Entrevistador:

Entendi... E agora depois da pandemia como você vê sua escola?

Sofia:

Está bem diferente... muito bastante também... a gente ficou 2 anos parados e quando a gente voltou... e pegou tudo isso a gente ficou assustado não sei...

Entrevistador:

Então sua relação com o formato presencial, comparando com a distância... você teve um susto quando voltou para o... o...

Sofia:

Ah, é que a gente teve que pegar tudo rápido na volta....

Entrevistador:

Um excesso de conteúdo na volta?

Sofia:

Isso.

Entrevistador:

Mas você gosta de estudar?

Sofia:

Depende da matéria?

Entrevistador:

Depende da matéria... quais disciplinas você mais gosta?

Sofia:

Geografia, História, Arte, Química e Biologia.

Entrevistador:

Tem alguma matéria entre todas essas que você gostou mais de estudar?

Sofia:

Geografia... Sou apaixonada em Geografia...

Entrevistador:

E em que matéria de Geografia que você falou que gosta de Geografia?

Sofia:

Ah, todas... todas as matérias...

Entrevistador:

É... você tinha falado que queria fazer medicina... você acha que a medicina envolve que tipo de disciplina no curso?

Sofia:

Matemática, Português... Ah... acho que várias... principalmente português, matemática... e química ou física sei lá..., mas as principais pra mim é português e matemática.

Entrevistador:

Esta joia... O que você pensa sobre como estudante? Se você para se julgar como estudante? Como você se vê? Você se sente responsável pela sua aprendizagem, pela sua educação?

Sofia:

Não...

Entrevistador:

Por que?

Sofia:

Ah não sei explicar também... Sei que não me sinto muito responsável... dependendo da matéria também...

Entrevistador:

E como você se julgaria como aluna?

Sofia:

Uma péssima aluna.

Entrevistador:

Uma péssima aluna? Os desempenhos que você tem nas disciplinas são todos baixos?

Sofia:

É... Em algumas matérias sim...

Entrevistador:

A maioria?

Sofia:

Sim...

Entrevistador:

Quais? Você consegue lembrar de quais?

Sofia:

Matemática, redação... é... acho que tecnologia e inovação... essas matérias assim eu não sou muito boa...

Entrevistador:

Certo.. E... é... isso é a maioria, metade, nem metade das disciplinas...?

Sofia:

Que eu lembre por enquanto é....

Entrevistador:

Você sabe quantas disciplinas você tem ao toda nas escolas?

Sofia:

Não...

Entrevistador:

Ta... hoje em dia parece que todo mundo é aprovado assim na escola né... a gente vai mal durante os bimestres e chegam no final do ano e acabamos fazendo um trabalho e acabamos sendo aprovado.. é... você consegue enxergar que existe isso? Uma aprovação facilitada nas escolas?

Sofia:

Sim...

Entrevistador:

E o que você acha disso? Acha que seria uma vantagem para você...? Se acha que seria um benefício? E... (PAUSA) como você enxerga essa aprovação facilitada?

Sofia:

Ah... pra mim eu acho que não vale muito a pena porque... você só vai ter dado um trabalho, ter feito... e ai você vai pegar e simplesmente me passar porque eu fiz aquilo... acho que deveria ter feito isso antes... ter estudado antes pra no final passar sem precisar fazer isso. (PAUSA)

Entrevistador:

Certo.. você acha que valoriza a escola?

Sofia:

Não..

Entrevistador:

Não? Porque?

Sofia:

Ah não sei não... mas pra mim eu não valorizo...

Entrevistador:

E você acha que sua tia valoriza a escola?

Sofia:

Valoriza... (PAUSA)

Entrevistador:

Por que?

Sofia:

Porque pra ela é bem importante você ter os estudos tudo certinho para você ter um emprego descente... ou uma faculdade...

Entrevistador:

Você enxerga dessa mesma forma? Ou você tem outras perspectivas?

Sofia:

As vezes eu tenho outras perspectivas...

Entrevistador:

E que tipos delas? O que você.... teria outras perspectivas sobre valorizar a sua escola?

Sofia:

Hm.... hmmrrrrrr..... não sei...

Entrevistador:

Ah... e o que você mais gosta lá na escola? Da cantina, professores, direção, da aula, de tal...?

Sofia:

Ah da aula... (pausa) das aulas em si...

Entrevistador:

E os colegas nas escolas nos momentos de recreio, intervalo, socialização lá..

Sofia:

Ah... eu saio com três pessoas no recreio.

Entrevistador:

E sua turminha lá no Humberto são três pessoas!?

Sofia:

Isso.

Entrevistador:

E o que você menos gosta lá?

Sofia:

As atitudes das pessoas em... relação a sotaque... ao seu jeito de ser... seu jeito de falar... de onde você vem... de criticar o seu corpo... de criarem um padrão para você seguir... porque se você não seguir aquele padrão você não é perfeito... é deixado de lado... o bullying... é... as brincadeiras de mal gosto e as piadas que não são necessárias.

Entrevistador:

Ah, se o diretor chegasse na sua escola... na sua sala... e falasse que não iria existir mais escola, o que você acharia disso? O diretor chegasse lá e falasse que não teria mais escola, nunca mais...

Sofia:

Ah, seria bem chato...

Entrevistador:

Seria chato? O que você imaginaria que faria no momento em que não estivesse escola?

Sofia:

Nada.. só ficaria em casa no celular.. (PAUSA)

Entrevistador:

Tendi... E se você tivesse a oportunidade de mudar alguma coisa na escola, o que você mudaria?

Sofia:

O jeito de ensinar.. poderia ensinar com dinâmicas diferentes... usando coisas diferentes...

Entrevistador:

Só estar lá na frente escrevendo no quadro você não aprende?

Sofia:

É....

Entrevistador:

Você considera assim que a escola te prepara para lidar com as coisas da vida? Você pode me dar algum exemplo? Do que ela estaria te preparando para lidar com coisas de sua vida?

Sofia:

Ah... sim e não... (PAUSA). Porque eles estão me preparando para eu ter um futuro bom, mas não estou me preparando para lidar com as coisas ruins que vem pela frente...

Entrevistador:

Que tipos de coisas ruins? Você está atrelando as coisas pessoais?

Sofia:

Ah, também...

Entrevistador:

Ataque de outras pessoas? Você pensou isso com exemplo? Ou tem outro?

Sofia:

Tem só que não quero falar....

Entrevistador:

Não gostaria? Ta joia!

Entrevistador:

Essa parte B a gente encerrou, se você quiser falar no final, durante a entrevista também... sobre o que considera de não preparar para a sua vida você fica a vontade. A parte C é sobre sua relação com a disciplina de Matemática, está bom?

Sofia:

Tá..

Entrevistador:

Você gosta dela? Da disciplina de Matemática?

Sofia:

Não!!

Entrevistador:

Por que você não gosta?

Sofia:

Ah.. porque não entra na minha cabeça... já fiz explicador, já fiz professora e não entra na minha cabeça, não entra... eu já tentei de tudo...

Entrevistador:

Explicadora seria oq?

Sofia:

É uma professora que ensina... é que no rio se chama explicadora...

Entrevistador:

A outra estudante entrevistada falou a mesma coisa...

Sofia:

É reforço... só que a gente fala explicadora. Então é a mesma coisa.

Entrevistador:

Beleza... Você não gosta porque não entende?

Sofia:

É porque os professores não colaboram também .. muito...

Entrevistador:

Os professora não colaboram e não explicam bem?

Sofia:

Não explicam de jeito que me faça entender... não da muitos exemplos ou como falei usam uma dinâmica diferente para ensinar Matemática... Não tem só uma maneira de ensinar... tem várias ... (PAUSA)

Entrevistador:

Tem várias? Que outra além assim, você até comentou né... além do quadro e giz que gostaria que ensinasse a matemática?

Sofia:

Poderia ser usando jogos... brincadeiras... é... dinâmicas assim que nós faça sair de uma postura assim de chegar na sala ficar um atrás do outro, abrir o caderno, olhar para o quadro e esperar o professor copiar, terminar de copiar. Acho que seria muito melhor uma dinâmica diferente... ajudaria bastante.

Entrevistador:

Entendi, mas... você acha que a disciplina de Matemática é importante?

Sofia:

É importante... porque a matemática está em tudo.

Entrevistador:

Mas o que é a Matemática para você?

Sofia:

Uma coisa que não entra na minha cabeça! (olhando rindo) Matemática nossa.. meu rival... naaa...

Entrevistador:

Matemática você definiria isso...

Sofia:

Aham..

Entrevistador:

Matemática não é nem.... números... é uma coisa que não entra na cabeça?

Sofia:

É... (PAUSA)

Entrevistador:

Nada a mais? Se fosse para definir a Matemática de forma Matemática como você descreveria?

Sofia:

Ahhhh... muitos números.

Entrevistador:

Muitos números?

Sofia:

É... er... muitas letras também, não sei porque tanta letra, mas os números tudo bem é... muita conta e muito difícil...

Entrevistador:

Hm... Você se considera como uma boa aluna nas aulas de Matemática?

Sofia:

AH AH... uma péssima aluna.

Entrevistador:

Como você se sente assim com suas notas?

Sofia:

Nossa... me sinto humilhada...

Entrevistador:

Você sente uma espécie de humilhação de receber lá um... 3 valendo 10?

Sofia:

Aham...

Entrevistador:

Tendi. E sua relação com o professor ou professora de Matemática?

Sofia:

Professor...

Entrevistador:

E sua relação com ele ajuda a gostar mais ou menos da disciplina?

Sofia:

Menos...

Entrevistador:

Por que?

Sofia:

Porque ele é muito rígido. Ele é muito severo então... acaba que... invés dele transmitir algo diferente faz que a sala dele tem medo de perguntar alguma coisa. E ele sempre da um exemplo. Ai ele ta lá falando português e ai ele resolver brincar e fala em inglês, francês...

Entrevistador:

Não está entendendo nem a Matemática que está lá e ainda está falando francês comigo?!

Sofia:

Exato! Ai eu não entendo e aí ele vai lá e fala em outras línguas e ai complica mais ainda.

Entrevistador:

Né... uma outra língua ainda...

(PAUSA)

Hm... As suas aulas de Matemática elas são só basicamente quadro e giz e o professor lá na frente, copia e resolve...

Sofia:

É... (PAUSA)

Entrevistador:

Teve algum outro tipo de aula, de aula diferente que... desse padrão que você já teve?

Sofia:

Não, em relação a Matemática não.

Entrevistador:

Em relação a Matemática não. Teve alguma outra disciplina assim... que é mais contextualizado?

Sofia:

Teve Filosofia que o professor fez uma dinâmica bem diferente. Ele fez a gente sentar em voltar e fazer um debate sobre a filosofia que foi bem legal e eu acho que ajudou bastante. E outro que ele fez um jogo também em relação a filosofia que também foi bem legal.

Entrevistador:

Diferente do professor de Matemática que usa apenas quadro, exercícios e provas?

Sofia:

Isso...

Entrevistador:

Entendi... (PAUSA)

É... Você acha que sua aula de Matemática deveria ser uma mais dinâmica com jogos... Que mais que você acharia deveria ser essas aulas?

Sofia:

Ah tendo jogos, fazendo perguntas...

Entrevistador:

(INTERROMPENDO) Se fosse para chegar no diretor para dar uma sugestão, o que você daria, tipo fala com o professor fazer isso, já que você tem medo do professor...

Sofia:

Ah, sentar em roda e fazer jogos. Perguntas que ele não faça que a gente fique com muita pressão... (PAUSA)

Entrevistador:

Hm... E o que seria uma escola sem Matemática para você?

(ELA RI)

Chegasse o diretor lá e falasse que não teria mais aula de Matemática...

Sofia:

Seria bom, mas também seria ruim.

Entrevistador:

Por que seria bom?

Sofia:

Seria bom porque eu não ia precisar quebrar a cabeça em pedaços e eu não ia ver mais minha rival que é a Matemática... e ruim porque a gente precisa aprender... é necessário... que bom falei a matemática está em tudo... (PAUSA)

Entrevistador:

Ah.. Então cita um exemplo do tudo que você acha que a Matemática está.

Sofia:

Ah... é... para tomar um remédio... pra... sei lá... fazer uma conta, pra pagar algo... e... na voltagem pra saber.... aaah não sei explicar... não sei explicar... (PAUSA)

Entrevistador:

Então além de contas... e... proporções para tomar remédio, receita...

Sofia:

É... fazer uma receita... saber as coisas... (PAUSA) Não sei explicar... (PAUSA)

Entrevistador:

Hmm... mas você acha que a Matemática que você aprender na escola... tudo que você aprendeu de Matemática. Você acha que vai ser útil na sua vida?

Sofia:

Vai... (PAUSA LONGA)

Entrevistador:

Se sim pode me dar um exemplo por favor?

Sofia:

Por exemplo... se...

Entrevistador:

Como ela vai ser útil na sua vida?

Sofia:

Ah... de várias maneiras. Proporção, medida... é... (PAUSA) cálculos para resolver as coisas de cabeça... coisas do tipo... (PAUSA)

Entrevistador:

Raciocínio Lógico?

Sofia:

É... (PAUSA)

Entrevistador:

Se você tem dúvidas nas aulas de Matemática como você tem... Você acha que é um problema de você, da escola, do professor de matemática ou da sua família?

Sofia:

De mim...

Entrevistador:

Acha que quando tem dificuldade o problema vem de você mesmo?
Isso.. (PAUSA)

Entrevistador:

Ta... você.. ah desculpa. (PAUSA LONGA) Antes e agora, antes da pandemia e agora na pandemia.. é... agora... Antes você tinha contato com sua tia?

Sofia:

Não...

Entrevistador:

Não tinha... (PAUSA LONGA) Então essa pergunta a gente pode pular... seria o que sua família fala sobre estudos antes é.... e depois da pandemia... Mas como sua tia não teve contato antes para saber também... Mas ela fala alguma coisa?

Sofia:

Fala que eu tenho que estudar. Fal...

Entrevistador:

Mas antes da pandemia falava que tinha que estudar para não estar nessa situação agora?

Sofia:

Ah... que eu lembre não... (PAUSA LONGA)

Entrevistador:

Hm... Sua família lá no Rio você estava com sua mãe.

Sofia:

É...

Entrevistador:

Apenas com ela?

Sofia:

Minha mãe e minha irmão.

Entrevistador:

Sua irmã! Sua irmã mais nova ou mais velha?

Sofia:

Meu irmão, mais velho.

Entrevistador:

Eles te ajudaram em algum momento nos seus estudos?

Sofia:

Meu irmão me ajudou bastante... mas..

Entrevistador:

Durante, assim a pandemia...

Sofia:

Ah.. (FAZENDO GESTO COM A CABEÇA DE QUE NÃO QUERIA FALAR)

Entrevistador:

E matemática, eles te ajudaram em alguma coisa?

Sofia:

Meu irmão me ajudou e minha mãe me ajudou uma vez só.. (PAUSA)

Entrevistador:

E você lembra que matéria que era?

Sofia:

Era um trabalho na explicadora...

Entrevistador:

Entendi.. (PAUSA)

Na sua família quem você acha que mais te incentiva a estudar?

Sofia:

Minha tia e meu irmão.. (PAUSA)

Entrevistador:

Por que? E o que você acha disso?

Sofia:

Legal... eu acho legal... porque... é bom ter algum incentivo. Ter alguém ali te incentivando. Minha tia sempre... Agora me incentivou bastante e meu irmão sempre me incentivou. Falava que era bom estudar... Se eu quisesse sair... de casa... que o estudo leva a gente a qualquer lugar. (PAUSA LONGA)

Entrevistador:

Algo mais?

Sofia:

Não.

Entrevistador:

Então a gente vai fazer a ultima parte agora, a parte D, a última parte de nossa entrevista... E ela quer saber sobre você... como você vê a participação da sua família na vida escolar.

Entrevistador:

Então quem mora com você em casa é sua tia correto?

Sofia:

Isso.

Entrevistador:

(PAUSA) É... você a considera como sua família né...

Sofia:

Isso.

Entrevistador:

Tem mais alguém que você considera família? O que seria família para você?

Sofia:

Não... (PAUSA LONGA)

Entrevistador:

Família seria... se você pudesse definir o que que é família como você descreveria?

Sofia:

Eu acho que família devia acolher, proteger, amar, cuidar.. (OLHOS CHEIO DE LÁGRIMA) (PAUSA LONGA) é isso.

Entrevistador:

E você falou agora pouco do seu irmão. Você tem algum.... você o considera... família... ou você considera...

Sofia:

Considero... Meu irmão quando eu estava no rio era minha base de apoio.

Entrevistador:

Quantos anos ele tem?

Sofia:

Ele está com 22. (PAUSA LONGA)

Entrevistador:

Entendi... e de que forma a sua tia está participando da sua vida escolar? De que forma ela está participando da sua vida?

Sofia:

Ah ela está participando muito. Ela sempre pergunta se tem algum trabalho para fazer. Se tiver ela manda fazer. Quando tem que ir na escola procurar saber alguma coisa ela vai... Ela sempre está por dentro.

Entrevistador:

Ela participa das reuniões?

Sofia:

Participa só não participou de uma que teve porque nem eu sabia..

Entrevistador:

Mas ela vai a escola para falar de você e suas dúvidas?!

Sofia:

Vai.

Entrevistador:

Para recorrer ajuda (PAUSA) E o que você acha dessa atitude dela?

Sofia:

Eu não sei como explicar...

Entrevistador:

Você acha que é bom que é ruim? Te favorece?

Sofia:

Que é bom... (PAUSA)

Entrevistador:

Ela te ajudam na tarefa ou dever de casa?

Sofia:

Ajudam. (PAUSA)

Entrevistador:

Se interessa, ou pergunta as coisas que acontece na escola, que acontece com você?

Sofia:

Sempre.

Entrevistador:

E ela manda você estudar sempre?

Sofia:

Sempre.

Entrevistador:

O que ela fala sobre estudar? Por você, tipo: Minha tia fala isso de estudar...

Sofia:

Ela fala que eu tenho que estudar para eu ser o que eu quero ser... Ela fala que com estudo a gente pode chegar longe... Ela fala que eu tenho que meter a cara nos estudos... (PAUSA)

Entrevistador:

E você vê ela lendo livro, ou comento sobre estatística que aparece no jornal, estudando ou se especializando em algo? Discutindo com você coisa que envolve Matemática no dia a dia?

Sofia:

Hmm..... Não sei... Acho que sim...

Entrevistador:

Não parou para pensar tipo, “Ah olha isso é Matemática”. Por exemplo jornal que a gente vê...

Sofia:

Ah, as vezes a gente conversa o que a gente vê no jornal.

Entrevistador:

Sobre inflação, aumento de preço, é... eleições políticas... já teve essas conversas?

Sofia:

Ah.. acho que não.. não lembro.. Se teve eu não lembro...(RINDO)

Entrevistador:

(EU RINDO) (A TIA INTERVEM FALANDO QUE O QUE ELA MAIS FALA É DE ECONOMIA E POLÍTICA)

Sofia:

É... Eu gosto quando ela fala do Bolsonaro. Que eu gosto de criticar ele. Eu não gosto dele não. Mas não vem a pergunta.

Entrevistador:

É... de toda forma educação é política né... Então se você quiser falar fica a vontade.

Sofia:

Não!!!! Vai que... que... que.. eu não sei.. se é bolso.. vai que né...

Entrevistador:

Não é questão de eu ser bolsonarista ou não ser, a questão é a sua opinião é a sua.. é a sua.. É sobre a sua produção de significado... tudo que você tem pra falar sobre a minha pergunta. Então não precisa ter medo, ou receio de né.... (PAUSA PROLONGADA)

Entrevistador:

Então ela lê jornal?!!

Sofia:

Uhummm

Entrevistador:

Você não consegue então identificar o que de matemática que tem nessas notícias, que ela comenta com você, mas você consegue ver posicionamentos políticos?

Sofia:

É...

Entrevistador:

Ah.. Esse eu não sou a favor... esse eu sou a favor... esse toma uma atitude ruim.. esse toma uma atitude boa...?

(PAUSA PROLONGADA E GESTICULANDO COM A CABEÇA NEGANDO)

Sofia:

Não quer falar nada do cenário político?
(TIA INTERVEM FALANDO: ELA VAI TER ELEITORA PELA PRIMEIRA VEZ)

Entrevistador:

Vai votar esse ano?

Sofia:

Vou.

Entrevistador:

Você já tirou né. Vai ser aqui em São Lourenço? Que escola que vai ser?

Sofia:

Vai ser aqui na igreja.

Entrevistador:

É... onde a gente parou... Falta apenas quatro pergunta..

Sofia:

Uhum

Entrevistador:

É.. Qual que é a reação da sua tia diante a suas notas?

Sofia:

(RINDO) Ela quase teve um treco.

Entrevistador:

Se fosse para replicar o que ela falou, o que ela fala, te cobra, como seria? (EM TOM RISONHO)

Sofia:

Ah, ela fala que eu tenho que estudar bastante Matemática porque minhas notas tá péssima. É quando ela soube que eu tirei 3 ela quase teve um treco. (PAUSA PROLOGANDA)

Entrevistador:

E ela comenta assim... coisa sobre matemática que você consegue identificar além dos jornais?

Sofia:

Ah... não lembro.

Entrevistador:

Ou te cobrando pra estudar..

Sofia:

Ah.. ela fala bastante que tenho que assistir o vídeo que mandou.. que ela já viu duas vezes, que é bom eu ver pra ver se entra na minha cabeça.

Entrevistador:

Ta joia. É... (PAUSA PROLONGADA) Você acredita que sua tia valoriza a escola e a disciplina de Matemática?

Sofia:

Sim...

Entrevistador:

Eu.. se acha que... como você se sente em relação a isso?

Sofia:

Ah.. eu me sinto... não sei... eu não sei... (NEGANDO COM A CABEÇA)

Entrevistador:

Você pensa da mesma forma que ela?

Sofia:

Ah.. é.. um pouco. (NEGANDO COM A CABEÇA)

Entrevistador:

Em que aspecto você acha que a escola não teria valor e que a disciplina de Matemática não teria valor? (PAUSA PROLONGADA)

A escola não serve para mim pra isso... A matemática não ser pra mim pra aquilo.. Você conseguiria...

Sofia:

(NEGANDO COM A CABEÇA)

Entrevistador:

Ah, que a Matemática não serve pra nada.. que não vou utilizar isso.. é... vou ser advogado.. ou ah.. a escola não serve pra nada porque a realidade que eu vivo é diferente do que acontece na escola.

Sofia:

É... eu acho que a realidade é bem diferente da escola, que em casa é mais acolhedor do que na escola e, ah.. a Matemática pra mim... pra mim não é porque não entra na minha cabeça. Como eu falei a Matemática...

Entrevistador:

Tem valor por isso?

Sofia:

É..

Entrevistador:

Você não valoriza ela por isso, porque não entra na sua cabeça?
Isso! (CONCORDANDO COM A CABEÇA) E porque também.. (RINDO)

Então se eu não gosto dela vou fazer ela não gostar de mim também?

Isso! (RINDO, CONCORDANDO COM A CABEÇA)

Ou não gosta de mim eu não vou gostar dela. Ela que.... Cabe só a você! (RINDO)

Entendi.. e quem da sua familia você se inspira no aspecto educacional?
Meu irmão e minha tia.

Sofia:
(RINDO)

Entrevistador:
Você gostaria de falar sobre... (FOLEANDO O ROTEIRO)
A pergunta... o que é Matemática para você?

Sofia:
Ah... A matemática é bem complicado pra mim... porque uma hora ta lá os números e do nada entra um $a+b$ que é igual a ... sei la.. e depois bota um y , depois bota um x , para você descobrir o valor... Matemática pra mim é... minha maior rival..

Entrevistador:
Matemática é isso para você??

Sofia:
É...

Entrevistador:
A Matemática é a minha maior rival..

Sofia:
(CONCORDA COM A CABEÇA)

Entrevistador:
Entendi.. Bom a gente finalizou todas as partes.. acho que a gente pode encerrar aqui a gravação.

ENTREVISTA COM O FAMILIAR

Entrevistador:
É lógico!!

Lindomar:
Eu acho que a educação nunca vai te fechar a porta. O professor é uma profissão que nunca vai faltar, por que a gente precisa do professor. (NESTE MOMENTO A SOBRINHA OUVIU E COMENTOU INTERFERINDO: MAS TAMBÉM É UMA PROFISSÃO MUITO DESVALORIZADA!)

Entrevistador:
É uma das mais desvalorizadas mesmo!

Lindomar:
É que as pessoas não tem noção do que é educação! Se a gente tivesse um governo que falasse de educação, que investisse na educação as coisas seriam diferente... não da valor ao professor!

Entrevistador:

Real! Se fosse para falar assim, uma idade que você parou de estudar? Você continua estudando alguma área?

Lindomar:

Não, estou estudando mais não! Tive problema de saúde... e eu parei mesmo... em 2018.

Entrevistador:

2018 o ano né.

Lindomar:

De estudar mesmo. Eu lia muito entendeu. Mas tive uns negócios de saúde e esse negócio no fígado me atacou muito sabe, muitas dores e problemas.

Entrevistador:

Essa doença você achou que fosse de estresse como comentamos quando estava vindo do Rio de Janeiro? Gerou lá?

Lindomar:

Não, essa doença... esquistossomose eu devo ter pegado esse parasita quando eu era criança. Mas eu nunca senti nada. Eu sempre trabalhava muito a minha vida inteira, nunca tive problema, derrepente senti uma dor sufocante e...

Entrevistador:

Pega em lago?

Lindomar:

Pega em lago, rio, água de cachoeira, rios, asudes.. provavelmente devo ter tomado banho de rio lá no Nordeste e devo ter contraído alguma larva, tocou na pele e vai embora né... (TOM E OLHAR DE CONFORMIDADE) Então eu sempre estudei muito, nunca tive nada, foi difícil estudar... mas eu não me arrependo de ter estudado não filho! Li muito, naquela época (incompreensível) livros inteiros né... Não era brincadeira.. A gente lia lia até dizer chega né.. (MOMENTO DE PAUSA POIS HAVIA CAÍDO O ROTEIRO)

Entrevistador:

Seu período de faculdade todo foi na Paraíba? E como era a escola? Tinha muito xerox? Biblioteca?

Lindomar:

Tinha biblioteca, gastei muito com xerox e joguei tudo fora quando vim embora, é revoltante... (RISOS)

Entrevistador:

Da vontade de trazer um monte de saco de papel né.

Lindomar:

Gastei tanto dinheiro com xerox e hoje não uso mais nada né...

Entrevistador:

Hoje a gente está usando e-book, a gente lê tudo pelo celular.

Lindomar:

Eu fiz ainda, 6 meses de Letras, mas minha tia morreu e não teve como ficar... Eu queria muito fazer Letras. Quando eu terminei o curso de Pedagogia eu queria fazer o curso de Letras, ai eu fiz 6 meses e não deu mais para fazer.

Entrevistador:

Sua escola na Paraíba era como? Você fez o ensino médio lá?

Lindomar:

Sim, eu estudei em escola particular... que a mãe da Rafaela gostava de confusão. Meu pai teve que pagar a particular, depois eu fui fazer o Logus que antigamente tinha o curso Logus, Logus 2.

Entrevistador:

Logus? O que é isso?

Lindomar:

É como se fosse um supletivo. E que no caso é parte de... normal... é tipo um curso normal...

Eu tive que dar aula, tive que fazer 5 aulas presencial com a bancada para a prova final, tinha dois professores é como se fosse uma tese, tinha os professores com aqueles temas e você tinha que criar uma aula com aquele tema.. sobre educação ai era aquela aula. Ai você ia ser avaliado.

Ai depois eu fiz vestibular.... ai eu fiz esse curso que foi referente ao segundo grau.

Entrevistador:

Então para você finalizar o Ensino Médio você teve que fazer esse Logus com essa banca?

Lindomar:

Sim, eu tive que fazer para terminar como se fosse hoje o Ensino Médio.

Entrevistador:

Isso com quantos anos?

Lindomar:

Ah.... não me lembro....

Entrevistador:

17?

Lindomar:

Não não.. vinte e poucos anos... porque eu demorei porque meu pai não deixava a gente estudar na cidade né. Porque a gente morava no sitio, era longe, não tinha transporte, energia elétrica, tinha andar 12km a pé para chegar na BR para pegar o ônibus e e ir para a cidade....

Entrevistador:

A cultura dele era de trabalhar quando criando para ajudar no sustento em casa?!

Lindomar:

Não, meu pai dizia que, até um termo meio chulo, coitado, ele não falava por maldade, falava isso porque não tinha educação, conhecimento. Era uma pessoa educada de respeitar você, mas o conhecimento era zero. Ele dizia que... é... era... como ele falava.. ele dizia que educação na cabeça na mulher era igual serventia de cifre na cabeça de cavalo entendeu... Que mulher tinha lavar, passar, cozinhar, casar, ter filhos. Dizia para eu fazer isso, que não precisava de estudar.

Mas meu pai é semianalfabeto né... Deu educação a nós todos, tentou ajudar, criou a gente como pode. Não posso culpar ele porque não teve isso dos pais né... Eu sou diferente, meus filhos hoje teriam que ter compromisso com a educação, a 40 anos atrás era diferente né filho..

Entrevistador:

Com certeza era! Até a escola em si era muito diferente?

Lindomar:

Eu fui do tempo do SPB!

Entrevistador:

SPB? O que seria?

Lindomar:

Uma matéria que hoje não tem mais de Educação e Moral Cívico.

Entrevistador:

É mesmo? Que interessante não sabia!

Lindomar:

Eu fui dessa época entendeu?

Entrevistador:

E Matemática, você gostava?

Lindomar:

Não! (Já cortando a pergunta). Matemática nunca gostei não! Muito complicado, Matemática.. porque eu não estudava, eu não fiz o ginásio né. Então era complicado. Cada prova que eu tive que fazer eu tinha que chamar amigo meu para me dar aula porque... eu tinha que trabalhar...

Eu passei a alfabetizar adultos, eu comecei a aprender a gostar da sala de aula, porque como eu aprendia rápido, eu comecei a ler com 5 anos de idade.

Entrevistador:

Isso é bom! Como que fala? Prodígio né?

Lindomar:

O meu avô, pai do meu pai, analfabeto, mas tinha uma coisa! Escuta algumas coisas e falava entendeu. No Nordeste, existe um projeto, na cultura popular, a literatura de Cordel. Você vai nas feiras das cidades e tem assim, pensa numas banquinhas com pequenos livros contando historias entendeu... de dragão, de fulano. E meu avô, o filho mais velho dele lia para e ele aprendeu aquilo ali. E eu via aqueles mais nova aqueles livros interessantes que tinha assim, uns

Você conhece o Ariano Suassuna?

Entrevistador:

Se eu conheço o que?

Lindomar:

Ariano Suasuna, ele era um dos maiores escritores do Brasil. Já viu o Auto da Compadecida? Foi ele que escreveu! Meu conterrâneo. Então, foi através da Literatura de Cordel que eu fui alfabetizada. Eu sabia ler o alfabeto, depois juntei sílaba, palavra, e aí eu estava lendo aquele livro sem saber. Eu lia para vovô, ele dizia: "Linda, eu não entendo essa palavra. Eu me enrolei aqui como é" e eu respondia é isso e isso e aprendia com ele, comecei a ler.

Quando eu fui pra escola, com meus irmãos mais velho.. e eu dizia que sabia ler os livros. Para você ver eu fui do tempo da Caminho Suave, da Cartilha de ABC, da tabuada de papel, entendeu filho?

Entrevistador:

Aham, então você não gostava de Matemática e foi chegada mais pra leitura mesmo!

Lindomar:

(INTERROMPENDO E CONCLUINDO) Eu gostava mais da leitura. Minha Matemática era muito pouca.

Entrevistador:

Seu professor você lembra dele?

Lindomar:

Meus professores era o seguinte. A gente tinha um professor para todas as disciplinas, não é como hoje que tem um para Português, Matemática, História. O professor do primeiro a quarta série é um só para dar para todo mundo. Era uma feijoada.

Entrevistador:

Geralmente ainda é assim.

Lindomar:

Não sei se ainda é assim. Porque quando eu comecei a trabalhar eu dava aula só para a educação infantil. Mas Matemática a gente não tinha só a Matemática.

Entrevistador:

No seu curso tinha disciplina de Matemática?

Lindomar:

Tinha sim, era assim, era por módulos. Sei lá, tinha 20 módulos se fosse, Português 25 e cada livro daqueles tinha os conteúdos, as frações, daquela época tinha muita conta. Os cálculos que a gente fazia era diferente que tem hoje. Tinha muita multiplicação, divisão, a gente tinha que aprender muita coisa.

Entrevistador:

O que você acha que a matemática era para o curso? O que você aprendeu para ensinar para ajudar?

Lindomar:

Olha, eu gostaria muito de ter dito a Matemática que tem hoje. Eu tive que pedir para amigo ajudar a ensinar fração, cálculo, é tanta coisa que a gente aprende. Tive que

aprender ali mesmo para fazer essas provas entendeu. Porque eu não fazia ginásio todos os dias. Não tive esse direito porque era muito longe, e meu pai não me deixava ir sozinha porque eu morava na roça no mato escondido lá... era muito longe do centro.

Olha antigamente tudo era muito difícil Edson, olha não tinha carro. Quem tinha carro era rico, entendeu. Não tinha ônibus. Olha, hoje passa ônibus na porta da casa da minha mãe, sobrinhos e parentes ônibus escolares, antes a gente não tínhamos.

Eu aprendi a ler muito rápido, tinha uma fome de leitura! Eu foleava um livro em dois tempo!! (EXPRESSÃO DE PAZ E SERERINADE AO FALAR E GESTICULAR)

Eu lia muito. Eu pegava o primeiro jornal e lia até os anúncios. Pegava o jornal e lia muito. Lia muito muito muito!! Eu sempre fui muito sonhadora, assim sabe.. tive muitos sonhos, achando que ia mudar o mundo com a educação, não mudei nem a mim mesmo!! (TOM DE CONFORMIDADE)

Entrevistador:

(RINDO DE NERVOSO TENTEI FALAR A PROXIMA PERGUNTA DO ROTEIRO) Mas falando assim parece que você considera importante hoje a escola para criança!?

Lindomar:

Olha, muito importante! A escola é fundamental! A presença do aluno na escola é fundamental, respeitando o professor.

Entrevistador:

(CONTINUANDO O ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA RELACIONAR COM A RESPOSTA ANTERIOR) E da família ajudando assim a....?

Lindomar:

(INTERROMPENDO A PERGUNTA) Mas não existe escola sem família não é filho? Não existe!

Entrevistador:

Não mesmo!

Lindomar:

Não existe! (BALANCENDO A CABEÇA NEGANDO, COM A MÃO NA MESA)

Eu trabalhei 16 anos em sala de aula, hoje eu tenho alunos médicos, advogados, professores, eu tenho alunos mesmo que falam... hoje falam... da força aérea brasileira, até mostrei as fotos da formatura dele que ele mandou para mim. Da força área brasileira, ele se lembra de mim! (TOM DE CONQUISTA) Ele fala: “Professora, eu lembro da senhora!” Ele me chamava de tia: “Tia Lindomar, tia Lindomar”. Então hoje meus alunos, tenho advogados, tenho engenheiros... Então eu formei eles na alfabetização.

Entrevistador:

Então você deve ficar no pé de sua sobrinha para ela ter boa nota na escola?!

Lindomar:

(CORTANDO EM TOM DE IMPERATIVIDADE) A Rafaela precisa entender... Quando eu escutei ontem que minha sobrinha tirou 3 em Matemática eu fiquei desesperada. Que eu estou indo sempre na escola. Digo: “Gente eu preciso de ajuda, vocês tem que ver ... vai ter ajuda na escola? Porque se ela continuar tendo notas ruins, o juiz vai vir em cima de mim! O juiz vai vir em cima de mim! Ela tem que entender isso.

Entrevistador:

Você verifica as atividades escolas dela?

Lindomar:

Ela disse que está tendo... É que eu saio de manhã e volto de noite. Eu trabalho todos os dias, entendeu. Eu falo: “Rafaela, Rafaela tem atividade para amanhã?”

Ela pega e me mostra. Eu estava até verificando aqui que é muito pouco conteúdo. (FOLEANDO OS PAPÉIS DO LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA QUE VI OS ASSUNTOS DE CONJUNTOS E FUNÇÕES)

Entrevistador:

É pouco né.. E ainda assim os estudantes estão tendo dificuldade com pouco conteúdo?!

Lindomar:

É pouquíssimo conteúdo. (COMO SE FOSSE UM POLÍTICO FALANDO)
Tem isso daqui de páginas. (CERCA DE 10)

Entrevistador:

É que tem diversos conteúdos hoje também como geografia, projeto de vida, ciências, mas parece que antigamente havia uma carga maior de conteúdo e um rigor maior da escola na educação. De como se precisasse a todo custo fazer listas, trabalhos. Você tinha essa sensação? De que havia um rigor maior na escola do que hoje?

Lindomar:

(TOM AFIRMATIVO) Muito mais. O aluno antigamente tinha mais compromisso! Eles tinham. Tinha porque antes os pais exigiam.

Entrevistador:

As vezes não parece nem uma falácia mais de que: na minha época era assim. Ou você considera a mesma coisa?

Lindomar:

Hoje a gente vê nos jornais, eu sempre vejo muito jornal, que a escola a distância tinha acabado e os pais agradecendo por livrar.. Olha.. Se o pai e a mãe não aguentam seus filhos, nós professores vamos aguentar?!!

Entrevistador:

Quem dera os outros pais tivessem essa concepção..

Lindomar:

Olha, porque veja bem.. Eu vim assim.. fico irritada querendo quebrar a televisão. Falando: “Meu filho de 7 anos não sabe ler, essa pandemia atrapalhou... NÃO! Ela que atrapalhou!! Como que você diz que tem um filho na fase de alfabetização em uma pandemia, não ver as atividades do filho e dizer que é a pandemia que está atrapalhando uma educação.Se o pai e a mãe não ajudam um filho de 7 anos a ler, vai ajudar um filho desse tamanho Edson? Não vai! (DIRECIONANDO O OLHAR PARA SUA SOBRINHA) Não vai Edson... Ah porque está cansada...

Entrevistador:

(INTERROMPENDO) E com sua sobrinha durante a pandemia, como foi com a educação dela?

Lindomar:

Não sei Edson, não estou muito tempo com ela... Peguei a guarda dela recentemente. (NESTE MOMENTO CHAMOU SUA SOBRINHA E PERGUNTOU) Teve aula pelo virtual?

(A SOBRINHA CHEGA NA SALA NA CONVERSA) Não!

Entrevistador:

Você ficou 2 anos sem aula lá na pandemia lá no Rio de Janeiro?!

Lindomar:

(A SOBRINHA) Uhum... eu só voltei... quase no final do ano.

Entrevistador:

E não teve aula? Iniciou a pandemia em 2020, você estava na sétima série e ficou sem aula até 2022? Sem pisar na escola ou ter algum conteúdo virtual?

Sofia:

, uhum! Eu estava na oitava, no Rio eu só voltei... quase no final do ano. Voltou no finalzinho de 2021.

E não tinha aula... Os professores não sabiam mexer... Muitos não acessavam... Eu fiquei sem meu celular e ai não teve como também... (PAUSA)

(DIRECIONANDO PARA A TIA)

Entrevistador:

Entendi. Ai durante a pandemia... é... você consegue... teve alguma influência no auxílio da educação na pandemia? Ou só teve esse contato com ela recentemente?

Lindomar:

Não, eu tive contato mais agora com ela esse ano mesmo que veio para cá. Infelizmente ela veio pra vá com um pouco mais de dois meses. Eu tinha acesso a ela pelo irmão, perguntava como estava. Teve aula de reforço as vezes, ia para outro canto e não ia no reforço. Não tem como colocar culpa na pandemia. Infelizmente pisou na bola algumas vezes, tenho falado varias vezes para ela se tem conteúdo amanhã? Senta! Vai estudar! Já tomou café, acordou? Senta e vai estudar. Mas ela fica no celular....

Ela fala que não tem trabalho e eu peço para ler livros. Mas ela fica mesmo no celular com amigos. Que amizade é essa que fica tanto tempo do telefone. Ai na hora de fazer a prova vai ficar com vergonha porque ai vai ficar reprovada.

Eu preciso que ela estude!!!! Eu preciso que ela sente para estudar. Eu preciso que ela seja alguém!!!!!! A gente com educação já não tem nada, imagina sem educação meu filho.

Entrevistador:

Exatamente. parece que o pessoal hoje está mais bruto né?

Lindomar:

Não. Sabe o que? As pessoas acham que tudo é fácil, acham que vai mudar o mundo. Gente você não muda, o ser humano não muda. O ser humano ele se modifca quando ele quer (PEGOU A COLHER DE PLÁSTICO QUE ESTAVA DO LADO NA MESA E

BATEU A PRIMEIRA VEZ NELA)... quando ele quer...(MUDOU O TOM DE VOZ PARA CONFORMIDADE), ai ele se modifica... (BATEU A SEGUNDA VEZ) a gente só muda duas vezes.. a outra é quando troca o dente de leite.

Tudo depende da gente. Aqui, hoje a educação é muito fácil tem escola, ônibus. Agora compromisso eles não têm.

Acham que meu pai vai deixar herança. Meu pai vai fazer isso, vai fazer aquilo. Ah que não preciso fazer. Tem que fazer cada um. Buscar, como que é que quer ser independente se não tem trabalho e não tem estudo.

Entrevistador:

Tem que correr atrás do seu para sobreviver?

Lindomar:

Ah, vou ter meu avô aposentado para me sustentar. Que isso, vai morrer todo mundo. Você tem que ter o seu! O seu! (BATENDO COM A COLHER PELA TERCEIRA VEZ).

Entrevistador:

Se você pudesse mudar a escola você mudaria alguma coisa?

Lindomar:

Ah eu mudaria. Eu mudaria muito. Eu traria a família para escola. A escola precisa criar um modo de trazer a família para a escola.

Entrevistador:

Se acha que polarizado?

Lindomar:

(UMA PAUSA)

Eu não consigo dizer isso pois estou muito tempo fora. Olha, eu digo que professor é um sonhador. Eu não fui professora, eu sou. Porque não passou, ela é. A gente é o resto da vida. Mas eu, eu.... acho que assim.. é... precisaria muiiiiito de.. a educação do Brasil precisa engajar a família com a escola. Porque a família não pode despejar na escola os seus filhos...

Entrevistador:

Deixar a merce do estado fazer isso?

Lindomar:

A escola não da educação. Não da educação. Ela oferece conhecimento. conhecimento de vida de seguir uma carreira de ser independente. Mas não pode ser em contramão, a família e a escola tem que andar juntos.. (EM MUDANÇA DE TOM PARA AGUDO). Eu estou correndo atrás de você Edson para que a minha sobrinha siga o certo. Eu não posso deixar em defasagem. Se ela se arrastar esse ano, o ano que vem ela fica.

Entrevistador:

Exatamente vai virando um bolo de neve!

Lindomar:

Ela não pode deixar.. é.. frações, números, calculo, qualquer coisa.. Ela tem que aprender, fazer e praticar. Pergunto se sabe falar e ela fala que não ... Eu quero uma pessoa que a ajuda a fazer isso porque daqui a 2 anos vai prestar vestibular e se não estudar vai tirar zero.

Entrevistador:

Se pudesse mudar alguma coisa da matemática você mudaria?

Lindomar:

Não, eu acho assim. Que poderia ser algo mais flexível. é que é muito exata, muito exata. Tem que ser daquele jeito, porque o cálculo é assim e acabou não tem modernização nenhuma né. O professor de Matemática ele acha que tem que aprender do jeito que ele ensinou. Não, tem que ser mais prático. Tem que abri mão de muito regra para ver se fica mais flexível. Se o aluno pega né.

Entrevistador:

Então você acha que teria que ser mais contextualizado com o seu dia a dia?

Lindomar:

Sim, mais voltado para o nosso dia a dia.

Entrevistador:

O que você usa da matemática no seu dia a dia?

Lindomar:

(PAUSA E RI) Olha eu uso. Eu acho que a Matemática é tudo na nossa vida né! A gente precisa calcular nossos gastos, ganhos, tempo, tudo é assim matematicamente botado em dias, porque tudo é assim.

Entrevistador:

Por exemplo comida para fazer?

Lindomar:

A gente tem que ser noção de quantidade né, do tempo que a gente vai cozinhar. Hoje a gente vê assim. Mas a gente fala assim: Ah o gás da muito caro. Mas se você calcular e pega o gás e gasta pouco a pouco, hoje eu vou fazer almoço e janta, você está usando oq? A Matemática né. Por exemplo assim, eu vou lavar a roupa, a gente calcula o que? A quantidade de água, sabão, energia, isso tem um tempo!! Ah, porque eu vou fazer isso amanhã... Não! Eu vou fazer isso é agora, eu vivo é o agora. Eu vivo o hoje! Amanha se der temo é outra coisa. Então a Matemática tem que ser essas flexibilidades para esse lado. EEERR... Não pode ser só no banho maria. Eu mesmo não conseguia aprender Matemática porque não conseguia aprender.

Entrevistador:

Parece que não tinha aplicação? Por que você não conseguia aprender?

Lindomar:

Porque eu não ia pra escola todos os dias. Porque era assim. Esse curso que eu fiz para terminar o Ensino Médio, eu fiquei tempo sem estudar, e tinha essa banca com professor. Não era ginásio com os professores e todo dia aqueles conteúdos. Se eu fosse para o ginásio todos os dias talvez eu tivesse aprendido muitas coisas entendeu. Eu tive que pedir para um senhor, um moço mais inteligente e aí ele foi lá na roça me ensinar, na época que ele aprendeu. Eu tinha um rapaz que me ajudava a aprender. Não foi fácil para mim. Hoje em dia você liga o celular, tem um professor dizendo ali: "Olhe." Ontem eu até vi um vídeo de um homem falando de fração: "Olha isso

numerador, isso é denominador.” e não sei o que, quer dizer é uma flexibilidade para ensinar para ouvir aquilo..

Entrevistador:

É um acesso à informação maior né?

Lindomar:

Olha, se a gente tivesse acesso a Matemática com a gente tem hoje no celular com o professor falando, não tinha ninguém burro.

Entrevistador:

Mas hoje a gente vê que o pessoal tem muita dificuldade ainda na Matemática?

Lindomar:

Muito, porque acha que é um bloqueio, acha que é um bicho papão mas não é, não é um bicho papão. É porque nós não aprendemos matemática que nos foram ensinados.

Entrevistador:

A gente cresce rotulado que é um bicho de sete cabeças?

Lindomar:

Olha, quando você vê um bicho bravo. Você não vai se aproximar dele. Mas dizem que o diabo não é tão feio quanto parece né?

Entrevistador:

Não mesmo, se mascara né?

Lindomar:

Olha, a Matemática é muito melhor que Português, muito melhor que história, sabe por que? e outras matérias porque não tem enrolação é aquilo ali e acabou. É o cálculo tão é o resultado tal e é o x e y. Mas a gente se bloqueia e você não abre em hipótese nenhuma que a Matemática é flexível que é bom que faz isso que faz aquilo. Não é... A gente fez que o bicho papão hoje da educação é A MATEMÁTICA, por que? Porque não se ensina Matemática.

Olha para tirar a carteira de motorista, você acha que se a gente aprendesse aquelas placas todas a gente, teria isso tudo que tem hoje para aquela porra do DETRAN? Eu duvido, eu duvido (TOM POLITCO)

Entrevistador:

(Rindo) Mas isso tem a ver com a burocracia e pilantragem que existe nesses lugares! Assim com outros setores com educação né?

Lindomar:

Tem meu filho, tem de tudo!!!! Olha, quando eu estava aprendendo as aulas da autoescola eu estava falava assim: Meu Deus! Se eu estivesse em sala de aula hoje de celular como hoje eu ia ensinar meus alunos com esses negócios de coisas, por que é difícil meu filho. Tudo é complicado quando você se bloqueia! “Ah eu não sou capaz!” Eu não vou dizer que o diabo que está lá na faculdade que minha sobrinha não deve ir. Ela deve ir... tem mais chances agora, sabe porquê? Não trabalha, não pega dois ônibus como ela pegava para ir a escola, saia 5 horas na manhã de casa no Rio de Janeiro. Ela gasta 10 minutos para a escola. O que ela quer mais meu filho?

Entrevistador:

A gente vai acomodando né?

Lindomar:

As pessoas acomodam. “Ah porque eu passei por isso, passei por aquilo”. Meu amigo, quem que nós não temos problemas, quem de nós não tem problemas financeiros? Eu passei problema financeiro minha vida inteira, Ah pelo amor de Deus! As pessoas reclamam de barriga cheia.

Entrevistador:

Exatamente! Porque não tem o que comparar as vezes, não tem uma situação pior para ver né, para dar graças!?

Lindomar:

Para contestar né. Exatamente! O Dinheiro? O dinheiro não é pra todo mundo não meu filho. Está difícil para todos nós. Agora quando tem as chances, a gente não pode perder. Eu aprendi uma coisa na vida! É um ditado popular que até Brizola falava isso: Cavalos passa esse lado (ou cilada), se você não notou, você vai a pé. E para você ir a pé porque o caminho é longe.

Entrevistador:

Ainda mais quando a gente é pobre.

Lindomar:

Eu sempre fiz isso. Quem me conhece sabe disso. Meu pai falava assim, que existe o pobre e existe o pobre enxerido. Eu sou enxerida, meu pai dizia isso, que eu sou uma sonhadora. Que sempre que eu vou atrás eu consigo.

Entrevistador:

Mas isso faz parte de viver né? Já nascemos com condições tão limitadas e a gente escolhe uma família para vir e tem que sonhar mesmo! E fazer e ter atitude né.

Lindomar:

Olha se a gente não botar a mão na massa e ir a luta, você não vai meu filho... não espera por ninguém.

Entrevistador:

Não pode esperar, ficar com o cordão umbilical grudado achando que vai ter alguma coisa.

Lindomar:

Olha, eu vim lá do Nordeste. Eu ir para a Paraíba hoje eu tenho que ir ao Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou São Paulo. De lá tenho pegar um avião, ir para Recife depois para campina grande, de campina grande eu tenho que ir pro sítio dos meus pais. É longe! É Brasil! O que que eu vim buscar em São Lourenço? É que as pessoas são iguais ciganos. Estão aqui, ali, acolá. Estão buscando seus melhores.

Entrevistador:

Se fosse para resumir em uma palavra, o que você busca em São Lourenço?

Lindomar:

Tranquilidade.

Entrevistador:

Eu tenho mais duas perguntas para te fazer que não se encaixaram na nossa conversa, mas se o professor chegasse e falasse que não tem mais Matemática na escola, o que aconteceria? O que faria para ele?

Lindomar:

Acabou a educação né?

Entrevistador:

Mas você acha que a educação está limitada apenas ao ensino de Matemática?

Lindomar:

Não, mas a Matemática é fundamental na escola e na vida da gente. Pelo menos eu acho. Nós que criamos uma coisa de que a Matemática é um bicho papão, que só serve para dar trabalho. Não é minha gente! Se você se dedica a Matemática, você é Professor de Matemática você sabe disso. Se você saísse hoje para o Português, você não adaptaria mais não né?

Entrevistador:

Não, pois não tenho conhecimento.

Lindomar:

E você acha a Matemática difícil?

Entrevistador:

Não acho.

Lindomar:

Porque você aprendeu.

Entrevistador:

Eu aprendi desde criança a leitura. Matemática é uma leitura. É uma nova linguagem. Assim como a gente está conversando, vai entendendo, é empático um com o outro de vivência, poucas que eu tenho claro. Matemática também é uma linguagem, então quando a gente começa a aprender com 5 anos. A família também não passa essa linguagem Matemática e por isso a gente começa achando que é um monstro, achando que é um bicho de sete cabeças.

Lindomar:

Que é um bicho papão. Que diz que Matemática faz isso e faz aquilo, não faz. Se a gente aprendesse quando jovem que a Matemática faz parte da nossa vida.

Entrevistador:

Não tomaria tanto golpe, boleto pago sem saber. Mas você acha que seria mais importante que Geografia ou Ciências ou Biologia.

Lindomar:

Não! Cada disciplina que foi criado tem sua função né. A ciência para a saúde, vamos dizer assim pesquisar. Geografia, os países, para nosso litoral, meio aqui da casa. Porque a Matemática é oq? A nossa casa foi construída matematicamente não é? O banheiro tem tantos metros, a sala tem tantos, quantos tijolos...

Entrevistador:

A vazão de água que sai do vaso e da torneira...

Lindomar:

O que a gente gasta, será que a gente poderia gastar tanto. Tudo dependa da Matemática. Só que a gente não foi ensinado que a Matemática podia mudar nossas vidas.

Entrevistador:

Você teria uma solução para isso? De ensinar essa linguagem, vamos assim dizer, materna matemática?

Lindomar:

Ah, se a escola pudesse trabalhar isso...

Entrevistador:

Já mudaria uma geração.

Lindomar:

Já mudaria uma geração, para mudar e pra mudar o pensamento de uma geração teria que trabalhar família escola família junto. Como é que você vai educar um filho através da matemática se você odiava Matemática.

Entrevistador:

Seus pais já te botavam limitações...

Lindomar:

Eu não odeio Matemática, meu pai nunca viu Matemática, pra ele era “contar, diminuir, multiplicar e dividir.” são as quatro operações. Hoje não, tem cálculos, operações, o que mais tem, hoje temos muitas coisas.

Entrevistador:

A casa em si né...

Lindomar:

Olha, antigamente a gente trabalha muita coisa, é tanto triangulo e quadrado..

Entrevistador:

Hoje já existe programas que projetam tudo isso.

Lindomar:

Ai o que acontece. Se você tem dificuldade hoje de levar um pai para escola para acompanhar o seu filho você vai ensinar matemática para aquela pessoa? Não vai! Seu filho vai gostar matemática? Não vai! Porque você vai mostrar para o seu filho que a Matemática não é um bicho papão!

Entrevistador:

Vai quebrando esse paradigma né.

Lindomar:

Vai quebrando, mas só quebra se você e a população inteira tivesse essa missão. Não tem filho!

Entrevistador:

Esse é o objetivo, acredito que estamos entrando num caminho para deixar a Matemática mais prática, só que a gente tem as barreiras que a gente encontra né, de limitar a gente.

Lindomar:

Ah... que coloca limitações... que há pra que, não vou usar Matemática, eu não vou ser economista pra trabalhar... com cálculo... gente... o nosso dinheiro, a nossa moeda, é como a gente trabalhasse e jogasse as coisas fora. A gente deixa de pegar 5 centavos no chão, joga sacolas no lixo.. acha que o mercado deu isso pra gente.. deu uma virgula. Eu estive em Portugal e na Espanha, e eu vi, você vai ao mercado a moça pergunta: “Senhorasx.. vais levar sacolasx”. Eu vou levar duas.. “60 cents por favor”.

Lá não vê sacolas na rua pois está jogando 1 euro fora.

No Brasil achamos que a sacola é de graça, não está! Está incluído na nossa conta! Passa a pagar, a sacola é 50 centavos.

Brasileiro só aprende quando tira dinheiro do bolso.

Entrevistador:

Então ela aprendendo matemática ela teria mais noção de valor né? Isso, valor financeiro. Ao dinheiro..

Entrevistador:

Daria o valor ao valor rsrs

Lindomar:

Daria o valor ao valor. Mas não temos essa cultura. Nós não temos. Chega em qualquer estado e está lá, um monte de sacola jogada no lixo. Hoje em dia tudo o que você faz, você filme jogando uma coisa na rua. Ai ela não faz mais. Ah porque todo mundo viu e ficou com vergonha... Ahh a educação depende de nós.

É que o brasileiro só aprende se tirar do bolso. Assim, andar com celular dirigindo é crime. O pessoal daqui de São Lourenço – MG, ainda.

Pessoal daqui não usam seta.

Em São Lourenço o celular é quem dirige a direção do carro. É todo mundo novo e velho usando o celular! Se você sabe que é multado e que é errado, por que você faz meu filho?

Roubar não é errado? Se a gente roubar vai pra cadeia. Então a gente tem que adquirir essas coisas. Botar em prática a educação.

Ah que o Brasil é um país de ladrão, problema de quem disse isso. Eu sou brasileira, amo meu país e não sou ladra. Ladrão são as minorias, pessoas erradas são as minorias, culpa de quem? Do povo! (BATENDO COM A MÃO NA MESA) Mas o povo somos todos nós.

Entrevistador:

E o político é o povo que elege.

Lindomar:

Aí diz assim, ah que o político fez isso. Eu não quero saber se o deputado levou milhões, não quero saber. Porque eu não quero milhões dos outros, porque eu não vou pra cadeia e cadeia da trabalho. Tem que pagar advogado, fica com nome sujo. Então

uma coisa você tem que entender. O que eu não quero pra mim eu não quero para os outros. Eu não posso passar o senhor pra trás. Ah eu acho o seu telefone, eu sei que é seu. Ah, mas é um Iphone, idáí? Se você comprou é porque você conseguiu pagar. É minha obrigação lhe devolver.

Outra, ah mas eu tenho que filmar entregando, que história é essa?

Entrevistador:

A gente já cria essa coisa de se não está mostrando não preciso fazer.

Lindomar:

Não gente. Será que eu só posso entregar a você seu bem material se for mostrado na televisão, filmado. Isso não existe, tem que fazer a coisa a certa.

Entrevistador:

É falta de educação né?

Lindomar:

Que isso gente, tem que praticar a educação. Não importa a pessoa que for, eu não faço.

Eu não quero nada dos outros.

Entrevistador:

Não importa se a pessoa é ruim, se achou o celular você vai devolver.

Lindomar:

A mesma coisa se você acha um cheque sabendo que é da pessoa, você não vai devolver? Porque se você não devolver aquele cheque pode estar sustado e você pode ser preso. O que eu quero entender, o que a gente tem que entender isso é que a família está deixando a desejar, e sabe quem está pagando o pato? A escola. Ah, porque depois da pandemia o menino tinha.... Não! Tinha que dar um jeito de correr atrás. A minha irmã errou e deixou ela (sobrinha) o tempo todo sem escola. Não podia fazer isso... Tinha que dar um jeito da escola cobrar, mas agora tenho que colocar na reforço e chamar a diretora e falar "olha ela precisa de ajuda". Ela tem computador, tem celular pra que? Pra ficar jogando conversa fora com fulaninho e fulaninho? De jeito nenhum! Vai estudar, tem que estudar! (BATENDO COM A COLHER NA MESA).

Entrevistador:

Uma hora entende que ...

Lindomar:

Olha, eu estou fazendo faxinha, estou com artrose, doente da coluna, estou com hernia de disco. Mas minha sobrinha vai fazer reforço e ela vai aprender Matemática.

Entrevistador:

E ela vai passar em Medicina que ela quer.

Lindomar:

Se quiser.

Entrevistador:

Se quiser...

Lindomar:

Se quiser ela pode ser até juíza de direito.

Entrevistador:

Sim, tem que fazer o que gosta.

Lindomar:

Eu pago internet, televisão com mais de 2000 canais, tem computador, celular e eu pago internet para que? Pra ela ficar jogar jogando conversa fora com fulano. Tem que estudar! Eu vou fazer faxina para ela ficar com o celular na mão? Isso daqui não é conto de carochinhas não! Tem que agarrar as chances agora que jovem que tem saúde.

Entrevistador:

Não ache que é o fim do mundo, que está perdendo tempo, que tem pouco tempo pra resolver.

Lindomar:

Ahhhhhhrrr... Que tem amizade, que tem namorado, que não sei o que... Por acaso o casamento teve futuro pra alguém? Ah, pelo amor de Deus! Tem que trabalhar e estudar.. A minha vida inteira eu sempre pensei assim.. Eu cresci pobre a vida inteira e sempre pensei que se eu puder estudar eu vou e até um sobrinho mais velho perguntou assim: “Nossa tia, você estudou tanto pra limpar velho...” Ai eu falei: “Nunca mais repita isso.” “O dinheiro do idoso é igualzinho que o da de aula”. E hoje eu tenho umas colegas minhas que falam assim: “Nossa, tu estudaste tanto pra fazer faxina...” Que eu saiba, cuidador de idoso, faxineira ou diarista como as pessoas falam...

Entrevistador:

O dinheiro vem do mesmo lugar...

Lindomar:

O real, é a mesma moeda. Eu envelheci, esses cabelos brancos aqui não foram de festa não meu filho. Foi de preocupação com os filhos dos outros... da educação aos filhos dos outros... Eu passei, viajei, quando tinha minhas férias eu viajava, aproveitei minha vida. Agora na hora no meu compromisso, é compromisso (BATENDO NA MESA COM A COLHER) se eu dizer que é 17hrs é 17hrs, entendeu. Te dizer que eu ainda vou... Se eu não tivesse esse problema no fígado que minha saúde é zero, posso ir a qualquer momento, se meu fígado parar eu não posso fazer cirurgia pois eu tenho hipertensão, minhas artérias se alargaram e seu fizer morro. Mas se eu falar pra você que eu quero fazer vestibular pra medicina e juiz eu faria direito e é só o querer... é só eu querer...

Entrevistador:

Só traçar o objetivo e ir...

Entrevistador:

Não existe nada que a pessoa não possa fazer se não planejar, se você planejar e você ter fé em Deus, ele promete e te cumpre! Nós só temos uma pessoa por nós, Deus!

Entrevistador:

E é só Nele né.

Estou encerrando a gravação aqui! Só pra deixar registrado que estamos finalizando.

ANEXO H – Transcrição da entrevista com familiares e estudantes: Nahommy e André

ENTREVISTA COM A ESTUDANTE

Entrevistador:

Então vamos iniciar a entrevista.

A sua idade é....?

Nahommy:

17

Entrevistador:

17 (TOSSE)

Entrevistador:

A profissão do seu responsável? É o André mesmo?

Nahommy:

Aham. Ele é professor de Educação Física, formou em Educação Física.

Entrevistador:

Ele formou... E ele atua em que área? Hoje ele trabalha com que?

Nahommy:

Ele é árbitro de handbol e trabalha na prefeitura sendo professor

Entrevistador:

Ele é professor de educação física e trabalha para a prefeitura...

Nahommy:

Isso! E ele é árbitro de handebol também!

Entrevistador:

(PAUSA) árbitro.

Nahommy:

Handebol.

Entrevistador:

Então até que ano seu pai estudou né?

Nahommy:

Aham!

Entrevistador:

Ele fez ensino superior...

Nahommy:

Ele fez bacharelado.

Entrevistador:

Você sabe com quantos anos ele terminou o ensino superior?

Nahommy:

Ele parou por causa de mim. Ai.. porque minha mãe não gosta que ele fazia faculdade longe. E ficar muito longe de mim.. ai depois eles se divorciaram, terminaram no caso, porque eles não casaram. Ai eu acho que ele terminou com uns 30.

Entrevistador:

30 anos.

Nahommy:

Foi uns 30 e pouquinho.

Entrevistador:

Entendi. Ele teve você com quantos anos?

Nahommy:

20 ... e dois..

Entrevistador:

22?....

Hoje ele tem quanto?

Nahommy:

Ele tem 41.

Entrevistador:

Ele morava perto de casa ali.. Ele deu treino para mim. A gente vai começar uma parte do roteiro que vai falar da sua relação com a escola. Ta joia?

Nahommy:

Uhum... Ta!

Entrevistador:

Então eu vou perguntando e a gente vai abrir uma conversa e vamos ver até onde vai dando...

Nahommy:

Tá bom.

Entrevistador:

O que você acha da sua escola antes da pandemia e agora?

Nahommy:

Então... eu não posso dizer muito antes porque eu não tava aqui.

Entrevistador:

Não estava aqui no Gisá.. Humber.. No Mario Junqueira?

Nahommy:

Não, eu não estava em São Lourenço.
Tava no Rio.

Entrevistador:

Você estava onde?

Nahommy:

No Rio.

Entrevistador:

Olha, entrevistei uma menina do Humberto do primeiro ano que ela veio lá do Rio também.

Nahommy:

Hm...

Entrevistador:

Interessante. Mas como era lá?

Nahommy:

Lá no Rio era bem comum assim.. Eu só estudei .. no.. no.. médio eu só estudei o primeiro ano lá. Só estudei um mês no primeiro ano porque depois entrou a pandemia, mas o ensino lá é bem normal. É bem parecido com o daqui. Não tem muita diferença. É bom.

Entrevistador:

Mas na pandemia lá você teve aula?

Nahommy:

Não. A gente ganhou apostila... e eu só peguei a primeira apostila na época ai depois eu não sabia que tinha que buscar, ficando buscando as apostilas ai só no final do ano quando minha mãe foi na escola que descobriu que tinha que pegar as apostilas ai eu fiz tudo de uma vez.

Entrevistador:

Você fazia a distância então. Era aquele com um monte de folha de apostila, fazia em casa e entregava na direção?

Nahommy:

Isso. Mas eu não sabia que tinha que fazer isso. Ai eu peguei o primeiro, ai eu só fui descobrir que tinha mais no último mês antes de virar o ano, ai se eu não fizesse eu ia reprovar, ai eu fui lá e fiz todas as folhas.

Entrevistador:

Entendi.

Nahommy:

E passei.

Entrevistador:

Lá era por PET também?

Nahommy:

Era

Entrevistador:

Quando você voltou pra cá ainda estava na pandemia a escola?

Nahommy:

Aham. Mas aí eu não estudei, eu não fui matriculada. Fiquei 6 meses sem ser matriculada.

Entrevistador:

Você voltou no final, no meio do primeiro ano então?

Nahommy:

Eu voltei no meio do segundo. Eu não fiz o segundo ano, porque eu... eu passei lá no Rio. Aí eu fui pro segundo. Aí quando eu fui pro segundo, eu vim morar com meu pai. Aí quando eu cheguei aqui, faltou uns documentos e acabei que não fui matriculada.

Entrevistador:

Aí então você ficou 2021 sem estudar?

Nahommy:

Isso.

Entrevistador:

2021 o ano inteiro sem fazer o segundo ano.

Nahommy:

É de maio ao final do ano, até seguir o segundo ano.

Entrevistador:

Entendi! Aí o que você ficou fazendo durante?

Nahommy:

Nada!

Entrevistador:

Ficou em casa? Fazendo nada?

Nahommy:

Nada.

Entrevistador:

E agora aqui, o que você vê diferente com a pandemia? Voltou com era antes?

Nahommy:

Ah, eu gosto bastante da escola. Eu não gosto porque a carga horária é muito grande, eu acho que a escola integral basicamente fez eu perder toda vida social que eu tinha, mas eu gosto. Eu acho que as aulas são boas, não tenho o que reclamar.

Entrevistador:

Entendi. A sua relação com o ensino presencial seria melhor ou pior com o remoto, a distância?

Nahommy:

Ah pior, era impossível estudar a distância.

Entrevistador:

Então presencial seria melhor?

Nahommy:

Aham.

Entrevistador:

Entendi. Você gosta de estudar?

Nahommy:

Gosto...

Entrevistador:

Que matéria assim você mais gosta?

Nahommy:

Ai, eu assim.. no médio nenhuma. Mas quando tava no ensino fundamental eu gostava muito de geografia.

Entrevistador:

Por ironia, falando lá do professor que foi embora. (RISOS)

Nahommy:

Era minha matéria favorita quando eu era mais nova. Inclusive eu só tinha 10 naquela matéria.

Entrevistador:

É memo? Como você se pensa como aluna? Você se sente responsável pela sua educação? Pelo seu estudo?

Nahommy:

Ah sim.. eu..

Entrevistador:

Ou você acha que depende de professor, de pai, como você se enxerga como estudante dentro da escola?

Nahommy:

Ah.. eu acho que eu... estudo bastante.. assim pelo.. né.. pelo meu desdenho da escola eu estudo bastante. Então eu acho que eu sou responsável pelo meu estudo, meu pai cobra bastante, mas acho que eu consigo estudar de boa sozinha.

Entrevistador:

Entendi. Hoje em dia você.. Hoje em dia a gente tem uma noção que parece que tudo é aprovado na escola, então a gente pode ter esse esforço, essa preocupação e parece que o pessoal que não tem muito esforço também não é aprovado né?

Nahommy:

Exatamente!

Entrevistador:

Você já percebeu isso?

Nahommy:

Já. Muitas vezes.

Entrevistador:

E o que você acha disso?

Nahommy:

Ah, eu acho que a escola é um lugar que todo mundo fala que você escolhe estar aqui. Só que eu não acho, todo mundo sabe que você é obrigado estar na escola. Você é obrigada é terminar o médio. Então assim, tu é obrigado a terminar escola, o médio não, mas meio que é obrigado entre aspas. Então eu acho que todo mundo que está aqui, porque só tá, não tá aqui porque quer... fica mui... fica muito não liga muito pra escola...

Entrevistador:

Vai empurrando com a barriga?

Nahommy:

É, vai empurrando com a barriga. Por exemplo o pessoal da minha sala, metade deles matam aula, ficam no pátio matando aula. Ai tem professor que vê chama mas não voltam pra sala. Só que ai eles só copiam tudo no caderno e sei la.. colam de alguém e tiram uma nota boa e passam. Não é a mesma coisa da gente que está na sala todos os dias.

Entrevistador:

Você acha meio injusto a pessoa estar todo dia copiando a matéria, prestando atenção nas aulas para irem bem nas provas regulares em comparação com o pessoal que fica no pátio para fazer um trabalhinho no final do ano e ser aprovado.

Nahommy:

É, exatamente!

Entrevistador:

Tendi! É, mas você acha que você no caso valoriza a escola?

Nahommy:

Não, podia valorizar mais um pouquinho. Mas eu tenho muita preguiça.

Entrevistador:

E sua família? Você acha que valoriza?

Nahommy:

Ah sim, demais!

Entrevistador:

De que forma assim...

Nahommy:

Ah eles sempre estão cobrando bastante, perguntando bastante sobre a escola, sobre as aulas como estão, então eu acho que eles realmente querem que eu estude. Eu também quero estudar, eu gosto. Até porque né.. eu preciso pra prof.... pra uma profissão no futuro, mas é legal.

Entrevistador:

Tendi. E o que você mais gosta aqui, no ginásio e o que você menos gosta?

Nahommy:

Ah, eu menos gosto do ensino integral. É horrível ficar o dia inteiro na escola.

Entrevistador:

Não gosta de ensino integral?

Nahommy:

Não! É horrível. Você perde a vida social inteirinha. Até mesmo no sábado por exemplo tem que ficar aqui das 7:30 às 16:20. É horrível estar aqui! Ninguém quer estar aqui!

Entrevistador:

7:30 às 16:20 da tarde.

Nahommy:

No sábado e dia de semana...

Entrevistador:

Mas é direto no sábado? Vocês voltam pra casa?

Nahommy:

É. Todos os dias são diretos. O dia inteiro na escola, a gente não sai pra nada. A gente ainda sai até para comprar uma coisa no satélite de comer mas a escola não deixa..

Entrevistador:

Satélite é aquela mercearia ali em cima?

Nahommy:

É! A escola não deixa sair... então a gente né...

Entrevistador:

E se a diretora chegasse assim e falasse que não ia ter mais escola, o que você ia achar disso?

Nahommy:

Eu ia achar estranho né. Como eu ia me formar? Do nada?

Entrevistador:

Como você vai formar no nada?

Nahommy:

É uai!

Entrevistador:

Então assim, para você se formar precisa da escola?

Nahommy:

É eu preciso da escola.

Entrevistador:

Tendi. Seria uma justificativa né.

Nahommy:

Não largaria da escola.

Entrevistador:

Você teria alguma reação assim... Se falasse que não teria mais escola esse ano.

Nahommy:

Nossa eu ia achar horrível. Se fosse voltar pro ensino remoto? No caso?

Entrevistador:

Não. Se não tivesse mesmo.

Nahommy:

Eu ia achar horrível. Eu ia ficar analfabeta. Eu já fiquei 2 anos dentro de casa. Hoje em dia eu sou péssimo escrevendo palavras básicas. Imagina ficar sem estudar.

Entrevistador:

E com relações assim com as pessoas, você acha que teve um bloqueio? Você ficou 2 anos dentro de casa... Ai você saiu assim e vou relacionar com outra pessoa e já...

Nahommy:

Eu não tenho problema em me relacionar. Eu sou uma pessoa bem fácil de me relacionar e sempre foi assim minha vida inteira. Nunca tive dificuldade, mas o que eu descobri foi que... eu... meio que não sei mais argumentar sempre. Eu sempre esqueço algumas palavras porque eu passei muito tempo conversando com ninguém. Então quando do nada agora eu voltei...

Entrevistador:

Como assim conversando com ninguém, você tinha um amigo imaginário?

Nahommy:

Não é que tipo assim, conversando com ninguém é só a pessoa que eu converso por um bom tempo foi a mim mesma. Tipo, só conversava comigo mesmo. Eu sabia o que ia dizer, então não precisava ficar argumentando porque eu sou eu mesma então...

Entrevistador:

Você não tinha uma pergunta que não fosse na sua cabeça né?

Nahommy:

Exatamente, que eu não soubesse a resposta.

Entrevistador:

Se eu fizesse qualquer pergunta agora por exemplo você não teria tanta espontaneidade?

Nahommy:

É... não é que eu não tenha espontaneidade, é que por exemplo. Eu não consigo mais argumentar. Antigamente eu era uma boa pessoa... é.. arh.. ai ta vendo. (RINDO)
Eu sabia argumentar, só que hoje em dia eu não sei mais.

Entrevistador:

Mas isso é... como que chama... dicção. Argumentar seria... Se eu sou contra alguma eu vou falar e ter argumentos contra eles.

Nahommy:

Pois é mas eu não consigo ter argumentos. O dia que eu estava na reunião dos pais junto com meus pais, eu fui falar uma coisa na frente dos professores eu não sabia as palavras, eu tinha esquecido as palavras. Eu tinha esquecidos as palavras...

Entrevistador:

De nervoso?

Nahommy:

Não, nem de nervoso. De esquecer mesmo. Eu normalmente esqueço as palavras.

Entrevistador:

Ficou muito tempo em casa.

Nahommy:

Exatamente! De vez em quando eu conversando com alguém eu só desisto de falar o que estou falando. Eu só falar: deixa pra lá.

Entrevistador:

E se tivesse assim que mudar a escola, você mudaria alguma coisa?

Nahommy:

Ah, eu acho que... eu mudaria o fato da sala ser muito cheia. Porque... eu gostei de ter juntado as turmas, porque eu.. flejd... falo mais com o pessoal do 2º1 do que 2º2, mas a sala é muito cheia agora e.. é muita gente falando. Tem hora que o professor está falando, ai você está copiando. Só que ai a menina da frente está falando, a menina do canto está falando, o pessoal de trás está falando.

Entrevistador:

É áudio no celular berrando..

Não! Pior que áudio não tem, que o pessoal tem sendo ali pelo menos. Mas assim é muita gente falando. Só gente falando! Se você está escrevendo. Você só ouve as vozes das pessoas, de todo mundo ao mesmo tempo na sua cabeça. É perturbador! Além da voz do professor. A sala é extremamente lotada.

Entrevistador:

É muito? Você acha quem te quantos? Na chamada é 40?

Nahommy:

Nossa é bem mais, porque são duas turmas. Duas turmas do segundo ano porque.. quando tava..

Entrevistador:

Mas é uma sala só?

Nahommy:

Uhum

Entrevistador:

Duas turmas do segundo ano em uma sala.

Nahommy:

Isso! Porque tinha duas, só que na turma que eu estava o pessoal que seria.. sei lá.. que seria do fundão mas que não senta no fundo não estavam indo muito, e quando eles tavam, ficam pra fora. Então por exemplo, na chamada tinha 8 pessoas do 2º2.

Entrevistador:

Na sua turma, quando eu fui lá eu vi que era diferente a organização da sala de tanta gente. Era meio.. é.. iam pelas bordas assim.. E ai junta no meio, junta na entrada..

Nahommy:

No meio não fica muita gente.. Só que não era assim.. A escola não conseguia manter duas turmas, a escola não tinha necessidade de ter duas turmas do segundo ano. Ai virou uma só. Só que tipo assim, não tem... Só que assim... Quando é de tarde, o pessoal mata aula então não tem aluno. Mas agora por exemplo de manhã que todo mundo tem que estar nas aulas é horrível.

Entrevistador:

É todo dia de tarde?

Nahommy:

Ah, é todos os dias tem aula de tarde.

Entrevistador:

Então o ensino médio é todos os dias das 7 as 16:20?

Nahommy:

Exatamente.

Entrevistador:

Não é só sábado então não. E a maioria mata aula.

Nahommy:

É, a maioria da turma ou mata aula ou só sai.

Entrevistador:

Só sai assim, pega o material e vai embora.

É... só sai..

Entrevistador:

Entendi. E no Ensino Integral o que você vê de diferente?

Nahommy:

Ah.. a carga horaria de estudo. E ao mesmo tem que tem professores... tem muito profe... na verdade todos os professores aqui tentam fazer o máximo para que a gente não fique na sala as 9 aulas, que a gente fica aqui basicamente 12 horas, né. Porque são das 7 às 16:20 então são basicamente 12hrs. Então os professores tentam sempre trazer a gente pra quadra, biblioteca, sempre tentam tirar a gente de sala.

Entrevistador:

Na parte da tarde?

Nahommy:

Não o dia inteiro mesmo. Por exemplo, o Leonardo, quando não é aula de Geografia e é Estudos Orientados, ele trás a gente pra cá. Tem a professora de Projeto de Vida q.. a professora de Estudos Orientados I que faz.. que é prova.. ela sempre faz com a gente na quadra de cima para a gente pegar sol. Então eles estão sempre tentando tirar a gente de sala. Mas de qualquer jeito ainda é bem chato estudar o dia inteiro. E a diferença que tem é estudar as matérias, tem umas matérias meio desnecessárias, mas.

Entrevistador:

É mesmo!? O que a escola te prepararia pra vida? Você considera que ela te prepara pra vida?

Nahommy:

Cara, não!

Entrevistador:

Pode me dar algum exemplo?

Nahommy:

É porque por exemplo, eu quero fazer pedagogia. Então ao mesmo tempo que eu vou ser professora que eu vou precisar de muita coisa. O ensino básico que eu preciso ter pra ser professora é... por exemplo as duas aulas que eu precisava assistir para ser professora no futuro é Português e Matemática, e um pouco de Biologia para aprender um pouco de Ciências. Mas tipo assim, não são todas matérias que eu, que ainda não sou professora, não sei como isso vai ser. Sempre vejo os professores na sala mas não sei como vai ser. Não acho que eu vá usar sei lá uma prova de física, a forma de Bhaskara eu acho que não vou ensinar para as crianças de prezinho então.

Entrevistador:

De primeiro ao quarto. Mas Matemática você considera importante pra sua profissão.

Nahommy:

É, matemática e Português, porque eles vão precisar falar. Igual o professor de Português estava falando uma vez: "Tem muitos professores que falam besteiras principalmente porque elas não foram alfabetizadas direito. Então eu acho que Português e Matemática são matérias que você usar. Até porque quando você é pequenininho são matérias que você estuda, mas eu acho que são necessárias todas as matérias. Geografia também né, acho que é bom saber algumas coisas.

Entrevistador:

Então vamos aprofundar um pouco na Matemática, que a gente vai partir para a parte C da entrevista. Vamos ver qual que é a relação sua com a disciplina de matemática você gosta da disciplina de matemática?

Nahommy:

Ah eu gosto da matemática básica, a matemática com letras é meio insuportável. Mas eu gosto.

Entrevistador:

A Matemática Básica seria o que para você?

Nahommy:

Ah, as continhas de mais e menos..

Entrevistador:

As operações básicas?

Nahommy:

Tendi.

Entrevistador:

Por que que você não gosta de Matemática com letra?

Nahommy:

Nossa.. é difícil demais de aprender, as formulas, são tantas formulas para decorar.. É insuportável..

E o Zé, o professor Zé Marcelo de Matemática ele..

Entrevistador:

Ele me deu aula!

Nahommy:

Ele me ajuda bastante, tipo assim, quando a gente tá na aula e tals, ele fala comigo em voz aula pendindo as respostas, para eu dar as respostas ´para ele. E tipo assim, da pra saber que eu sei a matéria. Só que chega na hora da prova da um branca, eu esqueço tudo....

Entrevistador:

Da um branco? Por que você esquece? É diferente, tem alguma coisa diferente, a questão, exercícios?

Nahommy:

Não! A prova do [professor de matemática] é bem parecida com que ele passa no caderno. Ele ajuda bastante. Só que eu não.. é porque... tem muito o fato da competição, de eu ter de sempre ficar competindo com alguém e quando eu estava no 2º2 não tinha ninguém que eu achava que era alguém que podia ser melhor que nas matérias, então eu me esforçava o básico. Só que agora que eu estou no 2º1 tem a Mel que é uma aluna muito boa e é minha amiga. Só que eu quero mostrar que eu consigo tirar uma nota maior que a dela. Aí fica difícil, porque ai eu fico concentrada em fazer o melhor que ela só que eu não faço o meu melhor, ai fica horrível.

Entrevistador:

Entendi. Seria uma justificativa de estar de limitando a dar uma expandida assim na cabeça, estaria competindo com alguém ...

Nahommy:

É, tipo, não é um competição real. É que nem tipo...

Entrevistador:

Para se motivar?

Nahommy:

Eu sempre precisei de alguém que fosse melhor que eu seja melhor que essa pessoa.

Entrevistador:

Superar-se. Entendi!

Nahommy:

Só que agora, está ficando um pouco difícil. (RISOS)

Entrevistador:

Mas você acha que é importante então matemática?

Nahommy:

Eu acho, eu acho que seja importante.

Entrevistador:

E o que a Matemática é para você? Que que é Matemática pra você?

Nahommy:

Ah (RISOS) sei lá..

Entrevistador:

Seria as operações básicas, seria só isso? O que que é Matemática?

Nahommy:

Não. Matemática eu acho que, (xxxx) saber matemática para saber muita coisa no futuro, na vida e tals. Mas... não tenho o que dizer sobre a Matemática. Eu acho "insuportavelzinha"...

Entrevistador:

insuportável o que?

Nahommy:

insuportavelzinha...

Entrevistador:

insuportavelzinha... (RISOS)

Nahommy:

(RISOS) É tem calculadora cara, vai deitar tipo..

Entrevistador:

Mas como você se considera como aluna dentro da sala de Matemática com o Zé Marcelo lá falando.

Nahommy:

Ah, eu sempre tento dar o meu melhor como aluna, sempre tento mostrar trabalho, mostrar que estou fazendo mas.. acho que sou uma aluna boa.

Entrevistador:

Suas notas são boas? Como você se sente com suas notas?

Nahommy:

Eu só estudei aqui um mês né, pro primeiro boletim. Então pro primeiro boletim as notas estão boas, mas eu sei que podia estar melhor. Por exemplo na prova de Matemática nesse bimestre tirei 1,1.

Entrevistador:

Valendo 10?

Nahommy:

Não, valendo 6. Poderia ter ido bem melhor do que fui. E eu tenho muita falta de atenção quando estou fazendo a prova, muitaa. Na última prova eu não li nenhuma questão direito, fiz de qualquer jeito, ai quando eu vi estava tudo errado. Ai eu fiquei triste e parei de fazer a prova. (PAUSA)

Entrevistador:

Ai você não apagou e tentou fazer de novo? Por causa do tempo?

Nahommy:

Não.. Só não quis mesmo.

Entrevistador:

O Zé Marcelo estava na sala?

Nahommy:

Tava...

Entrevistador:

E como é sua relação com ele? Com o professor de Matemática?

Nahommy:

Ah, eu acho o [nome do professor de matemática]é muito legal. Um ótimo professor. Sempre está se esforçando ao máximo para que eu entenda a matéria dele.

Entrevistador:

Você acha que esforçado?

Nahommy:

Eu acho! Ele é um ótimo professor.

Entrevistador:

E as aulas em si, se tirasse assim o.. Se acha que teria como tirar o Zé Marcelo e falar da Matemática, da aula em si que você tem ? Ou você considera o professor como importante junto?

Nahommy:

Não eu acho que ele é impor....

Entrevistador:

Por exemplo Geogr...

Nahommy:

... Se fosse outro professor dando a matéria eu não entenderia.

Entrevistador:

Mas ai você nem conheceria outro professor?!

Nahommy:

Não, eu acho que.. é..

Entrevistador:

Você acha que o que o Zé Marcelo fala entra na sua cabeça tranquilo?

Nahommy:

Exatamente! O Zé e tem outro professor de Português o Evaldo que também é outro professor que quando ele fala a matéria em si eu entendo bastante porque são os jeitos que eles falam.

Entrevistador:

Eles utilizam só o quadro pra dar aula ou eles utiliz...

Nahommy:

Não, eles ... O Zé Marcelo sim, e de vez em quando livro... Mas o Evaldo não, o Evaldo só dita pra que a gente aprenda Português.

Entrevistador:

Entendi. Você acha importe ditar e pegar no...? Você se sente competitiva também de escrever?

Nahommy:

Não. Quando ele está ditando eu não escuto metade das palavras que ele fala, ai eu espero todo mundo copiar e pego de outra pessoa.

Entrevistador:

Entendi. (RISOS) Isso é uma dificuldade mesmo né.

Nahommy:

Eu tenho um sério problema de audição... (PAUSA) Ai eu desisto, ai eu to copiando e vejo que não to conseguindo falo Ah depois eu copio. Na última sexta feira eu peguei o caderno inteiro de Matemática para copiar.

Entrevistador:

Caramba!

Nahommy:

Para não ficar atrasada na aula.

Entrevistador:

E como você acha... Se você para você dar uma aula de Matemática, como que você gostaria que fosse? Se você pudesse dizer para o diretor, faça assim, faça assim que acho que eu e mesmo colegas vão aprender melhor.

Nahommy:

É que assim, todas as matérias não só a Matemática eu acho que são explicadas de uma forma muito, tipo assim, muito formal. Eu tava, vou dar um exemplo de uma coisa que você não perguntou mas vê se faz sentido. Teve uma vez que eu fui ajudar uma professora no sexto ano que eu tava sem aula, e aí eu fui ajudar um menino que não estava entendendo o que estava escrito no livro. Eu acho que o livro ou os que os professores ensinam são muito.. formal.. vamos dizer assim.. não sei uma palavra boa para explicar, mas tipo assim, devia ser de uma forma mais fácil sabe?

Entrevistador:

Se acha que seria muito abstrato? Sem contexto?

Nahommy:

Não é sem contexto. É que as palavras que são usadas não são palavras que normalmente a gente usa no cotidiano então eu acho que..

Entrevistador:

São termos que a gente não sabe nem o significado da palavra e aí...

Nahommy:

É!!! Eu acho que se fosse usado de uma forma mais... informal.. se fosse escrito de uma forma mais informal... eu acho que a gente entenderia mais do que o jeito que é explicado. Porque por exemplo tem vez que a gente não entende a matéria e alguém chega pra você e explica para você de um jeito que ela aprendeu, você entende a matéria, porque a pessoa disse do jeito que você entende, tipo palavras que você entende, que você está acostumado a ouvir.

Entrevistador:

Então teria que ser mais voltado para suas situações do dia a dia.
Isso!

Entrevistador:

Eu vou falar com um linguajar de uma maneira que eu vivo, da onde estou inserido seria mais fácil de entender.

Nahommy:

Sim. Exatamente. Uhum.

Entrevistador:

E nos livros são padronizados, são termos que..

Nahommy:

É. Eu acho que livro é muito padrão, tipo, o livro é muito de uma forma.. específica sabe. Eu acho que... por exemplo, tem pergunta no livro que só se você estudar muito você entende, eu sei lá, só se você for professor que você entende. Teve uma vez que tinha uma questão do livro que o Zé pediu para fazer e eu não entendi, só que quando ele chegou e falou: gente vocês vão fazer isso daqui, isso daqui, isso daqui... era a coisa mais fácil do mundo. Só que no livro está escrito de uma forma muito difícil sabe.

Entrevistador:

Que é um negocinho assim que já bloqueia..

Nahommy:

É, tipo é um negócio fácil só que não fazia sentido estar lá.

Entrevistador:

Então assim, se você tem dúvida ou algum problema na aula de Matemática, se acha que é um problema seu, da escola, do professor de Matemática ou da família?

Nahommy:

Não!! Quando eu tenho uma dúvida eu pergunto. Se foi isso se você perguntou.

Entrevistador:

Se você tem alguma dúvida ou dificuldade? No caso você tem?

Nahommy:

Eu tenho bastante, eu sempre pergunto. Eu nunca liguei de ser aquela pessoa que faz... sabe aquela pessoa que semp.. fal.. faz.. o básico? Fala e repete o que o professor acabou de repetir?

Eu sou essa pessoa! Porque assim eu consigo entender a Matéria, então se o professor está explicando a matéria eu paro o que ele está falando pergunto a mesma coisa que ele disse só que nas minhas palavras e ele diz que é isso.. e eu vivo a vida. Eu sempre pergunto.

Entrevistador:

As dúvidas que você tem você atribui o problema a você?

Nahommy:

É!

Entrevistador:

Tipo, o problema sou eu. Não é o professor que está falando errado, não é minha família que não me incentiva?

Nahommy:

Não, eu acho que sou eu que não estou entendendo. Ai eu vou fala e procuro entender do meu jeito. Ai se eu não entender eu desisto. Desisto muito fácil.

Entrevistador:

Entendi. Se a escola não tivesse Matemática, o que você acharia? O que seria para você?

Nahommy:

Estranho...

Entrevistador:

Seria estranho?

Nahommy:

Seria...

Entrevistador:

Se tivesse ó.. Português, Geografia, Ciências e não tem aula de Matemática..

Nahommy:

Seria estranho..

Entrevistador:

Seria estranho... A Matemática que você aprende na escola seria útil na sua vida?

Nahommy:

Ah, ela é se você não tem calculadora. (RISOS)

Entrevistador:

Ela é se você não tem calculadora. Me da um outro exemplo assim porque que ela é útil, por favor.

Nahommy:

Ah, eu acho que se alguém por exemplo você vai pagar alguma coisa e alguém te da um troco, a pessoa precisar falar assim.. seila... se tiver 2.. o troco deu 10 reais e você deu 30 pra pessoa ai a pessoa fala assim, ah se você me dar uma nota de 2 eu te volto sei lá quanto sabe assim.. você precisa da Matemática pra raciocinar o que ela fez para você achar que não foi roubado.

Entrevistador:

Entendi. E se fosse para construir essa sala aqui ó. Você acha que precisaria de Matemática?

Nahommy:

Precisa! Mas ai eu não quero fazer arquitetura então tá tudo bem.

Entrevistador:

Não seria útil na sua vida.

Nahommy:

Não seria útil pra mim, mas pra alguém que quer ser arquiteto seria, um pedreiro.

Entrevistador:

Então a Matemática seria útil em forma de dinheiro, de contas para você.

Nahommy:

É, uma coisa mais básica, tipo uma coisa mais rápida. Porque quando é algo muito complicado eu paro de pensar e vou pra calculadora.

Entrevistador:

(RISOS) Quando a conta é muito grande?

Nahommy:

É. Quando está muito complicado eu vou pra calculadora e não to nem ai.

Entrevistador:

Entendi. Mas vamos continuar nas perguntas. Antes e agora na pandemia, o que a família fala sobre seus estudos? Antes lá no Rio você morava com quem?

Nahommy:

Com minha mãe.

Entrevistador:

O que ela falava de diferente que seu pai fala?

Nahommy:

Ah, minha mãe é bem bostinha com esse negócio de estudo, mas meu pai é... acho quele é.. ele ainda tenta me motivar.

Entrevistador:

Ele cobra você em dever de casa? Você tem dever de casa?

Nahommy:

Não, por estudar o dia inteiro os professores passam coisas, mas se você não fizer em casa não é.. seila... não leva nada.

Entrevistador:

Não é xingado, não é cobrado, eles não pedem pra fazer isso.

Nahommy:

É. Não. Se faz tudo bem, mas se não fiz também ta tudo bem. Que eles falam que a carga horária que é difícil. (PAUSA)

Entrevistador:

O André não pediu para você fazer nada durante a pandemia?

Não.

Entrevistador:

Nada voltada a escola durante a pandemia?

Nahommy:

Não! Foi uma escolha dele não me matricular. Eu pedi para ele me colocar na escola mas ele, tinha, não quis. Ai eu não fui matriculado não.

Entrevistador:

Então, assim, tem alguém na sua família que te ajudou nos estudos durante a pandemia?

Nahommy:

Não.

Entrevistador:

Teve ninguém?

Nahommy:

Não.

Entrevistador:

Antes da pandemia era quem?

Nahommy:

Eu mesma!

Entrevistador:

Mas sua mãe não buscava saber como era as coisas na escola?

Nahommy:

Não!! (PAUSA)

Entrevistador:

Hoje, o seu pai, procura saber como está a escola?

Nahommy:

Ah, só quando eu falo com ele. Ai ele pergunta como foi a aula né, o básico.

Entrevistador:

Só quando você fala com ele.

Nahommy:

É, ou quando ele pergunta como foi a aula, o básico.

Entrevistador:

Tá, mas e na sua família quem você acha que te incentiva mais a estudar?

Nahommy:

Minha vó eu acho. (PAUSA) Minhas duas avós.

Entrevistador:

Por que?

Nahommy:

Ah porque minha avó Vera ela quer eu tenha um bom futuro e minha avó Francisca também. Elas sempre se esforçaram o máximo para que eu tivesse um bom futuro. Ela pagava explicadora pra mim..para que eu entendesse a matéria. Ela pagou inglês.

Entrevistador:

Ela pagou uma professora? De que ?

Nahommy:

De matérias normais.

Entrevistador:

Todas assim..

Nahommy:

Tudo que eu tinha dificuldade eu fazia na explicadora. Ai eu fiz inglês também pela minha avó Francisca então ela sempre foi minha maior incentivadora dos meus estudos. Acho que é a única pessoa que se esforçou assim para que eu realmente aprendesse.

Entrevistador:

E o que você acha disso?

Nahommy:

Ah, eu gosto.

Entrevistador:

Você gostou dessa impulsão assim das suas avós para te ajudar?

Nahommy:

Aham. Gostei. Hoje em dia minha mãe também está bem... se esforçando para entender e tals. Por causa da faculdade que ela quer que eu faça, mas.. (PAUSA)

Entrevistador:

Ela não queria que você fizesse a faculdade?

Nahommy:

Não, ela queria. Mas queria que eu fizesse uma faculdade que desse dinheiro. Queria que eu fosse para a marinha. Eu queria ir para marinha durante um tempo, fiz curso preparatório para ir para a marinha, mas... depois desisti.

Entrevistador:

Entendi.. (PAUSA) Vamos entrar em uma outra parte então, finalizando a entrevista que é a parte D. A parte D ela vai buscar saber o que? Sobre você, como você vê a participação da sua família na sua vida escola! Quem mora com você hoje é seu pai né?

Nahommy:

Uhum.

Entrevistador:

Tem mais alguém que você considera família aqui em São Lourenço?

Nahommy:

Tem! Minha tia, meus avós e meus primos.

Entrevistador:

Sua família mora ali em baixo da Nossa Senhora de Fátima ali? Onde ali... Você é parente da..? Tem uma mulher que é costureira. Tem aqui o Mario Junqueira Ferraz e você sobe esse morro em pé e lá em cima tem uma escola.

Nahommy:

Aham. Ah! Não sou parente da Cida não, sou parente da minha avó. A da casa que mora do lado da Cida.

Entrevistador:

Entendi. Então tem sua tia, seu pai..

Minha avó e seus primos que mora ali na Vila Nova. E meu tio também.

Entrevistador:

Você considera eles como família.
É.

Entrevistador:

E eles participam da sua vida escolar de alguma forma?

Nahommy:

É, eles sempre tão perguntando como é que ta a escola, se estudou estudando.

Entrevistador:

E seu pai, de que forma que ele participa da sua vida escolar? Ele vem em reuniões, em momentos festivos aqui

Nahommy:

Ele vem na reunião, ele ta sempre aqui quando acontece alguma coisa. Ele tava aqui quando meu estojo foi roubado, ele veio aqui. Mentira, ele não veio, ele estava viajando ao trabalho, quem veio foi minha tia. Minha tia estão sempre aqui perguntando ... então acho que eles ajudam bastante.

Entrevistador:

Eles vem aqui na escola para falar sobre suas dúvidas, sobre os problemas que você tem?

Nahommy:

Vem!

Entrevistador:

Eles te ajudam na tarefa de casa? Você comentou que não tinha né.

Nahommy:

Não, não tem dever de casa.

Entrevistador:

La no.. Antes da pandemia você tinha dever de casa? No Ensino Fundamntal?

Nahommy:

Não! Nunca foi passado dever de casa pra mim. Foi sempre o mesmo argumento. Porque lá no Rio eu estudava das 7 as 14hrs, 14:30, 14:20 eu acho. Aí, então lá não tinha dever porque sabiam que a carga horaria é muito pesada. Eles não passavam dever.

Entrevistador:

Ai lá no Rio a sua escola era perto onde você morava?

Nahommy:

Sim. Era pertinho.

Entrevistador:

Você demorava quanto tempo para chegar? Você ia até?

Nahommy:

5 minutinhos.. Era só descer um morrim. Não era tipo esse que era só realmente descer um morro tudo reto, mas era rapidinho.

Entrevistador:

Aqui em São Lourenço era tudo morro né?

Nahommy:

Uhum.

Entrevistador:

Então seu pai ou sua família se interessam pelas coisas que acontecem na sua escola né?

Nahommy:

Sim, interessam.

Entrevistador:

Eles mandam você estudar? Por exemplo sua mãe que falava que você tinha entrar na marinha, de que forma ela falava? Era de maneira calma, agressiva?

Nahommy:

Não. Ela só falava que se eu não estudasse eu ia ficar igual a ela.

Entrevistador:

Entendi. Comparando?

Nahommy:

É. Ela falava assim que se eu não estudasse eu ia ter que ficar acordando às quatro da manhã pra ir trabalhar.

Entrevistador:

Entendi.

Nahommy:

Então era melhor eu estudar. Para não precisar trabalhar fim de semana. Esses tipos de coisas.

Entrevistador:

Tem mais alguma coisa que eles falam sobre estudar?

Nahommy:

Não. Só que é preciso, que eu tenho que estudar.

Entrevistador:

Que é preciso para ter uma profissão e não acordar quatro horas da manhã.

Nahommy:

É. Exatamente.

Entrevistador:

E você vê sua família lendo livros, comentando de estatísticas dos jornais que aparecem, previsões de tempo, questões de estatísticas que aparecem nos jornais assim, ou se especializando em algo.

Nahommy:

Não! A gente não assiste jornal.

Entrevistador:

Por exemplo assim, o André ele hoje trabalha na prefeitura de árbitro, se graduou em Educação Física, hoje ele continua estudando alguma coisa? Você vendo ele lendo alguma coisa sobre?

Nahommy:

Não!

Entrevistador:

Não? Nada? (PAUSA)

Entrevistador:

E como é a relação dele diante as suas notas?

Nahommy:

Ah, ele ficou feliz. Só ficou triste de tirei 15 em Educação Física.

Entrevistador:

Aqui é 25 o bimestre né? O seu pai comenta alguma coisa com você sobre Matemática? Por exemplo, isso daqui matematicamente é dessa forma, ou, então vamos calcular aqui comigo.. Ele não utiliza esses termos?

Nahommy:

Não. (PAUSA)

Entrevistador:

Então ele não comenta nada sobre Matemática com você?

Nahommy:

Não!

Entrevistador:

Tem alguma outra disciplina? Por exemplo Educação Física, ele se sempre mais empolgado para falar? Por exemplo, ah isso daqui vai trabalhar tais lugares do seu corpo fazendo isso...

Nahommy:

Não, ele só fala bastante de português. Só fica reclamando que eu sou muito analfabeta, mas de resto não.

Entrevistador:

Por que ele reclama que você é analfabeta?

Nahommy:

Porque quando eu escrevo as mensagens eu erro a letra. Boto o S onde não é para botar.

Entrevistador:

Entendi. Coloca a culpa no teclado. (RISOS)

Eu por exemplo sempre faço isso. Ai agora que eu estou na escola descobri que eu realmente não sei mais.

Entrevistador:

Então a picuinha que ele tem seria essa?

Nahommy:

É.

Entrevistador:

O que sua família sobre a escola, além do que a gente já conversou? Você acredita acredita que seus pais valorizam a escola e a disciplina de Matemática?

Nahommy:

Aham. Valorizam.

Entrevistador:

Valorizam a escola. E a disciplina de Matemática, ele falam alguma coisa?

Nahommy:

Não. Nunca converso com eles sobre alguma matéria específica.

Entrevistador:

Eles não atribuem matemática a uma espécie de sucesso?

Nahommy:

Não. Não acho que seja isso. Só acho que.. sei la da matéria, do que eu vou fazer pro futuro não precisa de matemática. Não precisa, tipo assim, falar de matemática o tempo inteiro. Vou usar mais o Portugues do que a Matemátca.

Entrevistador:

Entendi. Mas você considera que a pedagoga ela deve saber o porquê de cada coisa de Matemática Básica?

Nahommy:

Ah, eu acho que sim. Mas ai vai de professora para professora.

Entrevistador:

Por exemplo as operações básicas, a maioria da população tem difuculdade de fazer conta de divisão.

Nahommy:

Eu não sei fazer...

Entrevistador:

Ai o sistema de algoritmo que a gente utiliza, coloca aquele negocinho para fazer divisão, a gente tem maior dificuldade. A gente atribui esses problemas a parte de falta

de instruções de pedagogos em passar para essas crianças esses algoritmos. Então a Pedagogia ela tem muita Matemática de..

Nahommy:

Não! Sim! Eu estou dizendo que quando eu era mais nova, minha professora me.. eu não.. eu estudei eu fui pro Rio no terceiro ano. Ai eu voltei pra cá no quarto e depois fui pra lá no quinto de novo. Ai quando eu cheguei aqui, a Jaqueline no Dom Bosco, não deixou eu ir para o sexto porque disse que eu não sabia fazer conta de divisão. Só que quando eu entrei no 5 ano por causa disso, a professora me explicou e eu aprendi muito fácil fazer divisão. Então eu acho que foi só o jeito que foi me explicado, porque quando foram me explicar de novo eu entendi direito. Hoje em dia..

Entrevistador:

Mas você acabou de falar que não sabe mais fazer conta de dividir.

Nahommy:

Não. Eu não sei, mas na época eu aprendi. É que hoje eu não lembro de nada da minha infância ai eu não lembro da escola.

Entrevistador:

Mas contas de divisão você utiliza para vida inteira para dividir coisas de dinheiro.

Nahommy:

Não, eu sei que utiliza mas é isso que estou dizendo. Eu aprendi quando eu era mais nova, mas hoje eu já não lembro, é que eu não lembro nada da minha infância.

Entrevistador:

Como assim nada da sua infância? Você não acha que é criança ainda?

Nahommy:

Não, não é isso não. (RISOS) É que tipo, eu não lembro das coisas e tenho memória ruim, então quando eu era mais nova eu não lembro de muita coisa. Então por exemplo. Eu não lembro da metade das coisas da escola.

Entrevistador:

É mesmo?!

Nahommy:

Não lembro metade da minha vida. Mas eu sei que vivi (RISOS)

Entrevistador:

Tem algum alguma memoria boa ou algum trauma ruim da escola assim, nossa essa aula de ciências, ou de matemática foi muito boa, ou eu detestei porque briguei com a professora ou aconteceu algo.

Nahommy:

Não, sempre gostei muito dos meus professores do Ensino Fundamental, foi a professora Francinha, acho que tava no segundo período. A Flavia, não sei se era Flavia no nome dela não, a Paula que era do primeiro ano. Depois foi a outra que eu esqueci, eu lembro que teve uma que foi minha primeira professora negra da minha vida que eu fiquei muito feliz. Depois eu acho que foi a Viviane. Mas eu sempre fui uma pessoa

muito feliz na escola, sempre fui uma pessoa muito prestativa, sempre gostei de ajudar muitas pessoas. Então eu era uma boa aluna na escola e gostava muito da escola.

Entrevistador:

Você tocou num ponto interessando agora, quando você estudava na escola e até agora, quando professores negros você teve.

Nahommy:

Dois.

Entrevistador:

Dois? Duas mulheres, um homem e uma mulher?

Nahommy:

Duas mulheres! Na minha infância só tinha professora mulher, não tinha professora homem não.

Entrevistador:

Entendi. Tem alguém da sua família que você se inspira no aspecto educacional?

Nahommy:

Por exemplo, eu quero ser, eu quero estudar igual meu primeiro que estudou pra caramba, tem um bom emprego estabilizado....

Nahommy:

Acho que só meu pai, só meu, porque ele não trabalha nem sábado nem domingo. Acho que só meu pai.

Entrevistador:

Então seria junto com aspecto profissional também.

Nahommy:

É.

Entrevistador:

Pra indicar alguém da família você estaria indicando ele né para a gente conversar.

Nahommy:

Uhum.

Entrevistador:

Então eu vou encerrar a entrevista agora, a gente já fez as perguntas todas.

ENTREVISTA COM O FAMILIAR

André:

Alô?

Entrevistador:

Oi André?

André:

Opa, fala. Edinho beleza?

Entrevistador:

Beleza é o Edinho, tem 20 min pra gente conversar, espero que dê o celular, já iniciei a gravação pra gente ir mais rápido. Pode começar?

André:

Pode.

Entrevistador:

A entrevista fiz com a Nahommy mais cedo lá na escola, falei que ia ligar pra você, ela falou que sua idade é 41?

André:

Isso.

Entrevistador:

Você estudou até que idade?

André:

Até superior completo.

Entrevistador:

Aí graduou superior com quantos anos?

André:

Nossa senhora agora você me apertou eu.

Entrevistador:

Você lembra o ano que você graduou?

André:

Tenho que vê lá em casa a data certinho, não sei de cabeça não.

Entrevistador:

Beleza, depois você me manda no whatsapp então.

É uma parte B são 11 perguntas, você estudou o ensino fundamental em escola pública?

André:

A vida inteira em escola pública, escola estadual.

Entrevistador:

O ensino você vê que é a mesma coisa que que agora ou era diferente antes?

André:

Era diferente.

Entrevistador:

Tinha matemática?

André:

Tinha tudo.

Entrevistador:

Cocê gosta de matemática?

André:

Amo matemática.

Entrevistador:

Na sua profissão você usou a matemática em que?

André:

Ah, Educação Física é cálculo toda hora né? Montar uma série, na parte de natação então, toda hora a matemática ta sendo avaliada, pra marcar o tempo de um aluno. Então toda hora a Matemática está sendo usada.

Entrevistador:

Você lembra como era a matemática quando você tinha aula? Você gostava dela?

André:

Era normal nada demais.

Entrevistador:

E do professor, você lembra?

André:

Foi a Neusa, Maria Lucia, José Marcelo.

Entrevistador:

José Marcelo peguei aula com ele também.

André:

Lembro de todos os professores.

Entrevistador:

O que você achava que era matemática, como você acha que é a aula de matemática? o que você acha que seja matemática? o que é matemática pra você?

André:

Ah, cálculos né, tudo que vamos fazer na vida serve de cálculo, até quando vamos fazer um orçamento você precisa de fazer seus cálculos. Tipo assim eu recebo mil, se eu gastar mais eu vou ficar devendo, então tudo que você vai fazer é Matemática, e cálculo é pra vida.

Entrevistador:

Algo assim, além do dinheiro envolvendo o que você usaria matemática na sua vida além do dinheiro?

André:

Pra tudo, é contar o tempo, hora aula, tudo isso tem matemática envolvido.

Entrevistador:

Hum... e você considera que você como pai deve participar no processo de desenvolvimento da Nahommy?

André:

Sim, sim, muito.

Entrevistador:

Quando ela morava lá no Rio se sabe como era a escola lá? como que ela estudava lá?

André:

É, tinha uma que foi tempo integral, outra estuda só de manhã ou de tarde, mas infelizmente o ensino no Rio tá muito abaixo do nosso né? Se não podia acompanhar, às vezes fazer dever com ela pela chamada de vídeo sempre cobrando ela na escola essas coisas.

Entrevistador:

Entendi, então você incentiva ela a estudar?

André:

Sempre toda hora!

Entrevistador:

Você faz pergunta assim do que acontece nas escola, na sala de aula?

André:

Sim toda hora, inclusive semana passada teve reunião da escola, fiz questão de ir lá, sempre presente.

Entrevistador:

Ah, ela comentou mesmo. E durante, é ela também falou da educação dela durante a pandemia, como que vocêalaria da escola dela durante a pandemia?

André:

Ah no primeiro ano ela ficou sem celular então como tudo era pelo whatsapp chegou no final do ano tinha trabalho pra passar de ano então infelizmente a modo grosso foi levado às coxas.

Entrevistador:

Em 2021 ela foi na escola ela participou da escola?

André:

Em 2021 acho que ela foi 1 ou 2 meses só daí ela veio morar comigo, não (trecho inaudível) da escola e aí mãe dela trancou a escola, ela conseguiu vaga aqui pra São Lourenço. Em 2021 ela não estudou ela ta retornando esse ano, acho que foi até melhor porque o ensino do rio é muito atrasado isso ia atrasar ela muito mais ainda.

Entrevistador:

Entendi, em 2021 era pra ela fazer o segundo ela chegou aqui em São Lourenço, ficou o ano letivo sem aula?

André:

É!

Entrevistador:

Aí ela tá fazendo o segundo de novo?

André:

Ela veio do Rio e aí a mãe dela pegou a (inaudível) dela e ao invés de deixar ela terminar o ensino lá, foi pra experiencia dela, atrapalhou e ajudou ao mesmo tempo.

Entrevistador:

É agora da uma corrigida né, tirar a defasagem.

André:

Sim muito melhor. Antes perder um ano do que ficar só passando nas coxa, ter a nota sem conhecimento de nada não vale a pena.

Entrevistador:

E ela tem dever de casa, o pessoal daqui de São Lourenço manda dever de casa pra ela?

André:

Tem, manda, manda.

Entrevistador:

Você ajuda ela nisso? E cobra ela nisso?

André:

Sempre que posso, sempre que ela precisa de alguma coisa, na verdade eu só mostro o caminho, que a criançada hoje é tudo folgada, quer tudo na mão. Só mostro o caminho.

Entrevistador:

E você percebe que tem mais dever de casa de que disciplina?

André:

Ah na verdade é mais trabalho, trabalho de todas as disciplinas.

Entrevistador:

Todas as disciplinas, ou uma pergunta assim, falta só mais três, se você pudesse mudar a escola em alguma coisa você mudaria em que?

André:

Eu acho que agora a escola dela sendo em tempo integral eu imaginava que integral de manhã seria estudo normal e a tarde uma coisa mais profissionalizante, alguma coisa assim, mas eu vejo que não. Então eu acho que pelo menos umas duas vezes por semana tinha que ter uma coisa mais voltada pra profissão, uma coisa mais técnica entendeu?

Entrevistador:

Entendi.

André:

Porque as vezes não adianta ficar na escola o dia inteiro e não mudar nada...

Entrevistador:

Ela comentou que fica das 7 as 4 e tantos...

André:

É das 7:30 às 16:20.

Entrevistador:

E se você pudesse assim mudar a disciplina de matemática você mudaria alguma coisa?

André:

Não.

Entrevistador:

Você acha que?

André:

Acho que Matemática e Português é o básico que tem que ter, qualquer profissão que você escolher você vai precisar dessas duas matérias.

Entrevistador:

O ensino que a gente faz hoje de Matemática você acha que é adequado, poderia mudar alguma coisa? tira alguma coisa?

André:

Eu acho que algumas matérias são muito complexas que realmente você não vai usar, tem que ser uma coisa mais básica pra pegar o interesse da turma, entendeu? e quem quisesse aprofundar ir além.

Entrevistador:

Entendi, focar mais no básico assim.

André:

Isso focar no básico pra pessoa pode pegar a coisa. Até minha filha de nove anos falou "ah $x+y= b$ ", umas coisas que não vai mudar nada na vida da criança, entendeu? Que não vai exercer a profissão que ela vai tomar. Eu acho que uma coisa que devia fazer é o as coisas iguais nos Estados Unidos, lá se você é bom em Português trabalha mais o Português, se você é bom em Matemática trabalha mais Matemática, mais focado na aptidão do aluno acho que se pegar assim vai ter muito mais resultado.

Entrevistador:

Entendi.

André:

Não adianta nada se pegar um aluno de Humanas e se forçar Matemática nele principalmente nesses aspectos de equações que ele não vai usar, não vai mudar nada pra ele, tem que ter o básico que a gente tá conversando.

Entrevistador:

De se especializar desde menor?

André:

Isso.

Entrevistador:

Entendi. mas se a diretora chegasse pra você e falasse não vai ter mais disciplina de Matemática, vai ser uma aula vaga a gente vai preencher com outra disciplina Português/Geografia, não existe mais Matemática, o que se diria pra diretora?

André:

Ah ses tão ficando louco! Tudo o que você vai fazer na vida Matemática é necessário. Até pra você marcar um encontro, você precisa saber o tempo que você vai ter pra você se preparar pra você chegar naquele encontro então não adianta... se você não tiver esse conhecimento você não vai fazer.

Entrevistador:

Você imagina uma escola sem matemática?

André:

Não tem condição.

Entrevistador:

Não tem...

André:

Matemática, Português e Educação Física é o básico.

Entrevistador:

Uhum.

André:

inclusive eu até incluiria política e educação financeira.

Entrevistador:

Tem que focar no que? na educação financeira e?

André:

Também seria uma boa pra criança gerir seu dinheiro, não adianta nada se dar dinheiro pra criança e não saber o que fazer com o dinheiro.

Entrevistador:

Exato, ponto interessante, uma última pergunta pra gente finalizar.

André:

Sim.

Entrevistador:

Qual seria o maior impacto da pandemia que você considera que atingiu sua filha?

André:

Realmente foi esse de ter ficado sem escola. Como ela tava estudando no Rio, ela é aula remota então qualquer trabalhinho por mais que você fosse estudar se vai fazer um trabalho e ta aprovado, ou seja, se não teve aquele conhecimento do professor e não tirou dúvida, qualquer dúvida você ia pro Google você pegava a resposta e tava pronto o trabalho. A convivência na sala de aula de você saber, de perguntar ao professor é totalmente diferente, faz muita diferença.

Entrevistador:

Então o impacto assim seria na aprendizagem e na relação

André:

Sim na aprendizagem.

Entrevistador:

e na relação com as pessoas.

André:

Isso.

Entrevistador:

Tem mais alguma coisa que você imagina?

André:

Acho que é só isso mesmo.

Entrevistador:

O André as perguntas foram essas viu? obrigado pelo tempo.

André:

Que isso, estou a disposição. Precisando de qualquer coisa só chamar.

Entrevistador:

Ta joia. Depois você vê o ano que graduou e me passa.

André:

Eu te passo mais tarde.

Entrevistador:

Ta bom brigadão André abraços.

André:

Fica com Deus Edinho, abraço.

ANEXO I – Transcrição da entrevista com familiares e estudantes: Jonathan e Lilian

ENTREVISTA COM O ESTUDANTE

Entrevistador:

Seu nome completo é Johnny de Souza Maciel, correto?

Jonathan:

É Jonathan de Souza Maciel.

Entrevistador:

Jonathan. Ah sim. Beleza. Qual a profissão da sua mãe?

Jonathan:

A minha mãe é... não tem serviço fixo, não. Ela trabalha como hoje quando faz companhia com uma senhora duas vezes na semana.

Entrevistador:

Ela é cuidadora de idosa no caso?

Jonathan:

É, ela faz faxina na casa dela. Faz companhia pra ela quando ela precisa ir no centro.

Entrevistador:

Se fosse pra dar um nome ao emprego dela seria o que?

Jonathan:

Ah, seria cuidadora de idosa.

Entrevistador:

Ela deve ter quantos anos assim?

Jonathan:

Ah, deve ter uns 78 anos assim.

Entrevistador:

Entendi. E a idade da sua mãe é quanto?

Jonathan:

47 anos.

Entrevistador:

47. Você sabe até quantos anos ela estudou?

Jonathan:

Agora eu não estou sabendo não. Mas acho que ela terminou o Ensino Médio.

Entrevistador:

Terminou o Ensino Médio. Você lembra dela estudar enquanto você era criança, enquanto você era jovem?

Jonathan:

Não, quando eu nasci ela já tinha parado já.

Entrevistador:

Então você acha que ela terminou o Ensino Médio antes de você nascer. E você tem quantos anos?

Jonathan:

17.

Entrevistador:

Ta jóia. A gente vai começar é, essa foi a parte A né, um questionário de identificação. E a sua identidade será mantida em segredo pra quando a gente for analisar os dados, as conversas, por isso que seria interessante ser presencial na biblioteca, ou por vídeo conferência para a gente ver como é a gesticulação e as feições das pessoas. Mas como a gente vai escrever isso também, a gente precisa que você invente um nome, um pseudônimo pra gente conseguir identificar você nos resultados da pesquisa. Esse resultado quem vai ter acesso vai ser eu, o pesquisador que foi ai nas escolas convidar vocês e a minha orientadora Rejane. Então se você quiser colocar seu nome mesmo, ou escolher um nome qualquer, qual você gostaria?

Jonathan:

Pode ser meu nome mesmo.

Entrevistador:

Ta. A parte B a gente vai falar sobre a relação com a escola, está bom? Você já estudava no Humberto antes?

Jonathan:

Já, eu estudei o primeiro e o segundo ano lá, depois fui pra uma escola municipal daqui em São Lourenço e depois voltei no sexto ano para lá.

Entrevistador:

O Humberto tem Ensino Fundamental também? Então você estudou os anos iniciais no Humberto.

Jonathan:

Então, quando eu estudei tinha o primeiro ano, o segundo e até o terceiro ano do Ensino Médio. Só que depois foi acabando, acabando e agora só tem a partir do sexto ano agora.

Entrevistador:

Então você estudou no Ensino Fundamental em que escola?

Jonathan:

O primeiro ano foi lá no Humberto.

Entrevistador:

E assim a quinta série?

Jonathan:

A quinta série, a quinta série foi lá no Melo Viana.

Entrevistador:

A quinta série, sexto ano, foi no Melo Viana?

Jonathan:

Não, o sexto eu já fui pro Humberto.

Entrevistador:

A quinta, sexta, sétima até o Ensino Médio foi no Humberto?

Jonathan:

É. Foi isso.

Entrevistador:

Entendi. E como era a escola antes da pandemia.

Jonathan:

Então, ela sempre foi uma escola boa. O ensino, mas é importante ser melhorado né.

Entrevistador:

Antes da pandemia você via ela como vê hoje por exemplo as coisas que você brincava, que interagia com o pessoal da cantina, de comer, com o pessoal com a direção?

Jonathan:

Ah, agora mudou essa questão de distanciamento da cantina. Durante a sala de aula agora é as máscaras e essas coisas.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que mudou alguma coisa em relação com o que era antes?

Jonathan:

Não.

Entrevistador:

Se você para você descrever como está agora?

Jonathan:

Então, o aprendiza... o... a... No primeiro ano foi muito difícil de estudar durante a pandemia, e agora está sendo melhor né o contato com os professores para tirar dúvida, para fazer perguntas né.

Entrevistador:

Então em 2020 você estava no primeiro ano do Ensino Médio?

Jonathan:

Sim! Em 2020 eu estava no primeiro ano.

Entrevistador:

Foi o primeiro ano e o segundo ano no ensino remoto. E como você descrevia sua relação com a escola no formato presencial com o formato remoto. Como era na sexta série até o primeiro ano, antes da pandemia, e como foi durante a pandemia e como está sendo essa volta? Como você descreveria a sua relação com a escola? Os diretores, professores, as disciplinas.

Jonathan:

Durante, antes do ensino remoto eu tinha uma certa dificuldade no estudo. Principalmente Matemática, essas coisas, mas era bem melhor do que durante o ensino remoto né. Porque no ensino remoto não tinha como tirar dúvida direito com o professor. A explicação ficava mais difícil. (PAUSA)

Entrevistador:

Entendi. E você gosta de estudar?

Jonathan:

Ah, não gosto muito não.

Entrevistador:

Que matéria ficava mais difícil assim? Que matéria que você gosta mais?

Jonathan:

A que eu gosto mais é Ciências, é Artes.. (PAUSA)

Entrevistador:

Mais alguma?

Jonathan:

E eu gosto também de Geografia.

Entrevistador:

Ciências, Artes e Geografia. E como você se pensa como aluno? Como você pensa sobre você como aluno? Você se acha responsável pela a sua educação? Você se acha um aluno bom?

Jonathan:

Ah, eu acho que eu tenho uma certa dificuldade né em algumas matérias, e preciso me esforçar mais para conseguir aprender.

Entrevistador:

É por bimestre as notas aí que vocês têm na escola?

Jonathan:

É por bimestre. São divididos em quatro bimestres e cada bimestre vale 25 pontos.

Entrevistador:

E quais, essas Ciências, Artes e Geografia são as disciplinas que você teve maior nota nesse primeiro bimestre?

Jonathan:

Ah, teve algumas que eu tive mais.

Entrevistador:

Teve mais, quais?

Jonathan:

Foi Física eu tirei bastante.

Entrevistador:

Física foi bem?

Jonathan:

Foi. (PAUSA)

Entrevistador:

E pior assim. Como que fica suas notas em Matemática que você citou. Qual outra assim?

Jonathan:

Matemática eu fui bem ruim. Matemática eu tive que fazer até recuperação esse bimestre.

Entrevistador:

A média era 15?

Jonathan:

A média é 15.

Entrevistador:

Aí você tirou quanto?

Jonathan:

Acho que foi 12.

Entrevistador:

Aí tem uma recuperação na escola para recuperar o bimestre?

Jonathan:

Porque no começo desse ano nós teve uma greve que foi de março para abril. E aí a professora pediu para eu apresentar o caderno completo que ela conseguia chegar nota pra mim na média.

Entrevistador:

Entendi.

Jonathan:

Mas nos próximas bimestres ela disse que vai ser prova mesmo de recuperação.

Entrevistador:

Todo bimestre tem isso. Antes da pandemia também era assim?

Jonathan:

Era, era assim. Hoje a gente tem a recuperação bimestral que a prova vale 15 pontos para você chegar na média. E no final do ano se você não passou tem a recuperação anual.

Entrevistador:

Ainda tem uma recuperação anual também. É um trabalho, uma prova?

Jonathan:

Um trabalho valendo acho que 20 pontos e a prova valendo 80.

Entrevistador:

Ah sim. Compreendo. Hoje em dia a gente tem essa sensação meio facilitado né. Tem uma recuperação bimestral, tem uma prova anual que recupera. Então seria uma recuperação a cada bimestre pra chegar a média e no final do ano também tem um trabalho né. 20 e 80.

Jonathan:

É! E ainda tem também o, agora no terceiro não tem como, mas nos outros anos você pode carregar uma matéria para o próximo ano ainda.

Entrevistador:

Você pode carregar uma matéria para o próximo ano?

Jonathan:

Duas, até duas.

Entrevistador:

Até duas!

Jonathan:

Se você não conseguiu passar, aí no próximo ano você vai fazendo atividades daquela matéria, vai fazendo algumas provas...

Entrevistador:

Entendi. Já teve caso que você pegou duas disciplinas para pegar na sétima série né. A sétima série é o oitavo ano novo. Sétima série, oitava série né, que é o nono ano. Você já teve alguma vez que fez isso?

Jonathan:

Não, eu nunca repeti. Fazer recuperação eu já precisei, mas carregar nunca precisei não.

Entrevistador:

Entendi. E o que você acha desses trabalhos de pegar duas disciplinas pro próximo ano, essas ajudas para chegar na média no bimestre, o trabalho final. O que você acha disso?

Jonathan:

Ah, em partes é ruim né. Pois você está facilitando para o aluno estar passando de ano em ano sem muito esforço né.

Entrevistador:

Você acha que seria uma facilidade? No caso você considera que não se esforçou então? (RISOS) Você acha que poderia se esforçar mais ou você acha que é comum assim?

Jonathan:

Ah, poderia se esforçar mais né. Que é sinal de que a educação ainda está muito ruim né, questão de facilitar para o aluno.

Entrevistador:

Seria uma prova uma mais difícil, um teste mais difícil, o que que seria?

Jonathan:

Ah, eu acho que teria que ter só recuperação bimestral do bimestre. Não no final do ano tendo prova, tendo trabalho. Um monte de coisa né.

Entrevistador:

No caso quando você pegou recuperação de Matemática, foi de Matemática né?

Jonathan:

Sim. Correto.

Entrevistador:

Sua professora pediu só para fazer exercícios né.

Jonathan:

Sim. Foi para entregar no caderno "completo".

Entrevistador:

Teve alguma outra disciplina que foi anual?

Jonathan:

Se eu já fiquei em alguma disciplina no final do ano?

Entrevistador:

Isso!

Jonathan:

Sim. Já sim.

Entrevistador:

Em quais? Em qual?

Jonathan:

Eu acho que tem uma vez que eu fiquei em Matemática também.

Entrevistador:

Matemática também. Você fez o trabalho de 20 e a prova de 80.

Jonathan:

Sim. Mas eu não lembro qual ano que foi. Não sei se foi no oitavo, disso eu não to lembrado.

Entrevistador:

Entendi. E você acha que foi fácil fazer o trabalhinho e a prova?

Jonathan:

Não. Eu tive que... É que teve a matéria desde o início do ano né. Desde o primeiro bimestre. Aí foi mais difícil porque teve que estudar todas as matérias que foram feitas durante o ano né.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que valoriza a escola?

Jonathan:

Oi?

Entrevistador:

Você acha que valoriza a escola?

Jonathan:

Ah, eu acho que sim né.

Entrevistador:

E você acha que sua família também valoriza a escola?

Jonathan:

Valoriza!

Entrevistador:

No caso sua família valoriza quem? Quem você acha que é sua família?

Jonathan:

Quem eu acho oque?

Entrevistador:

Quem você acha que é sua família?

Jonathan:

Ah, tem minha mãe, meu pai (PAUSA)

Entrevistador:

Tem você, seu pai, sua mãe, você tem irmãos e irmãs?

Jonathan:

Não. Tenho não.

Entrevistador:

Entendi. E o que você mais gosta na escola? Tirando as provas, as disciplinas, a escola é um espaço em geral. O que você mais gosta dela?

Jonathan:

Ah, o espaço de se enturmar né. De fazer amigos e ter conversas.

Entrevistador:

E alguma coisa que você menos gosta.

Jonathan:

É as atividades que eu não sou boas nele.

Entrevistador:

E se o diretor no caso chegasse e dissesse que não vai existir mais escola, o que você acharia?

Jonathan:

Ah, seria em partes ruim né. Porque, porque o Brasil precisa de alfabetização né.

Entrevistador:

De alfabetização? Quais disciplinas seriam mais importantes para você?

Jonathan:

De continuar a manter?

Entrevistador:

É. Que seria essencial na escola.

Jonathan:

Ah, Português. Português, e a Matemática mesmo eu não sou bom eu acho ela importante. (PAUSA) E talvez História também. (PAUSA)

Entrevistador:

E as outras também você não acha essenciais?

Jonathan:

Ah, tem a... eu não acho.. acho essencial, mas não acho tão importantes que nem essas que falei.

Entrevistador:

Hm. Você falou três né?

Jonathan:

É!

Entrevistador:

Foram Português, Matemática e História.

Jonathan:

É. História para saber da.. do... da história do Brasil, do mundo né, essas coisas.

Entrevistador:

Você falou que gostava de Artes né no caso. Porque que você não colocou como fundamental por exemplo. Você acha que se gosto não seria fundamental?

Jonathan:

Não. Eu acho que nem o que meu professor de Artes esses dias estava falando. Eu acho importante sim, só esqueci de mencionar na hora.

Entrevistador:

Outra disciplina que você gostava também era Geografia né? A disciplina de Geografia o que você acha dela?

Jonathan:

É, também acho que é importante sim. Para entender no território, dos territórios, essas coisas.

Entrevistador:

E se você tivesse a oportunidade de mudar alguma coisa na escola, o que você mudaria?

Jonathan:

Colocar, vamos supor, tipo, se o aluno no Ensino Médio já sabe da sua profissão já definir a matéria que ele vai aprofundar mais né. Se ele for, dependendo da profissão dele, já aprofundar naquilo.

Entrevistador:

Seria como você aluno, se você já tivesse um gosto por uma profissão, a escola já te oferecer formas em te ajudar naquele gosto de profissão?

Jonathan:

É. Se você escolher uma certa profissão né. E a escola já teria coisas para se aprofundar naquela profissão né. Tipo engenharia, aí já teria atividades voltadas a engenharia.

Entrevistador:

Então no seu grupo de sala, o pessoal tem suas vontades e seus gostos por suas especialidades de profissão e aí a escola teria que mudar, e a escola teria que ajudar em que sentido, em ter atividades para ajudar nessas especialização para profissão?

Jonathan:

É! Tipo, se o aluno for interessado numa profissão a escola já oferecia cursos, tipo atividades voltadas para aquilo.

Entrevistador:

Entendi. Atividades mais voltadas para aquilo que os estudantes teriam aptidão, teria interesse?

Jonathan:

Certo. Isso mesmo.

Entrevistador:

Seria isso?

Jonathan:

É!

Entrevistador:

E você considera que a escola te prepara para lidar com as coisas da sua vida?

Jonathan:

É, ela ajuda assim em enturmar a entender sobre o mundo.

Entrevistador:

Que mais?

Jonathan:

Ajuda você a aprender as coisas básicas, para as profissões. Elas têm um tanto de matérias que mais futuramente você vai utilizar aquilo na sua vida.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que é suficiente, precisa de mais, menos?

Jonathan:

Ah, acho que precisaria de aluno tem dificuldade em alguma matéria. Vamos supor por exemplo eu que tenho dificuldade em Matemática. Teria que ter reforços voltado para aquilo.

Entrevistador:

(PAUSA) Entendi. Mais alguma coisa?

Jonathan:

Não só isso.

Entrevistador:

Vamos começar a parte C que vai ser sobre sua relação com a disciplina de Matemática. Você gosta dela?

Jonathan:

Não, não gosto muito não.

Entrevistador:

Por que você não gosta?

Jonathan:

Eu não gosto porque eu tenho dificuldade nela né.

Entrevistador:

Você tem dificuldade na disciplina, que tipo de dificuldade que você tem nela?

Jonathan:

Ah eu tenho nas contas, nas formulas de... a Matemática agora sua de formulas, de contas mais grandes, essas coisas.

Entrevistador:

O conteúdo que você está tendo hoje na escola é qual? Você lembra?

Jonathan:

É. Como que acha, probabilidade... tem outra coisa lá que agora fugiu o nome (PAUSA) Probabilidade, a última matéria que a professora passou para nós.

Entrevistador:

Probabilidade e Estatística?

Jonathan:

Isso mesmo.

Entrevistador:

E o que você está vendo de Probabilidade e Estatística? Que tipos de formulas que você acha difícil?

Jonathan:

Ah então o... ela estava ensinando esses dias a fazer, agora lembrei outro nome aqui, permutação.

Entrevistador:

Permutação isso faz parte.

Jonathan:

Faz parte né.

Entrevistador:

Fórmulas desse tipo que você teria dificuldade?

Jonathan:

É. Tem a... não sei se a permutação, tem as formulas lá, para você achar os números. (PAUSA)

Entrevistador:

Entendi. Mas seria de Probabilidade e Estatística e já é uma coisa que você está tendo facilidade ou você está tendo dúvida, o que você estaria?

Jonathan:

Ah, eu acho que eu tenho bastante dúvidas.

Entrevistador:

Por causa das formulas?

Jonathan:

É.

Entrevistador:

E você acha que é importante estudar Matemática?

Jonathan:

Acho sim né. Por que tem um tanto de profissão que futuramente vai ser usado a Matemática, acho que praticamente tudo na vida alguma hora você vai acabar usando aquilo. (PAUSA)

Entrevistador:

(PAUSA) Mas o que seria Matemática assim para você?

Jonathan:

É uma coisa que vai usar mais futuramente, ou.

Entrevistador:

Hoje você está usando ela?

Jonathan: É, por enquanto só na escola né.

Entrevistador:

Por enquanto só na escola. E que profissão você gostaria de se especializar?

Jonathan:

Por enquanto ainda não sei não. Mas eu gosto de eletrônica.

Entrevistador:

Gosta de eletrônica. Você acha que envolveria Matemática ou algum tipo?

Jonathan:

Ah envolveria né, porque teria os cálculos e essas coisas.

Entrevistador:

Você está se preparando para o SISU, o ENEM.

Jonathan:

Não, não fiz a inscrição não.

Entrevistador:

O próximo ano assim que você finalizar o Ensino Médio quais são suas perspectivas acadêmicas, de profissão, quais são elas?

Jonathan:

Então, eu ainda não sei direito, mas eu penso nisso, que nem eu falei. De procurar algum curso de eletrônica, essas coisas.

Entrevistador:

E assim nas aulas de Matemática, como que você se considera como aluno nas aulas? Suas notas você falou que tirou 12 né. Você se considera um bom aluno, fala muito, como que é?

Jonathan:

Ah, eu sou, na sala de aula eu fico bem prestando atenção no, como que chama, eu faço, eu fico, eu sento na frente para prestar atenção. Mas eu tenho dificuldade né em aprender.

Entrevistador:

Eu reparei que você sentava na frente mesmo, ia até comentar disso. Você tem vontade de aprender, você se sente motivado em estudar Matemática?

Jonathan:

Sim, sinto sim.

Entrevistador:

E como é a relação sua com o professor?

Jonathan:

Ela é uma boa professora.

Entrevistador:

O que ela fazia para ser uma boa professora?

Jonathan:

Então, ela esses dias foi na mesa me explicar que eu não estava entendendo uma matéria lá. Aí ela foi lá e ensinou. Ela sempre está tirando dúvidas com os alunos. (PAUSA)

Entrevistador:

E ela te ajudava a gostar mais ou menos da disciplina?

Jonathan:

Oi?

Entrevistador:

E ela te ajudava a gostar mais ou menos da disciplina?

Jonathan:

Ah, ajudava a gostar mais né. Porque, eu me sinto mais motivado a aprender né. Tirando dúvidas, perguntando pra ela.

Entrevistador:

Você teve aula com ela em qual ano?

Jonathan:

O terceiro ano e acho que tive no sétimo também.

Entrevistador:

Entendi. Suas notas eram bimestrais, a mesma coisa que estão agora?

Jonathan:

Sim.

Entrevistador:

E os conteúdos que você está vendo além de Probabilidade e Estatística, geralmente são todos difíceis para você? Quais você teria mais facilidade em Matemática?

Jonathan:

Ah, a maioria das matérias eu tenho dificuldade. Acho que praticamente todas né. Porque eu sou bem ruim em Matemática.

Entrevistador:

Entendi. E como você acha que deveria ser suas aulas?

Jonathan:

Então. Eu estou sempre tentando aprender mais. Mas eu acho que devia ter aulas para aquelas matérias que você está mais, tipo alunas de reforço né. Eu estou com dificuldade nisso, e aí vai ter um atendimento mais voltado para o aluno que está com dificuldade nela.

Entrevistador:

Entendi. E que mais sugestões você daria para o diretor, no canto para conversar com ela, que sugestão você daria para a aula de Matemática a mais?

Jonathan:

Então. Isso que eu falei, de atendimento mais, tipo horário fora da eu estudo de manhã né, vamos supor um professor que eu posso ir a tarde na escola, ou supor uma aula no laboratório que não vai atrapalhar os outros alunos né e aí eu vou lá vou tirar dúvidas e aí eu vou explicar melhor para mim...

Entrevistador:

Entendi. Seria aulas de reforço né?

Jonathan:

É.

Entrevistador:

E o que seria uma escola sem aula de Matemática para você?

Jonathan:

Então, ela seria bom porque eu não teria dificuldades né, mas pro futuro sempre vai precisar de Matemática.

Entrevistador:

Por que seria bom e porque seria complicado no futuro?

Jonathan:

Seria bom porque eu não precisaria estudar Matemática né. Não curto muito. Mas seria complicado no futuro porque a grande maioria das profissões usa ela né.

Entrevistador:

É mesmo?

Jonathan:

É.

Entrevistador:

Você considera assim que a grande maioria das profissões usam Matemática?

Jonathan:

Então. Tipo Informática se não me engano usa. Engenharia vai usar. A grande maioria vai usar que nem a professora esse tempo estava falando, acho que todas as faculdades que você vai fazer vai precisar usar ela. Pelo menos a grande maioria né. Só educação física que não precisa que ela falou.

Entrevistador:

Que Educação Física não precisa?

Jonathan:

Eu acho que não. Se não me engano.

Entrevistador:

Hm. Se fosse para pensar assim uma profissão qualquer. Além do que você falou, pensa um ai e vamos ver se tem Matemática. Eu pensei em Artes, será que Artes tem Matemática?

Jonathan:

Ah, acho que não.

Entrevistador:

Acha que não.

Jonathan:

Mas, durante a faculdade deve usar né, ou não, não sei.

Entrevistador:

Se você tem alguma dúvida assim, ou algum problema nas aulas, você acha que isso é problema da escola, do professor de Matemática, um problema seu, ou um problema da sua família?

Jonathan:

Acho que foi problema meu né. Porque teve uma época que eu não me esforcei tanto para aprender. Eu tenho vergonha de tirar dúvidas, de perguntar para o professor durante a aula.

Entrevistador:

Por que você tem vergonha de falar com o professor?

Jonathan:

Ah, porque eu penso que o aluno vai falar que eu não estou sabendo. Sei lá o que.

Entrevistador:

Que os colegas vão te zoar?

Jonathan:

É.

Entrevistador:

E aí por isso você não pergunta?

Jonathan:

É. Eu tenho uma certa vergonha.

Entrevistador:

Entendi. (PAUSA) Você teve algum outro professor de Matemática que você gostou muito, não gostou.

Jonathan:

Eu acho que nunca teve isso de não gostar de um professor de Matemática.

Entrevistador:

Entendi. E antes e agora na pandemia, o que sua família fala no seu estudo?

Jonathan:

Então. Durante a pandemia foi ruim porque a maioria das respostas eu acabava pegando na internet né. E, aí minha mãe falava que não era para eu pegar na internet que era para mim me esforçar mais, mas eu acabei que a maioria das respostas eu peguei na internet.

Entrevistador:

A maioria das respostas você encontrou na internet?

Jonathan:

A maioria das respostas eu estava encontrando na internet. Tem no Youtube, tem no Google. (PAUSA)

Entrevistador:

Sua família sabe que você pegava na internet as atividades?

Jonathan:

Sabe sim, eu falei.

eu encontrava na internet.

Entrevistador:

Todas as matérias!

Jonathan:

Todas! Eu acabei pegando, eu errei, mas acabei pegando na internet.

Entrevistador:

Entendi. Era no formato de PET?

Jonathan:

Tinha no site que você pesquisava que já aparecia as respostas e tinha no youtube também. Teve um homem que dava as respostas tudo. Durante a pandemia foi usando o PET né.

Entrevistador:

Entendi. Teve momentos assim que você teve aulas online?

Jonathan:

Teve, mas só pelo Whatsapp.

Entrevistador:

Não foi pelo Google Meet, ou Zoom, nem alguma outra plataforma?

Jonathan:

Teve! Acho que teve uns dois professores que teve muita pouca aula, por vídeo chamada né.

Entrevistador:

E sua família, o PET você recebia em casa para você fazer?

Jonathan:

Eu fazia em casa pelo celular mesmo.

Entrevistador:

E sua família te ajudava ou perguntava alguma coisa sobre?

Jonathan:

Ah, me ajudava, tipo, quando eu tinha alguma, como eu falo, é, estava sempre, quando eu tinha alguma dúvida que eu não achava a resposta na internet de vez em quando eu perguntava para eles.

Entrevistador:

A maioria tinha as respostas na internet então.

Jonathan:

Sim, a maioria sim.

Entrevistador:

Durante a pandemia eles buscavam saber assim como que era o estudo, perguntava para você como estava ou você só ia fazendo assim, pegava as respostas na internet e entregava?

Jonathan:

Perguntava, perguntava como estava indo. Mas eu falei que eu não estava sabendo porque durante a pandemia foi muito difícil eu aprender as atividades que é mais difícil

do professor, que não tinha a matéria direta explicada no quadro, de ele repetir a matéria. A maioria só passava as atividades e você tinha que fazer lá.

Entrevistador:

Entendi. Repetir a matéria assim seria passar no quadro, copiar, seria isso?

Jonathan:

É, isso mesmo.

Entrevistador:

Aí ele tem o momento para responder, repetir o exercício, seria isso?

Jonathan:

O momento da ele corrigia e depois passava no quadro a correção no quadro a correção né. Fazendo as atividades, mas explicando como que era e essas coisas.

Entrevistador:

E as respostas vocês tinham quando? Só no final, durante? Vocês tinham os encontros com o professor quando?

Jonathan:

Pela internet?

Entrevistador:

É, pela internet.

Jonathan:

Ele passava pelo o Whatsapp né. Depois você tinha o PET que o governo mandou e as vezes a escola mandavam uns áudios explicando e depois você ia na escola e entregava lá que os professores faziam correção.

Entrevistador:

Entendi. E da sua família assim quem você acha que mais te incentivou a estudar, quem buscou mais na escola saber como que estava? Quem falou mais sobre a escola?

Jonathan:

Foi minha mãe.

Entrevistador:

Por que você acha que é ela?

Jonathan:

Ah, que ela sempre estava falando pra mim procurar, perguntar pelo professor pelo Whasapp as dúvidas que eu tinha, estava sempre falando para mim não pegar as respostas pela internet, que eu tenho que entregar a matéria.

Entrevistador:

E o que você acha disso.

Jonathan:

Foi bom né. Foi bom ter incentivo né.

Entrevistador:

Você acha que sua mãe te incentiva bastante?

O que ela fala para você fazer depois do terceiro ano?

Jonathan:

Ela fala para eu procurar um trabalho de jovem aprender e depois procurar um curso que eu quero me aprofundar né. (PAUSA)

Entrevistador:

A gente está encerrando essa parte C, entrando para ver como é a família na educação escolar. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a disciplina de Matemática?

Jonathan:

Não. Tem não.

Entrevistador:

Então ta bom. A gente está iniciando agora a parte D a parte final sobre como você vê a participação da sua família na sua vida escolar. Quem que mora com você em casa?

Jonathan:

Meu pai e minha mãe.

Entrevistador:

Eles são sua família né?

Jonathan:

É.

Entrevistador:

Entendi. E se fosse para você definir família como você definiria?

Jonathan:

Ah, (PAUSA) teria amor com ele.

Entrevistador:

O que seria família para você?

Jonathan:

Seria uma pessoa que você tem um convívio sempre, que você tem um laço sanguíneo, ou até de amor né.

Entrevistador:

Entendi. Você tem tios, primos?

Jonathan:

Tenho sim.

Entrevistador:

Avôs e avós vivos?

Jonathan:

Tenho.

Entrevistador:

Você o considera família?

Jonathan:

Considero.

Entrevistador:

Então família para você é mais além do que você, seu pai e sua mãe?

Jonathan:

É.

Entrevistador:

Entendi.

Jonathan:

Mas o que mora comigo é meu pai e minha mãe.

Entrevistador:

E de que forma sua família te ajuda na vida escolar? Tem tios que ajuda nesse ciclo também?

Jonathan:

Sim, quando eu tenho alguma dúvida eu vou falar com minha tia. Ela me ensina sempre quando eu estou com alguma dificuldade em alguma matéria eu vou lá falar com minha tia. Ela me ensina e mostra como eu faço as atividades?

Entrevistador:

A sua família ela participa das reuniões que tem na escola?

Jonathan:

É minha mãe né. O meu pai trabalho, ele chega... minha mãe trabalha também né. Só que meu pai trabalha como pedreiro ai ele chega cansado do serviço ai não tem como ir na reunião na escola.

Entrevistador:

Os seus responsáveis são seu pai e sua mãe então.

Jonathan:

É.

Entrevistador:

Então sua mãe que vai na escola para falar de você e suas dúvidas?

Jonathan:

É. Ela que vai nas reuniões da escola e falar com os professores.

Entrevistador:

E ela te ajuda nas tarefas ou dever de casa? Você tem dever de casa?

Jonathan:

No Ensino Fundamental eu tinha mais. Agora no médio não tem tanto. É muito pouquinho.

Entrevistador:

(PAUSA) Ela se interessa pelas coisas que se interessa na escola?

Jonathan:

Sim, ela está sempre perguntando como foi na escola, se aprendi. (PAUSA)

Entrevistador:

Ela manda você estudar?

Jonathan:

Manda sim.

Entrevistador:

O que ela fala assim sobre estudar?

Jonathan:

Ah, ela fala que pra me estudar para eu ter uma profissão mais tranquilo né em relação com menos esforço né tipo, trabalhar num lugar que, vamos supor no escritório, alguma coisa dessa.

Entrevistador:

Ela fala para estudar voltado para a profissão também né.

Jonathan:

É. Fala para eu estudar para eu ter uma profissão melhor no futuro. (PAUSA)

Entrevistador:

Você a vê lendo livros, comentando sobre Estatística, probabilidade por exemplo, em jornais que aparece, previsão do tempo, outras estatísticas também né de questões eleitorais. Você vê ela lendo livro, comentando sobre isso?

Jonathan:

Não. Isso nela não faz não.

Entrevistador:

E qual que é a reação dos seus responsáveis diante das suas notas?

Jonathan:

Então. Ela sempre está, quando eu fico com nota baixa ela fala que eu tenho que me esforçar mais. Procurar estar sempre me esforçando mais para eu melhorar né.

Entrevistador:

Ela soube por exemplo que você tirou 12 em Matemática?

Jonathan:

Soube, soube sim.

Entrevistador:

E como ela reage em relação a isso.

Jonathan:

Então, igual eu falei né. Ela fica brava, fala que eu tenho que estar sempre procurando aprender. Se eu estiver dificuldade procurar o professor. Ela sempre está falando isso.

Entrevistador:

E o que a sua família fala além da disciplina sobre a escola em geral? O que ela fala sobre os diretores, dos professores, do pessoal da merenda, da estrutura, o que ela fala do Humberto?

Jonathan:

Ela fala que é uma escola boa que sempre ta, não é uma escola ruim né, o Humberto é uma escola boa.

Entrevistador:

Então você acredita que ela valoriza a escola?

Jonathan:

Valoriza sim!

Entrevistador:

Ela estudou em São Lourenço?

Jonathan:

Sim, ela já estudou lá no Humberto também.

Entrevistador:

Ela fala que, ela compara a escola de hoje com a escola de antigamente?

Jonathan:

Já. Ela falava que antigamente era bem melhor. Em questão de... que antigamente tinha as regras, tinha as gincanas, o aluno não podia entrar sem uniforme, essas coisas.

Entrevistador:

Tinha as regras? Como assim as regras?

Jonathan:

Que antigamente não podia entrar sem uniforme, se os alunos fizessem alguma coisa assinava o livro de ocorrência.

Entrevistador:

Hoje ainda tem livro de ocorrência?

Jonathan:

Ah, eu acho que tem ainda.

Entrevistador:

Hoje tem muito aluno bagunceiro nas escolas? Como você acha que se for comparar com outros alunos?

Jonathan:

Ah, tem alguns sim.

Entrevistador:

Eles assinam livro de ocorrência?

Jonathan:

Ah, eu acho que deve assinar sim. Principalmente quando é briga né. Briga, essas coisas.

Entrevistador:

Acontece briga no Humberto?

Jonathan:

Já aconteceu já. Esse ano não teve não. Mas nos outros anos que eu estava estudando lá já aconteceu já.

Entrevistador:

(PAUSA) Pra gente finalizar tem mais duas perguntas. Em quem da sua família você se inspira no aspecto educacional. Por exemplo, eu gostaria de estudar tal coisa por que eu me inspiro em tal pessoa da minha família.

Jonathan:

Ah, eu acho que não tem não.

Entrevistador:

E a pessoa que mais te motiva para estudar?

Jonathan:

Minha mãe.

Entrevistador:

Seu pai fala com você sobre a escola?

Jonathan:

Meu pai está sempre me motivando a estudar. Ele é pedreiro né. Ai ele fala que eu tenho que estudar para ter uma profissão melhor né. O pedreiro é uma profissão boa, mas trabalha no Sol, tem que carregar peso, essas coisas.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que ele te motiva estudar?

Jonathan:

Sim. Motiva sim.

Entrevistador:

Tem alguma outra forma assim de que não trabalhar no Sol seria motivo.

Jonathan:

Ele fala que pedreiro é um serviço bom que ganha certo dinheiro, mas tem que acordar, meu pai não está trabalhando na cidade ai ele tem que acordar muito cedo para ir no serviço. Ai ele trabalha no Sol, carrega muito peso.

Entrevistador:

(PAUSA) Então o estudo te contribuiria de que forma?

Jonathan:

Contribuiria para ter uma profissão melhor né. Contribuiria para não fazer muito esforço.

Entrevistador:

Para não fazer tanto esforço?

Jonathan:

É, esforço físico né.

Entrevistador:

Na sua família que você indicaria para ser entrevistado então seria a sua mãe né. No caso agora a gente vai fazer entrevista agora às 16hrs com ela.

Jonathan:

Certo.

Entrevistador:

Tem mais alguém da sua família que te incentiva e te motiva na escola?

Jonathan:

A minha tia.

Entrevistador:

Sua tia é a pessoa que você vai tirar dúvida né.

Jonathan:

É. Ela sempre está falando que eu tenho que estudar também, me incentivando.

Entrevistador:

Ela te motiva de que forma assim? O que ela fala para você?

Jonathan:

Ela fala para eu estudar para seguir uma profissão boa. Ela fala isso também.

Entrevistador:

E você assim, você está estudando pra que?

Jonathan:

Ah, eu estou estudando com o objetivo de conseguir uma profissão boa né.

Entrevistador:

Algo mais? Pra que você estaria estudando?

Jonathan:

Ah, pra isso mesmo. Para conseguir uma profissão boa no futuro.

Entrevistador:

Então tá bom. Tem mais alguma coisa que você gostaria de perguntar, falar sobre a escola, falar na sua relação com a Matemática e com a família?

Jonathan:

Não. Isso mesmo.

Entrevistador:

Tudo bem então. Agradeço muito a sua participação, logo estarei ligando para sua mãe para encerrarmos.

Jonathan:

De nada. Boa tarde.

Entrevistador:

Boa tarde e até mais.

ENTREVISTA COM O FAMILIAR**Entrevistador:**

Pronto! A primeira parte é de identificação tá bom? Pra essa entrevista eu vou fazer perguntas para você para você falar sobre a escola, a matemática e a sua participação na vida escolar do estudante.

Lilian:

Certo. Uhum.

Entrevistador:

No caso o Jonathan.

Mas antes disso eu vou fazer algumas perguntas para você. Seu nome completo é Lilian...

Lilian:

Lilian Darving de Souza Maciel.

Entrevistador:

Darving.

Lilian:

Isso.

Entrevistador:

Sua idade?

Lilian:

48 anos.

Entrevistador:

48. Qual a sua profissão?

Lilian:

Eu sou diarista.

Entrevistador:

Diarista. Você lembra até quantos anos você estudou?

Lilian:

Eu acho que foi 17 para 18 anos.

Entrevistador:

Qual a sua escolaridade? Com 17 para 18 anos você estava fazendo ginásio, Ensino Médio?

Lilian:

Não entendi sua ultima pergunta o telefone falhou um pouquinho.

Entrevistador:

Qual a sua escolaridade? Quando você tinha 17 para 18 anos você estava fazendo ginásio, Ensino Médio?

Lilian:

Então eu tirei... Na minha época era até a oitava série né. Não tinha nono ano. Era oitava série que a gente falava. Ai eu terminei, só fiz o primeiro grau completo, que eles falam.

Entrevistador:

Até a oitava série?

Lilian:

Isso.

Entrevistador:

Certo.

Lilian:

Repeti muito!

Entrevistador:

Repetiu muito? Quais séries você repetiu muito?

Lilian:

Eu repeti quatro anos. Repeti a quinta série se não me engano eu repeti porque eu tive doente e aí eu repeti por falta depois repeti a sétima série, a oitava série também repeti. Na minha época existia tal de bomba né.

Entrevistador:

Tomava bomba né. Hoje em dia o pessoal não tomam bomba né?

Lilian:

Não!

Entrevistador:

Parece que existe um método facilitado, o que você acha disso?

Lilian:

Eu não acho legal não. Não acho legal não. Acho que vão empurrando com a barriga e eu ainda penso como vai ser o futuro com esse pessoal assim, porque muitos vão empurrando com a barriga, sai da escola sem saber nada, eu acho que é complicado.

Entrevistador:

Hm. A gente vai começar a parte B da entrevista a gente vai falar sobre a escola e a disciplina de Matemática. A sua identidade ela vai ser mantida em segredo e só eu e minha orientadora Rejane vai ter acesso ao seu nome, sua idade, os termos de compromisso.

Lilian:

Uhum. Ta ok.

Entrevistador:

Se você quiser inventar um nome ou pseudônimo para gente te identificar na pesquisa, ou utilizar o seu mesmo, qual que você gostaria?

Lilian:

Não, pode ser meu nome mesmo Lilian Darving.

Entrevistador:

Ok. Como foi sua vida na escola?

Lilian:

Minha vida na escola foi boa. Eu estudei meu tempo todo... Eu fiz o jardim da infância num colégio particular aqui em São Lourenço né, mas eu lembro pouco disso. Eu só

fiz meio ano né. Depois no meu “presinho” já foi na escola Dr. Humberto Sanchez. Na época a escola era em outro endereço, era aqui no São Lourenço Velho, antigo hospital. Inclusive minha sala era a onde foi o necrotério. Ai o pessoal botava medo na gente. (RISOS)

Entrevistador:

A sua escola então era num Hospital antigo? Como era ela?

Lilian:

Isso. Tinha enfermaria... A escola funcionou ali. Logo saiu o Hospital daqui do São Lourenço Velho, aí a escola era ali nesse lugar. Não me lembro quanto tempo a escola ficou ali até construir onde está agora.

Entrevistador:

Pessoal botava medo em outras salas também? As outras salas eram de que?

Lilian:

Não me lembro. Lembro que eu tinha vontade de estudar na parte de baixo onde é a enfermaria, meu sonho era estudar lá. Só que quando eu formei a escola a mudou. Ai foi pra lá onde está agora.

Entrevistador:

Por que você tinha vontade de estudar lá em baixo?

Lilian:

Não sei, era uma vontade de estudar em uma sala maior. Acho que era isso. (RISOS)

Entrevistador:

Tinha professores diferentes? Como que era o ensino na sua escola?

Lilian:

Ah, o ensino era muito rígido. Mesmo depois quando passou pro outro endereço, na época a escola era muito rígida. É, professor de educação física, uniforme tinha que ser impecável. Nós meninas era blusa branca, short branco, sainha de prega branca por cima e tênis e meia. Então era impecável. Na época de desfile de sete de setembro, primeiro de abril que é aniversário da cidade aqui, da emancipação. A gente ia desfilar, a gente era obrigado a desfilar e era na marcha certinha.

Entrevistador:

O ensino lá era mais rígido por causa de uniforme....

Lilian:

Uniforme, disciplina...

Entrevistador:

E você gosta de Matemática, Português, disciplinas que professores ensinam?

Lilian:

Olha, na Matemática eu sempre tive dificuldade. Por isso, para o Jonathan, eu consegui ensinar ele algumas coisas que era da minha época né. Então quando ele

começou a aprender coisas novas, eu já não conseguia ajudar ele. Porque eu não aprendi isso né. Na minha época era outro tipo, na oitava série era até equação de primeiro grau. Aí depois como eu não fiz mais, não estudei mais, eu não aprendi essas outras coisas. Então quando ele estava com dificuldade eu falava sempre: procura orientação com o professor, na sala de aula né. Essas coisas assim. Hoje em dia, eles têm ainda facilidade de procurar coisas na internet. Na minha época a gente não tinha. Na minha época de pesquisas escolares a gente reunia em trabalhos de escola né. A gente tinha que reunir lá na prefeitura daqui da cidade. Lá tinha biblioteca, tinha que procurar aqueles livros. A gente fazia resumo. Então era mais difícil para a gente. Hoje em dia eles tem mais facilidade. Mas eu gosto sim de Português, de História, eu era nota dez.

Entrevistador:

Para Português, Matemática, História você ia na biblioteca da cidade para fazer a pesquisa?

Lilian:

No caso história e... trabalho de Geografia a gente tinha que ir na biblioteca né. Português e Matemática a gente tinha os livros também né. A gente bastante livros.

Entrevistador:

Tinha livro didático, o governo dava livro?

Lilian:

Na época o governo não dava livro não. Ou a gente comprava um novo, ou a gente fazia troca de livros, porque comprava mais barato.

Entrevistador:

O pessoal que passava pra outra série?

Lilian:

Sim, fazia na minha época. Ia na escola, eles falavam assim: eu tenho um livro de Português. Aí se ia lá, o livro tava bem. A gente encapava o livro. Ah é, a escola a gente obrigava a gente a encapar livro. Tudo “encapadinho”, caderno encapado. Tinha na mesa, na minha época, a gente tinha que comprar um plástico para colocar em cima da carteira. Para poder a gente está... comprar um plástico para forrar a carteira, como se fosse uma toalha de mesa. Para não rabiscar a mesa né.

Entrevistador:

E você gostava assim das aulas que você tinha dentro da sala?

Lilian:

Gostava bastante!

Entrevistador:

Sua relação na sala e com professores eram bons?

Lilian:

Sempre foi bom.

Entrevistador:

Você já teve alguma experiência ruim assim dentro da escola?

Lilian:

Olha, experiência ruim dentro da escola.... Olha as vezes eu tinha muito problemas de saúde né. As vezes o professor, assim a gente mulher com cólica né, tinha o professor de Matemática, que como eu não entendia muito de Matemática, as vezes chegava em dia de prova, a gente tava com cólica e não dava pra fazer a prova. As vezes o professor falava: Ah, isso daí é pra não fazer a prova, não vou aplicar a prova de novo. A gente tinha que ir na diretoria para fazer a prova. Isso daí é experiências né. Livro de ocorrência, a gente assinava não por indisciplina né. As vezes acontecia né, que foi uma época difícil. As vezes a gente tinha uma blusa de uniforme. E aí se você chegava uma vez na escola sem a blusa de uniforme você já assinava o livro de ocorrência.

Entrevistador:

Olha só!

Lilian:

E tinha aquela questão. Se você assinasse o livro de ocorrência três vezes você era suspenso, e depois não lembro mais quantas vezes e era expulso. Mas graças a Deus, não fui nem suspensa e nem expulsa. Eu assinei livro de ocorrência porque tinha bagunça na sala de aula e todo assinou por causa da bagunça de outros, todo mundo levou.

Entrevistador:

Você falou que um professor de Matemática tinha pego no pé seu. Você tinha dificuldade em Matemática?

Lilian:

Também tinha dificuldade em Matemática.

Entrevistador:

O que você acha que seja Matemática para você? O que é Matemática?

Lilian:

Ah, Matemática é praticamente tudo no dia a dia né. Até música tem Matemática. Até inclusive em tenho dificuldade no negócio de tempo de música né. Eu acho que é em relação a minha Matemática, que eu não peguei mas...

Entrevistador:

Tem dificuldade em tempo de música? Como assim?

Lilian:

Não, porque eu cantava no louvor na minha igreja, aí as vezes meu pastor que é um professor de música falava: Ah, espera o tempo. Olha o tempo. Aí eu não entendia muito bem mas eu levava né. Eu saí no ministério não por causa disso, eu saí por causa de mudou o horário de ensino né. Eu tinha um pouco de dificuldade em relação do tempo de música.

Entrevistador:

Entendi. E você usa Matemática em sua vida? Você citou um exemplo, que outro exemplo você consegue me dar.

Lilian:

Que exemplo eu posso te dar... A moto você tem o tempo certo para você passar a marcha né. É embreagem, marcha, tudo assim... A Matemática sempre fui usada né no mundo. A Matemática está em tudo né.

Entrevistador:

Então você usa Matemática na sua vida já que está em tudo.

Lilian:

Uso.

Entrevistador:

Você considera que a família deve participar do processo de desenvolvimento escolar dos estudantes?

Lilian:

Sim. Deve sim.

Entrevistador:

E você incentiva seu filho a estudar?

Lilian:

Incentivo muito.

Entrevistador:

Você verifica ou faz pergunta no o que acontece na escola? nas aulas da escolas? Tem algumas direções...

Lilian:

Sim.

Entrevistador:

Que disciplinas você vê que o Jonathan tem mais dificuldade? Ele vai bem nas disciplinas? Você vê que ele tem dificuldade em alguma disciplina?

Lilian:

Tem que a Matemática que ele tem dificuldade. Ai no caso eu não consigo ajudar ele. Ai ele incentivo ele a procurar ajuda com os professores. E tem essa minha irmã. Minha irmã é nota dez em Matemática. Ai ele ajuda muito ele. Inclusive ela é tecnóloga de processamentos de dados. Então ela usa Matemática demais né.

Entrevistador:

Entendi. É a tia que ajuda ele a ajudar?

Lilian:

Sim. É.

Entrevistador:

Entendi. Ele comentou sobre.

Lilian:

Hm.

Entrevistador:

E como foi a educação dele durante a pandemia?

Lilian:

Olha, a educação, ele participou dos estudos online né. E foi boa. É que eu acho que ele acompanhava no celular. Mas eu acho que tinha que ter um ensino assim... Deixa eu ver como eu vou falar para você. A escola, eu acho que o professor tinha que ir na sala de aula como se ele estivesse dando aula normalmente, ali no quadro e ele ali desenvolvendo o estudo: Ah, hoje a gente vai passar a matéria tal... O aluno sentasse na mesa naquele horário né. Aí o professor de Matemática. Da sua aula de Matemática, quando vê saia a Matemática e entrava o Professor de Português. Eu achava que poderia ter sido assim, entendeu. Ai os alunos iram aprender mais. Não, que o professor... O professor se esforçou para poder fazer suas aulas. Mas eu acho que teria mais aprendizado se fosse assim. Matéria e aula.

Entrevistador:

Se continuasse assim como que estava durante a pandemia?

Lilian:

Isso. Não com os alunos, não poderiam. Mas como se fosse ter aula. O professor lá... Quem tem como aqui nós, tem a SmartTV, ligava aqui, o professor lá e o aluno na escola. Cada um na sua casa participando da aula.

Entrevistador:

Teve aulas assim de encontros virtuais, online que seu filho participou com professores?

Lilian:

Não teve não!

Entrevistador:

Foi por PET, impresso?

Lilian:

Ele fez PET impresso. E as vezes acompanhava a aula pelo Youtube na TvEscola, algo assim...

Entrevistador:

Conexão Escola?

Lilian:

Isso. Conexão escola.

Entrevistador:

Hm. Então você acredita que faltou mais aula, professor falando com os alunos, professor falando com eles?

Lilian:

Isso. Umas coisas mais interagidas disso.

Entrevistador:

O do Humberto entregou uma apostila de exercícios para vocês fazerem?

Lilian:

É, então. O Jonathan como ele não estava conseguindo acompanhar a turma do WhatsApp da sala dele né, o professor entrava, via o WhatsApp corrigia as vezes a matéria assim.. a turma conversava assim... Mas o Jonathan não estava conseguindo seguir né, ai a escola ofereceu o PET impresso. Ai a gente fazia o PET impresso e depois devolvia.

Entrevistador:

E você ajudou ele com as atividades?

Lilian:

Eu acho que ajudei sim.

Entrevistador:

Se você pudesse mudar a escola, o que você mudaria? Se tivesse uma coisa para mudar.

Lilian:

Eu acho que a escola, se eu pudesse eu mudar a escola eu voltava a disciplina que era antes.

Entrevistador:

Voltaria as disciplinas que era antes? Uniformes...

Lilian:

Uma coisa mais rígida com os alunos. Não sei bem, da impressão que, é... Não tá uma coisa mais segura... Deixa-me te falar... Se pudesse ter bomba... Se ele não sabe, ele vai repetir ou então vai fazer uma recuperação para ele aprender melhor. Agora essa questão de vai empurrando com a barriga né... Eu acho assim, se o aluno não sabe, não conseguiu obter as notas precisaria repetir de ano. Seriam melhor para eles.

Entrevistador:

Entendi... Não precisa medir palavras não. Se você quiser mudar mais alguma coisa na escola, essa é a hora.

Lilian:

E isso incentivaria eles a estudar mais ainda: Ah, não eu vou estudar. Se não vou tomar bomba. Na minha época tinha negócio de boletim, nota vermelha, a gente ficava morrendo de medo de chegar em casa e mostrar pro pai que tava com nota vermelha:

Ah pai, é, meu boletim veio com nota vermelha, você tem que assinar, para mostrar que mostrou o boletim né. Então a gente morria de medo. A gente ficava naquela expectativa para ver quem passou e quem não passou. E aí era uma alegria quando a gente passava. Saía correndo da sala de aula: tô de férias, passei, passei. Hoje em dia parece que não tem essa empolgação.

Entrevistador:

Hoje tem boletim para assinar em casa?

Lilian:

Não. Hoje em dia a gente vai na reunião e eles dão o boletim impresso, não tem essa de nota baixa, não tem destaque de outra coisa e nem nada não.

Entrevistador:

Entendi. É que uma estudante mostrou um boletim do primeiro ano. Mas tudo bem, ela estava no primeiro.

Lilian:

Então, boletim tem. Só que não é igual antigamente né.

Entrevistador:

É que eu achei meio suspeito. Uma coisa pra falar até com a tia dela sabe, porque parece que como ela ia mal na disciplina de Matemática, eu acho que ela alterou o valor assim. E aí tem que comentar com ela.

Lilian:

Ah sim.

Entrevistador:

E se o diretor chegasse e falasse que não teria mais disciplina de Matemática, o que você diria para ele?

Lilian:

Não. Diria para ele que não pode fazer isso não. A Matemática não pode tirar, não pode, não pode. Agora se ele chegasse e falasse para mim que não haveria mais a disciplina de educação religiosa. Eu falava tudo bem né, é uma opção sua, da escola. Isso eu acho bom, pra uma disciplina religiosa bom, mas se a escola não.... é.... acho que é mais de casa né... educação religiosa né, da disciplina. Aí a escola, falasse: não a educação religiosa não vai ter, aí tudo bem. Agora a Matemática e essas matérias são essenciais.

Entrevistador:

E por exemplo se o diretor chegasse e falasse que não teria mais Geografia ou Filosofia?

Lilian:

Geografia e???

Entrevistador:

Filosofia, Sociologia...

Lilian:

Ah não. Tem que ter também, precisa.

Entrevistador:

Entendi. E os maiores impactos assim que você acha que teve na pandemia com a aprendizagem do seu filho. Qual que foi? O que ele sofreu mais para aprender?

Lilian:

É, na questão da Matemática ele sofreu bem né. Ele precisava de mais acompanhamento né, na fala presencial ele tem ali o apoio do professor do ladinho dele né. Ele não aprendeu, ele já vai e pergunta né. Apesar que hoje em dia já poder procurar uns vídeos no YouTube. Mas não é a mesma coisa que está fazendo uma, uma aprendizagem, ela é presencial né.

Entrevistador:

Hm. Teve algum outro impacto que você acharia?

Lilian:

Algum impacto?

Entrevistador:

É, algo além dos professores estar distante, que mais você acha que....

Lilian:

Não. Não teve mais não!

Entrevistador:

Hm. Para finalizar a nossa entrevista, você acha que a aprendizagem do seu filho é de responsabilidade dele, da escola, do professor ou da família?

Lilian:

Da família!

Entrevistador:

A aprendizagem dele você acha que é de responsabilidade da família?

Lilian:

Sim. Primeiro a responsabilidade é da família. Nós temos eles, a gente somos responsável pela aprendizagem dele. A gente incentivar ele a estudar, procurar ter um crescimento, aprender mais, ser uma pessoa culta né, para futuramente ter uma profissão né.

Entrevistador:

É, o que você fala para ele sobre a escola?

Lilian:

A escola é muita boa, eu falo para ele que a escola está ali para ajudar ele né, e o que ele precisar é para procurar os professores né. E eu estou sempre participando de reunião da escola né, procura saber o que está precisando, como que está o

comportamento dele, como que ele tá nas disciplinas, nas matérias né, eu falo para ele isso.

Entrevistador:

Entendi. Tem alguma coisa, alguma consideração que você gostaria de fazer para a escola, alguma sugestão para mudar dentro da sala de aula, na direção, alguma sugestão que você gostaria de fazer? Algum comentário, algum assunto que te fez lembrar?

Lilian:

Hm... Eu gosto muito da escola Dr Humberto Sanchez. Ela é uma escola de renome né, o diretor lá é muito bom e.... e.... eu creio que é isso né. Eles estão ali para incentivar. Estão ali para apoiar os alunos a estudar né, eles estão ali pra isso. O que os alunos precisarem é só procurar eles né. Sempre que precisa eu vou lá converso com eles, são muito bons né.

Entrevistador:

A direção oferece uma boa assistência?

Lilian:

Oferece sim.

Entrevistador:

Lilian, então é isso. A conversa é essa. Foram 26 minutinhos, a gente acertou o tempo, rs. Agradeço muito viu pela sua participação. Ai assim que a gente transcrever toda as entrevistas a gente retorna para você tá bom.

Lilian:

Tá bom. Tá joia.

ANEXO J – Transcrição da entrevista com familiares e estudantes: Isabela e Victória

ENTREVISTA COM A ESTUDANTE

Entrevistador:

Então a gente está iniciando a gravação com a Vitória Nunes, vou tirar a máscara para ficar melhor.

Sua idade é 16, não é?

Entrevistador:

A profissão dos seus pais?

Victória:

A minha mãe, ela é confeitira.

Entrevistador:

Confeitira.

Entrevistador:

Você mora só com ela?

Victória:

Só.

Entrevistador:

Você sabe até quantos anos seu pai, sua mãe estudou?

Victória:

Acho que foi até a oitava série. Ela tinha 15 anos, eu acho.

Entrevistador:

Até oitava série, ela tinha 15 anos.

Está joia, a nossa entrevista ela tem 4 partes. A primeira parte foi essa. (Nota-se que havia comentado sobre o pseudônimo). A segunda agora a gente vai falar sobre a sua relação com a escola, tá bom?

Victória:

Tá bom.

Entrevistador:

Então não precisa ter medo de falar nada. É um momento que tem um perguntas, que é que são guiadas, mas qualquer vontade de falar uma coisa que lembrou que vem na cabeça é melhor pra gente.

Victória:

Uhum.

Entrevistador:

É como que você acha a sua escola antes da pandemia, você estudava aqui no ginásio antes?

Victória:

Estudava. Eu acho que era diferente, né? Tinha mais alunos.

Entrevistador:

Tinha mais aluno hoje, não tem?

Entrevistador:

Hoje não tem muito, mas eu acho que tinha mais alunos. As pessoas eram mais juntas.

Entrevistador:

Elas são mais distantes hoje? Sim, pessoal foi para onde saiu daqui do ginásio, foi para onde?

Victória:

Saiu, foi pra outras escolas e também.

Entrevistador:

Você acha que seria por causa do ensino integral? O que você acha?

Victória:

Sim, acho que sim e também o convívio das pessoas mudou muito. Mas o ensino continua normal.

Entrevistador:

O convívio das pessoas é, mudou na forma de estranhamento? Você acha que a pandemia deu um bloqueio no pessoal em casa?

Victória:

Sim. Deu.

Entrevistador:

E depois da pandemia?

Victória:

Depois da pandemia, foi um pouco difícil de se acostumar de novo a conviver com todo mundo.

Entrevistador:

Você sentiu um baque assim que?

Victória:

Senti!

Entrevistador:

Você ficou um ano, quanto tempo você ficou na pandemia sem estudar?

Victória:

Acho que quase 2 anos.

Entrevistador:

Quase 2 anos, você não teve pet?

Victória:

Teve só que era em casa, né aí.

Entrevistador:

Eles te davam um PET e você fazia em casa.

Victória:

Isso. (PAUSA)

Entrevistador:

Você gosta de estudar?

Victória:

Gosto.

Entrevistador:

Porque? Qual matéria assim, que você mais gosta?

Victória:

Eu gosto de português, matemática, essas assim.

Entrevistador:

Geografia, por exemplo. Que que você acha?

Victória:

Eu gosto também, eu gosto de todas as matérias, mas português, matemática são os que eu mais gosto.

Entrevistador:

E você se vê como como aluna que dentro da escola você se sente responsável pela sua educação?

Victória:

Sim, acho que sim, porque se eu não estudar, se eu não pegar firme, como que eu vou fazer uma faculdade?

Entrevistador:

E responsável pela sua aprendizagem, também?

Se atribuir alguma coisa ao professor, a família.

Victória:

Como assim?

Entrevistador:

É... eu não estou aprendendo porque o que o professor fala é difícil, ou eu não estou aprendendo que minha família não incentiva.

Victória:

Não.

Entrevistador:

Você acha que a responsabilidade é sua na sua aprendizagem?

Victória:

Sim.

Entrevistador:

Antes da pandemia, você falou que tinha mais gente aqui na escola, a sala era muito cheia ou a mais gente assim era da escola em si?

Victória:

Era da escola, era mais gente, teve alguns que pararem de estudar, que começaram a trabalhar.

Entrevistador:

Teve o pessoal que parou de estudar no ensino médio mesmo e iniciou o trabalho. Mas hoje a gente vê que parece que todo mundo é meio que aprovado nas escolas, não é? É, então, você pode se esforçar muito e a pessoa que se esforça pouco e acaba sendo aprovada também. É que que você acha disso?

Victória:

Então, o que a gente vai levar da escola? Conhecimento, não é?

Se a gente estudar, a gente vai levar aquilo para a nossa vida, mesmo se a gente for aprovado ou não. E se as pessoas não estudarem também não vai levar o conhecimento.

Entrevistador:

Mas aí se concorda que elas estão sendo aprovadas sem levar o conhecimento?

Victória:

Sim.

Entrevistador:

Concorda? Por que?

Victória: Porque igual eu, estou no segundo ano, e eu vejo o momento que a gente está passando que alguns estão sendo aprovados, sem fazer as coisas, sem tirar notas boas.

Entrevistador:

Mas aí você concordaria ou discordaria?

Victória:

Do que?

Entrevistador:

Que as pessoas estão sendo aprovados sem estudar.

Victória:

Sim! Igual na pandemia a gente pelo menos eu dava um duro para ali para entregar as coisas e tinha gente que nem fazia e passou de ano.

Entrevistador:

Você consegue explicar por que que isso acontece? Por que todo mundo é aprovado?

Victória:

Não sei.

Entrevistador:

Não passa nada na sua cabeça sobre?

Victória:

Não. (PAUSA)

Entrevistador:

Você acha que você, no caso, valoriza a escola?

Victória:

Eu acho que sim.

Entrevistador:

Você se vê como uma boa aluna, uma boa estudante?

Victória:

Sim, me vejo.

Entrevistador:

Você acha que a sua família valoriza também?

Victória:

Eu acho que sim.

Entrevistador:

Da sua família, além da sua mãe, quem que você considera?

Victória:

Tem a minha avó e os meus tios, só que eu não tenho contato.

Entrevistador:

Não tem contato com seus tios, nem com a sua avó?

Entrevistador:

Então a família perto seria só sua mãe?

Victória:

Sim.

Entrevistador:

Seu pai, a onde ele está? Como que é?

Victória:

Ele mora aqui em São Lourenço, mas ele tem outra família e também não tem contato.

Entrevistador:

Entendi, e ele deixou você com a sua mãe com quantos anos?

Victória:

Quando eu nasci.

Entrevistador:

Quando você nasceu, entendi. No meu caso, foi ao contrário. Minha mãe deixou quando eu nasci com meu pai. Você gosta, o que que você mais gosta aqui da escola? O que que você menos gosta?

Victória:

Eu, o que eu mais gosto, eu acho que é de estudar mesmo, de o professor estar lá na frente e dele explicar a matéria. E o que eu menos gosto é, às vezes algum aluno, não deixe o professor explicar ou desrespeito o professor.

Entrevistador:

Entendi. Você gosta então é de estar todo o dia ali, vendo novos conhecimentos, sendo passado? De copiar do quadro, fazer as atividades e os problemas seria os estudantes e colegas que fazem barulhos.

Victória:

Sim!

Entrevistador:

Mas se a diretora chegasse aqui na escola e falar assim: gente, a partir de amanhã não vai existir mais escola, vocês para casa. O que que você acha disso? Se não tivesse mais escola?

Victória:

Seria horrível. Eu ia ficar me sentindo culpada por não ter aproveitado o tempo que eu tinha para estudar mais. (PAUSA)

Entrevistador:

Seria isso?

Victória:

Sim!

Entrevistador:

Que mais coisas assim?

Victória:

De não ter escola?

Entrevistador:

É, você reagiria no primeiro dia assim. Daqui um daqui 1 mês assim, sem escola, daqui 1 ano sem escola?

Victória:

Eu ficaria muito mal, porque.

Entrevistador:

De que forma que você sentiria culpada?

Victória:

Culpada de estar em casa sem fazer nada, não gerando um conhecimento que eu deveria. (PAUSA)

Entrevistador:

Mais alguma coisa?

Victória:

Não.

Entrevistador:

Se tivesse a oportunidade de mudar escola, você mudaria alguma coisa? Toda essa estrutura de ir para a sala ter a aula é ter, ter um momento de intervalo, ter um momento de recreio, ter os projetos de vida, as pesquisas do que tem laboratório, experiência no em sala de informática, pessoal da cantina. As profissionais que vêm vocês fora da sala, que que você mudaria?

Victória:

Eu acho que seria... Eu acho que eu faria mais coisas para os alunos poder se ajuntar com os professores para poder a gente se ajuntar com os professores, para poder a gente se ajudar.

Entrevistador:

Então ser buscaria meios para a socializar mais, unir mais os estudantes entre si e com os professores.

Victória:

Sim!

Entrevistador:

Você acha que a relação é distante? Foi para uma das primeiras coisas que você iniciou falando né? Que depois da pandemia, parece que o pessoal ficou distante um do outro?

Victória:

Sim, eu acho que foi porque a gente ter ficado tanto tempo em casa, tanta coisa acontecendo, eu acho que distanciou um pouco as pessoas.

Entrevistador:

Entendi. Na sua turma aqui na escola você tem colegas, amigas?

Entrevistador:

Tenho bem pouco, mas tenho.

Entrevistador:

Mas você acha que isso é comum, não é? Se fosse uma pessoa desconhecida, também que senta do outro lado da sua sala que você não conversa. Você acha que é parecida essa situação com ela, de ter poucos amigos? De selecionar assim?

Victória:

Como assim?

Entrevistador:

Com essa volta da pandemia a gente teve problemas de socializar, não é? Que você está levantando que o pessoal ficou mais desunido e tudo. Você acha que outra pessoa tá pensando dessa forma também?

Victória:

Eu acho que sim.

Entrevistador:

Acho que é comum esse sentimento assim na sala? O pessoal já é meio desunido, então.

Victória:

Uhum, sim.

Entrevistador:

Por que que você acha que existe essa desunião na sala? Tem rixa?

Victória:

Eu acho que tem, eu acho que é porque cada um gosta de uma coisa e outras pessoas gostam de outras, e aí não se encaixa. Não se encaixa os mesmos gostos.

Entrevistador:

Mas tem sempre tem os seus grupinhos, não é isso?

Victória:

Isso.

Entrevistador:

Isso é na vida também.

Entrevistador:

Então se vocês pudessem mudar a escola, seria ser mais um unido pessoal, fazer um projeto para unir mais o pessoal. Você considera que a escola ela vai te preparar para as coisas da vida?

Victória:

Para as coisas da vida, exemplo de que?

Entrevistador:

A vida é muito, é muito grande, não é? Pode acontecer muitas coisas. A vida é a vida, é o, é o viver.

Entrevistador:

Eu saio aqui na rua, encontrou alguém desconhecido, eu posso conversar com ela, é uma coisa da situação da vida ou eu posso estar me preparando para o, para o trabalho. Então saio daqui, vou para um outro trabalho, onde lá eu utilizo preciso analisar gráfico ou preciso ter uma comunicação muito boa com os com os clientes. A vida é essa, essa parte de trabalho ou relação com pessoas. Então eu tenho a família de querer ajudar. É a família de manter o legado, de manter o patrimônio ou uma relação com o namoro então eu tenho uma relação interpessoal, de querer conhecer a pessoa, a cabeça dela, os problemas, pra saber se posso ajudar se eu não posso, se bate comigo. A vida é muito grande, então a escola, ela tenta te mostrar isso da forma que ela é estruturada com os momentos de interação com as aulas dentro da sala, fechada, com os momentos de pesquisa, com os momentos de educação física.

Então, comparando assim, ó com a com a vida que você tá tendo, que você vai ter que você vai continuar tendo com a escola. A escola ela te prepara assim para as coisas que se acontece na rua, para o trabalho, para relações entre pessoas? Elas se acham que ela te prepararia para a vida?

Victória:

Então eu acho que não, a escola não te ensina como que você deve viver na sociedade. A gente enfrenta desafios aqui na escola e com esses desafios a gente vai aprendendo.

Entrevistador:

Que desafia assim que se encontra na escola?

Victória:

Por exemplo, convivência. Às vezes a gente não está aprendendo alguma coisa de alguma matéria.

Entrevistador:

Entendi. (PAUSA) Em questão de convivência, seria não se dar bem com alguém, se vê que não tem como agradar todo mundo nesse mundo, mas alguma coisa? Que outra coisa mudaria assim na sua vida?

Victória:

Na minha vida, na escola?

Entrevistador:

É que a escola estaria te preparando para lidar com a vida?

Victória:

Eu não sei.

Entrevistador:

Mais nada?

Victória:

Não.

Entrevistador:

Então além da relação entre as pessoas não teria outra que conseguiria imaginar. Você consegue imaginar, por exemplo, português? Você acha que te ajudaria alguma coisa na sua vida?

Victória:

A matéria de português?

Entrevistador:

É tudo o que você vê em português no ensino fundamental no ensino médio?

Victória:

Acho que sim. Para aprender, a fazer as provas, aprender a escrever direito.

Entrevistador:

E Geografia, por exemplo?

Victória:

Eu acho que algumas coisas acho que eu vou usar.

Entrevistador:

Mas parece que não tem uma receita pronta para isso?

Victória:

Isso.

Entrevistador:

E que as pessoas são diferentes.

Entrevistador:

Vamos iniciar uma a parte C então, agora a gente vai falar sobre a sua relação com a disciplina de Matemática. Você gosta da disciplina de Matemática? Por que que você? Por que que você gosta?

Victória:

Ai eu gosto de fazer as contas de resolver. De pensar e o que eu tenho que fazer ali.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que é importante estudar matemática?

Victória:

Sim. Porque assim, porque, além da Matemática, a gente estuda física e química também e a gente precisa pra poder fazer.

Entrevistador:

Então além da Matemática, a gente estuda física e química, onde a gente usa a matemática também?

Victória:

Isso.

Entrevistador:

Mas o que que é matemática para você? Você a associou com a física e a química. Mas a Matemática em si seria o que para você?

Victória:

Como assim?

(PAUSA DA GRAVAÇÃO POR CONTA DO BARULHO)

Entrevistador:

Então, retornar na gravação. O que que seria matemática para você?

Victória:

Deixa eu ver...

Entrevistador:

Neste momento, é o momento que tem para falar tudo o que vem na cabeça, então, se sair, se achar que vai sair de forma errada alguma fala, se vai sair meio desconexa, não tenho problema.

Victória:

Acho que é uma matéria onde a gente tem que pensar, o momento de pensar.

Entrevistador:

Seria um momento pra pensar. E Ciências, o que seria Ciências para você?

Victória:

Ciências, eu gosto.

Entrevistador:

O que que seria as ciências para você?

Victória:

Ciências pra mim, eu acho que é um que a gente mais estuda e tem mais conhecimento que tem mais livros para ler.

Entrevistador:

Você estaria associando isso alguma coisa de aplicação?

Victória:

Como assim?

Entrevistador:

Ciências teria mais aplicabilidade?

Victória:

Eu acho que sim.

Entrevistador:

Até agora, você não falou o que que é Matemática. Você falou que seria uma coisa para que faz a gente pensar. Seria mais, mais alguma outra coisa?

Victória:

Não, não consigo pensar agora em que seria Matemática.

Entrevistador:

Seria números, seria forma, seria....

Entrevistador:

O que que seria será? Depois eu retomo essa pergunta, então. Mas para você, seria uma matéria para pensar.

Victória:

Sim!

Entrevistador:

Você considera boa como aluna nas aulas de Matemática?

Victória:

Agora é mais ou menos, porque a gente está estudando matérias novas, que tem fórmulas aí para guardar tudo. É difícil.

Entrevistador:

Agora a gente está no segundo bimestre. Que matéria que você está vendo no no...

Victória:

Na matemática? É sobre como como calcular a base do cilindro, do cone, área lateral.

Entrevistador:

Entendi. Então é geometria plana, geometria espacial.

Victória:

É.

Entrevistador:

E sua relação professor? Seu professor é o José Marcelo, como é sua relação com ele?

Victória:

Sim, ele é muito bom, eu gosto muito dele. Ele é um ótimo professor.

Entrevistador:

Por que você acha que ele é um ótimo professor?

Victória:

Porque ele, além de explicar, ele pergunta para cada aluno que é que está com dificuldades, se entendeu.

Entrevistador:

Ele dá uma atenção individual para cada um?

Victória:

Sim. (PAUSA)

Entrevistador:

Entendi. E como é que é as aulas dele, como que são as aulas de matemática dele?

Victória:

Ele chega na sala e pergunta se tem algo para corrigir e aí ele vai corrigindo. Aí vai perguntando para a gente. (PAUSA)

Entrevistador:

Ele utiliza algum modo diferente de dar aula ou só usa quadro, exercício, prova?

Victória:

Ele tem umas formas geométricas que ele pega e ele mostra pra gente.

Entrevistador:

De manusear?

Victória:

Sim. Aí vai passando pela sala.

Entrevistador:

Entendi. Além disso, alguma coisa de utilizar recurso tecnológico, levar para, para campo, fazer alguma pesquisa?

Victória:

Não. Ainda não.

Entrevistador:

Mas se você fala que você gosta, não é? De estar o professor lá transmitindo conhecimento, e você anotando.

Victória:

Sim! (PAUSA)

Entrevistador:

Como que você acha que deveria ser as aulas de Matemática?

Se fosse para você, falar assim, tinha que ser dessa forma. Que forma séria?

Victória:

Eu acho que o que poderia mudar, eu acho que ele poderia perguntar mais para a gente, por exemplo, ele tá lá é faz, tá resolvendo? Ele poderia perguntar pra gente, o que que a gente fez pra ele colocar lá no quadro pra ver se estaria certo.

Entrevistador:

Entendi. Então os momentos de resolução das atividades dele seria como uma palestra, tipo. É, primeiro você vai fazer dessa forma, vai fazer dessa outra forma. E no meio da questão, já não dá aquela pontada assim e diz: Vitória, que que você fez a partir disso?

Victória:

Sim!

Entrevistador:

Você gostaria que fosse mais sociável no momento de resolver as atividades?

Victória:

Sim!

Entrevistador:

E quando ele teria alguma coisa para mudar?

Victória:

Não, acho que não.

Entrevistador:

Hoje você falou que ele explica no quadro, não é? Escreve os conteúdos. No quadro, você teria alguma outra ideia de ensinar matemática?

Victória:

Não, acho que não. (PAUSA) Ele explica muito, explica. Ele faz os desenhos no quadro.

Entrevistador:

Ele contextualiza, dá exemplos? Ele tenta buscar alguma coisa da vida assim para aplicar a Matemática?

Victória:

Sim!

Entrevistador:

Entendi. Consegue lembrar algum exemplo que ele deu? Foi assim, eu estou aprendendo o volume de um cubo. Já aprendeu?

Victória:

Sim!

Entrevistador:

É ele dá uma aplicabilidade, ou ele fala, é a área da base, vezes, altura.

Victória:

Uma uma vez ele, a gente estudava lá em cima. Ele usou o exemplo do tamanho da sala, é qual o tamanho que era a altura, a largura e aí a gente entendeu mais ou menos.

Entrevistador:

Entendi. Foi para ter uma noção geométrica das coisas?

Victória:

Sim. (PAUSA)

Entrevistador:

Hm, você acha que deveria ser diferente as aulas de Matemática?

Victória:

Em relação ao professor, não, mas aos alunos, sim. Acho que os alunos deveriam ter um pouco mais de educação com o professor, não só nas aulas de matemática, mas em todas as aulas, para poder deixar o professor explicar.

Entrevistador:

Mas é específico com o Zé Marcelo ou, em geral, com os outros professores.

Victória:

Em geral.

Entrevistador:

Se fosse para falar assim para, para a direção, para a Samanta, é para mudar alguma coisa. Você mudaria o que em relação a isso? Só a comunicação entre os estudantes mesmo?

Victória:

É. Eu acho que não tem que fazer, porque falando já não resolve.

Entrevistador:

Entendi, e o que seria uma aula sem matemática para você? Se é ao invés de não ter escola, a diretora chegasse aqui e falava: gente, agora não tem mais aula de matemática. Vai ficar uma lacuna vaga e a gente vai preencher com outro conteúdo. É como que você reagiria?

Victória:

Então, eu acho que no começo seria até que: “nossa que legal não ter mais matemática”, mas depois eu ia sentir uma falta porque a gente precisa de matemática pra poder.....

Entrevistador:

Você acha que em que precisa em que?

Victória:

Pra tudo que a gente for fazer. Não sei usar o exemplo, mas a gente precisa de matemática para fazer as contas, para poder, por exemplo, fazer uma receita. A gente precisa de matemática. (PAUSA)

Entrevistador:

E a matemática que se aprende hoje aqui na sua escola, você acha que vai ser útil para a sua vida?

Victória:

Eu acho que sim.

Entrevistador:

Porque de que forma que ela seria útil? Você falou contas e receitas, não é?

Além de dar um exemplo assim, na nas contas, na receita, o que ela seria útil para a sua vida?

Victória:

Mas como assim?

Entrevistador:

Como que você usaria matemática em contas? Seria conta de dinheiro?

Victória:

Sim, teria conta de dinheiro. (PAUSA)

Entrevistador:

E a outra seria na...

Entrevistador:

A receita.

Entrevistador:

Nas receitas, que forma que você usaria a matemática nas receitas?

Victória:

Porque pra eu poder saber quanto que são $\frac{3}{4}$ de farinha, eu tenho que saber matemática.

Entrevistador:

Saber proporção né? Fração?

Victória:

Sim. (PAUSA)

Entrevistador:

Então, esses exemplos que você pode me dar aqui, a matemática que você aprendeu na escola são esses de dinheiro e de proporções de receita que irá usar na vida?

Victória:

Sim. (PAUSA)

Entrevistador:

E que a matemática para você?

Victória:

(PAUSA)

Nossa, não me vem nada na mente.

Entrevistador:

Você tem alguma dúvida, algum problema nas aulas de matemática que você acha que é problema seu?

Victória:

Não!

Entrevistador:

Você atribui as suas dúvidas na aula o problema a você, a escola, ou a sua família?

Victória:

Nossa, agora me pegou.

Entrevistador:

Você vai assim: Aí eu não estou aprendendo este conteúdo aí é uma, as vezes é uma coisa que brigou com a namorada, com o namorado. Não estou, não sabe, não tá conseguindo prestar atenção na aula ou é o professor que explica muito ruim ou é a família que bota pressão. Você atribui quando você não aprende algum conteúdo aqui a você, a escola, o professor, a família?

Victória:

Às vezes é falando em geral, às vezes é o professor que às vezes não está explicando de uma forma que a gente possa entender e às vezes é a mim. (PAUSA)

Entrevistador:

E quando é você assim, você, na maioria dos casos, estaria com o pensamento aonde?

Victória:

Às vezes em alguma coisa que aconteceu fora da escola.

Entrevistador:

Seja de ruim ou de bom?

Victória:

Sim. Às vezes lá na frente, lá no futuro.

Entrevistador:

Tem uma ansiedade assim, de se não aprender matemática vai acontecer.

Victória:

É, mais ou menos assim.

Entrevistador:

Antes e agora da pandemia. Antes e agora na pandemia que que a sua família falava sobre os estudos antes e agora? Mudou alguma coisa?

Victória:

Não mudou, não.

Entrevistador:

Eles te ajudam na ajudavam antes ajudou durante.

Victória:

Sim, a minha mãe ela sempre me ajuda como ela pode, né? Porque ela não teve o estudo completo, mas ela me ajuda como pode.

Entrevistador:

Entendi. Durante a pandemia, ela te auxiliava de que forma? Ela falava assim, está resolvendo o PET, se já entregou, já pegou outro.

Victória:

Sim, ela ficava assim mesmo.

Entrevistador:

Mas ela pegava o PET seu fazendo?

Victória:

Não!

Entrevistador:

Ela te auxiliava de que forma?

Victória:

Ela perguntava se já tinha feito aí, às vezes ela pedia para ver o meu caderno. É mostrava para ela. Aí eu falava pra ela que tinha prova, trabalho para entregar. (PAUSA)

Entrevistador:

Em que, assim, os estudos de matemática que ela já te ajudou? Você lembra de algum? Ela entende de matemática?

Victória:

Ela entende o básico, mas nunca me ajudou, não. Às vezes ela tentou, mas eu não....

Entrevistador:

Ela não te ajuda porque ela não sabe né?

Victória:

Sim. Do jeito que ela explicava eu não entendi.

Entrevistador:

Entendi, e ela tem algum medo? Você acha que ela tem alguma espécie de medo de ensinar? Não vai ensinar não, porque eu vou estar ensinando errado alguma coisa assim?

Victória:

Eu acho que sim. Eu acho que tem. (PAUSA)

Entrevistador:

Tem mais alguém da sua família que te incentiva a estudar?

Victória:

Me incentivam, não do jeito que a minha mãe me incentiva, mas de um jeito diferente. Por exemplo, eu não quero é me tornar aquilo que eles se tornaram e por isso tenho que estudar. Eu não quero ter o mesmo trabalho que eles trabalham por isso eu tenho que estudar.

Entrevistador:

Então você atribui o estudo a um bom trabalho?

Victória:

Sim!

Entrevistador:

Eles quem você tá falando?

Victória:

É por parte da minha mãe, a minha avó, a minha tia e o meu tio.

Entrevistador:

Mas esse conceito de que você tem veio da sua mãe ou sua mãe falou assim: estuda se não, você vai ter que...

Victória:

Não!

Entrevistador:

É de você mesmo. Você construiu isso?

Victória:

Uhum. (PAUSA)

Entrevistador:

Tem mais alguém, mas que te incentiva a estudar?

Victória:

Não.

Entrevistador:

Porque o que você falou agora parece ser você mesmo. Tem mais além da sua mãe, ninguém mais é te incentivo a estudar?

Victória:

Não.

Entrevistador:

Você gostaria que tivesse alguém? O que você acha disso?

Victória:

Eu acho que sim, sempre é bom a gente ter alguém para nos auxiliar, apoiar.

Entrevistador:

Ou dar um suporte, né?

Victória:

Sim.

Entrevistador:

Que profissão que você gostaria de seguir? Você já tem alguma profissão em mente?

Victória:

Eu já tenho, mas eu ainda estou em dúvida entre duas, ou eu quero ser médica ou advogada.

Entrevistador:

Entendi. Você já se preparou para o Enem? Já pensa alguma coisa assim?

Victória:

Sim.

Entrevistador:

Só um momento vou fechar a porta aqui.

Entrevistador:

Então estamos indo para a última parte agora que são 10 perguntas. Essa parte D a gente vai ver como que você vê a participação da sua família na sua vida escolar.

Victória:

Tá.

Entrevistador:

Você falou que mora na sua casa, é você e sua mãe, só vocês 2?

Victória:

Sim, sim.

Entrevistador:

Você considera mais alguém a sua família?

Victória:

Não.

Entrevistador:

Então, aí e é assim o termo família como é que você escreveria isso? Tipo minha família é para agregar mais alguém na minha família. Ela teria que ser dessa forma para eu chamar de família.

Victória:

Família, para mim é, são pessoas que somam na sua vida. São pessoas que te amam ou te respeitam e estão ali ao seu lado para te apoiar, para te ajudar. São pessoas que querem o eu bem.

Entrevistador:

Hm. E de que forma a sua mãe ela participa assim da sua vida escolar? Além do que, você já falou.

Victória:

Como assim?

Entrevistador:

De que forma na sua infância ela participou da sua vida escolar? Ela te levava para a escola, você ia de ônibus, de van escolar, ela te buscava, ela participava das reuniões?

Victória:

Quando eu era bem pequena, ela não participava porque ela trabalhava bastante. Aí quem levava na escola e nas reuniões eram a minha vó. Aí eu fui crescendo, aí a minha mãe começou a participar mais. Ela ia nas reuniões. Ela ia conversar com a professora.

Entrevistador:

Naqueles momentos festivos, assim que tinha na escola de Dia das Mães, festa Juninho, né? Antes, tinha bastante interação. Assim ela participava também?

Victória:

Participava. (PAUSA)

Entrevistador:

E quando você era menor até hoje, assim, em algum momento ela te ajudou, no seu dever de casa, tarefas, você tem dever de casa?

Victória:

Sim.

Entrevistador:

O Zé Marcelo. Ele passa o dever de casa vocês entregarem no outro dia?

Victória:

Passa, passa algumas coisas do livro. (PAUSA) (NOTA-SE QUE DUAS ESTUDANTES FALARAM COISAS OPOSTAS, NAHOMMY DISSE QUE NÃO TINHA)

Entrevistador:

E então a sua mãe no casa ela te ajudava no dever de casa também que vocês tinham. Ela era muito brava? Como você vê a situação dela em te ajudar?

Victória:

Ela é muito brava e quando era pequena ela não tinha muita paciência para me explicar. Aí acabava que eu não entendia muito, aí ela ligava para a professora de noite, aí o professor tentava me explicar.

Aí acabava que eu não entendia nada, eu ia fazer só no dia seguinte.

Entrevistador:

Então ela ligava assim para a professora de noite?

Victória:

Ligava!

Entrevistador:

Você considera que ela se interessa, pergunta pelas coisas que acontecem na sua escola?

Victória:

Sim. Todo dia ela pergunta.

Entrevistador:

O que ela pergunta assim?

Victória:

Ela pergunta como que foi, o que que eu tive na escola, que que foi a comida, se acontecer alguma coisa.

Entrevistador:

Ela manda você estudar ainda?

Victória:

Como assim?

Entrevistador:

“Pô, vai estudar! Procura um negócio de concurso para fazer, estuda para fazer o Enem, estuda isso. Ela te manda estudar?”

Victória:

Não manda, mas ela fala: Vitória, cê tem que estudar, você tem que pegar firme.

Entrevistador:

É um negócio de imperatividade, não é? Você precisa fazer isso, entendeu? (PAUSA) Que mais que ela fala assim sobre você, precisa estudar, você precisa fazer isso.

Victória:

Acho que é isso.

Entrevistador:

Não tem nada que martela assim, que fala assim: Nossa minha mãe fala sempre que eu preciso...”

Vou te dar um exemplo que em uma entrevista a pessoa falou que a mãe sempre falava que precisa estudar para entrar na aeronáutica, você precisa estudar para entrar na nessa faculdade, fazer esse curso, ela direciona dessa forma, ou ela te direciona dessa forma ou ela te da mais uma orientação geral e deixa você escolher o que quer?

Victória:

Ela fala para mim: Vitória, eu tenho que estudar para ser alguém na vida, para fazer uma faculdade, ter um trabalho bom.

Entrevistador:

Ela atribui estudo a ser alguém na vida. Ela já falou isso?

Victória:

Sim.

Entrevistador:

Entendi. E como é que você acha? Como que você lida com essa frase? Você acha que é verdadeira?

Victória:

Olha, eu acho que por partes eu acho que o que ela quer dizer é porque ela fala: Vitória, não siga o mesmo exemplo que eu segui de largar os estudos porque na época dela era difícil e ela parou de estudar porque ela engravidou de mim. Aí ela falou: Vitória, não siga o mesmo caminho que eu segui de parar de estudar. Você tem que estudar. Se alguém na vida para ter um trabalho bom.

Entrevistador:

Entendi. Então também ela associa o estudar a ter um trabalho bom.

Victória:

Sim.

Entrevistador:

Você vê ela lendo o livro, comentando a de estatística no jornal de guerra de coisas que envolveria a matemática em jornais, televisão, ou estudando alguma coisa, especializado em alguma coisa que se interessaria como bolo. Como preparação de novas receitas, é de confeitaria, né? Você a vê pegando coisas para especializar, estudar, entendeu?

Victória:

Sim. Vejo. Uhum.

Entrevistador:

É livrinho de que?

Victória:

É livro de.. igual ela estava fazendo um curso de confeitaria, aí ela estudava em casa e às vezes a moça mandava pelo celular para ela.

Entrevistador:

E os jornais, assim quando vocês vêem estatística no jornal, vocês comentam? Tem momentos que vocês param para jantar junto, almoçar junto, assistindo televisão assistindo o jornal e vê essas questões?

Victória:

Uhum.

Entrevistador:

Previsão do tempo, sobre a inflação, sobre coisas que está caro, vocês conversam sobre isso?

Entrevistador:

Sim, a gente conversa. (PAUSA)

Entrevistador:

Então ela além dela, você a vê lendo o livro, se especializando, comentando sobre essas coisas dos jornais. Vocês também conversam sobre isso?

Victória:

Sim. (PAUSA LONGA)

Entrevistador:

E como que é a reação dela diante as suas notas? Se considera que são boas ou ruins?

Victória:

São boas. Ela fica feliz por eu tirar notas boas.

Entrevistador:

Você nunca assim desapontou ela nas suas notas?

Victória:

Acho que já deve ter tido um momento que sim, mas não lembro.

Entrevistador:

Então não teve nenhum momento que ela falou e você ficou tipo: que bosta não precisava falar isso agora que eu vou estudar mais mesmo.

Victória:

(RISOS) Não.

Entrevistador:

Não teve nada? você sempre foi uma boa, uma boa estudante?

Entrevistador:

Seus pais ou seus pais ou responsáveis comenta coisas sobre a matemática com você? Sua mãe, ela fala sobre a matemática com você?

Victória:

Não.

Entrevistador:

Por exemplo, não utilizam termos como: “Calcula aqui comigo isso, se você pensar de forma matemática é assim, que matematicamente é dessa forma”.

Victória:

(RISOS) Não.

Entrevistador:

Não utilizam esses termos então.

Victória:

Não.

Entrevistador:

Nada de Matemática assim? Você fica perto dela quando ela está trabalhando? Quando está produzindo alguma encomenda, algum pedido.

Victória:

Às vezes, sim.

Entrevistador:

Você a vê utilizando ferramentas que usa a Matemática nisso? Além de copo..

Victória:

Sim. Balança..

Entrevistador:

Ela nunca fala ou narra o que ela está trabalhando para você?

Victória:

Não. (PAUSA LONGA)

Entrevistador:

Que que ela fala assim sobre a matemática, o que ela fala nada sobre a escola?

Victória:

Ela fala que a escola é uma oportunidade de aprender, de obter conhecimento.

Entrevistador:

Você acredita que ela valoriza a matemática, a disciplina de matemática ou é indiferente, ou não, não serve para nada?

Victória:

Não sei, eu acho que ela deve valorizar assim.

Entrevistador:

Já que ela deve ter trabalho com isso. Em que mais a sua família te inspira, quer dizer, quem da sua família, perdão, quem da sua família você se inspira no aspecto educacional? Por exemplo, Eu queria. Eu. Eu me inspiro no meu primo que estudou tanto dessa forma, queria ser e estudar igual também. Tem alguém da sua família que te inspira no aspecto educacional?

Victória:

É, tem algumas primas por parte da minha avó, que é por parte da minha mãe que tenho. Ela se formou em advocacia e eu acho que é ela.

Entrevistador:

Entendi. Você falou que gostaria de fazer direito ou medicina não é. É medicina normal, medicina veterinária?

Victória:

Medicina normal.

Entrevistador:

Então seria suas primas.

Victória:

Sim!

Entrevistador:

São por parte de mãe?

Victória:

Sim. São sobrinhas da minha mãe.

Entrevistador:

Então tá joia. As perguntas seriam essas mesmas. A última seria a pessoa você indica da sua família para ser entrevistada. Eu vou falar com a sua mãe mesmo, tá? Não é? As perguntas que ela vai responder não são 30 como a gente conversou aqui agora, são só 11 então vai ser mais rapidinho e muito obrigado pela sua participação.

Victória:

Magina, eu que agradeço.

Entrevistador:

Tá, então fica com Deus.

ENTREVISTA COM O FAMILIAR

Entrevistador:

Pronto, a gente iniciou então a gravação da entrevista, vai ser duas etapas, uma parte de identificação e uma parte sobre a sua relação com o seu filho escola, tá bom? Tá dando para ouvir?

Amada do Senhor:

Ta! Ta dando pra ouvir?

Entrevistador:

Qual seu nome inteiro?

Amada do Senhor:

Isabel Pereira Nunes.

Entrevistador:

Sua idade?

Amada do Senhor:

Eu tenho 32 anos.

Entrevistador:

Qual a sua profissão?

Amada do Senhor:

Eu sou de tudo um pouco disso.

Entrevistador:

De tudo um pouco? Quais atividades você mais exerce para ter renda?

Amada do Senhor:

A que eu estou exercendo mais é confeitadeira.

Entrevistador:

Você é a única que gera renda para a família né?

Amada do Senhor:

Isso.

Entrevistador:

Beleza. A sua identidade vai ser mantida em segredo. Ela só. A gente só vai conseguir é identificar a você pelo pseudônimo que você criar ou se você quiser utilizar seu nome também pra gente, conseguir identificar nos seus resultados da pesquisa, você gostaria de utilizar seu nome ou outro nome?

Amada do Senhor:

Pode ser Amada do Senhor.

Entrevistador:

Amada do Senhor.

Tá joia. A segunda parte é sobre a escola e a disciplina de matemática, como foi sua vida na escola?

Amada do Senhor:

Minha vida quando eu fui mais nova não foi muito boa não.

Entrevista:

Não? Você estudou até que ano?

Amada do Senhor:

Eu estudei até a sétima série.

Entrevistador:

O que que tinha nela que você falou que não foi muito boa?

Amada do Senhor:

Na verdade, eu tinha muita dificuldade com a aprendizagem né. A gente dormia muito tarde e ia trabalhar cedo né. Porque a mãe nossa botava a gente para trabalhar. Aí chegava tarde que tinha que trabalhar no outro dia tinha que ir para escola. Então a gente tinha muita dificuldade em aprendizagem.

Entrevistador:

Você estudou até a sétima série e deixou a escola por que razão?

Amada do Senhor:

Porque eu engrav... porque tomei duas bombas na escola, eu bombei duas vezes reprovada. Depois engravidei da minha filha.

Entrevistador:

Você engravidou da Victória com quantos anos?

Amada do Senhor:

Com 16 anos.

Entrevistador:

Com 16. Aí você largou na sétima série mesmo a escola.

Amada do Senhor:

Após ser reprovada duas vezes na sétima.

Entrevistador:

O ensino lá era como? Você estudou na escola em São Lourenço?

Amada do Senhor:

Eu estudei em São Lourenço. Estudei na escola Mario Junqueira Ferraz e depois estudei no Polivalente.

Entrevistador:

Entendi, na mesma escola que a Victória né.

Amada do Senhor:

Isso. O aprendizado do estadual era bom na época.

Entrevistador:

Você considerava... o ensino assim era bom como?

Amada do Senhor:

Ah, a gente tinha respeito pelos professores né. A educação que os pais da gente passavam pra gente, a gente mantinha na sala de aula. Diferente de alguns alunos hoje né. Eu vejo minha filha reclamar todos os dias que tem alguns alunos que não respeita os professores.

Entrevistador:

Isso foi um ponto mesmo que ela levantou de que se deve ter mais respeito com o professor.

Amada do Senhor:

Exatamente.

Entrevistador:

E você gostava das suas aulas que tinha?

Amada do Senhor:

Eu gostava muito das aulas do professor José Marcelo. Ele é professor de Matemática.

Entrevistador:

Ah, você teve aula com o professor José Marcelo?

Amada do Senhor:

Tive!

Entrevistador:

Entendi. Eu também tive aula com ele.

Amada do Senhor:

Ah, você teve aula com ele também? Ele é uma benção.

Entrevistador:

Ele é muito bom né.

Amada do Senhor:

É até hoje. A minha filha gosta muito dele.

Entrevistador:

Ela comentou mesmo pra mim. Então você gosta de Matemática?

Amada do Senhor:

Não, na verdade não. (RISOS)

Entrevistador:

Por que você não gosta?

Amada do Senhor:

Não é que eu não gosto, é um pouco de dificuldade mesmo de não ter terminado a escola. Por ter tido filha muito nova e não ter conseguido terminar a escola né.

Entrevistador:

Entendi. Você lembra como era as suas aulas de Matemática?

Amada do Senhor:

Eram bem divertidas.

Entrevistador:

O seu professor o único que você teve foi o Zé Marcelo, de Matemática?

Amada do Senhor:

Na verdade, teve o Roberto que deu técnicas comerciais para a gente. Quando o Zé Marcelo não podia ele supria as aulas dele.

Entrevistador:

Técnicas comerciais era uma disciplina?

Amada do Senhor:

Na verdade, era baseado em Matemática também.

Entrevistador:

Entendi. E você considera que gostava das aulas?

Amada do Senhor:

Eu gostava da aula dele.

Entrevistador:

E para você assim, o que você acha que é Matemática?

Amada do Senhor:

Deixa eu falar uma coisa pro senhor, está cortando a ligação e não te ouvi.

Entrevistador:

Pra você assim, o que seria Matemática para você? O que você acha que seja Matemática?

Amada do Senhor:

Ah, é um dos pontos bem diferenciado para as crianças aprender as coisas na escola. Entrar numa faculdade. Acho que a Matemática é importante né, o aprendizado de somar né.

Entrevistador:

Entendi. Se você para você definir, Matemática pra mim é?

Amada do Senhor:

Matemática pra mim é um pouco dificultoso, mas porem, ajuda muito né a criança se desenvolver né. Desenvolvimento com as coisas. A minha filha quando ela era mais nova, ela tinha muito dificuldade com Matemática, aí Deus preparou de eu pagar uma professora particular para ela uma vez na semana e foi a onde ela aprendeu a gostar de Matemática né. Aquele bloqueio que ela tinha nas aulas de Matemática, hoje ela pode ajudar outras crianças através do aprendizado da Matemática.

Entrevistador:

Entendi. Ela tinha aula de reforço de Matemática?

Amada do Senhor:

Era particular, não era na escola não. Era particular.

Entrevistador:

Essas aulas particulares ela tinha quantos anos?

Amada do Senhor:

(NESTE MOMENTO ELA PERGUNTA PRA SUA FILHA) Nove para dez anos.

Ela ficou 2 anos fazendo aula com a Soninha.

Entrevistador:

Nove pra dez. Seria terceira série? Quarta?

Amada do Senhor:

Era o quarto e quinto ano isso.

Entrevistador:

Quarto e quinto ano, isso. E você usa Matemática na sua vida?

Amada do Senhor:

Olha aqui, eu vou ser muita sincera com o senhor. Eu uso viu.

Entrevistador:

Você disse que trabalha com confeitaria né. O que você usa de Matemática em confeitaria, você conseguiria dar exemplo?

Amada do Senhor:

A gente usa peso, a gente usa... vamos supor que usa cliente encomenda 50 docinhos, a gente faz, a gente tem uma bancada já com bolinhas marcadas. A gente coloca lá as bolinhas certinhas do brigadeiro e dos docinhos, então a gente usa bastante coisa.

É fundamental Matemática, se não tivesse Matemática como que a gente ia entender as coisas né.

Entrevistador:

Entendi. Você usa proporção também de Matemática?

Amada do Senhor:

Isso. Proporção, porcentagem, acho que é isso mesmo, é porcentagem que fala né.

Entrevistador:

Isso. Porcentagem também.

Entendi. Você considera que a família deve participar do processo do desenvolvimento escolar dos estudantes?

Amada do Senhor:

Tem que participar sim. Muito importante.

Entrevistador:

Entendi. Você incentiva a Victória a estudar?

Amada do Senhor:

Nossa bastante viu abençoado. Incentivo bastante porque ela e as outras crianças são o presente e o futuro, né, do amanhã, para que eu possa ter uma coisa... eu já estou pensando lá na frente né. Eu falo que a aposentadoria minha vai vir dela, porque tudo que eu faço, o pouco que eu faço é pro melhor né e é pra somar na vida dela e aí entra a Matemática né, de somar, uma coisa a mais na vida.

Entrevistador:

Entendi. Você consideraria que estaria investindo nos estudos dela?

Amada do Senhor:

Exatamente. Eu fico muito em cima dela em relação a escola.

Entrevistador:

E você verifica ou faz perguntas sobre o que acontece na escola e nas aulas?

Amada do Senhor:

Todo dia. Eu já chego na hora do serviço e pergunto pra ela, como foi o dia, o que aconteceu, como que está com os professores, se teve algum problema com algum aluno. Porque tem muitas crianças que são bem rebeldes né. Tem muitas crianças que não respeitam os professores de mais idade e ela me conta tudo, não esconde nada.

Entrevistador:

Entendi. E como que foi a educação escolar dela durante a pandemia?

Amada do Senhor:

Foi bem difícil viu.

Entrevistador:

Quando iniciou a pandemia, como que a escola mudou?

Amada do Senhor:

Ah, mudou em tudo. A escola parou de dar aula né. Parou de ter aula presencial e foi pelo celular né.

Entrevistador:

As aulas eram só pelo celular?

Amada do Senhor:

Só pelo celular, e chamada de vídeo né.

Entrevistador:

Utilizavam o grupo do WhatsApp para mandar as atividades?

Amada do Senhor:

Isso! Isso mesmo.

Entrevistador:

Vocês trabalharam com o PET durante a pandemia né?

Amada do Senhor:

Aham.

Entrevistador:

Esse PET que é o Plano de Ensino Tutorado você verificava junto com a sua filha?

Amada do Senhor:

Ela me mostrava as coisas que ela fazia sabe. Só não mostrava com detalhes. Na verdade eu cobrava muito isso dela né. Para ela estar me mostrando que ela estava fazendo as coisas direitinhas pra me entregar. Porque tinha data certinha para entregar né.

Entrevistador:

Sim. E ela entregava nas datas certinhas e já pegava o próximo PET?

Amada do Senhor:

Sim. Ela pegava certinho.

Entrevistador:

Teve algum ano que ela teve mais dificuldade que você lembra da escola?

Amada do Senhor:

Nossa, o ano que você fala é que ela teve dificuldade nas matérias assim?

Entrevistador:

Isso. Principalmente Matemática.

Amada do Senhor:

Ai Meu Deus. Acho que foi o ano passado que foi do nono para o primeiro ano né. Porque aí eles formaram sem saber nada.

Entrevistador:

Do Ensino Fundamental para o primeiro ano do Ensino Médio. E tinha dever de casa? Ou era só o PET?

Amada do Senhor:

Tinha coisa para fazer e trabalho pra apresentar, tinha dever certinho para fazer.

Entrevistador:

Ou era só o PET?

Amada do Senhor:

Não, tinha coisas para fazer.

Entrevistador:

E você a ajudava nas atividades?

Amada do Senhor:

Na verdade, não muito porque eu não sei muita coisa né. De vez enquanto precisa fazer entrevista alguma coisa assim eu a ajudava.

Entrevistador:

Se você pudesse mudar a escola, você mudaria alguma coisa?

Amada do Senhor:

Ah, eu mudaria.

Entrevistador:

Pode falar à vontade.

Amada do Senhor:

Eu mudaria essas crianças rebeldes que não tem um pingão de respeito pelos professores. Eu não deixaria essas crianças estudar. Não que eu não deixaria estudarem, mas assim, desrespeito o professor, o professor não está ali pra educar. A educação ela vem dentro de casa. Quem tem que dar educação para os seus filhos tem que ser os pais. Se não tem pais pode ser os avós, se não pode ser os tios, a parentela. Mas a falta de respeito de hoje que os adolescentes tem como os professores, é muito ruim e muito desagradável. Porque não condiz com aquilo que era da nossa época. O senhor estudou lá também não foi?

Entrevistador:

Sim.

Amada do Senhor:

Era totalmente diferente de hoje.

Entrevistador:

Hoje seria uma questão de falta de disciplina que você estaria...

Amada do Senhor:

É uma falta de respeito na verdade.

Entrevistador:

Falta de respeito.

Amada do Senhor:

Por que antes tinha, a gente pega o chinelo e da uma chinelada, desce o chicote e pronto. Comigo é assim, eu falo com a Victória: primeiro lugar você respeita as pessoas para ser respeitada e se não funcionar na conversa eu boto o chinelo. Eu acho que falta isso. Só que tem a lei né. Se a gente bater no filho da gente, a gente é denunciada para o conselho tutelar. Mas eles podem agredir o professor, pode agredir os outros alunos? É uma falta de respeito muito grande que os adolescentes hoje tem.

Entrevistador:

Então se fosse para mudar alguma coisa da escola seria corrigir a falta de respeito dos alunos na escola.

Amada do Senhor:

Exatamente! Corrigir e incentivar os alunos a estudarem.

Entrevistador:

Hoje parece que tem uma evasão de estudantes também que aumentou né. O pessoal está saindo da escola bem mais cedo sem terminar o Ensino Médio.

Amada do Senhor:

Sim. Eles não se importam. Aí eu vou trabalhar porque é melhor. Eu se pudesse voltar lá trás e continuar os meus estudos eu voltava. Só que eu não tinha muita opção, ou trabalhava ou minha filha passava fome. Então, não tinha como estudar.

Entrevistador:

Na sua época de criança, os seus pais, o que eles falavam de escola para você?

Amada do Senhor:

Na verdade, quem me criou foi só minha mãe e meu avô né. Minha mãe falava que era muito importante a gente estudar pra gente ser um futuro melhor né.

Entrevistador:

Entendi. E hoje você fala o que para a Victória sobre a escola?

Amada do Senhor:

Eu falo para ela que a escola ela precisa ser verdadeiramente, como vou utilizar aquelas palavras, se interagir com as coisas da escola. Porque a escola é uma grande influencia para poder fazer uma faculdade ela precisa ter os estudos, ela precisa ter passado no período do primeiro até o nono ano, depois do primeiro até o terceiro ano. Para ela poder entrar numa faculdade, num banco, num trabalho, entendeu? É, uma grande oportunidade quando a gente estuda. Se a gente não tem estudo a gente não consegue nada.

Entrevistador:

Entendi. Você atribui a escola a uma espécie de sucesso financeiro?

Amada do Senhor:

Não só a parte financeira, mas de aprendizado mesmo. Porque ela pode ajudar outras pessoas. (PAUSA)

Entrevistador:

E se o diretor chegasse e falasse que não teria mais escola, o que você faria? Qual seria a sua reação?

Amada do Senhor:

Eu lutaria para continuar tendo escola sim. Na verdade, a escola, muitas crianças elas vão para escola porque não tem o que comer dentro de casa. Tem muitos estudantes que vão a escola não só para estudar. Na minha época eu ia pra escola porque não tinha comida. Eu não gostava de faltar da escola. E muita das vezes as crianças hoje, a família com pouca renda, com dificuldade por causa do desemprego vão pra escola para poder se alimentar. Não só pra estudar, mas pra ter um alimento também, entende? (PAUSA)

Entrevistador:

Sim, a escola é um lugar além de transmissão de conteúdos né, de matérias.

Amada do Senhor:

Sim.

Entrevistador:

E se você pudesse mudar alguma coisa da disciplina de Matemática ou alguma outra disciplina você mudaria?

Amada do Senhor:

Ah, abençoado. Acho que poderia ser um pouco mais fácil. Porque tem muita coisa de raiz quadrada, esse negócio de cubo aí que a gente não sabe. X elevado as coisas, menino isso daí não entra na minha mente.

Entrevistador:

Quando você estava na escola. O professor ensinava no quadro, giz e livro?

Amada do Senhor:

Ensinava no quadro, livro, as vezes ia na carteira, explicar pra gente certinho. Explicava muitas vezes quando a gente não entendia a matéria.

Entrevistador:

Você sugeriria um outro jeito de ensinar além do quadro, giz e livro? Teria alguma ideia?

Amada do Senhor:

Ah, abençoado, eu acho que não. Acho que esses é um dos métodos... (PAUSA) que ainda prevalece viu.

Entrevistador:

Entendi. Seria um método assim que atinge uma maior quantidade de gente?

Amada do Senhor:

É verdade.

Entrevistador:

Entendi. E se o diretor chegasse e falasse que não teria mais Matemática? Você lutaria para ter Matemática também do caso?

Amada do Senhor:

Claro, porque a Matemática faz parte né. (PAUSA)

Entrevistador:

Entendi. E se fosse assim do caso de Geografia?

Amada do Senhor:

Geografia é uma coisa muito boa também.

Entrevistador:

História. Tem alguma disciplina que se o diretor tirasse você não reivindicaria para ter de volta?

Amada do Senhor:

Ah, como é que chama aquela matéria lá que o pessoal fala de religião e essas coisas?

Entrevistador:

Ensino Religioso?

Amada do Senhor:

(NESTE MOMENTO A MÃE FALA COM A FILHA: UMA VEZ QUE VOCÊ FALOU QUE A PROFESSORA.)

Sociologia.

A mulher atribulada lá falando umas coisas que não é.

Entrevistador:

Sociologia. A disciplina de Sociologia. Entendi. Junto com a Sociologia tem uma disciplina que é Filosofia, você manteria ou tirava também?

Amada do Senhor:

Filosofia é o que Victória?

(MOMENTO QUE ELA CONVERSA COM A FILHA)

Isso é importante?

Ah, não sei abençoado. Nunca estudei isso daí.

Entrevistador:

Entendi. No caso seria só Sociologia.

E quais foram os maiores impactos assim durante a pandemia no aspecto educacional da Victoria, o que você acha que ela teve mais dificuldade e que pode perdurar assim por mais alguns anos.

Porque quando é Ensino Fundamental quando se trata de criança mais novas, as crianças que estavam entrando no Fundamental deixaram de socializar deixaram de aprender conteúdos e estão retornando com uma defasagem. Que impacto você acharia que ela teria, ou se não tem?

Amada do Senhor:

Na verdade, eu acho que o impacto será na hora que for fazer o ENEM, prestar um vestibular né.

Que não está por dentro daqui que precisava aprender no nono e primeiro ano.

Entrevistador:

Entendi. Esses dois anos de pandemia que ela passou na escola.

Amada do Senhor:

Sim. Exatamente. (PAUSA)

Entrevistador:

Isabela, tem alguma coisa que você gostaria de comentar sobre a relação com a escola, com a Matemática, com as outras disciplinas?

Amada do Senhor:

Não. Acho que eles poderiam influenciar mais a gostar de Matemática, trazendo um professor abençoado para ajudar. Um professor que anima as crianças a estudar.

Entrevistador:

Motivar elas.

Amada do Senhor:

É, motivação né.

Entrevistador:

Buscar meios assim que motiva mais.

Amada do Senhor:

Exatamente. Porque quando você tem motivação para fazer alguma coisa a gente faz com excelência.

Entrevistador:

Você acha que atribuir recompensa seria alguma via interessante?

Amada do Senhor:

Não entendi.

Entrevistador:

Recompensar o aluno se ele vai bem e não recompensar se ele vai mal.

Amada do Senhor:

Ah, eu não sei se isso seria interessante viu, recompensar o aluno. Na verdade, teria que recompensar esses dois anos que ficou sem escola viu. Isso seria muito importante.

Entrevistador:

Teria que correr atrás dessas matérias que foram mal ensinados?

Amada do Senhor:

É verdade.

Entrevistador:

Agradeço muito pela sua participação. E assim que finalizar a transcrição delas eu mando para vocês ta bom?

Amada do Senhor:

Ta bom abençoado, Então está bom abençoado. Fica com Deus tá.

Entrevistador:

Fica com Deus também, vou encerrar aqui a gravação.

ANEXO K – Transcrição da entrevista com familiares e estudantes: Lara e Monique

ENTREVISTA COM A ESTUDANTE

Entrevistador:

Então eu vou iniciar a gravação. A primeira parte é uma parte de identificação sua, tá joia? Então a gente vai fazer perguntas para pensar sobre a escola, a matemática, a participação da sua família na vida escolar, como que era antes da pandemia durante a pandemia e como está sendo agora.

Entrevistador:

Sua idade?

Lara:

16.

Entrevistador:

A profissão do dos seus responsáveis é?

Lara:

Minha mãe é recepcionista no atual momento, mas ela faz pedagogia, está terminando.

Entrevistador:

Eu falei é, mas hoje é comum ter dois ou três empregos para suprir nossas necessidades.

Lara:

Ela trabalha no salão também.

Entrevistador:

Então seria são né.

Lara:

Sim. (RISOS)

Entrevistador:

Você mora com o seu pai na sua casa, é só você e sua mãe, tem irmão?

Lara:

Eu, minha mãe e minha irmã.

Entrevistador:

Você sabe até que ponto os anos que a sua mãe então estudou?

Lara:

Ela está fazendo faculdade e vai fazer uma Pós-graduação.

Entrevistador:

Então ela teria quantos anos?

Lara:

Hoje ela tem 43.

Entrevistador:

43 e continua estudando.

Lara:

Sim!

Entrevistador:

Ela já pensa em fazer uma pós depois da pedagogia?

Lara:

Sim!

Entrevistador:

(ANOTANDO)

É a sua identidade, ela vai ser mantida em segredo, então, por gentileza, invente um nome para o seu dono, um nome fictício. É para a gente conseguir identificar nos resultados da pesquisa. Só eu e a minha orientadora, Rejane, que tem acesso ao seu nome, então eu estou te vendo um jeito de você falar, gesticular, entendeu? Eu vou conversar com sua mãe, espero que seja por vídeo chamada, mas foi por telefone, já tá ótimo também.

Mas na dissertação, na pesquisa se você quiser seu nome, pode ir. Se não, pode esse nome fictício.

Lara:

Qualquer nome?

Entrevistador:

Sim, qualquer nome.

Lara:

É! Pode ser Lara.

Entrevistador:

Laia?

Lara:

Lara.

Entrevistador:

Lara!

Lara:

Nada a ver comigo mas tudo bem.

Entrevistador:

Então vamos iniciar a parte B. Vai ser sobre a sua relação com a escola. O que você acha dela antes da pandemia? Você já estudava aqui no Humberto?

Lara:

Já, eu estudo aqui desde o sétimo ano.

Entrevistador:

Então você está no terceiro ano, já faz bastante anos. O que você acha dela antes da pandemia?

Lara:

Assim, a escola em si sempre foi muito acolhedora em relação a tudo. Em relação a

estudo, à matéria, tanto como questão pessoal, também. Todos os professores e coordenadores aqui sempre foram muito amigos da gente.

É, e eu acho que com a pandemia não mudou tanto que o que atrapalhou bastante foi a questão do ensino a distância, que acabou prejudicando a gente durante esses 2 anos são. Então assim que a gente voltou meio assim, de uma mente perdida. Em relação a matéria, essas coisas assim.

Entrevistador:

Você poderia ficar com o gravador na mão para que possamos pegar melhor o áudio? Porque o as perguntas são roteirizadas e o que importa é sua fala.

Lara:

Sim. Ta ta.

Entrevistador:

Mas mudou alguma coisa assim? Antes você falou que era muito acolhedora?

Lara:

Não não, continua. Eu estou falando só em relação a matéria que foi difícil para a gente poder se acostumar com o EAD e aprender durante a pandemia.

Entrevistador:

Durante a pandemia não conseguia aprender quanto ao presencial?

Lara:

Sim!

Entrevistador:

Mas aí na volta vocês tiveram uma dificuldade de se adaptar?

Lara:

Sim, porque as matérias é mau, não é? Ficaram atrasadas, né? Então a gente está atrasado em relação às outras escolas? Não comparando, mas em relação a vestibular, essas coisas a gente fica meio perdido por conta das matérias durante esses 2 anos não terem estudado corretamente na minha visão.

Entrevistador:

Então você meio que compete com outras escolas assim?

Lara:

Não, eu coloco como é, a gente, vai...

Entrevistador:

Referencia?

Coloca o Humberto como referencia com..?

Lara:

Particular.

Entrevistador:

Como assim uma escola particular?

Lara:

Eu estou falando assim, eu faço cursinho, então no cursinho é como se fosse uma revisão para gente poder passar no vestibular. E ai eu acabo que eu tenho que

aprender a matéria no cursinho, sendo que é só uma revisão, porque eu não aprendi a matéria na escola.

Entrevistador:

Entendi. E isso acontecia antes?

Lara:

Não.

Entrevistador:

Está acontecendo pós pandemia?

Lara:

Sim, porque agora eles estão tendo que meio que recapitular e dá tudo uma mastigado, entre aspas, para a gente, a gente poder ter pelo menos uma base ruim para poder passar no vestibular.

Entrevistador:

Por exemplo, matemática, que precisa ...

Lara:

É péssimo. A gente fica totalmente perdido em física e em matemática. Essas matérias de exatas, se não estudar por fora, não aprende.

Entrevistador:

Então, como você descreveria a sua relação com a escola no formato presencial?

Lara:

Confusa.

Entrevistador:

Na volta confusa e antes?

Lara:

Adaptável.

Entrevistador:

Ai durante a pandemia vocês ficavam?

Lara:

Perdidos.

Entrevistador:

Ficaram perdidas porque acumulou matéria com a volta.

Lara:

Sim.

Entrevistador:

Mas você gosta de estudar?

Lara:

Eu sempre gostei muito de estudar.

Entrevistador:

Quais matérias assim você mais gosta da escola?

Lara:

Eu gosto de história, eu sou muito de humanas, então eu gosto de história. Eu gosto de redação português.

(PAUSA)

Antes da pandemia, eu gostava de física, química. Depois não, mas no atual momento eu gosto bastante de História, Geografia e redação.

Entrevistador:

Bastante, tudo de Humanas em geral.

Lara:

Eu gosto!

Entrevistador:

Você falou Geografia também?

Lara:

Falei.

Entrevistador:

Foi uma das últimas né.

E você se vê como como aluna assim dentro da sala? Você se sente responsável pela sua aprendizagem? Como você se enxerga comparando com outros colegas da turma?

Lara:

De maneira geral, eu me acho uma pessoa esforçada porque eu tento acompanhar da minha maneira, e eu tenho a minha maneira de estudar. Mas em relação antes e depois da pandemia, eu era muito mais... Eu acho quem eu era muito mais inteligente do que no atual momento por conta da da das circunstâncias, mas me considero uma pessoa esforçada, focada.

Entrevistador:

Mas você se sente responsável pela sua educação ou você atribui a sua aprendizagem a alguma outra pessoa além de você?

Lara:

Eu acho que a gente tem que ter é a gente mesmo, tem que ter esforço, mas eu acho que precisa vim dos professores, acho que é uma troca. Eles e a gente, porque se não, que se a gente não quiser, também não. Não tem o que fazer, né?

Entrevistador:

Hoje em dia, a gente parece assim, que todo mundo é aprovado assim na escola. Então o pessoal que tá dentro da sala, que não é seu esforço muito. Tenha a mesma provação que uma pessoa que se esforça muito. O que você acha disso?

Lara:

É muito difícil você ser reprovado em uma escola pública. Assim só reprova quem realmente quer e quem se esforça para reprovar, porque é muito difícil reprovar em escola pública, porque eles fazem de tudo para você não reprovar. (RISOS)

Entrevistador: (RISOS)

Lara:

É trabalho, é reclassificação, é ponto, não de graça mas, que faz um trabalho que vale tantos pontos.

Entrevistador:

Você acha que esse sentimento em comum entre os seus colegas?

Lara:

Não, a gente acha injusto, é porque tem ao mesmo tempo que tem gente que se esforça muito. Durante o ano não fazem nada e aí chega no final do ano, faz alguns trabalhos e as provas e passa assim.

Entrevistador:

Mas isso é nítido para lá, para vocês, dentro da escola, os seus colegas já entram na sala com essa mentalidade?

Lara:

São conclusões que a gente tira longo do ano, porque nas outras séries passadas, a gente via alguns alunos que faziam zona o ano inteiro. Ele chegava no final do ano. Nossa, precisa de de tantos pontos, aí faziam trabalho e passava de ano ou carregava 1 ou 2 matérias e passava de ano. Sendo que a gente se esforçava o ano inteiro para poder tirar uma nota boa e a gente fica meio..

Entrevistador:

Então vocês acham injusto?

Lara:

Sim

Entrevistador:

Mas hoje, no terceiro ano, você acha que se você tivesse essa ideia você estudaria mais ou menos?

Lara:

Eu não sei porque eu não sou muito de me basear, nas questões das pessoas, tipo assim, eu, eu, eu acho injusto as pessoas passarem de ano sendo que elas não estudam, mas eu não vou fazer isso.

Eu tenho consciência que se eu não fizer eu vou ficar burro.

Entrevistador:

Depois do terceiro ano, você pretende fazer o quê?

Lara:

Eu pretendo fazer o vestibular e prestar para uma federal, mas se não conseguir, pelo menos uma bolsa em uma particular. Eu vou fazer direito.

Entrevistador:

É Direito e você quer fazer Direito e pronto.

Lara:

Eu quero fazer direito.

Entrevistador:

É, você acha que você valoriza a escola durante a seu ensino básico? Fundamental, né?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

Acha que a sua família também valoriza?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

O que você ouvia falar da sua, da, da família sua, que que sua mãe falava é sobre a escola?

Lara:

Minha mãe estudou aqui, né? Então ela, ela, me passou a visão de que o Humberto era uma escola muito boa que os professores eram muito bons, que o Humberto sempre teve destaque na cidade.

Mas com o tempo, acho que a escola muda por conta da das pessoas que entram, os professores que que trocam, o governo.

Então eu acho que é, assim que minha mãe acha da escola?

Entrevistador:

Sim.

Lara:

Hoje em dia, ela não acha aquelas coisas mais, é porque antigamente era bem melhor, era muito mais firme com os alunos, os professores eram mais presentes, vamos dizer assim, é... e hoje em dia não é tanto.

Na visão dela, eles são mais é relaxado, não é relaxada a palavra, mas é uma palavra como se fosse.

Entrevistador:

Será que eu posso fechar a porta por causa do barulho?

Lara:

Pode, acho que pode.

Entrevistador:

Estou com medo de o áudio não ficar bem...

Lara:

Audível.

Entrevistador:

Os intervalos eles vão picados também? Via metade depois vai outra metade?

Lara:

Não, é tudo junto.

Entrevistador:

Então você está perdendo intervalo?

Lara:

Sim.

(A bibliotecária abre a porta e informa que ela ia precisar sair. Neste momento falei que o diretor e a vice-diretora haviam deixado utilizar a biblioteca. Assim ela confirma e deixa a gente prosseguir com a entrevista).

Entrevistador:

Você havia comentado que queria fazer Direito né. Não, a gente falou da família né, que antes era bom e hoje..

Lara:

Nem tanto.

Entrevistador:

E se o diretor chegasse na escola e dissesse que não vai mais existir escola, que que é, que você pensaria, já que hoje seria em tanto?

Lara:

Ignorância da parte dele. Porque todo mundo deve ter acesso a educação. Por mais que seja né. . A gente não tem muita escolha né. Por exemplo todo mundo que estuda aqui, a maioria tem a renda baixa, não tem condição de pagar uma escola particular, então é a escolha que a gente tem.

Entrevistador:

Entendi. E se você tivesse a oportunidade de mudar assim alguma coisa aqui dentro.

O que você mudaria? (PAUSA) Ou em outra escola que você estudou, antes da sétimo série era o que?

Lara:

Eu estudava em escola particular.

Entrevistador:

Aqui eu estudei no Ginásio até na.. Não, eu estudava lá na Nossa Senhora de Fátima, depois eu estudei lá no Ginásio, até a sétima série, depois eu fiz a oitava série o colejinho e depois mudei de cidade.

Lara:

Eu sei onde é.

Entrevistador:

Então eu sempre estudei em Escola Pública também.

Lara:

Eu estudei no Criança Feliz, no Criançando e na Ismael.

Entrevistador:

Ismael eu estudei até o pré.

Então você pudesse mudar alguma coisa na escola, na sua, nas que passou.

Lara:

Eu mudaria o modo de como os professores ensinam e como os alunos se comportam. Porque não estou julgando só os professores. Estou falando que os alunos também hoje em dia não estão nem aí.

Entrevistador:

Por que vcê acha que eles não estão nem ai?

Lara:

Porque não sei.

A maioria não, não, não quer estudar, não é? A maioria fala que quer fazer faculdade, mas eu não tenho uma opinião formada sobre isso, mas eu acredito que seja, não sei, pela falta de incentivo em casa. Minha mãe sempre me incentivou a estudar. (PAUSA) Mas eu mudaria a forma como a gente entre aspas de comportam dentro da escola. Assim, os professores, na forma que ensinam e os alunos na forma de adquirir conhecimento.

Por fazer bagunça essas coisas dentro da escola. Eu acho que se tivesse uma troca mais respeitosa dentro da escola, seria melhor.

Entrevistador:

Entendi então que outro jeito de ser conseguir pode pensar, não é? Conseguiria imaginar de professor ensinar. Vamos falar a matemática, por exemplo, se ele tem facilidade?

Lara:

Hm.. tinha. Quando eu aprendo a matéria, só que eu tenho facilidade, que os professores aplicam. Não estou generalizando todos os professores, é que alguns simplesmente passam a questão e manda ler o texto para a gente poder responder e acaba que a gente: Tá, eu vou ler o texto e responder as perguntas, mas e a explicação? Eu acho que tinha que dar mais atenção a teoria e a resolução de exercícios.

Entrevistador:

Entendi. E os alunos deveriam comportar como na sala?

Entrevistador:

Porque assim, dentro da sala de aula.

Entrevistador:

O que você faria para eles se comportarem?

Lara:

É que é muito falta de respeito falta de respeito com o professor. Posso estar parecendo muito fútil falando isso, mas eu acho assim em relação a responder, é mau. Enquanto o professor está falando, conversar junto. Eu assim, minha mãe me ensinou a não falar junto quando a pessoa está falando e esperar os mais velhos tais, então, para mim é uma coisa assim, meio que eu fico meio que assustada, porque eu não estou acostumada. Então falar junto com o professor enquanto ele está falando, ficar gritando lá atrás na sala enquanto tá explicando matéria ficar discutindo, batendo boca, não sei quem se acha sempre o certo. Eu fico meio assim com isso.

Entrevistador:

Entendi. Na sala você é a pessoa...

Lara:

Não que eu não faça bagunça também entendeu? Não converso na hora que o professor ta falando.

Entrevistador:

Você sem uma falta de respeito dos estudantes,

Lara:

Sim, eu relação ao professor.

E tem alguns professores também que dão patada na gente. Então eu acho que tinha que melhorar a relação dos dois. (RISOS)

Entrevistador:

(RISOS) E dentro da sala você se considera uma boa aluna com boas notas?

Lara:

Uma boa aluna, só que eu sou tentado, entendeu?

Só que eu não, eu não faço falta de respeito com ninguém, mas a gente brinca, mas não no horário, no horário que não seja. Mas eu sou uma aluna.

Entrevistador:

Dos professores assim se sente uma relação de respeito com eles?

Lara:

Sim.

Com todos, assim?

Lara:

A maioria.

Entrevistador:

E você, acha que os outros colegas não têm essa? Essa relação de respeito?

Lara:

Sim, tem alguns que tem alguns que não.

Entrevistador:

E esses comportamentos assim você acha que vem da onde?

Lara:

Falta de educação. Falta de limite.

Entrevistador:

Falta de educação por parte da escola?

Lara:

Não, por parte da família. E não culpo também porque a gente não sabe a realidade dessas pessoas. Então não tem como eu julgar, mas já julgando. Eu acho que é falta de um Não. Falta de uma presença assim responsável em casa mas, eu acho que não é uma coisa da escola, a escola não, não educa em relação a respeito. (PAUSA)

Mas se considera que a escola te prepara para lidar com as coisas da vida.

Entrevistador:

Mas você considera que a escola te prepara para lidar com as coisas da vida?

Lara:

Relativamente.

Entrevistador:

Você pode me dar um ou mais exemplos?

Lara:

(PAUSA)

Entrevistador:

Ela te prepara como para as coisas da vida?

Lara:

A gente tem como exemplo, hierarquia entre diretor, supervisor, professor, aluno. A gente deve respeito a eles, assim como a gente vai ter que ter respeito com um trabalho que a gente for, vai ter hierarquia no trabalho, vai ter o seu patrão, vai ter o gerente e vai ter os funcionários.

É, por mais que seja uma coisa besta, a fila na hora da cantina. A gente tem que esperar a nossa vez.

Eu acho que tudo isso são coisas que a gente faz no nosso cotidiano e que mal ou não, se você não aprendeu. Antes você aprende na escola.

Entrevistador:

Sim, e dentro das tem mais alguma coisa fora até agora? Você falou as coisas de social. Que acontece por fora da sala. Dentro da sala, o que que os professores de explicam? Teria alguma coisa que te prepararia para a vida? Aula de português, matemática, Geografia, Ciências?

Lara:

Português em relação a qualquer coisa né. É uma coisa que a gente tem que ter para poder conversar bem com uma pessoa para uma entrevista de emprego. Você saber falar formalmente numa entrevista igual que eu estou fazendo, a gente saber se comportar na frente de pessoas que a gente não conhece. Dependendo do emprego a gente tem que ser Matemática Básica. (PAUSA)

Entrevistador:

Dentro da Matemática Básica, tem mais algo da Matemática?

Lara:

Como assim? O que a gente utiliza de Matemática?

Entrevistador:

Que que você utilizaria da Matemática?

Lara:

Eu trabalho, em administrativo, então a gente mexe com muito com contabilidade.

Então a gente precisa saber, às vezes regra de 3 para poder fazer uma conta é. Divisão, divisão de grupos e essas coisas. Então eu acho que o básico do básico, adição, subtração, divisão, multiplicação, regra de três são o que a gente realmente usa.

História depende da faculdade que você vai fazer, porque no dia a dia se você for perceber a gente não utiliza tanto História. Só que, não sei, depende da faculdade que eu vou fazer, vou fazer direito.

Entrevistador:

Mas precisaria necessariamente usar? Ideias de história?

Lara:

Como assim?

Entrevistador:

Por exemplo, filosofia, sociologia.

Lara:

Sim, eu acho que sociologia e filosofia são mais por questões sociais. Assuntos abordados pela sociedade.

Entrevistador:

É, por exemplo. Especializar em história, tem de arqueologia, por exemplo. Então você estaria seria mais específico, né? Trabalhar em questão de museu? É, tender para o lado da arte.

Lara:

Também é.

Entrevistador:

Vamos iniciar a penúltima parte da entrevista. A gente vai aprofundar sobre a sua relação com a disciplina de matemática. Tá falando aqui, mexe com trabalho administrativo e mexe com contabilidade. De contabilidade você vê o que de Matemática que você acha? Além da Matemática Básica e o que mais que você comentou? Regra de três.

Lara:

Porcentagem. Não tem uma coisa específica, a gente é mexe muito com uma planilha. Com o levantamento, com o lançamento de nota, o que a empresa gasta durante um mês é quando a gente pode gastar durante um mês. O que a gente pode é investir, o pagamento dos funcionários. (PAUSA)

Porcentagem de pessoas que utilizaram o clube country, pessoas que usam o clube.

Entrevistador:

Você trabalha com a Débora?

Lara:

Ela trabalha na Secretaria lá em cima eu trabalho lá embaixo com a Neide.

É mais levantamento de nota fiscal que compra geralmente para o café dos funcionários.

É lançamento de notas que das obras, é material de manutenção. (PAUSA)
Lançamento de título.

Entrevistador:

Entendi. Isso tudo seria matemática?

Lara:

Engloba.

Engloba, eu acho que envolve bastante número.

Entrevistador:

E da disciplina assim de matemática você teve você gosta dela?

Lara:

Na escola?

Entrevistador:

Na escola.

Lara:

(PAUSA)

Eu estou aprendendo a gostar mais agora, porque eu estou entendendo.

Entrevistador:

Teve um estralinho?

Lara:

É.

Entrevistador:

O que que fez você fazer a pensar, tem alguma parte que você fez: Ah agora estou começando a entender! (ESTRALHANDO O DEDO COM AS MÃOS)

Lara:

É porque eu gosto de entender, e quando eu me entendo começo a gostar da matéria, eu só não gosto quando eu não sei.

Eu acho que é com maioria, se não for.

Entrevistador:

Mas aí, em que momento você deu a sua vontade, esse ímpeto de aprender e começou a aprender matemática?

Lara:

Eu. Eu gostava de matemática no sétimo ano, quando eu entrei aqui no sétimo, no oitavo, que a professora me ajudou muito.

Eu gostava muito da professora.

E no cursinho. Agora no cursinho que eu tô começando a entender no cursinho.

Aqui na escola, eu acho que a matemática é muito vaga para a gente que está no terceiro ano.

Mas aprendi a gostar no cursinho.

Entrevistador:

A matemática que você vê no terceiro ano ela te preparou para que então? Ela é muito vaga de que forma?

Lara:

Eu acho que a gente deveria estar aprendendo coisas mais complexas e que para desenvolver o nosso cérebro para poder resolver uma questão de vestibular.

E eu não vejo isso aqui.

Entrevistador:

Você acha então, que a ementa é curricular? Os conteúdos que você vê o ano inteiro do ano letivo?

Não é a nível de terceiro ano?

Lara:

Acho.

Entrevistador:

Você acha isso?

Entrevistador:

Você acha que deveria ser mais complexo as disciplinas para te preparar para o meu, para o quê? Vestibular?

Lara:

Pra vestibular, para federal, acho que tem que sair daqui com uma preparação boa. Não que seja ruim, mas não está boa. Está regular.

Entrevistador:

Entendi. Tem uma situação na universidade federal mesmo que o pessoal chega sem saber conjunto e função.

Lara:

Exatamente!

Entrevistador:

E é. É, eu. Eu fui até da uma aula de reforço para uma menina que eu fiz entrevista aqui também do primeiro ano, é que que também sabia, né? Só que a tia dela é preocupada.

É, e aí queria ensinar. Achando que ela estava muito defasada e eu estava tentando acalmar ela, que tem pessoas que que passa, que não tem a mesma criação que a nossa.

E aí, principalmente escola pública, tem muita defasagem, não é? E aí precisa ir revendo.

Então cê acha que partiu a partir da professora da sétima série? Você gostava de aprender matemática?

Lara:

Sim. Eu acho, porque eu sempre. Eu sempre aprendi a matéria em relação ao professor.

E era que eu entendia, então a professora me ajudou muito. Ela é muito boa.

Só que ela não dava para gente mais, mas eu comecei, o básico da matemática, eu aprendi com ela.

Entrevistador:

Você acha que é importante? Foi importante, será importante estudar matemática?

Lara:

Eu acredito que se não tivesse aprendido o básico, eu não conseguiria fazer Bhaskara hoje em dia.

Entrevistador:

Você considera uma fórmula de Bhaskara básica?

Lara:

Depende, porque depende da da operação, mas eu acho que é uma coisa que a gente que é o que vai cair no vestibular, no ENEM, que a gente for fazer.

Não tão básico.

Entrevistador:

Entendi. E mais, o que que é Matemática para você?

Se fosse para você definir.

Defina matemática para mim que ela é para você.

Lara:

Números.

Muito vaga a resposta?

Entrevistador:

Não é você. Você pode falar uma coisa pessoal também.

Lara:

Eu acho que em conjunto com várias pessoas.

Muita gente.

Acho que é isso.

Entrevistador:

Que sentimento a Matemática desperta em você?

Lara:

(PAUSA LONGA) Não sei, dúvida.

Entrevistador:

Matemática para você, números conjunto com pessoas.

Lara:

É, eu nunca parei para pensar assim.

Se fosse definir realmente, uma matéria.

Nunca levei ela para a minha vida assim.

Entrevistador:

Você sempre foi de humanas?

Lara:

Sempre.

Entrevistador:

E como vocês consideram como aluna na nas aulas de matemática?

Lara:

Regular.

Entrevistador:

Você tem boas notas?

Lara:

Relativamente. Não do jeito que eu queria, mas não perco média também.

Entrevistador:

Você sente tranquilo em relação a isso?

Lara:

Não, porque eu pretendo melhorar.

Mas no momento exato, é isso.

Entrevistador:

E sua relação com a professora ou com o professor de matemática é?

Lara:

Saudável.

Entrevistador:

Ela te ajuda a gostar mais ou menos.

Lara:

Menos.

Entrevistador:

Menos? Por que?

Lara:

Porque eu não gosto de matemática.

Entrevistador:

As aulas que acontecem assim são como, como que ela dá?

Lara:

Ela passa a teoria no quadro.
E passa exercício para a gente fazer, explica né.

Entrevistador:

Você acha que deveria ser diferentes sugestão que você daria assim, para ser diferente?

Lara:

(PAUSA LONGA)

Não sei.

Gosto do jeito que ela explica.

Mas não gosto do jeito que é dado.

É, sei lá, eu me sinto uma aluno de sexto ano na aula dela.

Entrevistador:

(RISOS) Por que?

Porque você acha que é o quê?

Lara:

Porque eu acho que a matéria é muito besta.

Entrevistador:

A matéria é muito besta a nível de que?

Lara:

A nível do seu olhar e falar, meu Deus do céu, a que ponto chegamos?

Porque eu acho que para a gente estar no terceiro ano, não tinha que ser essa matéria entendeu? Você me entende?

Entrevistador:

Que matéria você está vendo por exemplo?

Lara:

É porque eu estou fazendo cursinho, então a quando eu comecei a fazer cursinho, eu comecei a ver as matérias que é surreal para mim, porque eu comecei a pensar, meu Deus, eu estou no terceiro ano, eu estou vendo isso no cursinho e na escola não aprende, nem eu nunca vi isso na minha vida. Eu entrei em desespero pergunta pra minha mãe. (RISOS)

Entrevistador:

(RISOS)

Lara:

E aí eu fico olhando aqui a matéria no quadro eu fico olhando eu fico, meu Deus, e fico como é que eu vou?

Entrevistador:

Pra você é fácil ou difícil?

Lara:

Fácil demais até.

Entrevistador:

Então o cursinho está funcionando para você?

Lara:

Abrindo minha mente.

Entrevistador:

Por que que é surreal?

Lara:

Abrindo minha mente em relação às matérias. É surreal porque todas as pessoas que estão lá aprenderam a matéria e a gente não. A matéria de ensino médio.

Entrevistador:

Aprenderam nas escolas deles os conteúdos deste ano médio. Vocês estão vendo a coisa de sexto:

Lara:

Exatamente. A gente tá vendo coisa de fundamental.

Entrevistador:

O que é que você está vendo? Fala a matéria.

Lara:

Gente, tá vendo Fatoriados.

Entrevistador:

Fatorial?

Lara:

É!

Entrevistador:

Número Fatoriais?

Lara:

Sim. Isso é muito... assim...

Entrevistador:

Divisão por números fatoriais assim?

Lara:

Ela dá um número e as questões, tipo os exemplos e a gente faz a coisa de 5 minutos que você faz e aí eu chego no cursinho, aquelas contas gigantesca que pega o quadro inteiro.

Entrevistador:

E que conteúdo é surreal no cursinho de Matemática?

Lara:

No cursinho a gente está aprendendo equação polinomial, equação de segundo grau. Qual que é o nome é outro. Função pode nomeá-la. Equação biquadrada. O que são coisas que eu fico assim, meu Deus, que que é isso, física? Nossa Senhora Aparecida!

Entrevistador:

É injetora sobrejetora. Você viu lá nunca viu lá e cursinhos?

Lara:

Não no cursinho, ainda. Ainda não.

Entrevistador:

É, então isso é surreal para você?

Lara:

Sim, intrigante.

Entrevistador:

Acho que é o terceiro ano aqui tinha que está vendo isso também?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

Lá no cursinho é uma revisão que faz do terceiro ano inteiro?

Lara:

Eles fazem revisão do ensino médio inteiro.

Mas a nossa a pandemia começou quando a gente estava entrando no primeiro ano, então acabou que a gente perdeu o ensino médio inteiro pratica.

Entrevistador:

Então a sugestão que você daria para o diretor da escola ou seu professor seria o quê? Pra mudar o que?

Lara:

Eu acho que não tem muito o que fazer, porque como a gente perdeu 2 anos, como a gente vai recuperar 2 anos em um, metade, 6 meses?

Entrevistador:

A gente quem?

Lara:

Os alunos e os professores, no caso.

Entrevistador:

Você recuperou?

Lara:

Não.

Entrevistador:

Mas esse conteúdo é fácil pra você?

Lara:

Sim. Eu acho.

Entrevistador:

O anterior era como é? É recorrente em sua conteúdo, só está ensinando conteúdos do sexto ano.

Lara:

Eu não me lembro a última matéria de matemática que eu tive no primeiro ano.

Entrevistador:

Ham, mas tá no terceiro.

Lara:

Sim, então eu estou falando antes da pandemia.

Eu considero que quando eu saí do terceiro ano, eu não vou. Eu não vou passar no vestibular de cara assim, eu vou ter que fazer mais 1 ano de cursinho para eu poder me preparar.

Entrevistador:

Mas isso é um medo? Você já está criando esse bloqueio?

Lara:

Não, eu sou realista. Então eu acho, na minha concepção, no meu grau de entendimento e da escola que eu não vou passar no vestibular de cara.

Entrevistador:

O Enem deste ano é que mês mesmo?

Lara:

Novembro, dia 3 e 20.

Entrevistador:

Já fez, já passou no período de inscrição.

Entrevistador:

Então você acha que tem pouco tempo para ter, para aprender tudo o que o Enem cobra para passar em um curso de direito na federal que você queria?

Lara:

É, eu acho.

Entrevistador:

Entendi. De certa forma pode ser um limite que você já está..

Lara:

Estabelecendo... pode ser.

Entrevistador:

E aí você pode ir rompendo, às vezes. É está conformada se conformando já com a derrota.

Lara:

Mas pode ser que não, mas.

Entrevistador:

Você tem lugares pra ir? Limites de regiões para ir?

Lara:

Não.

Pode ser qualquer lugar do Brasil e do mundo, se pudesse no Equador, chama lá.

Entrevistador:

Tem muitas universidades federais de direito que são boas, tem boa avaliação do curso no MEC, e ... eu não sei.. você estaria pensando em qual nota de corte? Para ser aprovada.

Lara:

Não sei.

Entrevistador:

Você sabe que o Enem é por nota de corte né? O SISU.

Lara:

Sim, uhm.

Entrevistador:

Você já fez o ENEM antes?

Lara:

Não. Também tem isso.
Mas eu já fiz vestibular, mas ENEM nem se comparada né, eu sei que é diferente e tal mas eu já fiz vestibular.

Entrevistador:

Você sabe o que é anota de corte? É a menor nota da última pessoa que entrou na ampla concorrência, deu para entender?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

Por que que ela não poderia ser você ou se pode ser a penúltima, você pode ser antepenúltimo, você pode ser a primeira, segunda, terceira, décima. Se colocar limitação, já vai criando um bloqueio mesmo.

Entrevistador:

E o que seria uma escola sem aula de matemática? Mudaria alguma coisa?

Lara:

Mudaria, porque por mais que a gente não goste, português e matemáticas são as matérias básicas que a gente tem para a sobrevivência.

Entrevistador:

Português e Matemática?

Lara:

É. Na minha concepção.

Entrevistador:

Você tem alguma dúvida, algum problema nas aulas de matemática? Se acha que isso é problema seu, da escola, do professor ou da sua família?

Lara:

Um conjunto minha e da escola.

Entrevistador:

Sua e da escola?

Lara:

É, se eu tenho dúvida eu tenho que perguntar para o professor.

Não pro diretor, nem para minha mãe. (PAUSA)

Entrevistador:

É, você se sente falta de apoio do professor ou da família no incentivo aos seus estudos?

Lara:

Não!

Entrevistador:

Antes e agora, da pandemia. O que que a sua família fala sobre os estudos?

Lara:

Minha mãe sempre me incentiva muito a estudar sempre. E na pandemia, sem pandemia. Então ela sempre colocou isso como se fosse uma coisa cordial. É uma coisa cordial na minha vida.

Entrevistador:

Ela fala sobre alguma disciplina específica? Utilize termos que lembra de alguma disciplina?

Lara:

Não.

Entrevistador:

Fala tipo: estuda matemática, viu? Bastante matemática, eu estudei bastante história, estuda bastante geografia.

Lara:

Não ela. Ela coloca, é o que eu tenho mais dificuldade: estuda mais do que você tem mais dificuldade que você tem facilidade não tem porque você, se. Não que eu não tenho que me empenhar em todas as matérias, mas o que eu tenho mais dificuldade, eu preciso estudar mais.

Entrevistador:

Ela te apoia dessa forma?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

Da sua família você acha que quem te incentiva mais a estudar é sua mãe, porque sua família é você, sua mãe e sua irmã?

Lara:

Sim! Minha madrinha também, minhas tias, mas quem mais me incentiva, minha mãe, sempre foi.

Entrevistador:

Por que você acha isso? Ela sempre esteve com você?

Lara:

Sempre! Sempre foi eu e minha mãe desde pequena.

Entrevistador:

Entendi. Então a gente vai iniciar a última parte. A gente vai falar sobre a participação da sua família na sua vida escolar. Esta joia?

Lara:

Ta.

Entrevistador:

É na sua casa, mora você, a sua irmã e a sua mãe.

Elas são a sua família, não é?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

É, tem mais alguém que você considera como família?

Lara:

Minha madrinha, a minha avó, minha irmã já estão inclusas, né?

Entrevistador:

Você tem uma boa relação com a sua irmã? Ela é mais velha ou mais nova?

Lara:

Sim. Mais nova. Minha prima também, minha tia. (PAUSA LONGA) E minhas melhores amigas também que me apoiam demais, que conheço faz muito tempo e que já considero como família também.

Entrevistador:

Entendi. São de infância?

Entrevistador:

E dessas pessoas que você falou que suas amigas te apoiam muito né. Então você estaria associando essas outras pessoas da sua família porque são pessoas que te apoiam também?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

Que que você considera, o que que é família para você?

Lara:

A família, eu acho que é o cuidado, a preocupação. Você está presente na vida da pessoa sem ser de maneira física. É uma ligação, uma mensagem, você pode saber que você pode contar com aquela pessoa em qualquer momento.

Acho que é um cuidado e preocupação.

Entrevistador:

Essas pessoas da sua família, elas participam da sua vida escolar?

Lara:

Como assim?

Entrevistador:

Sua avó ou sua madrinha tem mais alguém que participa da sua vida escolar?

Lara:

Assim está falando em reunião, vir na escola?

Entrevistador:

Sim. Participar de reuniões, de momentos festivos.

Lara:

Quem vem nas reuniões é minha mãe. Mas em datas festivas assim, geralmente vem todo mundo vem minha vó, vem, minha madrinha, minha prima.

Entrevistador:

Quem que vem aqui para falar sobre você, suas dúvidas?

Lara:

Minha mãe.

Entrevistador:

É, você tem dever de casa?

Hoje a escola tem...

Lara:

Tarefa e essas coisas?

Entrevistador:

Tarefa para fazer em casa e corrigir na escola no dia seguinte?

Lara:

Ah, agora nem tanto. A maioria das coisas que a gente faz são dentro da sala, mas trabalho às vezes passa.

É para apresentar essas coisas.

Entrevistador:

E sua mãe te ajuda nos deveres de casa?

Lara:

Quando eu sinto necessidade, sim.

Entrevistador:

Ela se interessa ou pergunta pelas coisas que acontece na sua escola?

Lara:

Sempre.

Ela perguntou como foi na escola, aconteceu alguma coisa? A gente conversa demais. Eu e a minha mãe tem uma relação muito boa, tem uma relação muito aberta.

Entrevistador:

Todos os dias vocês conversam sobre como foi o dia?

Lara:

A gente conversa muito.

Entrevistador:

Ela manda você estudar?

Lara:

Nunca precisou. Eu sempre estudei por conta própria.

Entrevistador:

Então, o que que ele, que que você acha que ela fala de você quando você não está perto assim para os outros? Sobre o seu estudo.

Lara:

Bem!

As pessoas me falam que minha mãe fala bem de mim, que sou muito estudiosa, não sei que.

Entrevistador:

Você a vê lendo livros, comentando sobre estatísticas de jornais, estudando?

Lara:

Minha mãe é uma pessoa muito inteligente, muito alienada, então ela sempre está ligada nas coisas.

É porque minha mãe tem a vida dela, é muito corrida, mas sempre que ela consegue, ela está lendo um livro.

Entrevistador:

Para ela a educação é importante?

Lara:

Demais, sempre foi.

Entrevistador:

E qual é a reação da sua mãe diante as suas notas?

Lara:

Minha mãe é muito rigorosa em relação a escola.

Então ela sempre quer o melhor.

Quando eu mostro as avaliações que estou 2 ou 3 pontos em cima da média ela fala que eu posso melhorar.

Entrevistador:

Então nove não é bom, tem que tirar dez.

Lara:

Sim!

Entrevistador:

Ela utiliza termos parecidos assim?

Lara:

Sim. Ela falava quando eu estava no sétimo, oitavo ano ela falava assim, nossa, porque eu falava o nossa estudou tanto e podia ter tirado dez.

Mas nunca vi isso como uma coisa negativa, sempre foi ponto positivo.

Entrevistador:

E ela fala alguma coisa sobre disciplinas em si?

É você falou que ela está cursando pedagogia, na pedagogia, tem muito estudo teórico, não é filosofia, tem muito português, tem muita matemática também que precisa. Ela fala alguma coisa sobre alguma disciplina com você?

Lara:

Ela não, ela não gosta de português e é o que mais abrange em pedagogia, porque ela é o ponto principal dela. O foco é fazer educação especial e para você fazer locução social precisa de pedagogia. Então, ela teve que fazer, mas ela não gosta muito de português e redação.

Entrevistador:

E Matemática?

Lara:

Ela tem mais facilidade com Matemática. (PAUSA).

Entrevistador:

Mas ela fala alguma coisa com você sobre a Matemática?

Lara:

Não especificamente.

Entrevistador:

O que sua família fala sobre a Matemática, você acredita que ela valoriza a escola e a disciplina de Matemática?

Lara:

Sim. Minha mãe valoriza e coloca Português e Matemática como as matérias mais importantes. Porque mal ou não é uma coisa que a gente precisar para viver no cotidiano e tudo envolve números. (PAUSA)

Entrevistador:

E quem da sua família você se inspira no aspecto educacional?

Lara:

Minha mãe.

Entrevistador:

Tem mais alguém como madrinha, primos, tios?

Lara:

Não, minha mãe. Ela é muito esforçada!

Entrevistador:

Que fofo! (RISOS) Você indicaria ela para a pessoa a ser entrevistada também?

Lara:

Sim.

Entrevistador:

Então ta bom. Vou encerrar a gravação, muito obrigado pela contribuição.

ENTREVISTA COM O FAMILIAR**Entrevistador:**

Tudo bem com você Monique?

Monique:

Tudo bem, graças a Deus.

Entrevistador:

É para essa entrevista. Eu vou fazer algumas perguntas sobre o que você pensa sobre a escola, a matemática e a sua participação na vida escolar, da Aila, tá joia? Mas antes disso eu vou fazer algumas perguntas para você, seu nome completo é Monique...

Monique:

Pereira de Domingues

Entrevistador:

Monique Pereira de Nunes, a sua idade?

Monique:

43.

Entrevistador:

43.

É, qual que é a sua profissão?

Monique:

Recepcionista, manicure, depiladora.

Entrevistador:

Recepcionista, manicure e?

Monique:

Depiladora.

Entrevistador:

A Aila tinha comentado que você estava fazendo um curso, não estava?

Monique:

É, terminei de fazer pedagogia agora.

Entrevistador:

Pedagogia? Interessante. Você estudou a é, é no então no caso, você completou Ensino Médio e entrou na pedagogia. O curso era particular ou público?

Monique:

Particular.

Entrevistador:

E qual que é o nome?

Monique:

Cruzeiro do Sul.

Entrevistador:

Cruzeiro do Sul. É então, a sua escolaridade. É você é graduada em pedagogia, no caso, na academia, não é?

Monique:

Isso.

Entrevistador:

Ok. A sua identidade vai ser mantida em segredo, então você pode inventar um nome, um pseudônimo, pra gente conseguir te identificar quando for ver os resultados da pesquisa. Se gostaria de utilizar seu nome, gostaria de querer um pseudônimo.

Monique:

Não, pode ser meu.

Entrevistador:

Tá joia, pode ser Monique. É, então, iniciando a parte B a gente vai falar sobre a escola e a disciplina de matemática, OK?

Monique:

Ok.

Entrevistador:

Como que foi a sua vida na escola, você estudou na rede pública, particular?

Monique:

Eu estudei na rede particular e pública.

Entrevistador:

Os seus anos iniciais foram aonde?

Monique:

É na pública, depois para escolar, depois a pública de novo.

Entrevistador:

O Ensino Médio, então, seria na rede pública.

Em que escola você estudou, foi em São Lourenço mesmo?

Monique:

Foi em São Lourenço mesmo. Estudei no Estadual.

Entrevistador:

Entendi, o estadual, ginásio. E como era a escola na época, em que ano que foi?

Monique:

Foi do primeiro... Na época, era do oitavo até o terceiro ano.

Entrevistador:

O ensino lá era como?

Monique:

Ah, em visto do que é agora era um pouco melhor.

Entrevistador:

Entendi. Antes era melhor do que agora.

Monique:

Muito melhor que agora.

Entrevistador:

Por que que você acha isso?

Monique:

Hoje em dia as crianças vão para a escola e mal aprendem alguma coisa. Apesar que veio a pandemia, tem todo um contexto aí, mas hoje em dia visto o que era antes as escolas públicas e estaduais conseguiam quase que acompanhar uma escola particular. Não era aquilo né... mas não ficavam tão atrasados como estão agora.

Entrevistador:

Entendi antes da pandemia no caso, se a gente for colocar o período a partir de 2000, você considera que ainda era melhor ou pior?

Monique:

Antes eu era bem melhor.

Entrevistador:

Você comentou sobre a pandemia né. Que fator, assim que você acha que complicou? A pandemia no ensino da sua filha ou de um modo geral?

Monique:

Tudo! Ela não aprendeu nada, é, os professores não deram nada, foram só empurrando matéria e eles procuravam no Google a resposta e respondiam. Não teve conhecimento. Só teve preenchimento de espaço né. Que aprendizado não teve nenhum.

Entrevistador:

Entendi. Sua filha comentou que o ensino da Matemática no Humberto é bem atrasado em relação ao cursinho que ela faz né.

Monique:

Muito atrasado.

Eu sei que a rede pública sei que a rede estadual é, é, é, precisam de muita coisa. O governo não ajuda, mas eu acho que falta muito do empenho dos próprios professores.

Entrevistador:

Entendi. A gente estava comentando quando a gente estava falando sobre a matemática.

Entrevistador:

No caso você gostava de Matemática quando você estava na escola?

Monique:

Nossa eu adorava Matemática.

Entrevistador:

Quando você fez o curso de pedagogia é teve algumas grades de Matemática, não teve?

Monique:

Teve, muito pouco mais teve.

Entrevistador:

Você tinha facilidade mais com a Matemática ou com a parte Pedagógica do curso?

Monique:

Mais a parte pedagógica do curso.

Entrevistador:

Facilidade mais com a parte pedagógica.

Monique:

Sim.

Entrevistador:

Você lembra como que era as aulas de Matemática no ginásio para tentar comparar com o que é hoje para falar como era melhor?

Monique:

Lembro! Lembro, lembro. Eu lembro que nas aulas de Matemática na época tinha a professora Maura que era uma excelente professora. Tinha o professor Carlinhos que foi um excelente professor. Então eles interagem com os alunos, eles faziam os alunos participar da aula. Ia no quadro e dava dinâmica, dava jogos para interagir. Hoje o professor passa as coisas no quadro, explica e aí o aluno pergunta. A Lara já

reclamou disse várias vezes, até a Lia mais nova que está no sexto ano reclama disso várias vezes. Que perguntam para o professor e eles respondem com falta de educação: “Você não está entendendo? Não é possível que não esteja entendendo isso.” Ou seja, a paciência que tinha antes hoje já não tem mais. Então esses pequenos pontos fazem toda diferença no ensino de uma matéria que é tão importante que é a Matemática.

Entrevistador:

Entendi. Você considera que havia um respeito maior dos alunos com os professores e vice-versa.

Monique:

Isso. Com certeza o professor tinha mais controle da sala de aulas. Não estou falando assim, que a culpa é do professor, né? Porque educação você educa em casa, a escola ensina matérias. A escola ensina conteúdo, educação vem de casa. E infelizmente, hoje em dia, a educação está bem difícil como o linguajar de adolescente, crianças enfim. Aí tudo tem um contexto que complica também.

Entrevistador:

Assim, uma pergunta, você considera que a família deve participar do processo de desenvolvimento escolar dos estudantes?

Monique:

Eu concordo que a família tem que participar, se não a família não sabe nem o que está acontecendo na escola. Mas assim, a gente vai participar, ir em reuniões e essas coisas é complicado pra quem trabalha, é complicado pra mim. Porque eu trabalho em dois emprego. De manhã e a tarde eu saio do meu outro emprego às 22hrs da noite. Então não tem como eu ficar participando o tempo todo. Mas sempre que precisa eu estou. Eu tiro minha folga na segunda feira para resolver as coisas da escola, reunião, pra saber o que está acontecendo. Agora eventos que eles tem, festas que eles tem e essas coisas então para eu fazer é muito complicado. Mas eu acho que os pais tinham que ter mais empenho, é... falando assim do meu ponto de vista, até a criança, o adolescente vão se sentir importante naquilo que estava fazendo porque tem o apoio e geralmente os pais colocam as crianças na escola e acham que a escola é obrigado a tudo. E não é bem por aí né.

Entrevistador: Entendi. Uma pergunta. No caso você incentiva suas filhas a estudar? Você disse que tem mais uma filha né de 6 anos?

Monique: De onze.

Entrevistador: De onze.

Monique: É, está no sexto ano.

Entrevistador: Ah sim, no sexto ano. Você incentiva ela a estudar de que modo, assim?

Monique:

Sempre! Estou sempre falando para a Aila fazer. Ela estuda de manhã, trabalha a tarde, faz o cursinho. Quando ela não está fazendo o cursinho eu falo que ela tem que ir fazer o cursinho, estudar, fazer o ENEM. Que tem que ler. Eu falo pra elas lerem livros, se estão com dúvidas, as vezes quando eu estou em casa e não posso ajudar põe no Youtube que sempre tem aula disso, aula daquilo. A gente tem que pesquisar,

tem que procurar porque eu falo isso pra ela sempre: Usar a internet a favor, não contra. Então pesquisa, lê. Se está difícil para quem tem estudo, imagina quem não tem.

Entrevistador:

Você verifica ou faz perguntas no que acontece na escola ou nas aulas na escola?

Monique:

Todos os dias. Eu chego e já contam desde a hora que entrou até o dia que saiu. O que aconteceu, o que o professor falou, o que deu de matéria e o que não deu. Se teve dúvida.

Entrevistador:

E durante a pandemia como foi a educação escolar da Aila?

Monique:

Ah foi aquilo. Passavam as coisas, as atividades. Ela entrava, fazia, entrega.

Entrevistador:

Você comentou que pegava no Google né. Então tinha esse fator que o pessoal fazia vídeos né e publicavam no Youtube informando as respostas.

Monique:

Sim é. Eu achei que foi um pouco, é... Enfim, não posso julgar a vida de cada um. Uma professora falou que não podia fazer vídeos porque ela tinha filho pequeno e ela não conseguiria gravar uma aula. Enfim, eu acho que quando a gente quer a gente faz e não arruma desculpa. Teve umas aulas de escolas públicas que davam aulas online, ligava lá as câmeras. Está certo que tem lá aqueles mais pobres, que não tem condições de ter um computador, um celular. Essas crianças que não tem condições de assistir essas aulas online. Tinha que ter uma preparação, um trabalho mais focados para eles que não tem essas condições. Mas teve escolas municipais ai que deram aulas online. Eu achei maravilhoso. Porque uma colega minha que tem uma filha com a mesma idade que a minha que fala: a fulana está tendo aula todos os dias. Da 7:30 a 12:00, uma aula normal. A professora explica lá na aula online e ela fica lá tendo a aula dela.

Entrevistador:

Que escola municipal que fez isso?

Monique:

Foi uma lá na estação, eu não sei o nome da escola. É uma que tem uniforme vermelho. A Aila até trabalhou com a professora que estava dando aula lá. Então ela estava dando aula online. Agora já na escola Lia que era a Ida Mascarenhas que também é municipal não teve essa aula online. A professora gravava e ficava lá online das oito até as onze dando uma explicação. Mas dava uma explicação que era a mesma coisa que nada. Então eu acho que faltou ou preparação ou empenho dos professores. Eu não posso julgar porque não estou na pele de cada professor que tava nessa situação, enfim. Eu que dei meus corre aqui, botei ela pra estudar, fiz alguma coisa para ela não perder o foco.

Entrevistador:

Você acredito cursos superiores prepararia ela em que pra vida?

Monique:

A Aila no caso?

Entrevistador: Isso.

Monique:

Curso superior para um emprego melhor. Para uma coisa que ela gostaria de fazer. Ela tem que está preparada para lidar com o mercado de trabalho. Porque uma criança que está numa escola particular e ela que está na escola estadual, se as duas for disputar uma vaga de emprego. A capacidade dela é totalmente inferior a do outro que estudou em uma escola particular. Então se ela não correr atrás para se qualificar, não tem nem como entrar no mercado de trabalho.

Entrevistador:

Entendi. E como você associa a Matemática que ajudaria ela a entrar no ensino superior. Você a ajuda em questões, em atividades da disciplina de Matemática?

Monique:

Então. A Matemática, eu não tenho nem tempo né, porque é uma correria danada. O único tempo que eu tempo é segunda feira. Segunda feira ela está pela escola, vai trabalhar e depois vai pro cursinho. Então eu não tenho essa possibilidade de ajudar. Mas sempre que ela tem alguma dúvida, ela mesma vai atrás, ela mesma tira suas dúvidas, vê com o professor, procura na internet, lê um livro. Mas ela me mostra: a mãe, não estou conseguindo fazer isso. E o que eu estiver na possibilidade eu falo: Ah, faz isso. Dou o meu suporte na medida no possível.

Entrevistador:

Você não considera que você pagar um curso para ela, para ela aprender melhor como você falou, já não seria uma maneira de incentivo, um suporte?

Monique:

É, um suporte! Já estou dando uma base melhor que ela está tendo na escola né. Eu estou dando o que eu posso dar pra ela. Mas nunca é demais né.

Entrevistador:

No caso se você pudesse mudar o Humberto, ou alguma escola pública do Brasil. O que você mudaria?

Monique:

Eu qualificaria mais os professores.

Entrevistador:

(PAUSA) E se você pudesse mudar algo da disciplina, acrescentar alguma ou tirar outra, o que você faria?

Monique:

Não, não tiraria nada não. Acho que tudo é somado... Acho que colocaria o que está faltando na escola. Acho que colocaria educação especial, tem que aprender libras que eu acho importante. O braile eu acho muito importante. Mesmo as crianças que não tem essas dificuldades tinham que saber.

Entrevistador: Entendi. Você considera essas disciplinas como disciplinas inclusivas. Você a aprendeu no curso de Pedagogia?

Monique:

Muito pouco Libras. Eu até procurei ai na cidade, nas faculdades das regiões todas uma pós em Libras, mas não tem! Para você ver como a cidade está atrasado, como o Estado está atrasado. Você não tem uma faculdade presencial de Libras.

Entrevistador:

(PAUSA) O que você acha que seja Libras para você ou Braile?

Monique:

Bom, o Libras em si é uma disciplina. É uma necessidade de todos os seres humanos para a gente ter a comunicação um com o outro. Na Libras você tem que ter uma comunicação. Se você não tiver uma comunicação você pega uma pessoa que é surda, você não vai saber comunicar. Igual uma língua estrangeira, que é necessária também. Você também tem que saber pelo menos uma língua estrangeira para você saber lidar com o estrangeira, com o que você for fazer uma viagem, fazer um curso fora para se especializar você tem que saber uma língua estrangeira. A Libras também de encaixa nessa. O Braile no caso é necessário também, porque a gente não sabe o dia de amanhã. Você não sabe de vai ter um filho com necessidades especiais, não sabe se vai ter uma pessoa que vai precisar de você né nessas condições. Até para dar aula você precisa. Se colocar uma criança cega dentro da sala como você vai ensinar para aquela criança se você não sabe o conteúdo da necessidade especial daquela criança. Então tudo é necessário. A gente tem que se encaixar nessa vida, a gente tem que encaixar que as pessoas nem todo mundo igual. Assim como tem preto, tem branco, tem loiro, tem moreno, tem cedo, tem surdo. Então é necessário, é necessário a gente saber lidar com o todo.

Entrevistador:

Entendi. No caso vamos pensar na Matemática agora. Como a Matemática estaria inserida no todo nela, a Matemática também no todo? Como ela te prepararia para vida? Você usa Matemática em sua vida?

Monique: Ah pra tudo né. Pagar conta, tudo a gente usa Matemática, usa pra poder calcular o tempo, a paciência (risos), a gente usa Matemática em tudo na vida da gente.

Entrevistador: As coisas que são ensinadas na escola você acha que são aplicáveis no seu dia a dia?

Monique:

Tem coisas que é coisas que não... Então tem coisas que não é da sua área mas...

Entrevistador:

Você mudaria alguma coisa em relação a isso? Tiraria ou colocava?

Monique:

Eu não tiraria nem colocava. Porque depende de cada profissão que a pessoa vai escolher. Então tem cada formula, cada situação da Matemática de equações dependendo da profissão que você vai seguir você precisa dela equação, precisa daquela decisão. Então eu acho que eu não tiraria nem colocava nada não. Eu acho que a Matemática está crescendo né...

Entrevistador:

E o que você acha que seja Matemática?

Monique:

(PAUSA) Ah Matemática é a vida da gente né. A gente já nasce fazendo Matemática. Calculando, dividindo, multiplicando...

Entrevistador:

Como você definiria assim?

Monique:

A Matemática é necessária, não tem como tirar. (PAUSA)

Entrevistador:

E se você pudesse mudar mais alguma coisa na escola você mudaria?

Monique:

Mudar alguma coisa na escola?

Entrevistador:

Uhum.

Monique:

Eu acho que colocaria, ai não sei espera ai, não eu acho que só ia intensiva mesmo. Ah sei lá. Dar um curso, na escola, dar um reforço a mais nos alunos para ver no que tem dificuldades. O mais é empenho mesmo. Eu acho que falta.

Entrevistador:

Ok. A gente está se aproximando para as duas últimas perguntas... Se o diretor da escola te falasse que não teria mais disciplina de Matemática o que você diria para ele?

Monique:

Fecha a escola! A escola precisa da Matemática uai. Como que não vai ter uma... não tem como ter uma escola e não colocar Matemática. Matemática a gente usa pra tudo.

Entrevistador:

Sim. Mas no caso continuaria tendo as escolas disciplinas, de Português, História, Geografia, Ciências, Biologia, Projeto de Vida. Tiraria a disciplina de Matemática você diria ele para fechar a escola? (RISOS)

Monique:

Aham. Matemática é a base de tudo. Matemática é essencial. Você tirou a Matemática você tirou a base da escola ué. Você vai só estudar matéria de estudo? Acho que todo cálculo é necessário. Se for pra tirar alguma matéria que tire... Artes. Não que não seja tão importante quanto a Matemática né, mas, a Matemática no caso é mais necessária que a próprias Artes né. Eu estou falando do ponto de vista de cada um. No meu ponto de vista.

Entrevistador:

Sim. É interessante que as pessoas que eu entrevistei, 3 são professores e ai cada um deu um ponto de vista nesse sentido também. (RISOS)

Monique:

Uhum.

Entrevistador:

Mas se fosse para você criar alguma disciplina, você teve alguma disciplina diferente no seu ensino fundamental e médio que hoje tem?

Monique:

Aiihhh... A gente tinha a data física. Todo ano que a gente fazia aquele caderninho.

Entrevistador:

Datas físicas? O que é isso?

Monique:

(RISOS) Todo ano. Então, olha para você vê. Datas Físicas, a gente pesquisava todo mundo uma data que é de folclore, são João. Então todo mês tinha uma data. Tinha que fazer uma pesquisa, tudo, toda... Por exemplo, o folclore. Você tinha que pesquisar tudo sobre o folclore. Fazer um caderno. Então são coisas, são detalhes que tinha antes que hoje em dia não tem mais. Hoje em dia a escola não bota a criança para pesquisar nada. Então faz um trabalhinho ali meio boca. Entrega de qualquer jeito... Eu acho que criaria uma disciplina. Colocaria eles para fazer mais trabalhos. Pesquisar mais, ler mais. Então eu acho que está faltando isso na escola. Que na minha época, nossa ia pra biblioteca e as vezes ficava o dia inteiro, pesquisando livro e lendo livro e resumindo. Hoje em dia não tem mais, copia um trabalho na internet e está tudo certo. (PAUSA)

Entrevistador:

Entendi. A gente vai fazer a última pergunta agora. Esse copiar trabalho da internet parece ser um fator né que está prejudicando o pessoal a aprender.

Monique:

Muito. Que na minha época não tinha facilidade de entrar no computador, com o celular na mão e procurar tudo na internet. Ou seja, na minha época que eu acho muito importante é o professor dava o nome do livro, o autor e pedia um resumo daquele livro. Então a criança era obrigada a ler o livro e fazer um resumo e fazer um trabalho. Daquele livro, hoje em dia tudo é impresso. Criança não copia, não escreve nada. Quando você não escreve, você não grava.

Entrevistador:

Você conseguiria imaginar outros impactos que a escola atualmente, e na pandemia principalmente, que impactou assim no aspecto da educação escolar da Aila? Quais outros maiores impactos da pandemia no aspecto da educação escolar na Aila que você acha que ela teve? Ela em si e você pode dar um exemplo de modo geral para sua outra filha, pra sobrinhos, pro pessoal social.

Monique:

O impacto maior foi não ter a explicação da matéria né. O desenvolvimento do conteúdo. Porque eles abriam no computador, na plataforma. Ninguém vai ler se não tiver um professor. Ninguém vai ler. Então abre vê as perguntas, joga no Google e responde. Então acho que faltou... o pior foi a presença né, a explicação que não teve. Então não julgo né, como que vai saber. O pior de tudo foi isso. Não passar matéria, copiar. Não teve nenhum desenvolvimento porque não copiou nada, não escreveu nada. Simplesmente preencheu para dar uma satisfação do governo que passou de ano.

Entrevistador:

Entendi. Hoje em dia a gente parece que tem um método facilitado de aprovação na escola né? Você acha que tinha que tirar isso?

Monique:

Pois é... Eu não, não tem como eu questionar ou julgar né, mas é uma situação...
(PAUSA)

Entrevistador:

Entendi. Monique, então as perguntas se encerram. Agradeço muito sua participação.
Vou encerrar aqui a gravação ta joia.

Monique:

Ta joia.